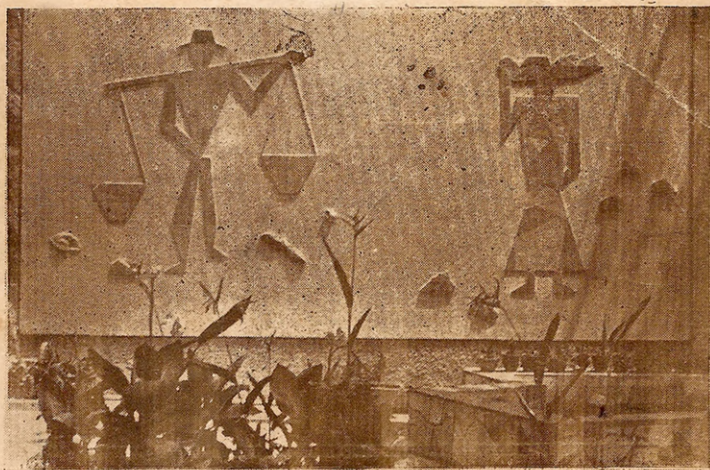


Itaytera

CRATO, 1961

ANO VII

N.º VII



ÓRGÃO DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Banco de Crédito Comercial S. A.

MATRIZ:
FORTALEZA



FILIAIS:
CRATEUS
CRATO
IGUATU
JUAZEIRO DO NORTE
SENADOR POMPEU
SOBRAL

EXPEDIENTE ININTERRUPTO

De 8 às 11 horas e de 13 às 16 horas

Itaytera

ORGÃO DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

ANO VII

N.º VII

oito anos de lutas

J. de Figueiredo Filho

A 18 de outubro de 1961, o Instituto Cultural do Cariri completou 8 anos de existência fecunda, pois, foi fundado nos festejos de comemoração do Centenário de Elevação de Crato à Cidade. Começamos com passos tardos, incompreendidos ainda pelo ambiente. Entretanto, desde que nos iniciamos na vida cultural, não houve mostras de esmorecimentos.

Em nosso acêrvo de serviços, em menos de um decênio contamos com a fundação do MUSEU DE CRATO, em plena ascensão e marchando a passos largos e sem alardes, para ser das mais completas do interior nordestino. Não é organização estática. É bem movimentada, recebendo visitas constantes e até mesmo de cursos escolares inteiros. Seu orientador é o próprio presidente do Instituto Cultural, que, às vezes, dá verdadeiras aulas de cultura regional aos visitantes.

A Biblioteca social expande-se condignamente com a aquisição de obras adquiridas por compra ou por intermédio de

DIRETORIA

DO

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

PRESIDENTE

José Alves de Figueiredo Filho

VICE-PRESIDENTE

Padre Antônio Gomes de Araújo

SECRETARIO-GERAL

João Lindemberg de Aquino

SECRETARIO

João Mouzinho de Queiroz

TESOUREIRO

Antônio Correia Coelho

COMISSÃO ORGANIZADORA
DE "ITAYTERA"

J. de Figueiredo Filho

Pe. Antônio Gomes de Araújo

João Lindemberg de Aquino

COMISSÃO DE SINDICANCIA

Hermógenes Martins

Celso Gomes de Matos

José de Paula Bantim

COMISSÃO DE CIÊNCIAS,
LETRAS E ARTES

Prof. José Newton Alves de Sousa

Dr. Duarte Junior

Dr. Francisco Givaldo de Carvalho

NOSSA CAPA: Fotografia de mural da residência do Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa, à rua Santos Dumont, de Crato. É de sua própria autoria.

dádivas do Instituto Nacional do Livro, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Biblioteca do Exército, Universidades da Bahia e do Ceará. Convém ressaltar que, entre os particulares que mais nos ofertam livros, sobressai-se a figura do conterrâneo Bruno de Menezes, ora residente no Rio, Estado da Guanabara.

O coração, no entanto, de todo o Instituto Cultural do Cariri é a revista ITAYTERA que entra agora em seu sétimo ano. É a força propulsora de nosso movimento cultural que dificilmente, nêsse particular, encontra outro lugar que supere Crato em toda a interlândia nordestina. São as páginas da revista que atraem as simpatias unânimes para as realizações do Instituto.

Nossa entidade não está mais sozinha no meio. Outras instituições surgiram em pleno campo, em constante atividade de pesquisas culturais. Destacamos a Faculdade de Filosofia do Crato, anexa à Universidade do Ceará. Em tôdas as suas iniciativas temos lhe dado o máximo de apoio. Em conexão com seu diretor Prof. José Newton Alves de Sousa, fundamos a editora local — CADERNOS DO CARIRI, com o lançamento regular de livros de autores regionais ou vinculados ao Cariri, Conseguimos nos extravasar para ou-

tros pontos do território nacional como aconteceu com o lançamento de «INDEPENDENCIA DO NORDESTE», do dr. Herminio Conde, em Teresina e em Caxias, no Maranhão, em meados de setembro último. Em Recife, a 6 de abril de 1960, o Presidente do Instituto Cultural do Cariri, a convite do escritor Mauro Mota, pronunciou conferência subordinada ao título — INFLUÊNCIA DE PERNAMBUCO NO CARIRI CEARENSE. Isso foi no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, do Ministério da Educação e Cultura e dos núcleos de pesquisas mais atuantes do Setentrião Brasileiro.

Igualmente tem sido decisivo o papel que desenvolvemos para o esclarecimento da história caririense, fazendo reviver, ou enaltecendo-os, através de estudos diretos nas fontes, os feitos gloriosos das lutas que o Cariri sustentou para a emancipação política do Brasil, Ceará e do Nordeste, entre 1817 e 1823. O ICC tem procurado projetar por aí afora as figuras dos heróis independentistas de Bárbara de Alencar José Martiniano de Alencar, Tristão e do Capitão-Mor de Crato, José Pereira Filgueiras. Tem feito o possível para que se destruía a balela histórica de que foi o almirante inglês Lord Cochrane o libertador do

Maranhão, quando Caxias, o único lugar de resistência armada maranhense, caíra praticamente antes da chegada da esquadra mercenária a S. Luiz

Comitiva de sócios do Instituto Cultural composta do Padre Antonio Gomes de Araújo, dos maiores historiógrafos nordestinos, J. de Figueiredo Filho, Prof. José Newton Alves de Sousa e Zuleica de Figueiredo, acompanhada do fotógrafo José Gil, visitou o local onde nasceu a heroína Bárbara de Alencar, na fazenda Caiçara, no distrito ex-ense de Araripe. Ali, como em Itaguar, onde foi sepultada e no local em que faleceu, em Alacrim, no município de Fronteiras Piauí, mandará afixar placa, com festas cívicas, comemorando aqueles acontecimentos da vida de uma das matronas mais em evidência do Brasil antigo.

Como corolário do Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense, patrocinado pelo ICC, com tanta repercussão, dentro e fora do Estado, a Delegacia da Associação de Imprensa ficou em mãos de seu presidente, com sede no mesmo Instituto.

O ano de 1961 foi dos mais profícuos e cheios de realizações na vida social de nossa dinâmica sociedade de cultura que, de dia para dia, se expande, para a grandeza da região, do Ceará e do Nordeste.

Conclusão do ano letivo pela CERMAPCE

Na parte térrea da Radio Educadora de Crato, a CERMAPCE, associação que congrega as professoras de curso primário local, promoveu bonita e sugestiva reunião, a 26 de Novembro, encerrando o ano letivo de 1961. A sessão foi aberta pela Presidente Professora Elsa Ramos que pronunciou eloquente oração. Passada a presidência ao atual Delegado Regional do Ensino, José de Paula Bantim, este a transmitiu em seguida ao Prof. Alvaro Madeira, antigo mestre dos principais colégios de Crato. Falou ainda a Professora Edméia Arraes de Alencar. Houve interessantes números de recitativos. A todos os presentes foi servido profuso coquetel a cargo da Escola de Arte Culinária da Casa de Caridade de Crato. A reunião de caráter lútero-recreativo, foi encerrada com vibrantes palavras do Prof. Alvaro, decano do magistério cratense cuja alma é sempre jovem e vibrante, quando se depara com iniciativas nobres quanto é a CERMAPCE, entre nós. Durante a reunião foi distribuído o "Boletim" do Centro, trazendo a síntese de todas as suas atividades proveitosas no corrente ano.

AUXÍLIO DA PREFEITURA À REVISTA "ITAYTERA"

Em atmosfera de compreensão pela ação desenvolvida por esta revista no setor cultural, a Câmara Municipal do Crato, aprovou por unanimidade e o Prefeito José Horácio sancionou, o projeto apresentado pelo vereador Dr. Josio de Alencar Araripe, cujo teor publicamos :

PROJETO N. 572/61.

Concede Auxilio ao Instituto Cultural do Cariri e dá outras providencias.

A Câmara do Crato Decreta e eu Sanciono a Presente Lei.

Art. 1.º Fica o Sr. Prefeito Municipal Autorizado a conceder ao Instituto Cultural do Cariri o auxilio de Cr\$ 30.000,00 para a Revista Itaytera órgão oficial dessa Instituição.

Art. 2.º — A entidade beneficiada nos termos do Artigo antecedente destinará à municipalidade para distribuição com visitantes ilustres, bibliotecas e organizações congêneres vinte exemplares da citada publicação.

Art. 3.º — Fica aberta no vigente exercício financeiro o crédito especial necessário para atender aos encargos desta lei, que vigorará a partir de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Camara

BOLETIM DE ANTROPOLOGIA

O Instituto de Antropologia é sector da Universidade do Ceará, dirigido pelo Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, vulto de renome internacional, edita a revista BOLETIM DE ANTROPOLOGIA, atestado da moderna cultura cearense desse importante ramo da ciência que estuda o homem. Há nele vários trabalhos de investigações culturais, firmados por figuras de destaque de quilate do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, de Verísimo de Melo, Maria Luiza Pinto de Mendonça e Florival Seraine, além de muitas noticias ligadas à ANTROPOLOGIA.

REVISTA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

A Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco edita a bem feita revista que epigrafa esta nota. Seu quinto número que recebemos, por intermédio do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, traz variada colaboração ligada ao assunto de educação e a cargo de intelectuais especializados. A REVISTA DE EDUCAÇÃO E CULTURA recifense, no gênero, é das melhores que se publica no Brasil.

Municipal do Crato, em 4 de outubro de 1961.

José Horácio Pequeno
Prefeito

Ave, Crato, te Saluto!

Dicta "KRATOS" gaeco fuerat sermone "POTESTAS".

Cratenses, nati sedibus bonis,

Hic in Brasilia nemoest qui tam manifesta

Haec ambo esse et tam congrua verba neget.

Corde iracundo potius quam ductus amore,

Septembris fausta percelebrique die,

Dux Libertatis sperata, australibus oris,

Jura PRIOR nobis protulit ille PETRUS.

Extemplo exardet civili Patria bello.

Em populum ac fratres ira pavorque tenet!

Brasiliam ad pugnas totam vox concitat una.

Grinfelius, Cokranes et Labatutus adest...

Quae tamem in Pacis gremium MATRONA reduxit

ALENCARIA vos BARBARA sola fuit!

Joseph Marques Leite et scripsit
et recitavit postr. Idus Quintilis
in urbe Cratensi, anno Domini
MCMLXI; postea autem in latinos
distichos hos convertit.

SAUDAÇÃO AO CRATO

KRATOS no grego quer dizer potência.

Cratenses, filhos desta terra amiga,
No Brasil não existe quem desdiga
Tão feliz e flagrante coincidência...

Do histórico setembro na emergência,
Em hora mais de orgulho que de amor,
Clamou, no sul, rebel, o Imperador
Pedro Primeiro a nossa Independência...

O duelo político se trava,
A discórdia desune a gente brava,
Do norte ao sul o mote é um — LUTAR !

Vem Cócrane, Greenfell e Labatu...
Mas quem vos adunou, oh! foste tú,
Grã Matriarca Bárbara de Alencar!

Crato, 14 de agosto de 1961

N. R. - Estando o autor - o ilustrado professor de linguas clássicas - José Marques Leite, Redator-Responsável pela "Revista Graeca ex Latina", órgão da União Cultural Greco-Latina, do Rio, em missão cultural, em Crato, no mês de Agosto de 1961, a convite da Faculdade de Filosofia, teve ocasião de nos brindar com o soneto em Latim "Ave, Crato, te Saluto" e respectiva versão em lingua portuguesa. Publicamos a joia poética, hino à grandeza de nossa terra, em primeira mão, autorizando igualmente a sua reprodução em qualquer jornal ou revista.

Revista e Jornais CANTADORES

R. VALENÇA

ITAYTERA — Ano VI — 1961, órgão do Instituto Cultural do Cariri, é a elegante revista em brochura é o relicário cultura admirável do povo cratense, dessa prodigiosa terra da interlandia cearense, que me veio ás mãos como valiosa dádiva da parte do acreditado jornalista J. Figueiredo Filho, seu presidente.

ITAYTERA é a imitação de uma arca que de tudo que é bom guarda um pouco: história, doutrina, literatura, poesias, curiosidades, folclorismo, biografia, política, religião, artes, etc. Esta revista que estou guardando-a com o carinho merecido, tomou na minha modesta estante, um lugar de destaque. Basta dizer que ela procede da terra de José de Alencar, o romancista que mais sensibilizou o meu espirito na mocidade e, ainda mais porque nela experimenta-se o mais vivo sentimento de nacionalidade ante a sua origem em terra genuinamente indígena do Cariri que fraternalmente se abraça á Pernambuco no ventre fecundo e irmão da verde serra do Araripe.

Aos seletos e fulgurantes intelectuais que dirigem o tradicional Instituto Cultural do Cariri a minha admiração, respeito e veneração e ao prezado confrade José

Os livros de Leota são dos que demoram pouco nas prateleiras comerciais.

A 3a. edição de CANTADORES, excelentemente lançada pela Imprensa Universitária do Ceará, com ilustrações de Adelmir e introdução de L. da Câmara Cascudo, aparece num momento em que o nosso Estado desperta do marasmo transitório em que estava, no terreno das letras, para reintegrar-se no quele ritmo vivaz e fecundo em que de outras vezes tem estado, valendo ressaltar dois movimentos de fato marcantes: o da "Padaria Espiritual" e o de "Clá".

Trabalho que se tornou clássico entre os que se têm publicado sobre nossa terra e nossa gente, CANTADORES estava a carecer de nova edição, dada a sua riqueza documental, o seu sentido humano e social e a sua atualidade.

Mais um beneficio da I. U. C. beneficio que é também uma vitória.

J.N.

Alves de Figueiredo Filho, a quem conheci por alguns instantes, o meu abraço cordial de sincero agradecimento pelo presente de ITAYTERA.

Jornal do Comércio - Recife.

Palestras sobre Geografia Moderna

Constituiu-se em vitória retumbante da Faculdade de Filosofia de Crato, a série de palestras, naquela instituição de ensino superior, a cargo da jovem geógrafa bahiana—Professora Ana de Carvalho. As conferências, de cunho inteiramente didático, versando sobre a nova etapa da geografia, intensivamente pesquisadora, ocorreram no anfiteatro do Ginásio Madre Ana Couto, com assistência numerosíssima. Só esse programa de difusão cultural, que a pioneira do ensino superior no interior do Ceará, vem desenvolvendo entre nós, justifica a introdução do currículo universitário em Crato, demonstrando que a instrução para desenvolver-se, precisa, acima de tudo, do preparo das elites dirigentes. Foi essa a lição que recebemos dos países amadurecidos do mundo como a França, Inglaterra ou Espanha.

Para encerramento do curso, tão brilhantemente ministrado pela Prof. bahiana com estágio em Estrasburgo, a Faculdade de Filosofia ofereceu-lhe jantar na parte térrea do Edifício da Rádio Educadora. Compareceram ao ágape, que teve a direção das alunas da Escola de Arte Culinária da Casa de Caridade: a homenageada, o Prof. José Newton Alves de Sousa e esposa — Prof. D. Ruth, J. de Figueiredo Filho, Profa. Eneida Figueiredo de Alencar Araripe, Padre Antônio Gomes de Araújo, Dr. Givaldo Peixoto de Carvalho, Professora Maria dos Remédios, os vereadores Unias Norões, José Kleber Callou e a Professora Sara Cabral.

No dia 26 de Novembro, pela manhã, a Professora Ana de Carvalho retornou a Salvador pelo avião da Varig.

Cientista e Acadêmicos de Medicina de S. Paulo, em Pesquisas no Cariri

Em Janeiro, Crato se transformou em centro de pesquisas de parasitoses endêmicas regionais, a cargo do professor paulista Dr. Raimundo Castro e dezoito acadêmicos de Medicina da Paulicéia. Aqui se demoraram 15 dias, em trabalho intensivo, contando com a cooperação das autoridades e associações locais, Colegio Diocesano e do Dr. Fabio Esmeraldo. O Dr. Humberto Macario de Brito foi o intermediário entre esta cidade e os universitários paulistas. Em preparo do terreno, estiveram, em nosso meio, durante o mês de Novembro, os universitários paulistanos: Zuleica Machado de Campos, Boanerges de Sousa Massa e Koiti Tauchida.

Em defesa da memória de Bárbara de Alencar

Padre Antônio Gomes de Araujo

Baiano da cidade do Salvador, aí nascido em 1769, o padre Francisco Gonçalves Martins fixou-se, em Crato, na primeira década do século passado, tornou-se senhor de terras molhadas, funcionou como preposto da Casa da Torre, da Bahia, junto às fazendas desse morgado no sertão pernambucano, e casou um parente, Antônio Pereira Gonçalves Martins, no clã dos Batistas e Ferreira Lima, gente prestigiosa, nesta terra, ao lado dos Alencares e Bezerras de Menezes.

Aferrado ao regime de subor-

dinação política do Brasil a Portugal e adepto do sistema monárquico de direito divino, confundiu-se, êsse levita, com seu novo ambiente humano, portador da mesma mentalidade e sentimento político, circunstancia, a que, entretanto, fugiam já os Alencares e afins e alguns amigos, inclinados a independencia da pátria e às conquistas democráticas do século.

A Revolução Cratense de 3 de Maio de 1817, dirigida por aqueles evoluídos mentais e políticos, caiu sôbre a população como

horrendo crime e não menor escândalo. Feriu-se frontalmente o regime encarnado no Rei Nosso Senhor, pela graça de Deus colocado à frente dos povos.

Mas, inédito e supremo escândalo, constituiu-o atitude de Bárbara de Alencar que, sendo mulher, ousara assumir a condição de revolucionário independentista, republicana, eversora, inversora e subversora da ordem vigente. Pode-se imaginar a onda de ódios que a honrada matrona e a primeira mulher republicana do Brasil (na ordem do tempo) atraiu sobre sua pessoa, partidos duma população marginal às novas condições políticas e sociais que cinco anos depois se implantariam em nossa pátria.

Sufocada a revolução, em onze de maio do dito ano, por falta de repercussão no seio do povo e pela ação direta do Capitão-mor do Crato, José Pereira Filgueiras, o padre Francisco Gonçalves Martins extremou-se em perseguir e denunciar os revolucionários, acontecendo que, graças a essa atividade, alguns dos que haviam conseguido foragir-se foram capturados, quais, por exemplo, Francisco Pereira Maia, tronco dos Maias de Crato, o vigário da freguesia, Manuel Carlos da Silva Saldanha, Raimundo Pereira Magalhães e Bárbara de Alencar.

Na audiência dessa senhora, recolhida com outros revolucio-

nários às prisões de Salvador, o padre Francisco Gonçalves Martins arrematou-lhe o sítio "Pontal", que fôra sequestrado e posto em hasta pública pela justiça real.

Readquirida a liberdade, a heroína de 17, moveu ação no fôro para reaver aquele proprio.

Acirrou-se ainda mais a animosidade entre a facção dos Alencares e a do padre Francisco Gonçalves Martins.

Certa vez, adeptos dos Alencares dirigiram-se, armados, até a residência do sacerdote e, para incutir medo, ameaçaram-no de morte, caso não devolvesse a seu dono o sítio arrematado, ameaça repelida por homens armados.

As coisas tinham atingido essa altura tensa, quando, em cinco de maio de 1823, chegou, a Crato, a caminho de Caxias, vinda de Fortaleza, a Expedição de Pereira Filgueiras e Tristão de Alencar, filho de Bárbara de Alencar.

Principais de Crato ainda não acreditavam na consolidação do 7 de Setembro e, por isto, oscilavam entre a velha ordem, em seus últimos estertores no solo pátrio, e as novas condições instauradas naquela data. Outros, como o padre Francisco Gonçalves Martins, olhavam com simpatia a causa lusitana, encarnada no Norte pela reação de Fidié. E conspiravam, segundo se desprende do acervo dos atos oficiais

assinado por Figueiras e Tristão, atos vinculados à Expedição de Caxias e publicados em 1885 no tomo quarenta e oito da Revista do Instituto Histórico do Brasil.

Mandada abrir devassa pelos dois chefes da Expedição, o padre Francisco Gonçalves Martins foi preso sob a acusação de conspirar contra a causa do Brasil na companhia de alguns outros.

Como juiz e escrivão no processo instaurado contra o sacerdote, figuraram respectivamente o citado Francisco Pereira Maia e José Pedro Nolasco de Carvalho, primo de Tristão e sobrinho de Bárbara de Alencar.

Julgado e condenado, o réu padre Francisco Gonçalves Martins foi mandado em cadeias à justiça de Recife, acompanhado dum ofício de Tristão, membro do Governo desta província.

De sua prisão em Recife, o réu apelou para o Supremo Tribunal de Justiça de Pernambuco, ao qual estava subordinada a Justiça do Ceará.

O agravo do padre Francisco Gonçalves Martins, escrito de seu cárcere, constituiu, ao mesmo tempo, um libelo contra os seus inimigos políticos e pessoais de Crato, os quais o haviam levado à prisão e condenação.

Citou nominalmente, entre outros: Francisco Pereira Maia, o juiz que presidiu o processo; José Pedro Nolasco de Carvalho, o es-

crivão; o vigário Miguel Carlos da Silva Saldanha e Bárbara Pereira de Alencar. Para justificar-se da inimizade que esse sacerdote lhe devotava, o réu acusou-o de manter relações ilícitas e publicas com aquela encanecida e digna matrona-casada em 1782 com o austero português, o capitão José Gonçalves dos Santos, e inimiga do réu, como se viu.

Ao réu valeram menos as razões de seu agravo ao processo, do que o valimento das influências decisivas do último senhor da Casa da Torre, Antonio Joaquim Pires de Carvalho. Foi absolvido por acórdão do citado Tribunal (1824).

As circunstâncias, já sumariamente evocadas no curso deste Trabalho, as quais caracterizaram a paisagem política desta terra de 1817 a 1823, explicam a calúnia articulada contra o padre Miguel Carlos e Bárbara de Alencar. Política não tem entranhas. Acresce que o padre Francisco Gonçalves Martins escreveu da sombra dum carcere: Sabemos de quanto é capaz um réu seduzido pela reconquista da liberdade... E a lenda pegou no chão da crônica livre.

Irmã da leviana acusação do padre Francisco Gonçalves Martins é a outra, segunda a qual o Senador Alencar seria filho do mencionado padre Miguel Carlos e de Bárbara de Alencar. Ainda

em 1953, repetiu-a numa revista de cultura, da capital cearense, um descendente do padre Tomás Pompeu de Sousa Brasil e de sua companheira em vida, Felismina Carolina Filgueiras, neta paterna de Manuel Inácio Cardoso e de sua mulher Leocádia Pereira de Castro Filgueiras, aquêle, fundador da família Cardoso deste Cariri.

Da casa de seus pais em Jaguaribe-Mirim, veio o padre Miguel Carlos em 1800 nomeado vigário colado desta freguesia, na ocasião ocupada interinamente pelo padre Antonio Leite de Oliveira. Nenhum documento ou tradição oral acusa a presença em Crato dêsse vigário colado antes daquele ano. Bárbara de Alencar nêsse momento tinha quarenta anos, pois nascera em onze de fevereiro de 1760. O futuro Senador Alencar contava então seis ou sete anos de idade. Nasceu em 1794. Crismou-se em 1801 na Matriz de Crato, assistindo-lhe como padrinho o mesmo padre Miguel Carlos.

A fantasia da filiação espúria do Senador Alencar poderá ser aquilatada por esta outra. Em 1838, o naturalista inglês, Gardner demorou-se em Crato seis meses, durante os quais se tornou amigo do capitão João Pereira de Alencar, filho da aludida Bárbara de Alencar. Na obra que escreveu, relato de sua excursão pelo Bra-

sil — "Viagens no Brasil" — declarou que êsse capitão era filho do dito vigário Miguel Carlos e Bárbara de Alencar.

Gardner era incapaz de caluniar. Ouviu, acreditou e registrou o éco de velhos ódios locais anti-alencarinos.

Ora, Bárbara de Alencar casara-se em 1782. O citado capitão, seu primogênito, veio à luz em 1783, no sertão de Pernambuco, bêrço da mãe e do filho.

Nascido em 1764, o padre Miguel ultrapassava os dezenove anos em 1783. Vivia em casa de seus pais no Jaguaribe-Mirim, a cinquenta léguas de Crato, e não ingressara ainda no currículo dos estudos eclesiásticos.

Na verdade, a malícia humana atribuiu ao Senador Alencar e a seu irmão João Pereira de Alencar, uma paternidade só explicável por processo de estranho tele-gênese...

Felizmente, para os caluniados, resta a esperança do pronunciamento implacável da verdade.

O tribunal na História, pela pena de Fernando Gregorovius em — História de Roma — reabilitou plenamente a memória de Lucrecia Bórgia, até então reputada adúltera, incestuosa, assassina, etc.

A verdade não morre, embora a calúnia tenha o fôlego de sete gatos.

CAMPANHA-PILOTO DE UDAS CONTRA O TRACOMA DO CARIRI CEARENSE

Padre Rubens Gondim Lóssio
CURA DA CATEDRAL

Membro efetivo do Instituto Cultural do Cariri

INTRODUÇÃO

O ubertoso Vale do Cariri, no Sul do Estado do Ceará situado às fraldas da Chapada do Araripe, qual oásis em meio às regiões áridas e comburidas do Nordeste, poderia — a par do patrimônio de suas grandezas históricas e do estendal de suas riquezas naturais — invocar a triste glória de ter sido, por certo, o primeiro fóco de Tracoma, no Brasil.

Realmente, precedendo a infiltração de estrangeiros infectados que, desde 1850 até 1921, aportavam a várias partes do território nacional, já no segundo quartel do século XVIII, a endemia tracomatosa infestava o Cariri. Trazida por hordas de ciganos que, entre 1718 e 1750, ultrapassando o Jaguaribe, alcançaram esta zona sempre verde e úmida, o Tracoma aqui encontrou condições propícias para o seu desenvolvimento. E cêdo contaminou de tal sorte os habitantes que resultou numa característica marcante da fisionomia do povo caririense.

Fóco primário do Tracoma, no Brasil, o Cariri teria de ressentir-se dos efeitos de tão perniciosa herança. Fatores diversos se somaram para o incremento da endemia e, numa verdadeira conspiração, conjuntivites associadas, vetores alados, desassêio e promiscuidade para uma gente pobre e subnutrida, a lutar numa terra de luminosidade excessiva e clima quente, com forte densidade demográfica sujeita às migrações e aos flagelos da sêca, tudo criou verdadeiro “caldo de cultura” para o Tracoma.

O Cariri constituía, assim, um problema de Saúde Pública. Se era curioso observar que o censo nacional da cegueira, desde o início do Século, reservava os 13 primeiros postos para os Estados Nordestinos, dava para impressionar a elevada percentagem de tracomatosos do Cariri, posto em evidência no levantamento procedido em 282 Municípios brasileiros. E, por isto, desde 1944, integrando a vasta rêde nacional de postos de combate, uma equipe de tracomatologistas vinha sustentando uma campanha intensa e extensa em toda a parte nuclear do tico Vale.

Desgraçadamente, a situação que se pensava grave, afirmou-se **verdadeiramente pandêmica**, atingindo um percentual altíssimo, capaz de autorizar em alguns quadrantes o diagnóstico de endemia generalizada.

Mais sérias, porém, se constituíam as consequências de tamanha viculência, por isto que o fóco se tornava **terrivelmente contagiante**. Animado dêsse espírito aventureiro, que faz do cearense menos um nômade que um peregrino, a percorrer todos os recantos da Pátria para retornar depois ao torrão natal, o homem do Cariri se entrega naturalmente, às peripécias das migrações. Mesmo quando não o faz, tangido pelas inclemências do tempo ou açoitado pelo flagelo da sêca, parte acalentado pelo sonho de um ideal e pelo gôsto de uma aventura. Assim, é que a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (Vol. IV) acaba de registrar que os nordestinos emigrados para o Sul procedem, preferencialmente, dos locais de maior densidade demográfica, como acontece no Cariri. Ora, estes fenômenos migratórios determinam uma viva circulação do tracoma no território brasileiro.

As estradas, por onde se devem cambiar as riquezas, comportam-se como artérias grandiosas a contaminarem, com o sangue viciado, o organismo da grande Pátria. Notadamente, a Transnordestina (1947), aproximando o Sul do Ceará e o Norte do Paraná, criou um fluxo e refluxo de intercâmbio entre os fócos mais fortes, realimentando-se mutuamente. Agravou-se, destarte, o problema que emprestou ao Tracoma do Cariri uma "significação nacional".

Na verdade, alguns dos 15 fócos subsidiários, como o da Serra de Baturité, podem ter uma relevância apenas regional, enquanto outros, como o da Serra da Ibiapaba, não ultrapassam uma repercussão interestadual. Mesmo os grandes fócos do Rio Grande do Sul e do Nordeste de São Paulo podem ter suas influências circunscritas à própria região. Mas, o fóco primário de feição pandêmica, radicado ao sopé da Chapada do Araripe assume uma importância decisiva para a Saúde Pública do País. Razão assistia ao Dr. Mário Pinotti, quando obtemperava, com toda sua competência: "A experiência tem demonstrado a inviabilidade de qualquer tentativa de contrôle eficaz das endemias oculares no Brasil sem a prévia erradicação do Tracoma naquela parte do nosso território". (Discurso de encerramento do V Curso de Higiene Ocular no Rio de Janeiro, em 11-XII-1957).

Natural, portanto, a organização sanitaria federal se voltasse com solicitude para o Cariri, numa tentativa de combate eficiente do Tracoma. E, após quase três lustros de trabalho, eis que

o então Diretor do DNE Ru decidiu, em boa hora, lançar neste "ponto chave" do Tracoma uma campanha intensa e grandiosa, inédita em seu gênero. Plenamente vitorioso na erradicação da malária no Vale do São Francisco, entendeu êle de aplicar no combate ao Tracoma os mesmos métodos e expedientes, com um **tratamento em massa**, realizado pelos Agentes Voluntários convocados e comandados pela Igreja.

Então, o idealizador e criador das Unidades Distribuidoras de Auxílios Sanitários (UDAS), valendo-se do dinamismo apostólico do Sr. Dom João Muniz, Bispo da Barra, na Bahia, endereçou um veemente apêlo à **Diocese do Crato**, para que se empenhasse com denôdo nessa tarefa árdua e difícil, porém altruística e caritativa.

E, respondendo a essa cristã e patriótica invitation, o Exmo. Sr. Dom Francisco de Assis Pires, zeloso Bispo do Crato, assessorado pelo seu dinâmico Auxiliar, Dom Vicente de Araujo Matos, convocou a todos para esta cruzada salutar. E, para combater o Tracoma, a Diocese organizou esta memorável Campanha - Pilôto que, além de multiplicar os benefícios distribuidos com o povo, bem poderia oferecer valiosas lições à Igreja e ao Brasil.

Pois, desta obra portentosa é que nos propomos tratar neste Relatório.

Sem outra pretensão que a de ser útil, intentamos apresentar os trabalhos realizados e analisar alguns resultados. Acompanha-nos a preocupação de retratar a realidade, como quem estuda num laboratório e, por isto preferimos reportar-nos, quanto possível, aos Relatórios oportunamente remetidos ao Ministério da Saúde.

As considerações expendidas ou as conclusões levantadas, esperamos fundamentá-las rigorosa e honestamente nas experiências vividas pelos Agentes Voluntários e nas informações prestadas pelos Médicos Sanitaristas. Com esses testemunhos e documentos, armaremos as premissas de que nascerão, lógicas e necessárias, as conclusões. Consciente de nossa posição de "leigo" em Medicina e Sanitarismo, invocaremos sempre a palavra de quem tenha autoridade, toda vez que se não trate apenas de registrar observações ou de aplicar as normas do bom senso.

Também, não nos move a preocupação de defender a campanha ou exaltar-lhe os frutos. Solicitados pela Igreja e pela Pátria, trabalhâmos todos de boa vontade, como o homem do campo que lança a semente. Outros que venham colher os frutos sazonados. A nós nos seja reservada a glória do dever cumprido.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

I

CAMPANHA-PILOTO DE UDAS

A — Organização e Tratamento

PLANO — Consultando a diversidade de condições e entendendo estudar modalidades diversas de atuação, organizou-se um plano capaz de oferecer três experiências :

I—Na Paróquia de Nossa Senhora da Penha, do Crato, de amplitude territorial, com acentuada desigualdade topográfica :

a) — **campanha progressiva**, com tratamento preliminar de duas em duas famílias, em cada sítio ou propriedade rural;

b) — **campanha intensiva**, com tratamento em massa, a partir de uma zona.

II—Na Paróquia de S. Vicente Ferrer, do Crato, de território pequeno, com semelhança topográfica :

Campanha intensiva, com tratamento em massa em todos os sítios.

III—Na Paróquia de S. Antônio, de Barbalha, de território regular, com desigualdade topográfica :

Campanha intensiva, com tratamento em massa, a partir de uma zona.

INSTALAÇÃO DAS "UDAS" — Com a presença de uma **equipe de sanitaristas**, do DNE Ru, comandada pelo habilidoso e eficiente Dr. Henrique P. Veloso, cada Vigário procedeu à instalação das Unidades Distribuidora de Auxílio Sanitário (UDAS), selecionando e convocando os elementos. Ao Vigário competia esclarecer e preparar a mentalidade do povo, bem como traçar para os Agentes as normas da organização, dentro de certa disciplina e boa vontade, enquanto ao Médico Sanitarista se reservava a tarefa de transmitir, repetidas vezes, as explicações necessárias para o tratamento. O primeiro contacto se fez, quase sempre, com solenidade, e eloquência, congregando os habitantes em funções religiosas, honradas com a presença do Exmo. Sr. Bispo.

Com as instruções indispensáveis sobre o diagnóstico, a medicação e o registro, recebiam os Agentes os remédios, o material para a anotação e a Cartilha com as normas a seguir. Dadas as grandes distâncias, por vezes superiores a 50 quilômetros, foram agrupados vários sítios em **Postos de Abastecimento**, para controle da distribuição de medicamentos e coleta de informações. Normalmente, eram eles visitados de quinze em quinze dias, convencendo-se os doentes da segurança do tratamento, mesmo sem a presença do Médico.

Para a cobertura da Cidade do Crato, a campanha urbana se dividiu em **setores**, aplicando-se o seguinte esquema de serviço: uma **equipe** precedia com o **levantamento de cada quarteirão** que, oportunamente, era examinado pelo Tracomatologista, fazendo-se a entrega imediata de medicamentos. Em seguida, **equipes de visitadoras** cobriam o percurso medicado, repetindo as instruções sobre o tratamento e verificando a sua regularidade. Por fim, elementos da própria zona ficavam investidos das funções de **Agentes**, com um depósito de remédios e a missão de assistir aos necessitados.

De ordinário, selecionavam-se os Agentes dentre as pessoas mais habilidosas e dedicadas. Nem sempre se prestavam os proprietários, de sorte que eram recrutadas com vantagem as Professoras e as Catequistas. Não raro, afrontava-se a dificuldade de escolher um elemento que pudesse e quizesse. Alguns, por ausência, incompetência ou desídia, foram posteriormente substituídos, prestando valiosa ajuda, no caso, os **Monitores das Escolas Radiofônicas**.

CAMPANHA PROGRESSIVA — Constatando-se a alarmante percentagem de tracomatosis em toda a região e verificada a insuficiência de medicamentos, no País, concertou-se o plano de um tratamento preliminar, autorizando-se cada Agente a tratar das famílias de duas em duas. Com isto, pôde-se fazer um verdadeiro aprendizado para os Agentes.

Superada esta primeira etapa, com o adestramento do pessoal mobilizado, os remédios em abundância passaram a caminhar de porta em porta.

E assim como se dava esta progressão no tratamento, que ia avançando de casa em casa, no mesmo sítio, também se processava o contágio nas diversas zonas, passando-se de sítio a sítio.

CAMPANHA INTENSIVA — A marcha normal do tratamento, contudo, se fazia em campanha de caráter intensivo, tratando em massa os habitantes de uma zona. Daí, se estabelecia o

contágio, irradiando para a vizinhança até cobrir todo o território. A esta prestava assistência regularmente o Médico Sanitarista, que, examinando pessoa por pessoa, podia acompanhar a eficiência do tratamento. Assim, acontecia na Paróquia de S. Antônio de Barbalha e na de Nossa Senhora da Penha, do Crato. Nesta última, era de notar que, de logo, impressionava a cura ou a franca regressão da oftalmia em doentes já antes atingidos pela campanha progressiva. Na Paróquia de S. Vicente Ferrer, do Crato, o tratamento a princípio lento e racionado, depois se acelerou, cobrindo todo o território. Ai, a presença do Médico inspirava maior confiança ao povo, sem contudo assumir êle a responsabilidade das fichas, controladas pelo Vigário.

Com o tempo, concluídos os dois primeiros tratamentos, cada Paróquia prosseguiu a campanha em ritmo variavel conforme o estoque de medicamentos existentes e as necessidades maiores da região.

CONTRÔLE E FUNCIONAMENTO—Comumente, cada Agente fazia prèviamente o levantamento das familias a tratar, preenchendo as fichas em duplicatâ. Pela indicação da idade de cada habitante assinalado como portador do Tracoma, calculava-se a quantidade de sulfas a distribuir para o primeiro tratamento. Concluído este, oportunamente, se organizava o segundo. As fichas recolhidas nos Postos de Abastecimento ou na Sêde serviam para controlar o andamento da campanha e a competência do Agente.

A êste competia renovar as visitas a domicílio para acompanhar o tratamento, afim de evitar desleixo do doente, intoxicação do organismo ou desvio dos medicamentos. Os casos mais graves eram encaminhados para o Hospital São Francisco e, depois, para o Centro de Pesquisas Oftalmológicas.

Reuniões periódicas, por ocasião das Missas mensais nas Capelas rurais ou nos encontros marcados para a Sêde, levavam novo estímulo e novas instruções. Um jeep, posto à disposição de cada Paróquia, facilitava o serviço, conduzindo os remédios, possibilitando as visitas do Vigário e dos Médicos.

MEDICAÇÃO—As instruções transmitidas na campanha eram de molde a habilitar os Agentes a seguirem corretamente as normas traçadas na Cartilha publicada pelo Ministério da Saúde.

Na primeira hora, entretanto, distribuíram-se alguns medicamentos aos mais carecidos, com preparação do organismo para o tratamento. Tônicos, vitaminas, vermífugos e depurativos operaram

maravilhas em muitos pacientes, predispondo-os para a eficácia do tratamento ou libertando-os de outras enfermidades. Verdadeiramente prodigiosa foi a aplicação do Benzetacil, que salvou a muitos pobres. Lamentavelmente, não se renovou mais o estoque desses preciosos auxiliares, indispensáveis mesmo a tantos que, ou não suportam a medicação ou dela pouco se aproveitam.

Quanto ao combate ao Tracoma, indicava-se a bisnaga de **anti-bióticos** (pomada) a todos os habitantes em cuja família houvesse pelo menos um tracomatoso. Usar diariamente, pela manhã, ao meio dia e à noite. Ou no mínimo, ao deitar-se.

O **colírio** se reservava a casos especiais, principalmente para as vítimas da sapiranga.

E a **sulfa**, indispensável para os que tinham sinais evidentes de Tracoma, devia ser ingerida de acordo com a idade, sempre após as refeições. Em três ou duas doses, a quantidade de comprimidos havia de ser a tabelada em dias seguidos. Quanto ao segundo tratamento, a Cartilha aconselha um descanso de dez dias sobre o primeiro. A falta de medicamentos e o ritmo da campanha progressiva, contudo, determinaram um intervalo regular, sempre maior. Aliás, alguns casos deram melhor resultado com o "intermezzo" de até 90 dias. Nas últimas coberturas, a orientação foi de fazer os dois tratamentos em seguida, sem solução de continuidade.

E, como era natural, os Médicos não se conformavam sempre com tais indicações, aplicando cada um o número de comprimidos que, no caso, julgava conveniente.

B — Trabalhos Realizados

ÊXITO INICIAL — Ao ritmo acelerado de uma luta sem treguas nem quartel, a Diocese do Crato mobilizou todas as forças valentes nos Municípios de Crato e de Barbalha e, conclamados pela voz autorizada e amiga dos Vigários, se movimentaram nada menos de 282 Agentes Voluntários. Em pouco mais de um ano de atividades, conseguiram as UDAS visitar 9.988 prédios com 54.909 habitantes, aos quais ministraram 17.132 vidros de colírio, 45.923 bisnagas de anti-bióticos e 2.666.919 comprimidos de sulfas.

Nesta arrancada gloriosa, toda a região foi tomada de assalto, numa cobertura de 225 sítios e 68 ruas, em campanha ora intensiva, ora progressiva. E, se o exame inicial se afirmou alar-

mante pelo caráter reconhecidamente pandêmico, bem logo o resultado se pronunciou confortador pelo êxito espetacular do serviço. O índice espantoso de 75,64% de tracomatosos caiu sensivelmente, transformando-se a fisionomia de nossa gente, em grande parte libertada dessa endemia oftálmica.

Os testes cuidadosamente procedidos em situações diversas trouxeram confirmação do sucesso, acusando índice de redução sempre expressivo, embora flutuante em função da maior ou menor aceitação e regularidade do tratamento bem como das reservas orgânicas e das condições de higiene e de alimentação.

TAREFA A PROSEGUIR — Urgia, porém, prosseguir a obra encetada. Não seria ao sôpro de um entusiasmo ligeiro, como à virtude mágica de um talismã, que se debelaria do seu bêrço primário no Brasil uma endemia, rebelde e renitente qual o Tracoma. Obstáculos inevitáveis impostos pelo meio ambiente e dificuldades mesmas do tratamento teriam de limitar o raio de ação ou de enfimar a fôrça de atuação de uma campanha que devia atingir populações rurículas, tão dispersas nas coordenadas geográficas como dissemelhantes na deficiência de educação sanitária.

As conquistas obtidas não autorizavam a dormir sôbre os louros, mas antes impunham o dever de perfazer a obra, somando aos frutos armazenados a colheita final. E, por isto, o Ministério da Saúde continuou firmando convênios com a Diocese do Crato a fim de que prosseguisse a campanha-pilôto.

DIFICULDADES A VENCER — Atendendo ao sempre alto percentual de infectados, grande teria de ser a aplicação de sulfã, visto como em muitos se dá a **persistência** ou o **recontágio**. Efectuando duas coberturas completas de cada Paróquia e reiterando o tratamento nas zonas mais afetadas, houve o serviço de conhecer **altos e baixos**.

Circunstâncias, que independiam dos promotores da campanha, entravaram o andamento regular do tratamento. Sôbre os obstáculos advindos por parte das distâncias, da falta de transporte e comunicação, montava-se a **resistência** oposta pelo povo que, trabalhando pela ignorância ou pelo preconceito, menosprezava e às vêzes hostilizava o movimento. Houve mister muita catequização para que os Vigários conseguissem a aceitação da campanha nalguns recantos de população fanática e adventícia.

Também, o pequeno **insucesso** de algum doente gerava certa onda de contra-propaganda. Por intolerância ou sensibilidade para

com a ação levemente tóxica da sulfa ou pelo uso desaconselhado em jejum, era inevitável a reação para as vítimas de incômodos hêpato-renais ou estomacais.

A falta de regularidade no tratamento, com interrupções e suspensões, enfim, anulava o efeito da sulfa, que deve perseverar continuamente atuando no organismo. Ora, tudo isto exigia maior esforço e vigilância da parte da campanha, afim de impedir ou remediar tais inconvenientes.

Igualmente a falta de medicamentos na primeira fase do ano, quando ainda se aguarda a liberação de verbas orçamentárias, determinou uma restrição do serviço alguns quadrantes. Outro fator que modificou notoriamente a marcha da campanha foi, naturalmente, o terrível flagelo da seca de 1958, cujas penosas consequências afetam toda a vida de nossa gente. Em estado de extrema carência orgânica, padecendo não menos a fome do organismo depauperado que a fome do estômago vazio, não podia o nosso homem suportar a ação inevitavelmente tóxica da sulfa. Além disto, o êxodo desconcertante dos flagelados altera o quadro das populações rurais, não tanto pelos prédios que se fecham, como aqui no Cariri, pelos habitantes que se revezam. E isto determina a debandada de doentes em via de cura e a fixação de estranhos por vezes virgens de qualquer tratamento.

Fenômeno presente à curva ascensional da campanha foi, por sem dúvida, a "sulfa resistência" e a "sulfa sensibilidade". Esta por tornar insuportável, aquela por tornar inútil o emprego da sulfa, ambas dificultaram a espiral benéfica do tratamento em massa.

Por fim, vale comemorar outro elemento negativo que foi o que se poderia apelidar de "UDAS resistência"... A terrível rotina que envolve os atos humanos e cria uma crosta de indiferença nas atividades, como é natural, afetou a campanha, seja arrefecendo o entusiasmo e devotamento de alguns Agentes, seja desvanecendo o interesse e constância dos doentes.

A despeito de tamanhos óbices, contudo, resultou grandioso o êxito da campanha em todo o quadriênio. O brilho da arrancada inicial, verdadeiro e inédito "mutirão sanitário", não ficou desmerecido nas etapas posteriores.

A epopéia silenciosa vivida nos quatro primeiros meses houve de continuar nos quatro anos seguintes, no trabalho dos Vigários na Cidade, nos sítios e nas Capelas; no trabalho dos Médicos assistentes na zona rural e urbana; no trabalho dos Agentes abnegados

em todos os recantos, a percorrerem caminhos longos e penosos, a sofrerem incompreensões e canseiras; no trabalho dos auxiliares na organização e contrôle; no trabalho de levantamento embaraçado pela quantidade e distância; no trabalho de organização, de transporte, de fichário, de estatística; em todo esse acervo de trabalhos que de si bastam para consagrar estes bravos "homens da campanha" em autênticos beneméritos da Pátria.

C — Estatísticas

Mais que palavras, entretanto, vale a eloquência dos números. Por isto, procuremos dar a expressão estatística do movimento, durante 50 meses de atividades, primeiro em cada Paróquia e, a fim, na Diocese.

1 - MOVIMENTO EM CADA PARÓQUIA

A campanha teve início em fins do ano de 1956. Anunciada que foi, por ocasião do encerramento da Festa da Padroeira, a 1.º de setembro, quando o Crato provoca a maior aglomeração humana de sua vida social, levou algum tempo em sua fase de organização e à espera de medicamentos. Apenas os dois últimos meses apresentaram resultado expressivo, consignado nos Boletins mensais.

Retornando ao Rio a equipe de Sanitaristas, a assistência passou a ser feita pelo Dr. Pio Sampaio, do Posto móvel de Barbalha, a partir de então inteiramente às ordens da campanha de UDAS. Merece comemorar-se a cooperação prestada na cobertura da zona urbana pelos Médicos do Posto do Crato: Dr. Darival Cartaxo e Dr. Fábio Esmeraldo. Posteriormente, a campanha contou com os trabalhos dos Médicos do Centro de Pesquisas Oftalmológicas, a saber: Dr. Ebert F. Teles e Dr. Humberto Macário de Brito.

O serviço atingiu, principalmente, a zona rural das três Paróquias, mas a Cidade do Crato recebeu tratamento completo, nos setores das suas Paróquias.

Em Barbalha, os trabalhos da Paróquia de S. Antônio contavam como responsável o Vigário Pe. Erfo Roter, SSS, substituído depois pelo Pe. Marcelo Cozer, SSS.

No Crato, a Paróquia de S. Vicente Ferrer tinha como alma do movimento o Vigário Pe. Frederico Nierhoff, M. S. F. E a Paróquia de Nossa Senhora da Penha conduziu as atividades sob a orientação e assistência direta do Pe. Rubens Gondim Lóssio.

Campanha de UDAS contra o Tracoma

a) — PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PENHA

C R A T O

Z O N A R U R A L

Ano	Sítios	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
1956	—	471	2.495	91.377	5.943	2.199
1957	137	2.641	15.089	735.980	20.233	7.218
1958	93	905	5.349	360.350	7.771	1.792
1959	97	1.438	10.975	393.417	14.391	1.131
1960	67	1.090	8.169	343.184	11.708	525
Total	394	6.545	42.077	1.924.308	60.046	12.845

Z O N A U R B A N A

Ano	Ruas	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
1957	55	2.327	12.202	467.721	7.980	4.526
1958	15	808	9.126	204.971	1.824	454
1959	21	547	4.619	85.240	2.296	156
1960	33	1.223	7.840	315.560	4.560	756
Total	124	4.925	33.787	1.073.492	16.630	5.892

R E S U L T A D O G L O B A L

Ano	UDAS	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
1956	—	471	2.495	9.377	5.943	2.199
1957	192	4.988	27.291	1.203.701	28.213	11.744
1958	108	1.713	14.475	565.321	9.595	2.246
1959	108	1.985	15.594	478.657	16.687	681
1960	100	2.313	16.009	658.744	16.238	1.887
Total	448	11.470	75.864	2.997.800	76.676	18.327

Campanha de UDAS contra o Tracoma

b) — PARÓQUIA DE SÃO VICENTE FERRER

C R A T O

Z O N A R U R A L

Ano	Sítios	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
1957	25	2.362	12.347	550.991	7 627	4.781
1958	—	348	1.816	57.312	866	408
1959	27	1.516	8.415	337.200	48.307	7.610
1960	27	1.164	6.986	315.650	20.782	6 400
Total	79	5.390	29.564	1.261.153	77.582	19.199

Z O N A U R B A N A

Ano	Ruas	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
1957	21	2 388	12.934	538.224	8.032	5.267
1958	—	—	—	—	—	—
1959	16	—	5 571	172.006	25.411	1.720
1960	16	—	7.218	169.350	10.718	2.600
Total	53	2.388	25.723	879.580	44.161	9.567

R E S U L T A D O G L O B A L

Ano	UDAS	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colirios
1957	46	4.750	25.281	1.089.215	15.659	10.048
1958	—	348	1.816	57.312	866	408
1959	43	1.516	13.986	509.206	73.718	9.330
1960	43	1.164	14.204	485.000	31.500	9.000
Total	132	7.778	55.287	2.140.733	121.743	28.786

Campanha de UDAS contra o Tracoma

c) — PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO

B A R B A L H A

Z O N A R U R A L

Ano	Sítios	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
1956	134	1.730	9.113	135.500	3.367	522
1957	197	2.677	14.431	729.500	10.142	1.617
1958	184	2.097	9.272	217.700	4.172	699
1959	14	750	4.230	238.938	7.920	194
1960	14	750	4.230	128.614	12.292	936

R E S U L T A D O G L O B A L

Total	543	8.004	41.276	1.450.252	37.893	3.968
-------	-----	-------	--------	-----------	--------	-------

2 - MOVIMENTO NA DIOCESE

Respondendo ao apêlo do Departamento de Endemias Rurais, a Diocese do Crato inaugurou a Campanha-Pilôto de UDAS contra o Tracoma apenas em três Paróquias, correspondentes ao Município de Crato e de Barbalha.

Com a aprovação e o beneplácito do Exmo. Sr. Dom Francisco de Assis Pires, Bispo Diocesano, a campanha ficou inteiramente confiada à orientação e supervisão de seu Bispo Auxiliar, Dom Vicente de Araújo Matos.

Campanha de UDAS contra o Tracoma

DIOCESE DO CRATO

a) — POR ZONA

ZONA RURAL

Paróquia	UDAS	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
S. Vicente	79	5.390	29.564	1.261.153	77.582	19.199
N. S. Penha	393	6.545	42.077	1.924.308	60.046	12.845
S. Antônio	543	8.004	21.276	1.450.252	37.893	3.968
Total	1.015	19.939	112.917	4.635.713	175.521	36.012

ZONA URBANA

Paróquia	UDAS	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
N. S. Penha	124	4.925	33.787	1.073.492	16.630	5.892
S. Vicente	53	2.388	25.723	879.580	44.161	9.587
Total	177	7.313	59.510	1.953.072	60.791	15.479

RESULTADO GLOBAL

Total	1.192	27.252	172.427	6.588.785	236.312	50.986
-------	-------	--------	---------	-----------	---------	--------

b) — POR ANO

Ano	UDAS	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
1956	134	2.201	11.608	226.877	9.310	2.721
1957	435	12.415	67.003	3.022.416	5.114	23.409
1958	292	4.158	25.563	840.333	14.633	9.353
1959	175	4.251	33.810	1.226.801	60.030	11.823

RESULTADO GLOBAL

Total	1.192	27.252	172.427	6.588.785	236.312	50.986
-------	-------	--------	---------	-----------	---------	--------

c) — POR PARÓQUIA

Paróquia	UDAS	Prédios	Pessoas	Sulfas	Pomadas	Colírios
N. S. Penha	518	11.470	75.864	2.997.800	76.676	18.232
S. Vicente	132	7.778	55.287	2.140.733	121.743	28.786
S. Antônio	543	8.004	41.276	1.450.252	37.893	3.968

RESULTADO GLOBAL

Total	1.192	27.252	172.427	6.588.785	236.312	50.986
-------	-------	--------	---------	-----------	---------	--------

D — Resultados

A grandeza da Campanha-Pilôto de UDAS contra o Tracoma, no Cariri, não se mede apenas pelo vulto do serviço prestado à população. Muito expressivo é também o êxito obtido com o tratamento, cujos resultados vamos analisar em linhas gerais.

Importa considerar, preliminarmente, que a campanha só procurou atingir as duas Paróquias de Crato e a de Barbalha. Não se propôs erradicar o Tracoma do Cariri, mas se dispôs a realizar uma **experiência nova contra o Tracoma no Cariri**. Assim de uma área de 7.592 Km² distribuída entre 13 Municípios habitados por 378.780 pessoas (cfr. I. B. G. E., 1959), foram tomados dois Municípios somente com 1.611 Km² e 87.021 habitantes. Disto tomou nota o Comentário Técnico feito sobre o primeiro Relatório das UDAS (novembro de 1957), quando observava: "Com a prudência peculiar à Igreja, no trato de assuntos novos e de envergadura, preferiu a Diocese do Crato ao engajar a luta, limitar o âmbito de ação apenas a dois municípios (Crato e Barbalha), não se comprometendo, assim, na **campanha-pilôto** inaugural de UDAS a ampliar o combate a zonas contíguas ou longínquas do Cariri, de endemicidade possivelmente superior".

Decorridos 50 meses de atividade ora mais ora menos intensa, constatar se pode a evidente melhoria provocada.

Redução do índice — Incontestavelmente, é patente a diminuição na incidência de tracomatosos. Ao iniciar-se a campanha, o percentual anunciava-se altíssimo, acusando-se algumas zonas "praticamente universal" (Comentário Técnico sobre o Relatório). Realmente, a sondagem procedida pelo Dr. Pio Sampaio, no Sítio Lameiro (Crato) alcançou um índice de 73,7% de tracomatosos, sobre 236 pessoas examinadas dentre os 339 habitantes. No Sítio Santana (Barbalha), em 84 examinadas dentre os 109 habitantes, o índice de tracomatosos colhido foi de 79,7%. Igualmente, o exame feito pelo Dr. Ebert Teles registrou 85,7% de tracomatosos dentre 224 moradores da rua Pedro II e 87,7%, dentre 220 habitantes no Bairro do Triângulo.

Ora, tal situação se modificou a olhos vistos. Já após o primeiro tratamento, o Sítio Lameiro apresentou 13% de redução e no Sítio Santana, após o terceiro tratamento, o índice baixou de 79,7% para 51,4%. (Vêr anexos).

Após o segundo tratamento, o Dr. Ebert Teles constatou a seguinte proporção :

SÍTIOS	EXAMINADOS	CURADOS
Mata	92	52
Buriti	72	26
Baixio	62	29

Novos testes, realizados na Paróquia de Nossa Senhora da Penha, em 1960, revelam que, apesar do recontágio e da persistência, bem como da desistência do tratamento, persevera sensivelmente reduzido o percentual de infectados. Assim, vejamos :

LOCAL	MÉDICO	DATA	EXAMINADOS	POSITIVOS	% DE POS.
Bocaina	Dr. F. Esmeraldo	jan.	110	56	50,9
S. Gonçalo	Dr. H. Macário	maio	107	59	53,2
Ponta da Serra	Dr. H. Macário	set.	106	43	45,6
Caixa D'Água	Dr. Ebert Teles	dez.	31	11	35,4
Rua Cariris	Dr. Ebert Teles	dez.	34	12	35,2

Como se vê, a sondagem na zona urbana obteve uma média de 49,9% de tracomatosos, enquanto na zona rural a regressão da endemia trouxe resultado mais confortador, visto como a média resultou de 33,3%.

Importa advertir, a propósito, que os testes atingiam, principalmente crianças e pessoas mais importunadas pelos incômodos oculares. Em geral, os perfeitamente sadios nem comparecem ao encontro do Médico, indiferentes que são com relação a este problema. E quase sempre os doentes que não obtiveram melhora alguma, confessam que não fizeram o tratamento, suspendendo o uso da sulfa por mal estar ou displicência.

Enfim, por demais expressiva é a análise das fichas do Centro de Pesquisas Oftalmológicas. Realmente, selecionados os casos mais graves na Cidade e no Campo e encaminhados na fase de maior reativação das endemias, o índice de tracomatosos, inclusive de Tr IV não ultrapassou 63,5% dentre mil pacientes que inauguraram o Centro, no início de 1958. Já no mês de maio, ainda sob o efeito imediato do combate intensivo, a tendência não registrou senão 29,3%. Para ilustração, a eloquência das cifras :

DATA	ATENDIDOS	TRACOMATOSOS	%
1958			
janeiro	987	629	63,5
maio	252	74	29,3
1959	1.448	605	43,1
1960	2.580	1.033	40,0

Observe-se que dentre os últimos 2.580 atendidos foram computados nada menos de 645 conjuntivites e 281 afecções oculares, o que naturalmente predispõe ao Tracoma.

É procedente concluir, portanto, que a sondagem apresentaria índice notavelmente mais reduzido, se, em vez de exercer-se sobre pessoas selecionadas pelo próprio interesse de receitar-se com o Médico, atingisse a população em geral, surpreendida em seus lares.

Profilaxia clínica — Se a campanha atuou diretamente sobre os portadores da endemia tracomatosa, disseminada profusamente no Cariri, e lhe subtraiu o caráter pandêmico, reduzindo consideravelmente o índice do seu percentual, simultaneamente atingiu as demais oftalmias que importunam a gente caririense e diminuiu a transmissão do mesmo tracoma.

Num planejamento aprovado em 1948 para o Plano Salte, assegurava o renomado Oftalmologista Dr. Herminio Conde que a "moderna profilaxia consiste, inicialmente, em motorizar a luta". Pois, entre nós a campanha-pilôto atingiu precisamente este objetivo almejado na motorização, que é levar a terapêutica eficaz ao paciente. Multiplicando os Agentes e pondo-lhes nas mãos os medicamentos, a Campanha se fez presente em toda parte, suprimindo as distâncias geográficas e psicológicas. Verdade, nem assim se poderia conseguir uma erradicação total do Tracoma, o que também não fizeram os Países ricos e civilizados, como os Estados Unidos, que, a despeito de sua fabulosa produção de veículos, ainda são afrontados pelos virus do Tracoma, em seis unidades federativas.

Dos maiores benefícios trazidos pela Campanha, por sem dúvida, um reside no combate às conjuntivites. Precioso testemunho a respeito dá-nos o Dr. Herminio Conde em seu magistral Plano gradativo da Profilaxia do Tracoma no Cariri (1959) (pág. 53). Particularmente, sofreu verdadeira baixa a conjuntivite catarral, de

caráter epidêmico, vulgarmente chamada **dordolhos**, o que importa numa grande profilaxia do Tracoma. Realmente, o bacilo Kock-Weeks provoca a esfoliação da mucosa e, com isto, reativa a virulência do Tracoma, por ventura controlado.

Também, a **Sapiranga** ou conjuntivite angular, que tanto deformava os olhos dos nossos pobres, recebeu medicação específica no Colírio distribuído pelas UDAS. E praticamente, está extinta entre os nossos. Desta sorte, quase desaparecidos os casos de triquíase e entrópion enveterados, pode dizer-se que a campanha **transfigurou a fisionomia do nosso povo**.

Outros benefícios — Não se pode deixar de comemorar a farta messe de benefícios levados ao povo, com a **atuação polivalente dos medicamentos**. A não falar na providencial ajuda de Benzetacil e do sulfato ferroso e dos vermífugos, incalculáveis têm sido os bons efeitos do colírio, dos anti-bióticos e da sulfa. Graças a tais remédios, se libertou a pobreza de muitas mazelas e doenças. Se outro resultado, não tivéssemos para apresentar, este já valeria um braço para o Governo.

Profilaxia sanitária — Em meio a uma luta acirrada contra o Tracoma campeante, nada mais indicado que o emprêgo de meios eficazes para evitar a sua transmissão. A profilaxia clínica se completa e ajuda com a profilaxia sanitária e, por isto, os mesmos esforços empregados para convencer o povo a sujeitar-se ao tratamento medicamentoso entendiam igualmente movê-lo a tomar medidas preventivas. E, se "**a noção de asseio** domina a profilaxia do Tracoma", tal como ensina E. Fuchs (1882), as noções mais necessárias de higiene haviam de ser ministradas aos Agentes e ao próprio povo.

A cruzada de pregações e instruções, na Cidade e nos Bairros, nos Sítios e nas Capelas, na Rádio e no jornal, com Filmes e cartazes, em boletins e amplificadoras, tudo servia para despertar em todos os zelo pela saúde. E não vai exagêro em asseverar que melhorou visivelmente a mentalidade de tantos que, despindo as vestes do preconceito e da ignorância, já se dispõem a praticar o tratamento medicamentoso e não resistem a criar **condições higiênicas de vida**.

Resulta, assim, vitoriosa a feliz idéia de armar as UDAS, que, conjugando os planos do Governo com a dedicação da Igreja, proporcionaram à nossa gente múltiplos benefícios.

CENTRO DE PESQUISAS OFTALMOLÓGICAS MÁRIO PINOTTI

A — Instalação e equipamento

Entre as providências complementares da campanha-piloto contra o Tracoma no Cariri preconizadas como indispensáveis pelo Comentário Técnico do Relatório das UDAS, figura a extensão das atividades da engenharia sanitária do DNERu e esta região bem como a obtenção de acomodações para pacientes no Hospital São Francisco (Crato), para observação científica dos progressos da terapêutica antitracomatosa associada à **cirurgia diatérmica**.

Se ainda não se concretizou o plano de profilaxia sanitária indicado, tornou-se uma preciosa realidade o **Centro de Pesquisas Oftalmológicas** com rica experiência de diatermo-coagulação. Brilhante conquista do consagrado Sanitarista Dr. Hermínio de Brito Conde, cultura de renome internacional e dínamo vivo a serviço da ciência, veio o Centro de Pesquisas responder a uma grande necessidade da Campanha. Ao mesmo tempo em que as UDAS levavam de casa em casa os medicamentos, fazendo baixar, de ponto, o nível super-endêmico do tracoma, instalava-se um observatório autorizado que, não somente acompanhava a curva da regressão da epidemia, mas ainda intervinha diretamente na habilitação de novos elementos para o tratamento e na cura radical da afecção rebelde.

Associava-se, destarte, ao ponderável êxito da Campanha em massa, à base de sulfã e anti-biótico, o fruto da intervenção cirúrgica. As próprias UDAS encaminhavam ao Centro os portadores de Tracoma, com sinais evidentes ou que houvessem demonstrado resistência à sulfã. Os dois movimentos se completam e passam a funcionar quais "unidades que se somam e não que se dividem".

Solenemente instalado, o Centro de Pesquisas Oftalmológicas está **modernamente equipado** dos instrumentos imprescindíveis para o diagnóstico e tratamento dos casos mais graves. Aparelho de diatermia e ondas, radioton, lâmpadas de Ortolite, bio-microspópio, escala luminosa, lâmpada de venda, oftalmoscópios, caixa de lentes completas, além de instrumentos elétricos, tudo possibilita um fun-

cionamento perfeito nas pesquisas científicas. E para melhor eficiência e observação mais acurada, os pacientes podem ser internos no Hospital São Francisco, onde o Ministério da Saúde mantém 15 leitos à disposição da campanha contra o Tracoma.

B — Cursos de Higiene Ocular

O Centro de Pesquisas Oftalmológicas, com o intuito de dar uma habilitação especializada a elementos capazes de cooperar, cuidou de promover Cursos de Higiene Ocular. Sob os auspícios da **Liga de Prevenção contra a Cegueira**, foram subministrados a duas turmas os ensinamentos teóricos e práticos necessários. Gráficos, filmes e outros materiais didáticos se juntaram à competente exposição do Professor, instruindo e cativando a todos.

Assim, com êxito foram dados o VI Curso, em dias de janeiro e fevereiro, e o VII Curso no mês de maio de 1958.

C — Atividades

Desde o primeiro instante, o Centro de Pesquisas entrou a agir numa verdadeira febre de produção. Movimentando uma equipe de Médicos, vindos do Rio, em delegação do DNERu e convocando o corpo médico de tracomatologistas do Cariri, realizou êle um serviço respeitável pela quantidade e pela qualidade. Houve uma assistência excepcional, cujos dados estatísticos atestam o ritmo quase vertiginoso dos trabalhos.

Concluída a jornada científica, realizada de 16 de janeiro a 17 de fevereiro de 1958, prosseguiu a atuação do Centro, sob o comando do Dr. Ebert Fernandes Teles, assessorado pelo Dr. José Ulisses Peixoto. Acolhendo, não somente os doentes encaminhados pelas UDAS como quantos procurem o Hospital São Francisco, mantém uma **atendência ordinária**, oferecendo os medicamentos e até a necessária assistência, com o **internamento hospitalar**. Além disto, saíram os Médicos Sanitaristas em visitas periódicas a sítios e escolas, prestando assistência mais direta e selecionando os casos mais graves para o tratamento pela diatermo-coagulação. Outras intervenções cirúrgicas se praticaram com êxito.

A demonstração dos trabalhos executados na primeira hora, fê-la com sabedoria, método e documentário o **Relatório de Viagem Científica ao Vale do Cariri**, apresentado pelo Dr. Herminio de Brito Conde.

Contentemo-nos com repetir que a apuração de 987 diagnósticos apresentou, de 20 de janeiro a 17 de fevereiro de 1958, 629 casos de tracoma, 137 de outras afecções oculares e 221 normais. Praticaram-se em 43 pessoas, nada menos de 72 operações de diatermo-coagulação.

De 1 de maio a 12 de junho, novo período de intensas atividades escreve larga fôlha de serviço, com o seguinte diagnóstico sobre 252 pessoas :

Tr. I	6	Blefarite	4
Tr. II	15	Conjuntivite catarral.	14
Tr. III	23	Polipo da conjuntiva	2
Tr. IV	30	Chalazio	4
Triquíase.	8	Obstrução lacrimal	2
Leucoma	5	Hipermetropia	23
Pterigio	11	Presbiopia	9
Catarata	11	Miopia	9
Conjuntivite	70	Estrabismo	2
Distriquíase	7	Sem alteração ocular	3

Neste período, contaram-se em 34 pacientes os seguintes casos de cirurgia :

Polipo da conjuntiva	2	Catarata	6
Diatermo-coagulação.	13	Pterigio	1
Epilação diatermica	11	Chalazio	1

Em novembro de 1959, conforme Relatório publicado no Hebdomadário "A Ação" (1-11-59), o Centro de Pesquisas Oftalmológicas já realizara as seguintes intervenções em 22 meses de funcionamento :

Catarata	71	Pterigio	32
Glaucoma	29	Evisceração.	15
Entrópico	16	Chalázio	12
Sutura de córnea.	4	Corpo estranho	21
Epilação diatérmica	103	Polipo da conjuntiva	10
Diatermo-coagulação		180	

Embora moderada, continuou a atuação do Centro e esta é a assistência normal em 1960 :

M Ê S	Pessoas	Conjun- tivites	afecções oculares	tracoma	outras afecções	MEDICAMENTOS	
						Sulfas	Bisn.
janeiro	84	18	30	17	48	1.000	37
fevereiro	165	33	31	64	62	1.190	439
março	299	56	22	187	78	10.500	92
abril	417	144	39	119	151	10.900	273
maio	401	70	17	188	108	11.660	330
junho	211	50	9	83	59	4.720	152
julho	250	47	51	75	100	520	120
agosto	218	67	19	88	96	5.280	213
setembro	349	105	17	174	121	11.110	292
outubro	152	47	26	37	73	2.510	100
novembro	34	8	19	2	27	400	36
TOTAL	2.580	645	281	1.033	923	58.790	2.073

Registraram-se ainda as seguintes operações :

Catarata	55	Pterígio	29
Glaucoma	9	Hérnia de íris	1
Chalázio	11	Evisceração	4
Corpo estranho	23	Sutura da córnea	5
Cisto	4	Iridectomia	6
Diatermo-coagulação		27	

O Centro de Pesquisas distribuiu 500 óculos escuros. E habilitou dois novos médicos para o tratamento de Tracoma.

O maior mérito do Centro de Pesquisas Oftalmológicas, contudo, reside menos no acervo de serviços prestados que nas conquistas científicas alcançadas. Completando o combate ao Tracoma, à base do tratamento em massa, fez uma excelente e magnífica experiência de cirurgia diatérmica em larga escala. Primeiro nas dependências do Hospital São Francisco com energia elétrica da

Cidade, num ensaio inaugural, logo depois a **diatermo-coagulação** se praticou com eficiência comprovada nas zonas rurais, **alimentada à bateria.**

Trabalho de **verdadeiro pioneirismo**, o Centro de Pesquisas Oftalmológicas Mário Pinotti enriqueceu e valorizou — e por que não dizer? — celebrou esta Campanha-Pilôto lançada pelo DNERu, em cooperação com a Diocese do Crato.

I I I

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA

1 - APOSTOLADO CAPILAR

Incontestavelmente, numa campanha de combate a uma endemia generalizada de preferência nas populações pobres e incultas, nada tão indicado como o esclarecimento e a formação da mentalidade do povo. Para que a gente simples compreenda o alcance de uma cruzada em prol do bem comum, conformando-se com quota de sacrifício e cooperação que a cada um compete aceitar, mister se faz uma **verdadeira catequese**. E quando se trata de conseguir a modificação de hábitos tradicionais ou de sobrepôr aos próprios interesses o serviço do outro, então se há de tentar uma **autêntica educação** do povo.

Ora, tão difícil objetivo não se consegue sem uma adequada e persistente atuação sobre a **inteligência** e a **vontade** e a **sensibilidade** de cada um. Mais fácil é formar as crianças que reformar os adultos, corrigindo-lhes os hábitos físicos, intelectuais ou morais, a serviço da Beleza, da Verdade e do Bem. Por isto, todos os meios úteis e lícitos se hão de empregar.

Daí a insubstituível presença da Igreja nesta campanha de educação de base. Para a educação sanitária, ninguém poderá impressionar e conduzir a nossa gente quanto os **Vigários**, que se constituem autênticos condutores de homens. O púlpito sempre foi a melhor cátedra para o povo simples.

Mas, prolongando a influência do Vigário, os seus prepos-
tos exercem uma influência decisiva na orientação popular. Levando
a mensagem da Igreja a cada casa e discutindo com cada um os
problemas da vida, os **Agentes paroquiais** se tornam apóstolos operantes,
na difusão do Bem e da Verdade. Esta **atuação capilar** tem provocado
as maiores transformações na vida humana.

Isto explica a **aceitação** da parte do povo, dessa campanha
inicialmente recebida com tanta reserva e tão mal entendida. E esta
força também foi utilizada para melhorar o nível de **educação sanitária**,
difundindo as noções mais rudimentares de asseio e higiene.

Ninguém seria capaz de calcular o número de sermões e
de instruções, de palestras e de conselhos, de conversas e de apêlos,
ouvidos pelo nosso povo, neste quadriênio. E novo impulso tomou
a campanha com o inestimável auxílio das Monitoras Radiofônicas.

2 - INSTRUÇÃO AMBULANTE

Especial menção, no combate ao Tracoma, merece a Cru-
zada de Educação Sanitária que tem coberto não somente a área
do Cariri, senão também todo o território da Diocese.

Em camionete do DNERu, perfeitamente equipada pela
Diocese com os mais modernos meios de difusão como diafilmes,
cinema, amplificadora e cartazes, o Delegado Diocesano Pe. Argemiro
Rolim vai percorrendo Cidade por Cidade, povoado por povoado.
A eficiência da campanha salta à vista, não somente pela **excelência
dos meios empregados** para difundir os ensinamentos, mas ainda pela
grandeza do público assistente que o prestígio moral da Igreja congrega
para a instrução. Quase sempre associando-se à alguma função re-
ligiosa, as aulas de Educação Sanitária têm grande assistência, dis-
ciplinada e atenta.

Congregando sempre grande multidão, atraída por músicas
e filmes, muitas vezes as aulas tiveram milhares de assistentes, reu-
nidos por ocasião da Visita Pastoral. Um número correspondente a
mais de dois terços da população da Diocese já foi atingido pela
Cruzada de instrução ambulante.

Fala bem alto a linguagem dos algarismos :

ATIVIDADES NO ANO DE 1958

M Ê S	PARÓQUIA	LOCAL	AULAS	ASSISTENTES
janeiro	1	2	2	1.000
fevereiro	1	2	2	650
março	12	18	18	20.000
maio	5	9	12	26.650
Total	19	31	34	52.700

ATIVIDADES NO ANO DE 1959

M Ê S	PARÓQUIA	LOCAL	AULAS	ASSISTENTES
janeiro	2	7	15	5.200
fevereiro	5	5	22	29.500
março	7	9	21	35.200
abril	5	7	17	37.700
maio	3	3	20	35.500
junho	5	5	14	32.000
julho	4	4	6	8.800
agosto	5	8	17	28.200
outubro	1	2	17	22.400
novembro	1	2	13	14.000
dezembro	3	3	25	46.000
Total	41	58	187	294.500

ATIVIDADES NO ANO DE 1960

M Ê S	PARÓQUIA	LOCAL	AULAS	ASSISTENTES
janeiro	4	6	15	33.100
fevereiro	3	3	16	217
março	1	3	20	28.000
abril	3	3	23	33.500
maio	2	4	17	41.600
junho	4	7	18	25.000
julho	3	4	16	27.000
agosto	6	11	24	60.000
setembro	3	7	19	44.000
outubro	4	10	21	29.800
novembro	2	8	19	45.500
dezembro	4	8	20	37.200
Total	39	74	227	404.917

MOVIMENTO GERAL

ANO	PARÓQUIA	LOCAL	AULAS	ASSISTÊNCIA
1958	29	31	34	52.700
1959	41	58	187	294.500
1960	39	74	227	404.917
Total	109	163	448	552.117

3 - ESCOLAS RADIOFÔNICAS

Prestimosa cooperação encontrou a Campanha - Pilôto de combate ao Tracoma na Organização Diocesana de Escolas Radiofônicas (ODER).

Primeiramente, pelo instrumento utilíssimo da **Rádio Educadora do Cariri**, voz oficial da Diocese na difusão da Verdade e do Bem. Com as suas estações de ondas média e tropical, operando com 5 Kw na antena daquela e com 1 Kw na da segunda, a REC pode ter uma penetração perfeita em toda a região, levando instruções e esclarecimentos capazes de contribuir preponderantemente na educação do povo.

Em segundo lugar, a ODER põe a serviço da Campanha contra o Tracoma uma vasta rede de Monitores, com Escolas Radiofônicas organizadas para adultos, a exemplo da maravilhosa e admirável obra de Mons. Salcedo em Sutatenza, na Colômbia. Colimando o patriótico e evangélico objetivo de uma **educação de base**, as Escolas Radiofônicas se empenham religiosamente em infundir em nossa gente os hábitos físicos, intelectuais e morais que sirvam de base para o soergimento de sua vida. Despertando sempre o gosto pelo bem estar pessoal e coletivo, procura dar um mínimo de instrução e de iniciação profissional, um mínimo de formação religiosa e de trato social, e não pode descurar o problema da **educação sanitária**.

Dentro desse espírito, os Monitores na Paróquia de N. S. da Penha se comportam como legítimos Agentes, funcionando cada **Escola como uma UDAS** contra o Tracoma. Na organização inicial de 100 Escolas Radiofônicas, fez-se de logo o entrosamento de tal sorte que os Monitores ficaram investidos da função de **fornecedores de medicamentos** aos Agentes da zona. Com os boletins mensais, cumpria prestar cada um informações sobre o combate ao Tracoma.

Para ter-se uma idéia de quanto valor representava as Escolas Radiofônicas, basta considerar o número de alunos adultos nelas matriculados. Todos podiam receber formação diariamente pela Rádio Educadora e pelo Monitor, dentro de uma organização em que os melhores alunos deviam ser convidados a liderar uma pequena equipe. O quadro social dos alunos matriculados, em 1960, na Paróquia de N. S. da Penha, ostentava a seguinte distribuição;

ESCOLAS RADIOFÔNICAS DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PENHA

N.	Zona	Total	Sexo		Est. Civil		Idade		41
			Hom.	Mul.	Cas.	Solt.	14/20	21/40	
8	Rurais	1.343	939	404	277	1.066	679	414	34
7	Urbanas	730	292	438	161	589	478	232	30
	Total	2.073	1.231	842	438	1.655	1.157	646	64

ESCOLAS PROFISSIONAIS

N.	Ofícios	Total	Sexo		Est. Civil		Idade		41
			Hom.	Mul.	Cas.	Solt.	14/20	21/40	
1	Rádio-técnica	14	14	—	—	14	14	—	—
2	Corte-costura	20	—	20	3	17	8	11	1
3	Tipografia	13	13	—	—	13	11	2	—
	Total	47	27	20	3	44	33	13	1

TOTAL GERAL DOS ALUNOS

Escolas	Total	Sexo		Est. Civil		Idade		41
		Hom.	Mul.	Cas.	Solt.	14/20	21/40	
Radiofônicas	2.073	1.231	842	438	1.655	1.157	646	64
Profissionais	47	27	20	3	44	33	13	1
Total	2.120	1.258	862	441	1.699	1.190	659	65

Tôta a grandeza deste serviço se amplia e toma proporções agigantadas no plano diocesano, em que já vem atuando do ponto de vista sanitário e poderá agir do ponto de vista clínico também. Mesmo sem estender ao território da Diocese a organização das U D A S, nos moldes da Campanha-Pilôto até agora travada

em três Paróquias, tôdas as Escolas Radiofônicas se transformariam numa célula viva da grande Pátria, como um **posto avançado da Saúde Pública**. Com um razoavel fornecimento de medicamentos polivalentes e sem contra-indicação, cada Monitor seria um soldado da profilaxia sanitária e ajudaria a combater eficientemente a hipovitaminose, a anemia, a verminose e muitas endemias proliferantes em nosso meio rural.

A ODER movimentou, no ano de 1960, nada menos de 540 Escolas Radiofônicas, com um matrícula que oscilou entre 11.615 e 9.450 adultos distribuidos em 15 Paróquias. Uma média de 5 600 homens e 5.900 mulheres foram orientados e esclarecidos pela ODER, que pretende elevar para 900 o número de Escolas de 1961. Aí está portanto, uma força extraordinária a utilizar em beneficio da Pessoa, da Família e da Comunidade.

CONCLUINDO

Conjugando, assim, tantos esforços e harmonizando tantas atividades de elementos convocados pela Paróquia ou contratados pelo Departamento Nacional de Endemias Rurais, pôde a Diocese de Crato, no Estado do Ceará, apresentar experiências novas e valiosas vividas nesta "memorável campanha - piloto" (Mário Pinotti), cujos frutos compensadores, sem favor, honram o convênio firmado com o Ministério da Saúde, num autêntico e feliz conagraçamento do Governo e da Igreja, na sublime e nobre missão de promover o bem.

SEGUNDA PARTE

I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

I

- 1 — A Campanha - Pilôto de UDAS contra o Tracoma, lançada no Cariri, por iniciativa do DNERu em cooperação com a Diocese do Crato, realizou uma **experiência inédita**, no combate em massa a uma endemia.

II

- 2 — Não tinha por objetivo a erradicação do Tracoma do Cariri, de vez que se circunscreveu a 2 dos 13 Municípios da Região, cobrindo apenas a **quinta parte do território com cerca de um quarto da população**.

- 3 — Conseguiu, entretanto, resultados confortadores e expressivos e pôde oferecer **valiosas lições** para a profilaxia do Tracoma, bem como para o plano de colaboração da Igreja com o Governo, a serviço da coletividade.
- 4 — Mobilizou um contingente respeitável de Agente Voluntários na organização da campanha de UDAS e movimentou muitas forças convergentes no sentido de dar autêntica **educação sanitária**.
- 5 — Com feliz pioneirismo, aplicou em larga escala a **eletrocoagulação alimentada à bateria**, assegurando um meio rápido e eficaz de erradicar o Tracoma.
- 6 — Constatou à evidência a **atuação específica da sulfa** contra a virose tracomatosa, determinando uma **acentuada redução do índice de infectados**.

I I I

- 7 — O tratamento pela quimioantibioterapia operou, outrossim, a **extinção quase total** da conjuntivite angular ou **Sapiranga** e bem assim da conjuntivite catarral, vulgarmente chamada **Dordolhos**. A ação polivalente dos remédios multiplicou os benefícios.
- 8 — Observou-se o **agravamento das endemias na época chuvosa**, provocado pela proliferação da mosca **hipelates** sempre ávida de humidade e exarcebada a mais de 25 graus de temperatura.
- 9 — Também, **outros fatores** se fizeram presentes como responsáveis pela difusão e reinfeção endêmica, tais como a mobilidade provocada pelas sêcas, a hipovitaminose e a carência de reservas orgânicas, o desasseio e a subnutrição.
- 10 — Indicado é o emprego de **inseticida** na estação invernosca, para as moscas **hipelates** e outros agentes de contaminação.
- 11 — As obras de **engenharia sanitária** serão aguardadas como grande meio de profilaxia, de fácil execução junto às nossas múltiplas fontes.
- 12 — Indispensável, a **restauração das reservas orgânicas** dos pacientes, à base de polivitaminas, sulfato ferroso, vermífugos, etc.
- 13 — O tratamento encontra muitos **obstáculos, advindos do meio rural** com a natural dificuldade de transporte ou comunicação, o que igualmente embaraça a organização do serviço.

- 14 — A **ignorância** de muitos e o **preconceito** de tantos entravam a campanha, ou menosprezando a sua grandeza ou desprezando os seus benefícios, quando não, de tudo fazendo contrapropaganda.
- 15 — A **falta de aceitação** do tratamento prejudica sobremaneira o saneamento e a campanha, visto como persistem alguns infectados a provocarem o recontágio e outros provocam a distribuição inútil de medicamentos.
- 16 — O maior óbice para o êxito perfeito, contudo, se tem afirmado a **inconstância** em seguir o tratamento, com regularidade, pois que, alguns, por comodismo ou sensibilidade, suspendem ou desaconselham a medicação.
- 17 — Desvantagem muito séria provém da **persistência** exigida no tratamento do Tracoma, que, ao envés de fazer-se em **dose única**, requer disciplina e constância, a despeito de múltiplas ocupações.

I V

- 18 — Uma eficiente e penetrante campanha de **educação sanitária** se faz necessária, para infundir novos hábitos de higiene e asseio, sobretudo usando muita **água corrente**.
- 19 — O êxito da campanha reside em saber **aumentar a aceitação e manter a regularidade** do tratamento, sem solução de continuidade.
- 20 — Importa, por isto, gerar um clima de prestígio e simpatia junto ao povo, com relação ao **Agente de UDAS**, que há de provocar e acompanhar o tratamento.
- 21 — Existe sempre o perigo do **desvio de remédios**, principalmente da sulfá e antibióticos, seja em contrabando comercial seja no emprêgo para outros fins.
- 22 — Cumpre selecionar os Agentes pela sua responsabilidade, probidade e eficiência, procurando que, por suas **qualidades morais e sociais** participem do valor moral e da influência social de uma Autoridade reconhecida e acatada, qual a do Vigário.
- 23 — As UDAS organizadas e **movimentadas pela Igreja** dão, por isto, maior produção, tanto na face preliminar de aliciamiento do povo, como posteriormente no acompanhamento do tratamento.

- 24 — Somente a Igreja pode organizar, em grandes proporções e em melhores condições, uma **campanha em massa** com voluntários não remunerados.

V

- 25 — Não se exigirá de uma campanha de UDAS, com pessoas dos mais desencontrados níveis de cultura, uma **organização burocrática** semelhante à de um Posto de Saúde.
- 26 — Decisivo para o sucesso da campanha o funcionamento regular de um **orgão central**, que planifique, supervisione e estimule as UDAS.

VI

- 27 — A campanha de UDAS representa uma grande **economia para o Governo**, mesmo com o desperdício inicial dos remédios, pois dificilmente o excesso de despêsas atingiria o montante dos numerários dos Médicos, Sanitaristas e Guardas.
- 28 — As atividades iniciais desta Campanha - Pilôto tiveram ordinariamente a assistência de **apenas um Médico** e, em 14 meses, nada menos de 54.085 pessoas foram medicadas, bem antes da instalação do Centro de Pesquisas Oftalmológicas.
- 29 — Não parece prático, do ponto de vista econômico, encetar uma campanha em massa, das proporções dessa do Cariri, sem UDAS gratuitas.

VII

- 30 — Reduzido consideravelmente o **percentual dos tracomatosos**, na parte nuclear do Vale do Cariri, já não se justifica tanto o argumento de que as despêsas excessivas com medicamentos são inferiores aos vencimentos dos Médicos e Sanitaristas.
- 31 — A irregularidade do tratamento e a reinfecção da endemia levariam ao **uso indefinido da sulfa** enfirmando ou comprometendo o controle do Tracoma.
- 32 — Impende, pois, apelar para **meios mais rápidos e eficazes**, tendentes à erradicação da endemia tracomatosa.

- 33 — Impõe-se, assim o emprego da **eletro-coagulação** que oferece 95% de cura, dispensa medicação auxiliar, não conhece reinfeção e se aplica de uma só vez.
- 34 — A cirurgia diatérmica pode praticar-se com êxito e segurança, com um **conjunto alimentado à bateria**, tornando-se **móvel e ambulante**.
- 35 — Liberada a fixação e oscilação da energia elétrica local, a diatermo-coagulação poderá beneficiar inúmeros pacientes, empregando-se mesmo na zona rural, em **grande proporção**.
- 36 — Apresenta, entretanto, algumas **de-ventajas** como a necessidade de pessoal técnico muito especializado e a instalação de aparelhos delicados.
- 37 — Outrossim, requer anestésico e se manifesta **vivamente cruento**, gerando uma reação fortíssima nos doentes e tornando-se desaconselhada para crianças de menos de seis anos.
- 38 — Pequeno **defeito estético**, quase inevitável, contribui para se tornar menos aceito este recurso.
- 39 — O empecilho criado para o trabalho, **subtraindo o operado às suas atividades**, não deixa de aumentar o desinterêsse ou oposição com relação à intervenção diatérmica.
- 40 — Porfim, a observação e os curativos durante **cinco dias**, talvez com **hospitalização**, fazem a muitos desistir.
- 41 — Por tudo isto, mister se faz apelar também aqui para o **prestígio da Igreja** e, por meio das UDAS, convocar os doentes para esta "cauterização".
- 42 — Ante a excelência positiva da eletro-coagulação, força é **incorpora-la à campanha** contra o Tracoma, no Cariri, num **tratamento eclético** que associa os agentes terapêuticos da quimioantibioterapia e os agentes físicos da eletro-coagulação.

VIII

- 43 — Muito de desejar é que, ao envés de ressaibos de mal disfarcada animosidade, senão beligerância, encontra a campanha **compreensão e ajuda** da parte dos Médicos e Sanitaristas, trabalhando todos como soldados do mesmo exército.

- 44 — Para tanto, convém confiar, quanto possível, a parte técnica e clínica aos funcionários do DNERu, reservando às UDAS e ao Clero o setor de organização e influência moral.

I X

- 45 — Importantíssimo, conclamar **todos os elementos** valentes e procurar **todos os meios** uteis para movimentar, com eficiência e entusiasmo, a campanha.
- 46 — A **opinião pública** há de ser preparada e trabalhada inteligentemente para tornar simpática esta causa, que tem de conquistar agentes vontadosos e merecer a colaboração de todos.
- 47 — Neste ponto, é insubstituível a ação da **imprensa falada e escrita**, de maneira planificada, persistente e adequada, tal como em favor da educação tem feito a Revista "O Cruzeiro".
- 48 — A par com esse esforço para angariar a simpatia do povo e dirigir a **opinião pública**, há de alimentar-se a preocupação de convocar **militantes**, que possam e queiram dedicar-se a tão nobre causa.
- 49 — Sobretudo, os **líderes naturais** hão de ser conquistados para o movimento, que muito lucrará com o seu trabalho e, talvez mais, com o seu prestígio.
- 50 — Notadamente, as **Autoridades**, os **Professores** e as **Catequistas** poderão constituir esteios para a campanha, evidenciando-se os **Meritores das Escolas Radiofônicas**.
- 51 — Por fim, a alma do movimento será a **chama de um ideal** cristão e patriótico, a perseguir o elevado fim do bem estar **pessoal e coletivo**.
- 52 — O segredo da vitória, portanto, consiste em criar esta **verdadeira mística**.

II — CONCLUSÕES

A Campanha-Piloto de UDAS contra o Tracoma atingiu seguramente o seu objetivo. Pode afirmar-se que o Tracoma está controlado na parte nuclear do ubertoso Vale do Cariri, foco primário, pandêmico e contagiante.

Importa manter este relativo contrôlo, como base para alcançar sua total erradicação, em tôda a Região, o que marcará o primeiro passo decisivo para o combate eficiente a esta endemia no Brasil.

A luta contra o Tracoma no Cariri Cearense, com esta importância nacional, há de travar-se de um modo eclético e centrífugo.

Por isto, ao encerrar-se esta primeira fase da Campanha-Pilôto, lançada pelo DNERu em cooperação com a Diocese do Crato, julgamos procedente e imperioso tirar as seguintes conclusões:

- 1 — O combate ao Tracoma deve prosseguir em todo o Cariri, numa campanha sistemática, metódica e progressiva.
- 2 -- A parte nuclear do Vale, beneficiada pelo tratamento em massa, passaria a receber uma assistência mais técnica, sem desprezar a utilíssima e grandiosa organização de UDAS existente.
- 3 -- O Centro de Pesquisas Oftalmológicas prosseguiria com suas atividades científicas e intensificaria o seu programa de electro-coagulação em larga escala.
- 4 — Sob a orientação do mesmo Centro de Pesquisas, os Postos de Tracoma do Setor Crato seriam devidamente equipados, formando uma vasta rêde de diatermia cirúrgica.
- 5 -- Por fim, a Diocese do Crato, objetivando antes a profilaxia sanitária que a clinica, continuaria emprestando seu apoio ao Governo.

E, enquadrando-se perfeitamente este movimento de combate às endemias dentro do plano de **educação de base**, a Organização das Escolas Radiofônicas ofereceria à campanha contra o Tracoma os bons serviços de suas Escolas.

Assim, entrosando-se com as atividades do DNERu e, provavelmente, com as da ANCAR, cada Escola Radiofônica funcionaria como autêntico Pôsto de Saúde.

CAMPANHA-PILOTO DE UDAS
CONTRA O TRACOMA DO CARIPI CEARENSE

EFICIÊNCIA DA QUIMIOANTIBIOTERAPIA

INQUÉRITOS REALIZADOS NO ANO DE 1957

1

Município do Crato	Dr. Pio Sampaio		
<i>Sítio Lameiro</i>	<i>antes</i>	<i>(tratamento)</i>	<i>após</i>
Habitantes da área	339		339
Pessoas examinadas.	236		152
Tr. I	43		29
Tr. II	12		4
Tr. III	119		38
Tr. III para Tr. IV.	—		27
Tr. IV	18		27
Conjuntivite suspeita.	19		9
Casos normais.	25		18
Índice de tracomatosos.	73,7%		64,4%
Redução média		13%	

2

Município de Barbalha	Dr. Pio Sampaio				
<i>Sítio Santana</i>	<i>(antes de)</i>	<i>1.º trat.</i>	<i>2.º trat.</i>	<i>3.º trat.</i>	<i>após</i>
Habitantes da área	109	109	109	109	109
Pessoas examinadas.	84	69	65	70	70
Tr. I	14	7	7	6	6
Tr. II	6	3	—	—	—
Tr. III	35	22	24	20	20
Tr. III para IV	12	9	10	10	10
Tr. IV	2	—	16	25	25
Conjuntivites suspeitas	8	5	2	2	2
Outras afecções oculares	7	4	2	—	—
Casos normais.	6	6	4	7	7
Índice de tracomatosos	79,7%	65,2%	63,0%	51,4%	

INQUÉRITOS

ZONA RURAL

1

Sítio Bocaina Dr. Fábio Esmeraldo janeiro de 1960

DIAGNÓSTICO		ESTATÍSTICA	
Tr. I	21	Examinados	110
Tr. II	12	Tracomatosos	56
Tr. III	13		
Tr. IV	10		
Conjuntivite aguda	16	Percentual	
Conjuntivite crônica	6	50,9%	

2

Sítio S. Gonçalo Dr. Humberto M. Brito maio de 1960

DIAGNÓSTICO		ESTATÍSTICA	
Tr. I	23	Examinados	107
Tr. II	29	Tracomatosos	59
Tr. III	4		
Tr. IV	3		
Conjuntivite aguda	11		
Conjuntivite crônica	8	Percentual	
Outras afecções	2	53,2%	

3

Sítio P. da Serra Dr. Humberto M. Brito setembro de 1960

DIAGNÓSTICO		ESTATÍSTICA	
Tr. I	20	Examinados	106
Tr. II	8	Tracomatosos	59
Tr. III	9		
Tr. IV	6		
Conjuntivite aguda	9	Percentual	
Conjuntivite crônica	12	45,6%	

ZONA URBANA

1

Caixa D'Agua	Dr. Ebert F. Teles	dezembro de 1960
DIAGNOSTICO	ESTATÍSTICA	
Tr. I	2	Examinados. 31
Tr. II	5	Tracomatosos 11
Tr. III	2	
Tr. IV	2	
Conjuntivite aguda	7	Percentual
Casos normais	15	35.2%

2

Rua dos Cariris	Dr. Ebert F. Teles	dezembro de 1960
DIAGNOSTICO	ESTATÍSTICA	
Tr. I	6	Examinados. 34
Tr. II	1	Tracomatosos 12
Tr. III	3	
Tr. IV	2	
Conjuntivite aguda	7	Percentual
Casos normais	15	35.2%

Quadro Comparativo do Tratamento do Tracoma pela

QUIMIOANTIBIOTERAPIA	ELETRO-COAGULAÇÃO
1 — Curas 40%	95%
2 — Indicações 40%	60%
3 — Reinfecção 60%	0
4 — Tratamento: 30 a 90 dias	15 dias
5 — Primeiros dias: impressão de cura.	Reação palpebral.
6 — Sequelas: lesões atróficas.	Cicatriz plana, flexível e não retrátil, mas com defeito estético às vezes.
7 — Intolerancia dos carenciados, gástricos e hepáticos.	Aversão ao caráter cruento da intervenção.
8 — Sulfa resistência.	Dificuldade na aplicação em menores de 6 anos.

Trabalho elaborado segundo observações do CENTRO DE PESQUISAS OFTALMOLÓGICAS MÁRIO PINOTTI, do Crato, no Estado do Ceará e baseado no Plano Gradativo de Profilaxia do Tracoma do Cariri, publicado pelo Dr. Herminio de Brito Conde, e no Comentário do Dr. Humberto Macário de Brito, do mesmo Centro de Pesquisas.

CAMPANHA - PILOTO DE UDAS
CONTRA O TRACOMA DO CARIRI CEARENSE

Comentário acerca da Campanha de UDAS do
Dr. Humberto Macário de Brito

Do Centro de Pesquisas Oftalmológicas
Mário Pinotti

a) — Observações sobre a electrocoagulação :

Vantagens : Dose única

Não reinfecção

Cura de 95%

Não requer medicação auxiliar

Permite avanço progressivo

Não há contra-indicação

Desvantagens :

Método cruento, de difícil aceitação

Requer anestésico

Exige pessoal muito especializado — médicos e enfermeiras

Necessidade de veículos, pois não há medicação distribuível através de agentes voluntários

Aparelhos à bateria

Defeito estético, ainda que leve, tornando mais difícil aceitação

Retirar o doente, o homem do campo, do trabalho

Hospitalização, embora rara, muito rara

Observação de cinco dias, com curativos

b) — Conclusões :

- 1 -- No estado atual da campanha, quando a percentagem do tracoma terá baixado consideravelmente, não sendo mais aconselhável a distribuição indiscriminada de sulfa, a eletro-coagulação se apresenta como o mais eficiente método de tratamento do tracoma, pelas seguintes razões: é dada em dose única; elevada percentagem de cura; pelo fracasso do uso da sulfa e seu desvio; por ser mais eficiente, resultará, sem dúvida, mais barato; considerando o estado atual da endemia.

2 — De referência ao tratamento: é forçoso admitir que o percentual baixou muito. Contudo, é preciso estar atento para a melhora que sobreveem ao uso da sulfa, seguindo-se natural descaso, por parte do paciente, em continuar o tratamento, caso em que êle ainda é contacto. A baixa do percentual exige campanha complementar de caráter mais técnico, não se justificando mais o raciocínio de que o gasto indevido com a sulfa será inferior à despêsa com médicos.

3 — De referência à profilaxia: Aqui reside o maior mérito da campanha, sobretudo pelo combate à conjuntivite catarral tão comum em nosso meio, predispõdo ao tracoma. Ao lado do uso de antibióticos sob a forma de pomada, e, muito secundariamente, pela sulfa, conta-se a campanha sanitária que se desenvolveu, com inestimável efeito.

Desde que o tratamento pela sulfa dá reinfeção, estamos diante da necessidade de manter o estado de melhora do povo com a distribuição continuada de antibióticos e de sulfas, **fato que põe em relêvo o tratamento pela eletro-coagulação.**

Conclui-se, pois, que o uso da sulfa seria indefinido e que há de ser mantido, daqui por diante, como auxiliar na campanha, que se faz mister, pela eletro-coagulação, até que se venha a erradicar a endemia.

c) — Sugestões:

Postos de assistência na zona rural, em colaboração com a ANCAR.

Campanha sanitária, partindo destes postos.

Formação de enfermeiras visitadoras, para utilização na campanha sanitária e na eletro-coagulação.

Serviço médico independente, para que possa ser responsabilizado.

Planejamento.

Central burocrática.

Coordenação superior do Sr. Bispo ou pessoa designada para êsse fim.

Manter a distribuição de pomadas anti-bióticas, principalmente no tempo chuvoso, e também de sulfa — tudo como auxiliar da campanha pela **ELETRO-COAGULAÇÃO**, cujas vantagens não contam quando se atenta para o seu alto índice de cura.

CAMPANHA - PILOTO DE UDAS CONTRA O TRACOMA DO CARIPI CEARENSE

DIFICULDADES

Do Relatório de 1957 apresentado pelo Pe. Rubens G. Lóssio

As dificuldades de uma tarefa ingente assim que urgente, qual a do combate ao Tracoma, não são poucas nem pequenas. Múltiplas e complexas, como em tôda cruzada difícil.

Obstáculos existem impostos pelo **meio** e pelas coisas. As grandes distâncias, a dificuldade de transporte ou comunicação, na zona rural; e na zona urbana, a multiplicidade de casas e pessoas; a pouca cultura ou boa vontade de muitos, tudo embaraça a organização do serviço, à base de uma cooperação de elementos da própria região.

Outras barreiras surgem da parte das próprias **reservas orgânicas**, de que nossa gente é tão carecida, o organismo não suporta ou não ajuda a medicação. Entre nós foi por demais benéfica a distribuição de sulfato ferroso e vermífugos.

Dos mais fortes empecilhos, entretanto, são os que vêm da falta de formação do nosso homem. Da sua **inteligência**, nasce o entrave posto pela ignorância e pelo preconceito: sob essas azas negras, ou não se dá importância ao combate à endemia ou se faz propaganda contra o tratamento. Só muito a custo se vence a indiferença de muitos e o preconceito de alguns. Aliás, a pouca compreensão assiste até aos cidadãos, de sorte que uma das causas mais preponderantes do menor êxito da campanha se situa precisamente na ausência dos que se negam ao exame do Agente e até do Médico ou se descuidam de tomar a medicação. Isto tem criado uma situação embaraçosa: ou supor que os ausentes são tracomatosos, provocando um prejuízo de medicamentos, pois de fato nem todos o são ou poupar os remédios, privando a muitos do efeito da campanha.

Da **vontade** mal formada do nosso homem, provém igualmente óbices notáveis. Basta lembrar esta inconstância em prosseguir no tratamento, com regularidade. Levado pelo comodismo, dificilmente há de conformar-se alguém com a disciplina do tratamento, em série, com horários. Assim como de qualquer pretexto se vale para suspender ou desaconselhar a medicação.

Ajunte-se a isto a natural **dificuldade da campanha** contra o tracoma, que não se debela com aplicação de uma droga específica, capaz de curar, tal qual acontece com a Malária, prontamente vencida com uma única aplicação de Aralen. A persistência exigida pelo combate ao tracoma acarreta uma inevitável dificuldade, pois é custoso perseverar num tratamento regular, em meio às múltiplas ocupações. É a própria reação, vez por outra despertada pela sulfá, sem falar no pequeno incômodo do colírio tudo concorre para desestimular o doente inconstante. Sobretudo, levando-se em consideração que o tracoma facilmente perde os sintomas dolorosos, deixando a impressão de cura.

Por tudo isto, hemos de acordar que é árdua a campanha contra o tracomatoso. E quando sabemos do decepcionante resultado do combate a esta endemia ocular, promovido com a técnica e a tática americanas, em terras do Egito, não seremos nós que acenaremos com o lenço da vitória, ao passe de uma varinha de condão. Ufanamo-nos, com justiça, dos loiros conquistados, mas reconhecemos que muito resta a fazer. Mesmo que a organização do nosso serviço operasse com perfeição e fizesse chegar o medicamento a cada um dos nossos irmãos do Cariri, ainda restaria duvidosa a nossa campanha, porque o êxito do tratamento vai depender, definitivamente, da constância com que o doente faça atuar o medicamento.

A nossa glória reside na imensa bôa vontade, com que nos puzemos a serviço do próximo, numa causa que é da Igreja e da Pátria.

A Diocese do Crato se dedicou a êsse trabalho afanoso, com o objetivo de oferecer ao Brasil e à Igreja, experiências diversas que inspirem e estimulem, oportunamente, outras campanhas salutareas. A **campanha-pilôto** não terminou. Continuará ainda, com o orvalho do nosso suor. Mas, se fôra lícito sorrir com as lágrimas cristalizadas em pérolas, os que fazemos as UDAS agora colheríamos risos à mancheia, como quem apañhasse estrêlas na amplidão do céu. Sim, porque não seria mister de retórica nem de imagens bonitas nem de tropos de linguagem, para fazer o elogio do serviço. Bastaria descrever a epopéia silenciosa do trabalho que houve de fazer-se, em meses seguidos, pelos Vigários, na Cidade, nos sítios, nas Capelas; o trabalho dos médicos assistentes na zona urbana e rural; o trabalho dos Agentes abnegados em todos os recantos, a percorrer longos e penosos caminhos, a sofrer incompreensões e

canseiras; o trabalho dos auxiliares na organização e no controle; o trabalho de levantamento embaraçado pela quantidade e pela distância; trabalho de organização, de transporte e fichário, de estatística; bastaria descrever este acervo de trabalho, para consagrar a todos estes "homens da campanha" em autênticos beneméritos da Pátria. Mais que a sonoridade das palavras, porém, clame a realidade dos fatos. E o silêncio guarde o segredo de tantos sacrifícios e lutas, que são envolvidos pelo sudário da Caridade evangélica e pelo calor do Pavilhão Nacional, em cujo nome fomos convocados para esta cruzada benéfica. Onde não reluz o brilho da prata, mas seduz a beleza do Ideal, compensa o olhar oniciente do Senhor. Todo esse sacrifício e esse trabalho todo, receba-o a Pátria e Deus o recompense.

A coroa que nos cinge a fronte é marchetada pelas pérolas dos esforços quase heróicos de toda esta falange destemida de batalhadores, a bem de um Brasil melhor, para que, sob as bênçãos de Deus, se torne um Brasil maior.

CONCLUSÕES

Do Relatório de 1957 apresentado pelo Pe. Rubens G. Lóssio

À luz do que ficou expendido, algumas conclusões podem se tirar. Longe de pretender antecipar-nos ao juízo dos especialistas ou de estabelecermos confronto com a campanha efetuada de outra maneira, permitindo-nos de emitir alguns pareceres.

1 — Nas condições de obscurantismo e pobreza, em que se asfixia a maior parte de nossa população, a campanha contra o tracoma, com um tratamento em massa, há de ser precedido de uma **fase preliminar** que realize, com eficiência :

a) — primeiro, uma profusa **distribuição de preparados** à base de ferro em pó e de polivitaminas, capaz de modificar o estado de carência do povo, restaurando-lhe as reservas orgânicas;

b) — segundo, uma eficiente e penetrante campanha de **educação sanitária**, que reforme a mentalidade do povo, espandendo as nuvens dos preconceitos e despertando o interesse pela saúde, num clima de higiene e bem estar, tanto pessoal como da comunidade.

Ora, ninguém tem mais autoridade nem melhores oportunidades para esclarecer e instruir a nossa gente, que o Vigário, revestido do seu caráter sagrado de condutor de um rebanho no meio do qual está continuamente. O púlpito e o confessional, os encontros na Séde e nas Capelas rurais, são armas maravilhosas terçadas pelo Padre.

- 2 — Durante o tratamento, hão de conjugar-se os esforços de todos, afim de que aumente a **aceitação** e se conserve a **regularidade**. A propaganda da campanha e a constância na medicação só se obtém, com a cooperação de tôdas as forças valiosas do lugar. Ora, junto do povo simples sobretudo, ninguém desfruta de tamanho prestígio, quanto o Vigário que pode pessoalmente concitar as famílias, como, melhor que outros, logra coordenar os esforços dos demais colaboradores. A seleção de Agentes voluntários procede-se mais facilmente, sob a convocação da Igreja, por isto que à voz da Pátria que conclama, ela associa a voz de Deus que reclama o amor do próximo.
- 3 — Pode apelar-se para o prestígio moral da Igreja, em qualquer modalidade de campanha, mas só ELA é capaz de organizar, em grandes proporções e melhores condições, uma campanha em massa, com voluntários não gratificados.
- 4 — A campanha de UDAS, sob o comando da Paróquia, dá resultados evidentes. Seja na fase preliminar, seja na de tratamento, muito vale a autoridade do Vigário e a influência do Agente, selecionado dentre as pessoas de responsabilidade e ascendência no seu meio. O exemplo do Agente, por onde se inicia o serviço, impressiona e arrasta. Contra êle, realmente, não milita o preconceito nem a indisposição, com que não raro, infelizmente são tratados os funcionários públicos.
- 5 — Evidentemente, não se exigirá de uma campanha de UDAS, com Agentes voluntários dos mais desencontrados níveis de cultura, uma organização de burocracia semelhante a de um posto do DNERu, onde existem profissionais remunerados para escriturar as informações e o andamento da campanha. Nem seria justo condenar um Agente, que atraze a prestação de contas, quando êle vive assoberbado com seus negócios

particulares e entravado por mil dificuldades. Natural é aguardar as oportunidades, para que tudo se faça menos incomodamente.

- 6 — A campanha em massa, num quadro de UDAS, representa uma grande economia para o Governo. Poderia parecer excessiva a distribuição de medicamentos, feita pelas mãos dos Agentes. Contudo, dificilmente, o possível excesso atingiria o montante dos numerários de Médicos, Sanitaristas e Guardas, todos com a sobrecarga repetida das diárias e transportes. Aliás, esta foi a conclusão tirada pelo próprio Chefe de equipe de instalação da campanha. Acompanhando a marcha do serviço, verificou o Dr. Henrique Vellozo que a quantidade de medicamentos que seriam poupados pelo Médico Sanitarista era inexpressiva com relação as despesas de sua presença junto às UDAS.
- 7 — A campanha de UDAS, controlada pela Igreja, oferece melhores condições de êxito para o tratamento em massa, por quanto pode fazer o medicamento chegar até o maior número de doentes e, sobretudo, mais seguramente consegue que o doente use convenientemente a medicação.
- 8 — Por fim, a campanha de UDAS contra o tracoma, no Cariri, se tem afirmado, vitoriosa, não apenas pela mole considerável de serviços empreendidos senão também pela confortadora realidade de frutos colhidos.

Para glória do Dr. Mário Pinotti, cujo nome se projeta como o de um dos mais celebrados sanitaristas do mundo; para o conforto do Sr. Dom Francisco de Assis Pires, cuja Diocese apresenta expressivas experiências para a colaboração da Igreja com o Governo, em ajuda do povo; para troféu dos Srs. D. João Muniz e D. Vicente de Araujo Matos, cujo entusiasmo e orientação se compensa de êxito; para gáudio do nosso e bem estar dos nossos — eis que a DIOCESE DO CRATO sai ufanosa de uma campanha afanosa.

Crato, 31 de dezembro de 1957

HONRA AO MÉRITO

Do Relatório de 1959 apresentado pelo Pe. Rubens G. Lóssio

A campanha contra o tracoma, no Cariri, Estado do Ceará, reafirma-se, assim, mais uma vez vitoriosa pela mobilização de muitas forças e pela canalização de muitas energias, em múltiplas atividades.

Quais novos cegadores bíblicos, podem agora os delicados e altruísticos Agentes Voluntários carregar com os braços cheios de frutos sazonados, portanto os seus manípulos de glória imarcescível e de incontida alegria. Sim, porque a estes heróis anônimos, escondidos por entre a azáfama de seus trabalhos comuns, a estes abnegados soldados da Pátria e da Igreja, deve-se todo portento desta jornada samaritana. Em horas de lazer e com sacrifício de seu tempo e comodidade, percorrendo todos os impérvios caminhos de nossa terra, foram eles os que realizaram este serviço admirável, qual o de uma colmeia, onde no silêncio e na obscuridade se preparam os favos deliciosos de mel. Bem aventurados os passos dos que evangelizam o bem, canta a Bíblia Sagrada, e, na verdade, muita ventura trouxeram estas caminhadas salutareas que, a cobrir os rastros dos Agentes, faziam caminhar os medicamentos de casa em casa, à procura de cada doente.

O poema de luz e de cruz, escrito pelas UDAS, ninguém será capaz de descrever; porém, a sua beleza pode ser decantada de muitas maneiras, seja no obséquio de nossa admiração ou no preito de nosso reconhecimento, seja no hino de gratidão que a Pátria canta ou no dilúvio de bênçãos que Deus multiplica. Até a voz das coisas fala, em panegírico a tantos trabalhadores, e, para quem saiba ler a linguagem secreta dos fatos, o próprio colosso desta obra ciclópica da Casa de Caridade vibra, entre as muitas vozes de sua orquestração, uma nota marcante de exaltação. Sim, porque, o retumbante êxito das UDAS, na campanha sanitarista foi o que abriu o coração do Dr. Mário Pinotti que, num largo sorriso de estímulo deu a mão ao dinâmico Bispo Auxiliar do Crato. Incontestavelmente, o trabalho anônimo das UDAS entregou as chaves do reino ao Sr. Dom Vicente Matos, e, desde então, sopraram os ventos da sorte e nunca mais deixaram de chover as graças do Governo.

VICE-GOVERNADOR WILSON GONÇALVES

Como medida de reconhecimento pelo muito que tem contribuído em prol do Instituto Cultural do Cariri, o Exmo. Snr. Vice-Governador Wilson Gonçalves, foi eleito SÓCIO BENFEITOR, por unanimidade de votos. Desde os primeiros dias desta entidade cultural, que o ilustre político conterrâneo dá-lhe o mais decidido apoio. As mais recentes subvenções do Estado foram recebidas, graças aos seus esforços e sem a sua valiosa cooperação, não teríamos realizado o Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense.

Germinou, assim, a semente plantada neste chão sagrado e abençoado pela virtude do Pe. Ibiapina e Mons. Soter e orvalhado pelas lágrimas de tantas Beatas e orfãosinhos. E, qual pequenina Brasília construída no coração do Cariri, sai das mãos de D. Vicente para os vãos da imortalidade esta obra portentosa, ora coroada pela pedra preciosa que é a Rádio Educadora. Pelas ondas hertzianas, se difundirá a partir daqui a mensagem da ciência e da arte, da fé e do patriotismo. E de todos os recantos, a nossa gente recolherá estas mensagens como bênçãos salutares. Ao menos esta recompensa as Paróquias verão, satisfeitas, chegar ao coração dos seus Agentes e dos seus paroquianos. Envolto pelas dobras diáfanas desta cortina sonora, que, se vai adelgaçando e distendendo por toda parte, seremos todos felizes de, ao ritmo do mesmo hino de amor desinteressado, continuar a servir a Deus e a Pátria.

Ainda uma vez, rebrilha no firmamento da Diocese a luz rutilante que se irradia do significativo lema do nosso venerando Pastor: non ministrari, sed ministrare. E com este veterano destemido de nossas lutas, com este Vigia indormido de nossas almas, apraz-nos, ao arrematar esta exposição, repartir os loiros desta vitória comum. Pois, na verdade, permitam-me a adaptação: esta árvore soberba e frondosa que nos alberga, D. Vicente a plantou com o seu idealismo afoito, Dr. Mário Pinotti a regou com seus recursos substanciais, mas quem deu incremento, com suas fervorosas orações, foi D. Francisco de Assis Pires.

Gleba Alcantilada

José de Moraes Holanda

No crisol da manhã, para o levante,
Quando a luz carrega e trama o dia
Pela imensa rota do mundo em massa,
A Natureza desperta e regurgitante
De vida e seiva se inflama e traça
Eclosões de esplendor e policromia
Por todo o extenso vale verdejante

Qual fôra um sonho que nos inebria
Numa hiléia de grandeza aureolante,
A cidade em etéreo manto se enlaça
Na iridescente aurora deslumbrante,
Tal alcatéia de sol que tudo cassa
Em ósculos de paz, amor e bizarria
Pelo Universo feérico e fulgurante.

Radiosa e rica, alcandorada e tela,
Vestida de noiva ondínica e orlada
Crato o seu fulgor mais nos revela
Quando, empós a tarde ali debruada,
O crepe da noite no céu se pincela
Entre matizes da terra alcantilada
Que o carro do sol no ocaso atrela.

Do cântico das aves à brisa ilante,
Na magnitude da imponente serrania,
Desde o arrebol à noite murmurante,
Eólias harpas a envolve em melodia
Num hino de glória sutil, ilibante,
Que se evolva e canta sua hegemonia,
Todo um passado heróico, edificante.

Crato, 25/12/61.

Uma Revolução no Ensino Universitário

Joaquim Pimenta

A minha longa experiência na cátedra de professor de Direito, adquirida em três Universidades (do Recife, do Brasil e do Estado da Guanabara) me tem feito adotar o que chamarei de *método de vinculação*, consistindo este em dar ao aluno, na medida das minhas forças, uma visão da realidade humana e social, nela integrando os princípios básicos em que assenta o conhecimento do direito e de suas ramificações institucionais.

O que me induziu a seguir este método é que o advogado e o juiz, como o engenheiro e o médico, ou o diplomado em qualquer curso técnico ou científico, longe ou em vez de fechar-se na área deontológica da sua profissão, é parte integrante de uma comunidade humana, a cujas necessidades e problemas não podem permanecer estranhos.

Este modo de ver e de agir no ensino da ciência jurídica alcança toda a sua amplitude com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Ceará, com o objetivo de, «no conjunto das unidades universitárias, conciliar o imperativo das especializações com a visão universalista e humana dos problemas; problemas que tanto podem ser de cada uma ou de todas, como se articularem ou se confundirem com o meio social ambiente, regional ou nacional, serão com o destino de um mundo que marcha suprimindo fronteiras de raça, de religião, de privilégios ou de antagonismos de classe.

Visa a nova Faculdade a:

I — Funcionar como escola básica de toda a Universidade do Ceará, juntamente com os Institutos de Ciências, destinada a ministrar o ensino fundamental dos cursos de formação da própria Faculdade e das demais unidades de educação profissional da Universidade;

II — Formar trabalhadores in-

telectuais destinados às atividades desinteressadas da cultura e às funções técnicas relacionadas com o desenvolvimento da região, assim como ao magistério, orientação e administração de escolas e sistemas escolares;

III — Realizar investigações e criações que enriqueçam o acervo de conhecimentos e técnicas nos setores por ela abrangidos;

IV — Irradiar a sua ação e setores cada vez mais amplos das populações do Ceará e do Nordeste, de modo a contribuir para a solução dos seus problemas de vida e de trabalho e elevar-lhe o nível cultural”.

Trata-se, como se vê, de um plano revolucionário e grandioso, já incorporado à administração, realmente notável do Reitor Antonio Martins Filho, sobre quem ouvi, há dias, de seu colega da Universidade de Brasília, professor Darcy Ribeiro, alto conceito sobre a maneira como vem orientando e conduzindo a Universidade do Ceará. A Faculdade de Filosofia manterá os seguintes cursos, de Preparação Formação, Pós-graduação, Livres e de Extensão; prevalecendo sempre na estrutura do plano, o seu tríplice aspecto-filosófico, científico e humanístico.

Não sendo possível entrar em detalhes e para se ter uma idéia da magnitude do programa de ensino, basta referir, em linhas gerais, a parte sobre as disciplinas que devem constituir o curso de filosofia: não versa este unicamente sobre a estudo da Metafísica, utilizado o nome desta, ao que parece, para designar o conjunto de teorias ou de sistemas que procuram explicar a origem do Universo; o curso só entra e se distende pelos domínios da Lógica e da Gnoseologia

(teoria do Conhecimento) da Psicologia e da Sociologia, da Ética e da Estética, tudo isto convergindo para uma visão ou concepção generalizada do mundo, do homem, da sociedade que se torne em *conhecimento propedeutico* ou comum a toda cultura de cunho universitário.

Ainda em relação ao curso de filosofia, resta considerar o critério de seleção do seu professorado, por concurso ou por contrato, no primeiro caso, previsto ou com apoio em provas de habilitação dos candidatos; no segundo caso, ter-se-á em vista o saber notório do docente, exigência que, estou certo dela jamais prescindirá o Reitor Antônio Martins Filho precavido e escrupuloso, como é para evitar que o favoritismo que tem ocorrido em outras Universidades do País, abra caminho a professores improvisados ou com leitura de véspera sobre a matéria de cada ponto ou lição.

O Ceará dispõe, dentro e fóra do Estado, de conterrâneos que podem prestar serviços inestimáveis à nova Escola, entre os quais, aqui no Rio, se destacam três nomes ilustres no magistério: Djacir Menezes, Alcântara Nogueira e Xavier Telles; cada qual com um nível de cultura e indiscutível capacidade pedagógica, que dispensam qualquer referência.

A Música de Mestre Belinho

À Banda de Música Municipal
de Crato - Bi-Campeã em 1961

Paulo Elpídio Menezes

Aí pelos anos de 1893 ou 1894, (de memória não posso precisar bem a data) inesperadamente, chega ao Crato, uma Companhia de operêtas.

Segundo corria, ela havia desembarcado em Aracati, demorando alguns dias em Icó, onde não encontrou elemento musical com que pudesse representar. Tratava-se de um elenco de artistas líricos, espanhóis: Gil, diretor, baritono; Perales, tenor; Rosália, soprano. Dessas principais figuras, guardei os primeiros nomes. Ao tempo, o Crato possuía duas bandas de música — a de *seu* Muritiba e a de *mestre* Belinho. A primeira fraca, com uns seis ou oito músicos: a família; a segunda, composta de vinte ou trinta, quase todos capazes de executar a parte, DE PRIMEIRA VISTA. A peça de

estréia foi LA MASCOTTE. Em seguida TIMTIM - POR - TIMTIM, SINOS DE CORNEVILLE e MILAGRES DE SÃO BENEDITO. Dramas: Paixão de Cristo, Morgadinha de Val-Flôr, e mais alguns de que não me lembro. A banda regida por mestre Belinho foi a preferida. E nem poderia deixar de assim acontecer. Porque dela faziam parte: João Guêdes trombone, (de vara) exímio executor dêsse instrumento, imprescindível nas orquestras; José Ribeiro (chamavam-no José Baiêté), piston, dos melhores que tenho conhecido; José Lopes, clarinête, brando como uma flauta (o clarinête é classificado como o REI DOS INSTRUMENTOS DE SÓPRO); Abel Arnaud, flautim admirável. Finalmente, baixos, baritonos, trompas, e demais instrumentos

NOTICIA LOCAL

que copunham a bem organizada MÚSICA DE MESTRE BELINHO. De modo que, logo no primeiro ensaio de LA MAS-COTTE, o diretor da Companhia, que era o BARITONO (voz) satisfiz-se da precisão com que foram executadas tôdas as partes, distribuidas entre os músicos de uma cidade tão distante dos centros cultores da arte de Carlos Gomes, Giuseppi Verdi, Caetano Donizetti e outros gênios da Música. Para representação dos dramas, o Crato ofereceu, aos líricos espanhóis, amadores à altura do que foi necessário ao êxito desejado. Aproximava-se, no entanto, o auge do despotismo da politica aterradoradora do intendente José Belém de Figueirêdo (Ver - Paulo Elpidio de Menezes — O CRATO DE MEU TEMPO—páginas 69 usque 81). À custa dos impostos, pagos pelos munícipes, funda SEU BELÉM, uma banda de música, entregando a sua direção a João Alves, um dos quatro filhos do alfaiate José Raimundo Alves, que integravam a música de mestre Belinho.

Os convites ameaçadores, feitos pelos esbirros do RÉGULO LOCAL, aos músicos de mestre Belinho, desfalcaram a BANDA por êste dirigida, de modo lamentável. O último, dos poucos que ficaram fiéis ao seu Mestre, foi o piston José Ribe-

Dous homens distintos por suas nobres qualidades, os Srs. Coronel Manoel de Barros Cavalcante e Tenente Coronel José Victoriano Maciel, acham-se bastante enfermos.

Fazemos votos pela saude desses dous benemeritos cidadãos, nomes historicos desta Comarca.

Transcrito de "O ARARIPE"
N. 113. de 10/10/1857

ro, mais conhecido por José Baieté. Mas teve que se mudar para Lavras, com o fim de escapar às perseguições, contra êle movidas...

Os do SEU MURITIBA foram fazer parte da banda municipal. E assim terminou, se desfez, uma das melhores bandas de música que o Crato possuía, até aquela data. Verdadeiros maestros, executores e compositores, dali saíram. Basta citar Pedro Feitosa (Pedro de Cotó), para não ser admitida nenhuma dúvida, sobre a verdade aqui afirmada, de que os filhos da EX-COLONIA DO SACRAMENTO, são dotados de bastante inteligência, não somente para a música; também o são para as outras artes.

A HISTÓRIA DO PADRE CÍCERO

OTACILIO ANSELMO

CAPÍTULO II

Nascimento e ascendência

CÍCERO Romão Batista nasceu na antiga Vila Real do Crato, Província do Ceará, no dia 23 de março de 1844. (1)

Os seus apologistas aludem ao acontecimento com abundância de prenúncios extraordinários. Um dêles, Tristão Romero, depois de referir-se a *um menino diferente dos outros, que traz no semblante a auréola da santidade, que é decerto um enviado de Jesus para aplacar a cólera de Seu Pai, contra as criaturas*, que, afinal, é *um santo descido do céu para nos salvar*, esboça o evento com esta tirada lírica :

“O dia estava claro, o céu coberto de luz, a natureza em festa, tudo a indicar que algo de extraordinário e grandioso acabava de ocorrer em Crato, naquela data, consagrando-a à imortalidade como uma das mais auspiciosas da História do Ceará.” (2)

Nenhum desses indícios maravilhosos, porém, correspondem à realidade, a começar pela *natureza em festa*, pois, como é sabido, 1844 foi um ano de terrível sêca no

Ceará, a qual se estendeu ao ano seguinte, detalhe esquecido ou ignorado pelo imaginoso cronista. (3)

Com relação ao local do nascimento, teve curso uma versão segundo a qual teria sido uma casa que corresponde ao atual número 19 da Rua Dr. Miguel Lima Verde, outrora Rua Grande, que pertencia a Totônio Romão, tio paterno do recém-nascido. Referida versão, na qual se apoiam os biógrafos do Padre Cícero, surgiu da bôca de Maria Teresa de Jesus, por alcunha Terezinha do Padre, ex-escrava do famoso clérigo, ao qual sobreviveu. (4)

A verdade histórica, entretanto, está numa tradição nascida do testemunho pessoal da mulher que amparou o menino Cícero ao nascer, cuja palavra autorizada ainda hoje é confirmada pelos seus contemporâneos, pessoas sôbre as quais não pode pairar a mais leve suspeita de leviandade.

Da tradição em tela, insofismável, real, fez-se porta-voz o Cônego Climério Correia de Macedo, hoje nonagenário, mas em plena lucidez de espírito.

Com efeito, em 1956, palestrando com o Pe. Antônio Gomes de Araújo, declarou aquele sacerdote que o Padre Cícero nasceu sob

o tecto duma casa em cujo chão se ergue actualmente o Palácio Episcopal do Crato. A mencionada casa, que tinha uma porta e três janelas de frente, foi adquirida, por volta de 1870, pelo Major João BISPO Xavier Sobreira. (5) Com a morte do proprietário, a casa passou ao domínio da viuva, a qual, falecida, deixou-a aos herdeiros, que a venderam à Diocese do Crato, ao tempo de Dom Quintino.

Corroborando suas próprias declarações, esclareceu ainda o illustre informante que sua tia paterna Missias Correia de Macedo ouviu o primeiro vagido do Padre Cícero, cujo cordão umbelical foi por ela seccionado. (6)

* * *

Alvo, cabelos louros, olhos azuis e fisicamente perfeito: eis os principais sinais característicos que demonstram a boa ascendência do menino Cícero. Evidentemente, êle trouxera nas veias o sinêto de ancestrais illustres, cujos nomes povoam a crônica histórica do Cariri, desde a sua colonização. Descendia das famílias OLIVEIRA, PEREIRA LIMA, BATISTA, MELO, BEZERRA DE MENEZES e CASTÃO, as três primeiras, do lado paterno, e as restantes, por parte de sua mãe.

Era filho legítimo de Joaquim Romão Batista Mirabô, (7) modesto comerciante e pequeno pro-

prietário, e Joaquina Ferreira Castão, (8) mais conhecida por Dona Quinô.

O seu pai nascera do Capitão Romão José Batista, latifundiário cratense, nascido em 1780 e falecido a 19 de outubro de 1854, e de sua espôsa Angélica Romana Batista, natural de Milagres. Dêste consórcio nasceram mais dois filhos, ambos varões: José Romão de Noronha e Manuel Romão Rodolfo, casados, respectivamente, com Josefina Leopoldo Maia e Maria Florinda de Alencar. Falecida esta, Manuel desposou Maria da Costa Romana, nascida em 1827 e falecida a 27-7-1888 (inscrição na lousa funerária de sua sepultura, na capela do cemitério do Crato).

Êste progenitor do Padre Cícero comandou o Corpo de Cavalaria do Exército Libertador que, sob a chefia suprema de Pereira Filgueira, consolidou a Independência nas Províncias do Ceará, Piauí e Maranhão. Fez tôda a campanha no pôsto de sargento-mor, e o seu nome figura no documento da rendição de Caxias, proposta pelo Tenente-Coronel Luís Manuel de Mesquita, substituto de Fidié no comando daquela praça.

O pai dêste expedicionário histórico era o Tenente-Coronel Antônio José Batista e Melo, português, grande proprietário em Crato, advogado e Diretor dos Índios

no Cariri Novo. Era casado com a cratense Francisca Pereira de Oliveira, filha do português e grande latifundiário José Pereira Lima Aço, residente no Sítio Ponta da Serra, tronco dos Ferreira Lima e Lima Verde, do Cariri, casado em 1702 com a sergipana Apolônia Correia de Oliveira, de cujo matrimônio, entre outros vultos ilustres, proveio AGAMENON de Godói MAGALHÃES, ex-Ministro do Trabalho e ex-Governador de Pernambuco.

Notável na luta que manteve contra Manuel Ferreira Ferro, membro da poderosa família Alves Feitosa, dos Inhamuns cearenses, José Pereira Lima ajuntou *Aço* ao sobrenome, em alusão ao *Ferro* do seu valente adversário. (9)

Apolônia era filha do casal Antônio de Oliveira e Isabel de Oliveira; êle, português, e ela natural de Sergipe.

Dona Quinô, a mãe do Padre Cicero, era uma das sete filhas (10) do baiano José Ferreira Castão, filho de Manuel Ferreira Castão e Antônia Maria de Sousa, (11) baianos imigrados no Crato, e de sua mulher Vicência Gomes Castão, cratense, que nascera do Capitão José Gomes de Melo, natural de Crato, proprietário do Sítio Fernando e casado com Ana Farias, nascida em Arneiroz. (12)

O Pai de Dona Quinô era ir-

mão germano de Januário Ferreira Castão, casado com Maria Januária Maciel, filha do Capitão José Vitoriano Maciel, falecido em 1836, espôso da cratense Germana Maria Gonçalves, de cuja união nasceu apenas outro filho: Coronel José Vitoriano Maciel, o já citado almoz de Pinto Madeira.

O genitor do bisavô materno do Padre Cicero era o Capitão Francisco Gomes de Melo, nascido nos Inhamuns e radicado em Crato, onde faleceu a 4 de agosto de 1807, com 84 anos de idade.

Em 21 de junho de 1764, data da inauguração da Vila de Crato, foi eleito Vereador e Juiz Ordinário, função equivalente à de executivo municipal. Foi grande proprietário e senhoreou, entre outros, os sítios Fernando (citado), Miranda e Francisco Gomes, todos encravados naquele Município. Era casado com Ana Maria Bezerra, cratense, filha do Capitão João Carneiro de Moraes, pernambucano, e de sua mulher Petronília Bezerra, (13) também nascida em Pernambuco, neta paterna do Sargento-Mor Antônio Carneiro e de sua espôsa Maria Carneiro, e neta materna do Coronel João Bezerra de Menezes, casado com Maria Gomes, naturais de Pernambuco.

Por fim, como ocorreu com os ancestrais paternos do Padre Ci-

cerco, a pesquisa genealógica procedida pelo historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo, deteve-se nos tetra-vós maternos do sacerdote, que foram o Alferes Simão Cabral de Melo, pernambucano, fazendeiro nos Inhamuns e sitiante na então Missão do Miranda, na primeira metade do século XVIII, e sua mulher Margarida Mendes de Oliveira, também oriunda de Pernambuco. (14)

N O T A S

(1) — Uma das preocupações dos primeiros biógrafos do Padre Cícero foi apontar o dia 24 de março como data de seu nascimento, versão errônea que se generalizou até entre historiadores imparciais. Honestamente, não podemos afirmar a quem cabe a responsabilidade dêste pulo de 24 horas sobre a data natalícia do sacerdote. Êste salto, embora sem significação aparente, teve um alto objetivo, qual seja o de vincular o nascimento do Padre Cícero ao dia 25 de março, que é consagrado pela Igreja à Anunciação de Nossa Senhora.

O próprio crérigo, em carta enviada de Roma para sua velha mãe, datada de 24 de março de 1898, evoca a falsa prerrogativa :

"... Hoje que faço 54 anos e véspera da Anunciação da Mãe de Deus, ..."

Admitindo-se que a idéia dessa transposição de data tenha partido do sacerdote, a fraude se ajusta à vaidade doentia de que êle foi portador, devendo-se juntá-la às lendas por êle mesmo criadas, como se verá no curso de sua história. Por outro lado, a burla teria sido uma das primeiras manifestações da paranóia que lhe atribuiu o Dr. Fernandes Távora ("O Padre Cícero", in "Revista do Instituto do Ceará", tomo LVII, 1943, págs. 268/281), da qual o exclui o Professor Lourenço Filho ("Juazeiro do Padre Cícero", 3a. edição, Edições Melhoramentos, São Paulo, pág. 67).

Seja como for, 24 de março é um dos tabus engendrados no Juazeiro do Norte para endeusar o homem comum que foi o Padre Cícero Romão, cujo nascimento, queiram ou não os seus incensadores, ocorreu no dia 23 de março, conforme prova o documento anexo ao texto.

(2)—Tristão Romero (citado), op. cit., págs. 13 e 14. Ocultando-se sob tal pseudônimo, Francisco de Assis Leite escreveu e publicou o mencionado folheto, cujo lançamento constituiu verdadeiro sucesso nas feiras do Nordeste.

(3)—O biênio 1844/1845 figura no quadro das sêcas totais do século XIX, organizado segundo os trabalhos de Fernando Gama, Senador Pompeu de Sousa Brasil, José Américo de Almeida, Teófilo

e Felipe Guerra, Professor João de Deus de Oliveira Dias, Tomás Pompeu Sobrinho, Ildefonso Albano e Professor Sampaio Ferraz. (Cfr. Joaquim Alves, "História das Sêcas", Edições do *Instituto do Ceará*, 1953, pág. 240).

São palavras de João Dornas Filho (ob. cit., pág. 260): "De uma dessas calamidades climáticas ficou gravada na memória popular a de 1844, e em Tremendal, hoje Monte Azul, culminou com uma devastação nos rebanhos locais e uma trágica epidemia da varíola."

(4)—O informe é citado em nota à margem de um trabalho de Lívio Sobral, pseudônimo do Padre Azarias Sobreira, sob o título "Padre Cícero Romão", publicado na "Revista do Instituto do Ceará", tomo LVII, 1943, pág. 289.

(5)—Major Bispo, nascido a 12-8-1841 e falecido em 16-6-1908, deixou descendentes que ainda residem em Crato, entre os quais o Dr. Gutemberg Sobreira de Menezes, seu neto.

(6)—O Cônego Climério, que vem se dedicando, desde há muito, à homeopatia em benefício dos pobres do Cariri, de cuja crônica é profundo conhecedor, nasceu em Juazeiro do Norte e é irmão de Pelúcio (Correia de Macedo, que foi um dos mais dedicados colaboradores do Padre Cícero. A tradição de que êle é portavoz tem a confirmação das se-

guintes pessoas: Fantina Amélia de Menezes, tia afim do citado Dr. Gutemberg Sobreira de Menezes, que a ouviu de sua mãe Ana Leopoldina Maia, espôsa de Aristides Ferreira de Menezes, ex-Deputado Provincial; D.^a Maria do Carmo, sogra do escritor e jornalista José Alves de Figueiredo Filho, que a ouviu de sua sogra, Ana Rita Pequeno, nascida em 1825 e casada com João Vitorino Gomes Leitão; Raimunda Francisca de Jesus, Bubu na intimidade, mestiça, nascida em 1866 e mãe de criação da Professora Antônia Simão, com quem ainda vive.

(7)—Provavelmente, Joaquim Romão Batista juntou Mirabô ao seu nome influenciado pela fama do brilhante vulto da Revolução Francêsa. Outos fatos, porém, indicam que êle seria mitômano, sendo aquela incorporação um indicio do que afirma a tradição popular. Costumava dizer, por exemplo, que em cada estaca de seu curral, na Fazenda Faustino, havia uma colmeia. Também pro-palava que no principio de cada inverno reunia 22 novilhos dos 20 garrotes que havia deixado no campo.

(8)—Os historiadores dão a D.^a Quinô o nome de Joaquina Vicência Romana, enquanto nos apoiamos no Registro de Batismo de seus filhos, palpável na Secretaria do Bispado do Crato.

(9)—A contenda entre José Pereira Lima e Manuel Ferreira Ferro surgiu num momento em que ainda se comentava a luta bravia dos Montes e Feitosas. Motivou-a uma contestação de demarcação de terras em Brejo Grande (hoje Santana do Cariri), onde ambos possuíam vastas propriedades. Iniciada no fôro judicial, a questão descambou para a luta armada, quando José Pereira acrescentou ao seu nome o epíteto Aço. Depois de haver tombado muitos sequazes de lado a lado, e quando a luta ameaçava assumir proporções imprevisíveis, Pereira Aço foi prêsso e remetido para os cárceres da Bahia, fato que se verificou entre 1734 e 1741, segundo João Brígido. Obtendo liberdade, após longa prisão, o rijo lutador chegou ao Recife, onde já se achava sua espôsa, e ali terminou seus dias consumido pela bexiga. (Cfr. João Brígido, "Ceará-Homens e Fatos", Tip. Bernard Freres, Rio de Janeiro, 1919, pág. 85).

(10)—Nasceu no Crato. Teve seis irmãs: Antônia Vicência Castão (Totonha), Ana Vicência Castão, Teresa Vicência Castão (Teresinha), Azia, Vicência e Juventude (Tudinha). De acôrdo com uma tradição oral irrefutável, todas elas foram desvirginadas por José Francisco Pereira Maia, Coronel Mainha, ex-Deputado provincial, mais de uma

vez, co-responsável pela tragédia que vitimou Pinto Madeira e pai de numerosíssima prole. (Cfr. PAULO ELPIDIO de Menezes, "O Crato de meu Tempo", pág. 13, e Nertan Macedo, "O Padre e a Beata", pág. 45, obras mencionadas mais adiante). Entre os descendentes do Cel. Mainha, destaca-se o Dr. ALVARO Botelho MAIA, ex-Governador do Amazonas.

(11)—Em o número 1 da revista "Itaytera", Crato, 1955, à pág. 43, há um equívoco do autor de "A Bahia nas Raízes do Cariri", Pe. Antônio Gomes de Araújo, quando êste emérito pesquisador se refere à bisavó materna do Padre Cícero, dando-lhe o sobrenome Conceição em lugar do seu legitimo nome de familia, isto é, de Sousa.

(12)—Uma filha dêsse casal, Teresa Bezerra, prostituiu-se.

(13)—Êsse Capitão Moraes e sua mulher Petronílio foram imigrados na então Missão do Miranda, antes de sua fundação.

(14)—Os dados genealógicos para elaboração dêsse capítulo nos foram fornecidos em notas pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo, que, por sua vez, abeirou-se do trabalho inédito de João Franklin de Alencar Nogueira "Apontamentos Genealógicos da Família Alencar", em mãos do Dr. Antônio de Alencar Araripe, e dos arquivos paroquiais de Missão Velha e Crato.

Considerações à Margem da Industrialização do Nordeste

Francisco Givaldo Peixoto de Carvalho

A unidade política nacional tem obscurecido a existência, entre nós, de duas estruturas econômicas que mutuamente se enfraquecem ou se destroem à proporção que intensificam as suas relações de troca ou de interdependência econômica.

Na realidade, existe uma estrutura econômica mediterrânea e agro-pastoril e outra litorânea, mercantil e industrial, justapostas, paralelamente, ao longo do priférico espaço humanizado do Brasil. Para simplicidade da exposição chamaremos uma e outra, respectivamente, de Sertão e Litoral.

A história das relações econômicas entre o Sertão e o Litoral pode ser estudada em três fases: a primeira, vai do início da colonização ao ano de 1930; a segunda, a partir de 1930 ao ano de 1945; a terceira, de 1945 aos nossos dias.

A escolha das datas não foi feita, de todo, arbitrariamente. O ano de 1930 pode ser considerado, a grosso modo, a ano base para o comêço do ciclo industrial. Tem ainda a vantagem de coincidir com a época da expansão das rodovias em detrimento das ferrovias e, bem assim, com a mudança de mentalidade resultante da crise cafeeira e da revolução liberal; de 1930 a 1945, foi a fase de transição; de 1945 até hoje, temos uma fase paradoxal na qual o desenvolvimento industrial do Litoral se faz à custa da economia do Sertão.

Na primeira fase, as duas economias se complementavam, mantendo, entre si, um equilíbrio, por assim dizer, simbiótico, apoiado, embora, nas suas próprias limitações econômicas. É que nêsse período a população sertaneja era, praticamente, auto-suficiente em relação às suas necessidades básicas. Além disso, apenas uma pequena parcela da classe proprietária tinha acesso à economia monetária, limitando-se a aquisição de bens de consumo a alguns utensílios, tecidos e raros artigos de luxo. Assim, pelo subconsumo, a economia mediterrânea acumulava, lentamente, uma parte de sua renda.

Com a estrada de ferro e o incentivo que ela trouxe à agricultura, a economia monetária insinuou-se no meio rural e ampliou as bases do mercado sertanejo para o comércio litorâneo. Mas, o impulso dado pela estrada de ferro à economia agrícola logo arrefeceu, pois, a sua rede era pequena e a sua capacidade de escoamento da produção mediterrânea, além de limitada, não foi, racionalmente, desenvolvida. Por isso, a simbiose econômica entre o Sertão e o Litoral não se alterou.

I I

A partir de 1930 o equilíbrio existente passou a ser rompido, muito embora só se tenha pronunciado no fim da 2a. guerra mundial. Nessa segunda fase, a infra-estrutura econômica do Litoral se preparou para o grande assalto à economia do Sertão, verificado após o ano de 1945.

Desde 1930 aumentou, sensivelmente, o número de veículos automóveis, a rede rodoviária foi penetrando, mais e mais pelo interior, ligando cidades, vilas, povoados e fazendas isoladas ao litoral, numa busca crescente de mercadorias e matérias primas para exportação ou para o abastecimento do mercado litorâneo, com o que alargou o horizonte da economia monetária, assim como foi abrindo caminho à popularização do sistema de vendas a prestação.

Ao mesmo tempo e ao lado da estrada de ferro passou a carrear para o Litoral o excedente da energia humana rural que não pôde ser contido nos limites dos nascentes núcleos urbanos do Sertão. Esse êxodo rural, diretamente orientado no sentido do Leste, despertou para a indústria imobiliária o capital mercantil que de longa data se vinha acumulando no Litoral.

No período da guerra, parte do capital imobiliário foi desviado para o setor da produção de bens de consumo e na ausência de similares estrangeiros o artigo nacional foi tendo aceitação crescente e permitiu o reinvestimento progressivo nêsse setor com o que se capitalizava e se fortalecia a economia litorânea. Enquanto isso, continuava a sangria na população mediterrânea e como não se melhorava a produtividade do trabalho rural, a produção econômica do Sertão entrou em decadência. Contudo, a importação de bens de consumo produzidos no Litoral não sofreu solução de continuidade e, paulatinamente a renda da economia sertaneja passou a ser transferida para a economia litorânea, sofrendo o desenvolvimento do Sertão.

A terceira fase se inicia sob o signo da inflação, desencadeada em julho de 1943 e com ela a economia do Sertão passou a ser vítima de uma descapitalização metódica, pelo esvaziamento dos seus recursos materiais e humanos em proveito do Litoral.

Nesse sentido a divisão de trabalho entre a atividade industrial e a atividade agro-pastoril é tão perfeita quanto prejudicial ao país, dado ao divórcio geo-econômico ou locacional das respectivas esferas de ação.

Na verdade, a concentração da indústria, da rede bancária e da administração pública na periferia atlântica, dá ao Litoral grande superioridade econômica sobre o Sertão. Superioridade que se expressa sob forma de um imperialismo doméstico muito mais funesto nas suas consequências do que o imperialismo clássico internacional. Este pelo menos é combatido. Já o imperialismo doméstico goza de ilimitada liberdade de ação, atua incôgnitamente, traduz-se numa grandeza vistosa e ao fortalecer-se cria ou promove condições de pressão social que lhe dão uma estabilidade de castelo de areia. Tal não acontece com o imperialismo clássico e isso graças às fronteiras políticas dos estados soberanos e à geografia nacional da circulação monetária de cada um. Se por um milagre, o sistema monetário internacional fôsse padronizado, com a imposição de uma única moeda, muito cedo atingiríamos o caos de uma babel revolucionária, nuns casos pela deflação, noutros pela inflação. É que a órbita da circulação monetária é de tendência centrípeta, cedendo à atração dos mercados produtores economicamente mais importantes.

Como o espaço humanizado do Brasil está submetido econômica, cultural e financeiramente à fronteira atlântica, basta relacionarmos a superioridade econômica do Litoral sobre o Sertão com a unidade do espaço monetário brasileiro, para compreendermos a razão da existência de um imperialismo doméstico, autêntico e incontrolável nas atuais condições de povoamento do país.

A ação desse imperialismo é social e politicamente negativa, pois, o enfraquecimento da economia mediterrânea promove a deflação do meio circulante regional, gera o desemprego da mão de obra, aumenta a pressão demográfica sobre o Litoral e põe em choque a estabilidade das instituições políticas e a capacidade das elites para a resolução satisfatória e oportuna dos problemas sociais.

Em grande parte já é o que vem acontecendo entre nós. uma vez que o processo de descapitalização, da economia sertaneja está muito adiantado e se traduz no agigantamento dos centros urbanos e nos inflacionismos litorâneos.

Embora seja uma realidade palpável, não temos dados para consignar o ritmo da citada descapitalização. Acreditamos, porém, que ela se processa numa proporção correspondente ao excedente do valor das importações de bens de consumo sobre o das exportações de produtos primários pela economia do Sertão.

O mecanismo dessa descapitalização atua de Norte a Sul. Aqui no Nordeste, porém, varia de intensidade, pois em face da baixa rentabilidade da atividade agro-pastoril e do baixo índice de densidade de mão de obra que ocupa, a descapitalização comunica à energia humana regional um elevado grau de mobilidade, que na ausência de uma fronteira econômica interna no ocidente, capaz de neutralizar a atração atlântica, se converte numa avalanche sobre o Litoral, implica na retração do espaço econômico-demográfico e serve de incentivo à especulação imobiliária.

Estamos diante de uma experiência, talvez única no mundo pelas condições de peculiaridade com que se apresenta. Apenas na América do Sul, assim mesmo e em cada caso em proporções inferiores, se lhe podia apontar algumas semelhanças, tendo-se em vista o paralelismo da crise política, econômico-financeira e social generalizada em nosso continente.

Deve haver para tanto uma identidade fenomenológica. Buscâmo-la nas limitações de ordem histórico-geográficas que condicionaram o periferismo econômico-demográfico sulamericano, o qual acreditamos ser uma consequência direta do formato longitudinal do paredão adino.

O homem comum do asfalto litorâneo nem sempre sente a agudeza do problema da descapitalização do Brasil mediterrâneo e muitas vezes, com inusitado entusiasmo agarra-se às "salvações nacionais" tão prolíferas nesses dias prerevolucionários. Acredita que a reforma agrária daria um tiro de misericórdia no problema do êxodo rural e que assim se resolveria o problema do aumento da produção agrícola. Conseguido isso, entrariamos no reino da abundância e quem sabe, até da felicidade!

No Sertão, o raciocínio é outro, pois, enquanto o mercado interno para os produtos agrícolas permanece relativamente estável, já o mercado externo está praticamente saturado para os bens de

especialidade tropical, não se justificando a expansão da produção nesse setor.

No plano interno basta uma safra média para que os preços sejam regulados pela lei da oferta e da procura e sem levar em conta a desvalorização do cruzeiro. Apenas o algodão e a mamona têm, de certo modo, acompanhado a evolução inflacionária dos preços. Assim mesmo, aqui no Nordeste, pouco representa, dado à pequena produção e à baixa produtividade dessas lavouras e ainda o fato de que a renda do algodão é, automaticamente, transferida para o Litoral com a aquisição de tecidos.

Em relação aos artigos industriais, considerando-se a elasticidade do mercado interno nacional, favorecida pelo crediário não funciona a lei da oferta e da procura, porque à inflação a indústria e o comércio respondem, ou melhor, reagem com a remarcação sucessiva de seus preços. Dêsse modo, o consumidor do Sertão com uma rentabilidade declinante está obrigado a pagar mais caro pelos bens de consumo importados do Litoral e como estes não representam riqueza — em sentido dinâmico, a economia mediterrânea vem sofrendo um desinvestimento progressivo e em consequência não são promissoras as oportunidades de trabalho para as novas gerações Sertanejas. Outra não tem sido a razão da asfíxiante oferta de trabalho no Litoral.

Para nós do Brasil mediterrâneo, tudo que possa aumentar a capacidade de sucção de nossas riquezas pelo Litoral, resulta na aceleração do processo de desinvestimento da economia sertaneja e no caso do Nordeste, especialmente, resulta na destruição de uma sociedade cujo potencial demográfico, se bem orientado, poderia estender a fronteira econômico-demográfica do Sertão mais e mais para o ocidente, neutralizando a atração ou por outro o imperialismo litorâneo.

Por isso, tememos a possibilidade da concentração industrial, em nosso caso, no Nordeste litorâneo, uma vez que ela poderá se tornar numa faca de dois gumes, não só aumentando a capacidade de drenagem das riquezas do Nordeste mediterrâneo, promovendo-lhe o despovoamento qualitativo e quantitativo, como terá de suportar condições de pressão social que em outras circunstâncias só seriam possíveis se derpertadas pelo problema do espaço vital.

Acreditamos, portanto, que para logarmos êxito e auferirmos das vantagens que nos sugere a capacidade de renovação só-

PROGRESSO DA INSTRUÇÃO EM CRATO

Além de centenas no Colégio de Santa Sofia de Crato e a de escolas isoladas, Teresa e duas escolas Crato possui cinco escolas normais rurais, Grupos Escolares e respectivamente no das fazendo parte os ginásios equiparados: Ginásio Madre Ana da Universidade do Couto e no S. João Ceará. A Faculdade

Colégio Diocesano, Colégio de Sta. Teresa de Jesus, Ginásio Madre Ana Couto, Ginásio Estadual, Ginásio Pio X, Patronato Padre Ibiapina e Ginásio São João Bosco. Os dois primeiros mantêm cursos científicos, enquanto o Estadual está em vias de transformar-se em Colégio. Há Escola Normal Pedagógica

Faculdade de Ciências Econômicas, tórias respectivamente no das fazendo parte da Universidade do de Odontologia e a de Direito iniciaram já funcionando, a cursos de preparação ao Vestibular.

FOLHAS DE OUTONO

É livro de versos de nosso colaborador, residente em Campina Grande — João Dantas Monteiro. Enfeixa 200 poesias bem inspiradas e editadas pela “Gráfica Julio Costa”, daquela opulenta cidade paraibana. Numa das páginas desta revista trazemos trabalho do apreciado estro João Dantas Monteiro.

cio-econômico da industrialização, deveremos afastar todo e qualquer critério econômico-geográfico para adotarmos um critério político, ou melhormente, geopolítico na localização das indústrias, disseminando as o mais possível e afastando-as do Litoral.

Na verdade, se se não estabelecer diques econômicos, sociais e financeiros, a industrialização, muito provavelmente não responderá às finalidades do desenvolvimento econômico, entendido êste, no sentido da integração social da energia humana nacional, satisfazendo-lhe as necessidades mínimas compatíveis com a dignidade de um povo livre.

Sem êsses diques, enquanto não se providenciar a abertura de uma segunda fronteira econômica no Brasil Central, a industrialização do Litoral poderá tornar-se o instrumento indireto da anarquia política e social do Brasil e nos custará, além de sacrifícios outros, boa parte de nossa liberdade.

O Interêsse

KLEBER MAIA CABRAL

O velho era de Arronches, atual Parangaba, afamado, conceituado e com algum cabedal. Chamava-se Florentino, se me não engano, mas, não é bem o nome que interessa.

Morrera-lhe a mulher e êle passara a viver com os filhos e filhas, depois de repartir os haveres entre a familia e desfazer-se da casa.

Certo dia, seu compadre e amigo, o coronel Zeca Moreira, foi visitá-lo e o encontrou triste e abatido.

Depois de alguns rodeios, acabou por confessar ao amigo que "comia o que os outros comiam", querendo dizer que não lhe dispensavam nenhum cuidado especial.

Ponderou-lhe o compadre, no seu bom-senso de bonachão experimentado, que quem se deserdava em vida não merecia ser enterrado; mas que ainda havia um remédio...

Noutra visita que lhe fêz, o coronel trouxe um caixãozinho com uma porção de moedas de dois mil-réis de prata e entregou ao Florentino, com a recomendação de contar e recontar aquela somma, às caladas da noite, depois que todos já estivessem na rêde, procurando fazer barulho e chamar atenção.

O conselho foi seguido à risca e o resultado não se fêz esperar. Veio até muito mais cedo do que se poderia supor,

Naquela mesma noite, a nora do Florentino que se demorara com um filho doente, ouviu com muita clareza o retinir das moedas, no quarto do sogro.

Antes de ir para o mercado, no dia seguinte, o marido já tomara conhecimento do fato e, no café, o velho notou um pedaço de bôlo, inexplicavelmente adicionado, à sua ração diária de leite de cabra e pão de milho.

Naquele tempo o almôço era às nove e meia. Pois às oito horas trouxeram-lhe umas mangas-rosa que era uma beleza.

Tiraram uma tachada de doce de caju, do fogo, e lê veio uma amostra, num pires, para que êle provasse.

A estas alturas êle não poderia aceitar mais nada, para não comprometer o apetite do almôço.

Recusou, diplomáticamente:

—Fica para a sobremesa, meu bem!

E foi assim que tudo mudou. naquela vida de resto a fim. Passou a viver regaladamente; tratado à vela de libra; "uma vida de Lopes", comentavam as Brito, umas vitalinas que moravam na esquina confronte.

Não é preciso dizer que o dinheiro voltou às mãos do legítimo dono, sem mais delongas. E, quando o ancião quis mudar de ares, já a história das moedas corraera suficientemente, para que sua chegada, à casa da filha caçula, fôsse uma verdadeira explosão de amabilidade e efusões.

— Papai! Há quanto tempo!

— Prepara uma rede limpa, menina!

— Vai varrer o quarto do papai!

O pobre do velho, da última vez, ficara num corredor, mas, agora, tinha até quarto reservado.

— Tão cedo o senhor não me sai daqui!

No dia seguinte, chega da casa da nora, a Firmina, uma negra velha com uma bandeja de frutas, para o Florentino debaixo dos protestos da dona da casa;

— Pensarão lá que eu aqui não tenho com que dar de comer ao papai?

A resposta, veio à altura, contundente e conclusiva, no dia seguinte, pela mesma portadora, com uma bandeja ainda maior: — Dona Maria Eulália mandou dizer que não tinha quem a empatasse de “agradar” ao compadre dela.

Era o costume corrente — o primeiro filho era sempre afilhado dos avós e, no caso, a regra se cumprira.

O único beneficiário de tal emulação foi o velho, por certo, que passou à tripa fórra, até expirar, cercado de atenções.

* * *

Logo no dia do entêrro, começaram as desavenças. Genros e filhos reclamavam a si a honra de arcar com as despesas. Não fôra a intervenção da Da. Chiquinha, velha professôra do povoado e amiga da família, não se sabe como o fêretro teria saído naquele dia.

Os genros conformaram-se em custear as missas e a visita de cova.

Nos primeiros dias depois do entêrro, ninguém teve coragem de propor à Maria Eulália a abertura do baú do finado, onde se achava, presumivelmente, o dinheiro.

Foi ela quem tomou a iniciativa de convidar os outros parentes, para esta função, uns quinze dias depois.

Mas, aí é que a decepção foi grande. Na velha arca de madeira, coberta de couro cru, pospontado de pregos de latão, apenas umas peças de roupa em desuso, um chapéu imprestável, pequenos trastes dentro de uma lata (botões, medalhas, contas de rosário, agulhas) um cornimboque de “torrado”, um registro do padroeiro do lugar, o Senhor Bom-Jesus dos Aflitos... De di-

NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

A revista "ITAYTERA" marcou surto de renovação intelectual. De sua saída para cá, começou a série de publicações de livros e opusculos de Crato, que o coloca em posição privilegiada no interior nortista, como bem assegurou, no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, de Recife, o seu diretor-executivo-escritor Mauro Mota. Basta citar que, além da revista que vem saindo anualmente, com média de duzentas paginas, abordando assuntos sérios e variados, mais de uma vintena de separatas saíram a lume. Em 1960, o Padre Rubens Lossio, Cura da Sé Catedral, dos valores autênticos do Cariri, publicou NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA, PADROEIRA DE CRATO, que foi o trabalho mais completo que já se fez no Brasil, e talvez no

mundo, sobre Maria Santissima, invocada com aquêlo nome, tão ao gosto do mundo luso-brasileiro. É a história do culto de veneração á Virgem, Padroeira de Crato e de outros pontos do Brasil. E' escrita em linguagem clara e amena.

Crato ali é evocado com todo o sentimento. História, folclore, tudo pesa, naquelas paginas, de maneira sugestiva e atraente. Foi das grandes contribuições que ITAYTERA prestou a Crato, através da suas penas mais brilhantes. NOSSA SENHORA DA PENHA inscrita na revista do Instituto Cultural do Cariri, foi tirada em separata, pela Tipografia de "A AÇÃO", com anexos e a Novena da Excelsa Padroeira de Crato, além de ilustrada com vários e sugestivos clichés.

nheiro, só uns poucos vinténs, amarrados às pontas de um lenço de Alcobça.

Ninguém haveria de responsabilizar a Eulália, pelo misterioso desaparecimento do dinheiro. Apesar de tudo, ela era muito honesta.

Apelou-se. para a hipótese, muito viável, aliás, de que o Florentino, já meio caduco, enterrou o dinheiro.

Dias depois, comentava-se à boca pequena, na saída da igreja, o que a Eulália confidenciara à uma sua íntima.

—Se eu soubesse que o "demônio" do velho ia fazer aquilo eu não tinha tratado "êle" tão bem!

NOTA: — A presente narração nada tem de original. O Pe. Manual Bernardes contou uma história semelhante no seu português gongórico.

Deve pertencer ao patrimônio folclórico luso-brasileiro. Sem embargo, foi me contada com protestos de verossimulhança pelo sacristão da freguesia de Parangaba. O único interesse que poderá despertar sua adaptação ao ambiente antropogeográfico da região. — K. M. C.

1817 NO CARIRI

Pe. Antônio Gomes de Araújo

"O movimento de 17 no Ceará foi obra de uma Família..." Barão de Studart ("Revista do Instituto do Ceará" - 1917)

Exceção feita da forma republicana de govêrno, os homens da Revolução Pernambucana de 1817, desejaram o mesmo que aspiraram os responsáveis pelo Sete de Setembro de 1822: Independência do Brasil com o regime democrático. Foi assim a Revolução de 17 em rigor uma antecipação fracassada do episódio do Ipiranga, decorridos 5 anos. E não se vinculou, como num encadeamento de causas e efeitos no tempo e no espaço, fronteiras a dentro do país, a certas manifestações anteriores de pretensa autonomia pretensamente inspiradas no sentimento nativista. O próprio ressentimento, herança das lutas entre olindenses e recifenses, originadas em rivalidades municipais (1710) — tinha adormecido, a ponto de a casa de Antônio Gonçalves da Cruz, o Cabugá, ser frequentada, como ficou provado por ocasião da devassa (1817), pela melhor gente da capital pernambucana, êle, um filho de mascate (denominação então esquecida), ou mercador e mulato, êle, próprio. (Oliveira Lima. Movimento da Independência, Cia. de Melhoramentos, S. Paulo, 1922).

Costa Porto, um revisionista consciente, reduz a quatro, as causas da Revolução Pernambucana de 1817: Prosperidade econômica com fundamento no açúcar recuperado e situação lisonjeira do algodão, bem-estar que, no geral, numa colônia, constitui convite sedutor a experiência de rebeldia à base do auto-domínio; por cima, o liberalismo decorrente da Revolução Francesa; o estimulante da indição contra o reino e o do ocasional arrocho fiscal. (Introdução ao volume VII de Anais Pernambucanos, de Pereira da Costa). "A história verdadeira dêste episódio, prossegue o autor citado, não foi ainda escrita, como era de desejar... sendo estudado e comentado à luz de entusiasmo de facção, de *polêmica* (o grifo é nosso), de sentimentalismo exaltado de clubismos descontrolados".

O Ceará possui igualmente as duas alas. Do lado oposto ao dos panegiristas colocam-se, por exemplo J. J. da Rocha, filho. (Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro) e Luís Teixeira de Barros. "Revolução de 1817 no Ceará". A linha da equidistância foi inaugurada pelo Barão de Studart que se restringiu ao documentário e sua crítica implacável.

Estes comentários vêm a propósito da recente publicação do ilustre cronista Carlos Studart Filho — "A Revolução de 1817 no Ceará, Fortaleza, Ceará, 1961".

Apoiado em documentário de biblioteca e, até, de arquivo, o conspícuo sócio do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, depois de fixar causas da Revolução Pernambucana de 1817 e nos dar uma visão de seu irrompimento, triunfo, drama e tragédia, situa o acontecimento particularmente no Ceará, numa síntese valiosa que veio ampliar a literatura sobre o assunto.

A mero título de despreziosa colaboração e modesta promoção do debate, rumo ao esclarecimento, passamos a comentários de alguns passos da publicação em tela.

IMPREVISÃO

Ao que parece, não revestiu caráter imprevisto, a Revolução Pernambucana de 1817 no plano de seus responsáveis em Recife, senão no daqueles, sediados na Bahia, dos quais partiu o documento convencional estabelecendo o dia 6 de maio e não o dia 6 de março de 1817 para a deflagração da revolução. Talvez nem mesmo o episódio sangrento, de que foi autor o Capitão José de Barros Lima na pessoa de seu superior hierárquico — tenha sido imprevisto.

Em pesquisas, no Gabinete Real, de Lisboa, Ângelo Pereira encontrou, na correspondência sobre a citada revolução, uma carta, de autoria de Frei Amador de Santa Tereza, escrita da cidade do Salvador no curso da revolução e dirigida a D. João VI. Transcrevemos a introdução deste documento, publicado pelo dito autor em seu livro — D. João Príncipe e Rei — Independência do Brasil, vol. III, pág. 251. Lisboa, 1956: "A obrigação de vassalo me faz apresentar a V. Magestade que a seita dos Pedreiros-Livres, cuja sede principal está nesta cidade (Salvador, dizemos, nós), fundada há mais de 20 anos, por José Francisco Cardoso, Luiz Pereira Sodré e outros, é a causa motriz do deplorável levanta-

mento dos pernambucanos, e há de ser para todo o Brasil. Já agora choraríamos esta infelicidade se os pernambucanos não tivessem lido o dia 6 de maio por 6 de março na abreviatura, pois neste dia de maio, refeitos de munições de boca e de guerra como têm demonstrado os abastecimentos que seguiam para eles e o bloqueio tem feito regressar para esta cidade, e mais seguros se manteriam na desobediência”.

Imatura, sem visão clara nem energia implacável condições para o exito de qualquer revolução (Handelmann, História do Brasil, publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil), a de 17, em Pernambuco, nasceu morrendo. Restaram, como saldo dignificante, o ideal inspirador, o estoicismo cívico e a coerência de alguns de seus protagonistas ao longo do processo e frente ao pelotão de sangue. E, neste particular, não foi a mais bela das revoluções democráticas brasileiras, pois os homens da Confederação do Equador inspiraram-se no ideal de liberdade. Uns tombaram no chão da luta, como Tristão de Alencar Araripe, e outros mostraram a mesma bravura que os de 17, durante o processo e diante do pelotão de fusilamento: Frei Joaquim do Amor Divino, Caneca e Gonçalo Inácio de Lóiola, Padre Mororó, acontecendo que este último apontou o peito ao alvo das balas dos fusiladores.

NO CEARÁ

Prevenimos que, ao tratarmos da Revolução Pernambucana de 1817 no Ceará, excluimos a área do Cariri, assunto que trataremos depois, neste mesmo trabalho.

O episódio histórico em trato, confinou-se, no Ceará, ao campo da idéia, e, neste campo, suas dimensões foram mínimas, por mais que o zelo enfático do Governador Sampaio tenha pretendido caracterizar uma conspiração do conteúdo sério no apêlo que fez a medidas preventivas rumorosas e com a apreensão de uns quantos documentos. E por mais que se queira exagerar a mediocre atividade, propagandística e articuladora, do Ouvidor João Antônio Rodrigues de Carvalho, que teria conspirado de dezembro de 1812 a março de 1817

A atuação subversiva do Ouvidor Carvalho não só ficou muito aquém da amplitude, continuidade e intensidade que se pretende dar-lhe, mas, na verdade, malhou em ferro frio: a ausência total de receptividade dos princípios democráticos por parte de tô-

das as camadas sociais mais e menos favorecidas, inclusive, e clero (o próprio Padre Gonçalo Loiola, depois, Padre Mororó, um espírito aberto, manteve-se fechado às sugestões conspiradoras do mesmo Ouvidor) e a militância, urbana e rural. Sem o apóio de, ao menos, uma parte sensível dos oficiais militares seria impossível um golpe de revolucionário a exemplo de Pernambuco. Alude o Governador Sampaio a sugestões recebidas pelos soldados da Milícia, partidas do Ouvidor. Mas, tudo se resumia numa questão de estômago: o soldo era insuficiente, situação explorada pelo Ouvidor. Entretanto jamais se levantariam sem a chefia de superiores e estes não foram convencidos por Rodrigues de Carvalho. Acresce que não havia, em Fortaleza, um núcleo intelectual, capaz de captar as novas idéias e comunicar-lhes dinamismo. As mais únicas do que raras Câmaras que se teriam renovado por influência do Ouvidor, não se levantaram porque temessem a repressão (apesar desta, se levantariam as de Crato e Jardim), mas por que não foram previamente convencidas e convertidas aos novos princípios. Aliás, a ação de Carvalho no Ceará, ação subversiva, só deixou de ser, de todo, nula, depois de sua nomeação (1814) e posse (16-5-1815), quando pôde instrumentar a importância da função no sentido de seus desígnios revolucionários. ainda, assim, procedendo com extrema cautela. Prêso, logo as "poucas pessoas de sua maior intimidade foram as que mais repetidas vêzes lembraram a necessidade de fazê-lo sair da Capitania, porque soubessem, ou não, de suas tramas, afirma o Governador Sampaio (Documentos Históricas, Revolução de 1817, Volume CI). O fato é que contra estes amigos íntimos do Ouvidor nada foi articulado. Apesar de íntimos foram os primeiros a repudiá-los na hora nevrálgica. Nem a estes convencera e convertera a seu ideal carbonário. E uma das provas da reduzida proporção da atividade revolucionária do Ouvidor Carvalho encontra-se no movimento da consumação da Independência no Ceará, continuação da revolução caririense de 1817, movimento partido numa zona, o Cariri, onde a propaganda do Ouvidor foi um mero acidente estimulante. Lógico, que tivesse partido de Fortaleza.

No inventário da Revolução no Judiciário, mínima a importância da inconfidência pelo número e qualidade dos culpados. Revendo-se o seu rol, na lista geral dos culpados da Revolução Pernambucana de 1817, copiada por Oliveira Lima, do acêrvo da Devassa, arquivada em Salvador, e transcrita em suas Anotações

à História da Revolução de 1817 em Pernambuco, de M. Tavares, Recife, 1917 — tem-se a noção nítida da envergadura da tão enfatizada atuação conspiradora do Ouvidor sob os céus cearenses. Referimo-nos aos culpados de naturalidade cearense, residentes ou domiciliados no Ceará, trabalhados por Carvalho — constantes da aludida cópia. Foram êles: ANTÔNIO DE HOLANDA CHACON. — ANTÔNIO JOAQUIM, sem expressão social — FRANCISCO ANTÔNIO RAPOSA DA GAMA, idem — JERÔNIMO DE ABREU, mulato fôrro. JOSÉ CARLOS, sem expressão social — JOSÉ CIPRIANO DOS SANTOS — LOURENÇO MENDES, sem expressão social — MANUEL DOMINGOS DE ANDRADE, sem expressão social — PEDRO LEITE DA SILVA, idem — JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA, idem Francisco Alves Ponte, Henrique de Mira, Francisco Carlos de Resende, Padre Francisco Manuel de Barros, Padre Gonçalo Borges de Andrade, Padre Gonçalves da Fonte, Matias José Pacheco, judicialmente pautados como do Ceará, não eram cearenses, não moravam no Ceará, não conspiraram na Capitania, não foram trabalhados pelo Ouvidor. Foram eventualmente apanhados pelas autoridades do Ceará, fóra da terra firme do Ceará. O Padre Francisco Manuel de Barros, acidentalmente nomeado coadjutor de Aracati, fóra mandado para aquela vila pelo Governo Provisório de Pernambuco. Contra os padres Mota Teixeira, e Lima, respectivamente vigários do Icó e de Arneirós, nada se apurou, e se eram portadores de idéias subversivas, receberam-nas no Seminário de Olinda antes de ouvi-las do Ouvidor Carvalho. Em Tauá fóra agarrado Antônio da Costa Vilar só pelo fato de repetir falações do Ouvidor. Aliás, ali, o realismo e a truculência do Capitão-mor José Alves Feitosa eram dum vigilância canina. Em Viçosa e Sobral, não houve conspiradores. Nem no Quixeramobim.

Feitas as contas, tudo espremido, a atuação subversiva do Ouvidor Carvalho no Ceará, perde os contornos, que se lhe pretende dar, e esfuma-se.

Enfim, não se provou “que tudo estivesse preparado em Tauá para a revolução”, pois foram presas sòmente duas pessoas, uma de meia categoria social e outra de baixa extração popular.

Em todo caso, a atividade de Rodrigues Carvalho serviu para provar o ativismo vão de um ouvidor e o policialismo farejante dum delegado da realza.

A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CARIRI

O clã dos Alencares

No Brasil, o chão sócio-econômico do clã Alencar, surgiu na primeira metade do século XVIII em território do atual município pernambucano do Exu, representado pela Fazenda "Caiçara", casa-grande plantada no alto Riacho da Brígida, por iniciativa do português, Leonel de Alencar Rêgo, a princípio rendeiro da Casa da Torre, da Bahia, e que se casara com Maria Assunção, filha do sesmeiro Antônio de Sousa Goulart, pernambucano, estabelecido em 1718 no Salamanca, fertilíssimo vale no atual município de Barbalha (Livino de Alencar Barros, *Genealogia da Família Alencar Barros*, obra inacabada e inédita, arquivo da família, fazenda Mucambo, Salgueiro - Pernambuco — Algumas Origens do Ceará, de Antônio Bezerra — Padre Antônio Gomes de Araújo Naturalidade de Bárbara de Alencar, Crato, 1953. Concurso da Bahia na Formação da Gens Caririense, in *Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia*, vol. III, Tipografia Beneditina, Salvador - Bahia, 1950).

Nas duas últimas décadas do citado século e três primeiras do seguinte. Alencares, consanguíneos e afins, os Costa Agra, êstes últimos, cobriam e denominavam superiormente, detendo todos os postos da militância rural, o vale do Riacho da Brígida até o Rio S. Francisco, aqui, na área cruzada pelo caminho que ligava Passagem do Juazeiro (sede atual do município de Juazeiro da Bahia) a Recife passando por Flores do Pajeú — estrada percorrida por Caetano Pinto de Miranda Motenegro (passou por Cabrobó) em 1804 quando viajou de Mato Grosso para assumir o governo de Pernambuco. Certamente, esta estrada foi praticada, duas vezes, ida e volta, pelo naturalista Manuel de Arruda Câmara, patriarca espiritual dos próceres da Revolução Pernambucana de 1817. Foi designado, designação aceita, pelo Governo da Metrópole em 1797 para visitar "estas Capitânias" e descobrir salineiras e salitreiras no Rio S. Francisco e minas de cobre em Jacobina, missão ampliada depois à procura da árvore da quina, de produtos da terra e de artefatos indígenas, peregrinações científicas em que recolheu noções e documentos valiosos e escreveu "Dissertação" sobre as plantas do Brasil e "Flora Pernambucana", obra ainda não encontrada (Documentos do Arquivo, vol. IV e V. Arquivo Público Estadual. Recife. 1950 — Oliveira Lima, op. cit).

Os Agrad fundiram-se com a gente Alencar pelo casamento do Dr. José da Costa Agra, pernambucano, filho do Capitão Comandante (1770) de Flores do Pajeú, o português Luís da Costa Agra, com Iria Francisca de Alencar (primeiras núpcias desta), irmã, de pai e mãe, da heroína, historicamente cratense, Bárbara Pereira de Alencar, revolucionária de 1817 (Livro de Registro de Casamentos, freguesia de Cabrobó, 1812 - 1817, fl. 59).

O clã Alencar, do Brígida, constituía um escol mental incomum para o tempo e espaço em que se confinava. Do Dr., coimbrão, José da Costa Agra, citado, nascerem o Padre José da Costa Agra, vigário de Cabrobó em 1817, e o Padre João Martinho da Costa Agra, prêso com seu irmão Manuel da Costa Agra, por ocasião da Revolução Cariense de 1817 (Barão de Studart. Rev. do Inst. do Ceará, 1917). Acrescente-se o Padre José Martiniano de Alencar (não confundir com o Senador Alencar). Os clérigos eram, como sabemos, o índice das condições intelectuais e mentais da sociedade da época. Eis o critério para se julgar o nível cultural dos Alencares do sertão pernambucano, sertão de que Recife era a metrópole comercial e intelectual, como acontecia com este Cariri.

O clã Alencar, na segunda metade do século XVIII, ampliou-se ao Cariri e nêle firmou-se, de Barbalha e Jardim a Araripe e a Várzea da Vaca, hoje Campos Sales. Em Barbalha, nas terras herdadas de Antônio de Sousa Goulart (sítios "Lama" "Lambedor" e "Brito").

BÁRBARA PEREIRA DE ALENCAR

(A Heroína)

Nascida em 11 de fevereiro de 1760 na casa-grande da "Caiçara", fazenda herdada do citado Leonel de Alencar Rêgo pelo filho, Joaquim Pereira de Alencar, Bárbara Pereira de Alencar, filha dêste último, casou-se em 1782 com o português, Capitão José Gonçalves dos Santos, comerciante de tecidos na vila de Crato, e domiciliou-se nesta mesma vila (Livro de Alencar Barros, op. cit. - Padre Antônio Gomes de Araújo, "Naturalidade de Bárbara de Alencar", cit). Outros Alencares, prodecentes de Inacia Pereira de Alencar, de suas segundas núpcias com Antônio de Leão, irmã da citada Bárbara, ou Dona Bárbara, como esta passou a ser conhe-

cida em Crato — estabeleceram-se no sítio Lameiro (dêste município), que alguns escribas, quando se referem aos revolucionários caririenses de 1817, às vezes grafam errôneamente — “Limoeiro”.

Ainda em 1767, o tio paterno de D. Bárbara, José Antônio de Alencar, casara-se na aristocracia do Icó, quando convolou núpcias com uma filha do Capitão Crispim dos Montes e Silva (Livro de registro de casamento, da freguesia do Icó, 1729 - 1783), criando-se, desta maneira, naquela vila, um futuro ponto de apóio para os Alencares em suas arrancadas políticas, rumo a Fortaleza, por ocasião da consumação da independência no Ceará, e da revolução de 1824, que integrou esta província na Confederação do Equador. Em 1800, o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha veio do Jaguaribe e assumiu as funções de vigário colado do Crato. Dois irmãos, seus, casaram-se com duas irmãs de Dona Bárbara, respectivamente, êles, Manuel e Alexandre da Silva Saldanha, e elas, Antônia e Josefa Pereira de Alencar, acontecendo que, morrendo o último, a viúva casou-se com Inácio Tavares Benevides, então viúvo doutra irmã de Dona Bárbara: Genoveva Pereira de Alencar, falecida sem filhos. Em 1803, o casal Dona Bárbara — Capitão José Gonçalves dos Santos casaram sua filha, Joaquina de São José (nome de moça), no clã dos Antão de Carvalho, de Oeiras, Piauí. Era outro ponto de apóio do clã Alencar. Nas lutas da independência, Oeiras expedirá emissários para o Crato à procura de auxílio militar (Pereira da Costa, Cronologia do Piauí). Outro tio paterno de Dona Bárbara, Damaso Leonel de Alencar Rêgo, cruzou-se com os Landins, do Engenho de Santa Tereza (Missão Velha), gente que João Brígido chamou: “Os Terésios”. O irmão do Dona Bárbara, Leonel Pereira de Alencar, e Inácia Pereira de Alencar (primeiras núpcias desta), irmã dela, casaram-se na casa - grande da “Coitezeira” (interior do atual município de Jardim), de João Pereira de Carvalho, baiano, de Geremoabo.

Rica, prestigiosa pelo valor pessoal incomum e a categoria da família, Dona Bárbara desfrutava do respeito e da consideração de todos e gosava da amizade do vigário local, citado, e do Capitão-mor do Cariri, depois do Crato, José Pereira Filgueiras, ambos, seus compadres, como seu amigo e compadre foi o terceiro e último Capitão-Mor do Crato, Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, sucessor imediato do mesmo Filgueiras.

Visão larga, firmeza, decisão, iniciativa, pendor de chefe e inclinação política, “Dona Bárbara chefiava sua família” (Espe-

ridião de Queirós Lima, "Uma família do Sertão". Agir — 1946 — Rio. O autor pertence pelo sangue à Família Alencar.)

Para se ter uma idéia da mentalidade de amplo horizonte de Dona Bárbara, bastaria esta referência: Foi ela, na vida do Crato, quem, primeiro, construiu, em pedra e cal, prédio particular, ou fôsse a parede de frente de sua casa de residência, tendo vindo, o mestre-pedreiro de Recife. A casa existiu, intacta, até a uns 25 anos atrás. Completamente reformada, por um ato de estupidez do poder público, nela funciona a Exatoria Estadual, local.

O TÍTULO DE HEROINA

Quando o Dr. Manuel de Arruda Câmara determinou, ao Padre João Ribeiro, seu íntimo amigo e segunda pessoa política, e a outros dos mais destacados portadores de sua ideologia revolucionária, a atribuição formal do título de heroína a Dona Bárbara, vencedora que fôsse a revolução — já então, considerava a excepcional senhora revestida dos atributos que o título supõe, o que implicava num conhecimento prévio e exato, direto ou indireto, da pessoa da privilegiada. No mesmo documento, Arruda Câmara recomenda zêlo quanto ao "adiantamento" do filho de Dona Bárbara, o jovem José Martiniano de Alencar, que, então, estudante no Seminário de Olinda, já devia ter revelado temperamento político com pendor de líder, e uma estrutura espiritual aberta às solicitações das idéias subversivas em marcha. De caráter político, estas recomendações, a propósito da mãe e do filho, encontram-se na carta-testamento, expressão da última vontade, deixada por Arruda Câmara ao referido Padre João Ribeiro e a êste dirigida, firmada de Itamaracá, no dia dois de outubro de 1810, acontecendo que o autor veio a falecer ainda neste ano. No seu "Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres", Recife, Tipografia Universal, 1882, Pereira da Costa transcreve na íntegra, a mencionada carta, no registro dedicado a seu autor, e escreve que ela "deixa ver claramente que existia assentado o plano da malograda revolução de 1817" (Fls. 640 - 644), isto é, já antes de outubro de 1810, frisamos, nós. E Arruda Câmara ligava os dois aludidos Alencares ao plano revolucionário, na mesma data! Dona Bárbara, integrada e provada na conspiração subterrânea. Em "Anais Pernambucanos", obra posterior, volume VII, pag. 100-101, publicação do Arquivo Estadual de Pernambuco, Pereira da Costa volta à

dita carta de Arruda Câmara e transcreve os trechos de caráter político. Dirigindo-se a seus herdeiros ideológicos Arruda Câmara o faz nêstes têrmos ao referir-se a Dona Bárbara: "Dona Bárbara Crato, devem olhá-la como heroína". Pereira da Costa comenta: "Quase tôda aquela gente mencionada, nos trechos transcritos, tomou parte na revolução de 1817, e esta D. Bárbara Crato, de quem fala o sábio naturalista, é a DONA BÁRBARA PEREIRA DE ALENCAR, mãe de José Martiniano de Alencar..."

Fixemos êstes dados que ajudam a esclarecer: Dona Bárbara teve no Seminário de Olinda os sobrinhos, padres José da Costa Agra, João Bandeira Martinho da Costa Agra (não confundir com o padre João Bandeira de Melo, fundador da cidade cariense de Jardim) e José Martiniano de Alencar, os quais antecederam ao primo José Martiniano de Alencar (o revolucionário de 1817) no aludido seminário, onde talvez chegaram a ser contemporâneos. Estudou ainda no mesmo seminário, o filho de Dona Bárbara, Carlos José dos Santos, nascido em 1784 (Padre Antônio Gomes de Araújo. "Naturalidade de Dona Bárbara. cit). que, por sua vez, antecipou-se ao irmão José Martiniano e certamente foi seu coevo à sombra do histórico casarão. Em 1814, já exercia as funções sacerdotais nesta paróquia de Crato. Finalmente, já no ano de 1810, José Martiniano era aluno do citado seminário, e aluno dos "carbonários de Recife", os Padres Joaquim de Almeida Castro, "Padre Miguelinho", e João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, ex-membro do AERÓPAGO DO ITAMBÊ, bimbo acadêmico de doutrinação política revolucionária, fundado por Arruda Câmara em 1796 na fronteira de Pernambuco com a Paraíba, no regresso de sua última viagem à Europa, e dissolvido em 1801, suspeito de conspirar contra o regime vigente, mas ressurgido no ano de 1802 em três *academias* secretas em que professavam e propagavam os mesmos princípios revolucionários, sendo principal a *Academia do Paraíso*, presidida pelo mesmo padre João Ribeiro (Pereira da Costa, Anais, cit., vol. cit.) Referindo-se a êste sacerdote, "Dicionário Biográfico", escreveu Pereira da Costa (que Oliveira Lima chamou de mestre dos historiadores pernambucanos): "...poude catequizar, persuadir e conquistar, não só os que propendiam para tais ideais — a idéia separatista, a idéia de independência — senão ainda muitos dos maiores refractários; todavia era o Seminário a sua principal campanha e por êle cultivada com tanto zêlo e assiduidade, como convinha a quem bem conhecia quanto

valem e quanto duram as primeiras lições e impressões...”

Depois do que vai escrito, não se poderá negar que Dona Bárbara tivera ligações com principais dos “carbonários de Recife” ainda antes de 1810, a partir das que fatalmente se estabelecem entre pais e educadores, relações que se ampliaram ao campo político, como se vê das recomendações de Arruda Câmara a respeito do “adiantamento” de José Martiniano de Alencar e do título de heroína conferido à mãe deste último, em outubro de 1810. Claro que estas relações continuaram, em crescendo e progressiva consolidação até a eclosão do movimento revolucionário de 1817, no Cariri.

Se Dona Bárbara apenas houvesse consentido ativamente, que o recesso de sua casa fôsse o ambiente, anos a fio, em reuniões de família, do sôpro revolucionário de José Martiniano de Alencar, como realmente foi; sobretudo, que sua casa tivesse sido, como na verdade aconteceu, o centro dos dramáticos dias da revolução caririense 1817 — 3 a 11 de maio — estes fatos, por si, já teriam constituído autênticos atos de heroísmo, tratando-se de pessoa de seu sexo, numa época em que se considerava quase heresia a conjura ou a rebelião contra o regime e o rei, cujo poder era julgado de direito divino e castigava de morte a conspiração e o levante.

Mas, a verdade é que a heroína de Arruda Câmara (patriarca dos “carbonários de Recife”) e da história integrara-se na idéia fôrça da revolução e na sua transformação em fato. Agitar os têrmos de sua prisão e defesa, os quais reduzem as dimensões da gravidade da sua participação nos acontecimentos de 3 de Maio — não prevalece contra o progresso, sigiloso. Quanto ao 3 de maio, o têrmo foi feito longe do Crato, sob a responsabilidade de gente estranha a esta terra e ao influxo da pressão moral do enorme prestígio da acusada, tudo concorrendo para amaciar a situação. Quanto aos têrmos da defesa... defesa é defesa. Haja vista o caso do Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, que, comprometido realmente em face dos documentos surpreendidos em seu poder, entretanto defendeu-se cabalmente no setor da justiça. Há outras particularidades. Em Salvador, onde a heroína e outros revolucionários estavam prêsos, viviam 6.000 pedreiros-livres, segundo o testemunho do citado Frei Amador de Santa Tereza em sua já mencionada carta, os quais tudo empenhavam para suavisar a situação dos réus. Mais: o desembargador Bernardo Teixeira Cou-

tinho, chefe da Devassa, de nenhum modo adversário das idéias dos réus, antes, um cripto-simpatizante, foi depois eleito deputado às Côrtes de Lisboa, pela província do Minho, quando teve ocasião de assegurar, nas mesmas Côrtes, a seus colegas Antônio Carlos e a José Martiniano de Alencar, que seu fito era procrastinar o processo até que o tempo arrefecesse as paixões e um decreto de perdão mais amplo salvasse a muitos minorando os penas de outros (Nota de Antônio Joaquim de Melo às *Obras Políticas e Literárias* de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, anotada por Rodolfo Garcia no Vol. V, P. 213, da História Geral do Brasil, de Warnhagem, 3.^a edição, Companhia de Melhoramentos, S. Paulo, 1936). Por sinal que Bernardo Teixeira Coutinho acabou rompendo com o Governador por motivo desta sua complacência, e levou a melhor. Com uma autoridade judiciária assim intencionalmente contemporizadora teria sido possível, até a modificação de textos de peças dos processos e a substituição delas, no curso dos mesmos processos, no sentido de favorecer a situação dos culpados. O ambiente de Salvador devia convergir as suas simpatias especialmente para D. Bárbara, um espanto pelo ineditismo de seu caso: uma ré de crime político revolucionário. Abandonemos, porém, as conjecturas para afirmar que Bárbara Pereira de Alencar. Dona Bárbara, cariense por adoção e história política, é heroína por fundada preconização, ação e tradição, ela, na ordem cronológica, a primeira mulher republicana do Brasil. Sem rigor! E Crato tem a prioridade da proclamação da independência e da república no Ceará e no interior do Brasil...

PRECURSOR E LIBERTADOR

A aluno do Seminário de Olinda (foco de idéias democráticas, co-matriz espiritual das célebres *academias secretas*, por sua vez redutos da idéia nacionalista e republicana), José Martiniano de Alencar não nasceu depois de 1792, pois em 1.^o de abril de 1832 foi escolhido senador do Império por carta imperial desta data, e a lei exigia do candidato a idade mínima de 40 anos.

A respeito de José Martiniano, como de outros, seus companheiros de banca de estudos no Seminário de Olinda, a recomendação de Arruda Câmara, recomendação política, foi observada fielmente. Os Padres João Ribeiro e Miguelinho cuidaram zelosamente do "adiantamento" do ex-pupilo do patriarca dos revolu-

cionários de 1817. Alencar filiou-se à *Academia do Paraíso* (Revista do Instituto do Ceará, Tomo 12, pg. 35). Associou-se à maçonaria, certamente na loja "Regeneração", fundada pelo Padre João Ribeiro, referido, em 1806, fato, êste último, comprovado pela constatação histórica (Pereira da Costa, Anais, cit., vol., cit., p. 93-94).

No momento em que Arruda Câmara firmava sua célebre carta, 2.10.1810, José Martiniano contava 18 anos de idade.

O ano de 1810 e os 18 anos de Alencar naquele ano são dados importantes. Pois não há quem possa negar que o ex-pupilo de Arruda Câmara; aluno e mentorado dos padres João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro e Miguel Joaquim de Almeida Castro no Seminário e nas sociedades secretas, não fôsse, por ocasião das férias, discreta e tenazmente, soprando, no recesso da família, no círculo cauteloso de amigos e parentes, as idéias subversivas, incendiado, êle na chama do ardor juvenil e ao impulso de seu temperamento político. A idéia não medrava em terreno estéril. No Cariri, havia todo um escol espiritual propício à infusão dos princípios novos, ou fossem as idéias do seminarista José Martiniano de Alencar. Por exemplo (sem falar em Dona Bárbara, preconizada heroína desde 1810), o Padre Carlos José dos Santos; o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, citado; Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, irmão de José Martiniano e nascido em 17-9-1789 (carta do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe ao desembargador Livino Lopes da Silva Barros); Leonel Pereira de Alencar, mencionado irmão de Dona Bárbara; Inácio Tavares Benevides, genro daquela, e pernambucano, de origem; Francisco Pereira Arnaud (e não Arnaudo), licenciado, de Missão Velha, neto do Capitão João Correia Arnaud, co-fundador da mesma cidade; Bartolomeu Alves de Quental (com 28 anos de idade em 1817), filho do pernambucano, de Recife, José Dias Alves de Quental, que se fixara em Crato e fundou a importante família Quental dêste Cariri; Raimundo Pereira de Magalhães (mais ou menos da mesma idade de Alencar), aliás o único representante da família Bezerra de Menezes, do Cariri, que participou da revolução de 3 de Maio de 1817 nesta zona; Francisco Pereira Maia Guimarães fundador da família Maia sob êstes céus e ascendente de Álvaro Maia, interventor no Estado do Amazonas ao tempo da Ditadura Vargas.

A idéia, semeada, foi medrando progressivamente, sempre estimulada pelo seminarista em férias anuais e ao contato de alguns que acaso o visitavam em Recife e através de um ou outro

correligionário que por ventura se dirigisse para o seio de seu clã. A idéia já estava amadurecida, quando, na segunda quinzena de Abril de 1816 e primeira dezena do mês seguinte, teria recebido o impulso, acidentalmente estimulante, esporádico, do Ouvidor João Antônio Rodrigues de Carvalho, que, tendo tomado posse das funções em 16 de Maio de 1815, esteve em Crato, pela primeira e última vez, naquela quadra de tempo, no desempenho das funções: correição e ereção da vila de Jardim, criada em 1814. Sem descontinuidade, a atuação de Alencar prosseguiu. E quando chegou a esta vila em 29 de Abril de 1817, para deflagrar a revolução no Cariri, como de fato fêz no dia 3 do mês seguinte, seu trabalho não foi mais o de semear uma idéia, que semeara anteriormente, e cultivara, em anos seguidos, mas o de convencer da oportunidade de convertê-la em revolução de fato, acrescida a tarefa da articulação e deflagração do movimento revolucionário.

Admitíssemos, só para argumentar, que a Revolução Cariariense de 1817 tivesse sido o resultado da curta estada, um ano antes, do Ouvidor Carvalho nesta zona — e admitiríamos o absurdo de a idéia revolucionária por êle acidentalmente lançada, ter amadurecido em 12 meses, e mais o outro absurdo de José Martiniano haver aguardado, desde 1810, a ação ideológica do Ouvidor, limitando-se a exclusiva tarefa de deflagrar a revolução em 1817.

Enfim, não há documentário, que autorize a dar à atuação de Rodrigues de Carvalho em Crato, o relêvo imaginado, ou, melhor fantasiado por certos cronistas. O próprio Inácio Tavares Benevides, antes de ter sido o pretendido e transitório apeniguado do Ouvidor, o era, e, permanente, de Dona Bárbara e José Martiniano de Alencar.

Precursor da idéia de independência e de república no Ceará (o Ouvidor Rodrigues de Carvalho chegou ao Ceará em dezembro de 1812 e não está provado que logo iniciasse a propaganda de idéias subversivas, enquanto José Martiniano de Alencar e sua mãe já em 1810 eram objeto das preocupações políticas de Arruda Câmara); precursor da idéia nacionalista e republicana no Cariri; pioneiro da revolução independentista e republicana no Ceará — a figura histórica de José Martiniano de Alencar configura-se no binômio: Precursor — Libertador. Libertação efêmera, mas que se consumaria em 1822 no Ceará numa ação que ignorava ainda o Sete de Setembro e realizada pela mesma gente transitariamente derrotada no Cariri em 1817." A independência no Ceará

foi proclamada no Icó a 16 de Outubro de 1822, ao se reunirem aí, os eleitores do sul da província para a escôlha dos constituintes brasileiros. O govêrno temporário, por êles organizado, pela aliança de Tristão de Alencar Araripe, um dos implicados na revolução de 1817, com o chefe realista Filgueiras, (Então politicamente convertido dos Alencares, observamos nós), tomou conta do Ceará e decidiu-se socorrer o Piauí contra a truculência de José da Cunha Fidié..." (Oliveira Lima, op. cit. p. 111).

IMPORTÂNCIA

Foi de transcendental importância a Revolução Caririense de 1817. Deixou patente que só o Cariri, no interior trabalhado pelas novas idéias, reuniu as condições imprescindíveis à repercussão concreta do movimento irrompido em Recife a 6 de Março daquele ano. Foi sua continuação, cinco anos depois, consumação da independência no Ceará, prèviamente concertada em Crato; encarnada no Govêrno Temporário do Icó, presidido pelo Capitão-mor José Pereira Filgueiras; empossado pela Câmara do Crato e em seguida instalado em Fortaleza para todo o Ceará. (É interessante acentuar que só em primeiro de novembro, a notícia do Sete de Setembro chegou a Fortaleza, via marítima) Foi sua reprodução, em estilo maior, a republicana e separatista revolução que integrou o Ceará na Confederação do Equador. Cúpula responsável: José Martiniano de Alencar e Tristão de Alencar Araripe e o Governador das Armas do Ceará, coronel José Pereira Filgueiras, o fator decisivo, e como já se disse, convertido aos princípios democráticos que animaram os revolucionários caririenses de 1817.

PROJEÇÃO

Os revolucionários caririenses de 1817 projetaram-se na história com o relêvo que o sentido alto da revolução lhes deu, e, na política nacional, representados pelos seus companheiros da jornada daquele ano, Tristão de Alencar Araripe e José Martiniano de Alencar. Aquêlê, tombado no chão da luta em Santa Rosa, feito presidente revolucionário do Ceará. O segundo, "constituente das Côrtes de Lisboa e do Rio de Janeiro, onde com entusiasmo e eloquência defendeu as causas da independência e da liberdade; em 1828, eleito deputado (pelo Ceará e Minas Gerais, tendo optado pela sua provincia natal, observamos nós) a Câmara Temporária,

onde formou entre os mais destacados combatentes contra a facção absolutista chefiada por Francisco Vilela Barbosa depois Marquês de Paranaguá; escolhido senador, na lista triplíce, em abril de 1832"; co-fundador do Clube da Maioridade; duas vezes Presidente do Ceará — foi o maior governador de todos os tempos, da Terra da Luz, no conceito lapidar de Raimundo Girão (Pequena História do Ceará). Em verdade, assombra, diante do atraso da época e da mingua de recursos, as realizações que o ex-pupilo político de Arruda Câmara empreendeu, como, por exemplo:

"Fundação do Banco Comercial do Ceará, o qual contribuiu imenso para o progresso do Ceará;

"Construção de açudes, iniciada pela barragem do Pajeú";

Abertura de poços e cacimbas;

"Vias de comunicação e transporte, começando pelas estradas de Fortaleza a Icó e de Fortaleza a Sobral;

"Incremento da lavoura de cana e algodão e cereais e início da cultura do café;

"Fomento da criação e importação de reprodutores;

"Introdução de imigrantes trazidos dos Açores para os trabalhos da agricultura;

"Contrato de artifices na França para o ensino de artes e ofícios;

"Canalização de água potável para Fortaleza;

"Iluminação pública para a capital;

"Recenseamento da população que contou duzentos e quarenta mil habitantes" (Esperidão de Queirós Lima, op. cit.). Varreu o interior "dos potentados criminonos que traziam as populações sertanejas em sobressaltos, as quais viviam sob a ameaça constante de roubos e assassinios". Prendeu e fêz processar e sentenciar o mais terrível destes potentados, o sargento-mor João André Teixeira Mendes, que mandava fuzilar publicamente as vítimas de suas sentenças de morte e foi responsável pela célebre *Comissão Maluta*. Para ter-se uma idéia do espantoso clima de insegurança então vigente no interior do Ceará, leia-se Documentos do Arquivo do Governo, Correspondência de 1835, Estado de Pernambuco, Edição da Secretaria do Governo — Recife—1937.

Alencar honrou a memória dos companheiros cariarienses de 1817 e dignificou revolução.

Arruda Câmara, Padre Ribeiro e Padre Miguelinho tinham faro político.

A ÚLTIMA PRISÃO

Os últimos revolucionários de 1817, caídos nas garras do zelo enfático do Governador Sampaio, não o foram no curso do ano de 1818. A última prisão ocorre em 1819, na pessoa de Raimundo Pereira Magalhães, cratense e revolucionário de 3 de maio de 1817, aliás o único membro da família Bezerra de Menezes, desta zona, a participar da revolução. O termo de sua prisão, tomado na cadeia de Crato, traz a data do dia 20 de janeiro do dito ano de 1819.

A OSCILAÇÃO DE FILGUEIRAS

Interpretações várias surgem ainda a propósito da atitude de Filgueiras, omissa, a princípio, em face da revolução cariense de 1817, e depois, o autor supremo e decisivo de seu fracasso, pois, neste particular, a êle "se deveu tudo", conforme se lê em Documentos Históricos, sob a direção de José Honório Rodrigues, vol. CII, p. 123. O Capitão Mor "queria era explorar os acontecimentos", escreveu o coronel Herculano Teixeira Dassunção, em sua tese apresentada ao Primeiro Congresso de História da Bahia — "A Revolução Pernambucana de 1817 e sua repercussão na Bahia", in Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia, vol. III - Salvador - Bahia - 1950.

FILGUEIRAS, PADRINHO DE JOSÉ MARTINIANO

O ilustre Carlos Studart Filho nega que o Capitão - Mor José Pereira Filgueiras tenha sido padrinho de José Martiniano de Alencar e, portanto, compadre do casal Capitão José Gonçalves dos Santos - Bárbara Pereira de Alencar - Afirma-o entretanto, em citação, Maximiano Lopes Machado, por sua vez citado por Oliveira Lima, Nota LXXI, à História da Revolução de 1817 em Pernambuco, de Muniz Tavares - Recife - 1917. Trata-se de apadrinhamento de batismo, porquanto o padrinho de crisma de José Martiniano foi o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, citado (Livro de registro de crisma e batizado, paróquia de N. S. da Penha do Crato — 1798 - 1806). Repetimos: D. Bárbara foi comadre, na pia batismal, do 3.º Capitão-Mor do Crato (Liv. de reg. de batismo, par. cit. f. 8, 1831).

PASMOSO EQUÍVOCO

O ilustre autor de "A Revolução de 1817 no Ceará" considera "pasmosa ingenuidade", a de Irineu Pinheiro quando escreveu que a Revolução Pernambucana de 1817 teria sido contada de forma diferente, se Filgueiras lhe tivesse prestado o seu apóio. Isto faz lembrar o pasmosíssimo equívoco do ilustre Carlos Studart Filho ao afirmar em seu mencionado trabalho que Joaquim Pinto Madeira seria fuzilado mais tarde pela célebre *Comissão Matuta*. Ora, esta Comissão é um fato vinculado ao Ceará revolucionário de 1824, enquanto Pinto Madeira foi fuzilado em 28 de novembro de 1834 em Crato por sentença do júri local.

Cochilou Irineu Pinheiro, cochilou o ilustre Carlos Studart Filho, cochilamos nós, cochilam todos.

LISTA DOS CULPADOS DA REVOLUÇÃO CARIRIENSE DE 1817

No Arquivo Público, da Bahia, Oliveira Lima copiou, do original da Devassa, a lista dos culpados da Revolução Pernambucana de 1817 e publicou no fim de suas anotações à obra de Muniz Tavares, citada. Desta lista extraímos os nomes dos culpados da revolução caririense do referido ano:

ANTÔNIO ALVES CARNEIRO, pronunciado a 13 de setembro de 1818, cabra do Lameiro.

ANTÔNIO DA COSTA, cabra do Lameiro, pronunciado na data referida.

BÁRBARA PEREIRA DE ALENCAR, pronunciada em 13 de setembro de 1818.

BARTOLOMEU ALVES DE QUENTAL, pronunciado em data supra.

PADRE CARLOS JOSÉ DOS SANTOS, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

FÉLIX CARNEIRO, cabra do Lameiro, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

FRANCISCO CARDOSO DE MATOS, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

FRANCISCO PEREIRA ARNAUD, pronunciado em data supra.

FRANCISCO PEREIRA MAIA GUIMARAES, pronunciado em 13 de setembro de 1818

FREI FRANCISCO DE SANTANA PESSOA, pronunciado em data supra.

INÁCIO TAVARES BENEVIDES, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

JOAQUIM DA COSTA, cabra do Lameiro, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

JOAQUIM FRANCISCO DE GOUVÊA, pronunciado em data supra.

PADRE JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

LEONIL PEREIRA DE ALENCAR, pronunciado em data supra.

MANOEL DA COSTA, cabra do Lameiro, pronunciado em data supra.

MANUEL DA SILVA, cabra do Lameiro, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

PADRE MIGUEL CARLOS DA SILVA SALDANHA, vigário da matriz da vila do Crato, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

MIGUEL JUSTO, cabra do Lameiro, pronunciado em data supra.

RAIMUNDO PEREIRA DE MAGALHÃES, pronunciado em 13 de setembro de 1818.

TRISTÃO GONÇALVES PEREIRA, pronunciado em data supra.

NOTA: Os réus Antônio Carneiro e Antônio da Costa não eram pernambucanos, mas cratenses, moradores no sítio Lameiro, de propriedade dos Alencares. Quanto a Francisco Pereira Arnaud, o Barão de Studart grafou Arnau-mas na verdade a grafia é Arnaud, ou Arnaut, usada secularmente pela família nesta zona. Ele era filho do Coronel Alexandre Correia Arnaud, por sua vez procedente, este, como se disse do Capitão João Correia Arnaud, bahiano e tronco no Cariri da família Arnaud desta mesma zona.

Feito o confronto dos culpados da revolução pernambucana de 1817 no Cariri com os da mesma revolução no resto do Ceará, estes ficam sensivelmente aquém daqueles do ponto de vista qualitativo, isto é, tomada em conjunto a categorização social. E sob o aspecto quantitativo, é ridículo, o número dos culpados, *cearenses*, do resto do Ceará, (Estamos excetuando o Cariri, ré-frisamos).

A ÚLTIMA PRISÃO

Dos implicados notoriamente na revolução de 1817 no Cariri, foi o jovem Raimundo Pereira de Magalhães o último a ser prêso. Eis o termo de prisão:

“Termo de prisão do réu, prêso por inconfidência. Raimundo Pereira de Magalhães, à ordem do Ilustríssimo Senhor Governador”.

“Aos vinte dias do Mês de janeiro de mil oitocentos e dezenove nesta Real Vila do Crato, Comarca do Crato do Ceará, na grade da Cadeia, dela onde fui vindo, eu, escrevente juramentado no impedimento do escrivão, e sendo aí, abri termo de prisão ao prêso Raimundo Pereira de Magalhães, branco, com carta da terra, solteiro, com idade de vinte e quatro anos, aquém fiz as perguntas do estilo, e respondeu-me ser o próprio filho legítimo de Luís Pereira de Magalhães e de Teresa Bezerra de Menezes já falecidos; que fôra prêso à ordem do Ilustríssimo Senhor Governador por inconfidência, e que nunca teve ordens menores e nem sacras; e fazendo as averiguações necessárias, achei ser de baixo corpo, cabeça redonda, nariz um tanto grosso, pouca barba, cabelos compridos e ruivos, natural desta freguesia de Nossa Senhora da Penha de Crato. Estava composto de camisa e ceroula de pano de linho, e logo recomendei ao atual carcereiro que não o soltasse sem ordem expressa do Senhor Governador; e de como assim se obrigou assinou com o dito prêso. Eu, Francisco de Olanda Cavalcante, escrevente juramentado que o escrevi — Raimundo Pereira Magalhães. José Pinto de Araújo”. (Do Livro de Termos de Prisão e Fiança, 1817 - 1840, fls. 13-14. Cartório de Antônio Machado. Crato-Ceará).

A CARTA DE ARRUDA CÂMARA

“Arruda Câmara trabalhou muito, quer nas suas investigações científicas, como escrevendo o resultado delas, e se nem todos os seus trabalhos vieram à luz da publicidade, ao menos consignemos a enumeração daqueles de que podemos conseguir informações exatas, sendo, a êste respeito, o mais importante documento, uma carta do próprio Arruda Câmara, escrita ao Padre João Ribeiro Pessoa, em 2 de Outubro de 1810, de Itamaracá, onde então se achava gravemente doente, carta esta que não é sômente de interesse para ciência, mas também um importante documento

para a história política desta província, pois deixa ver claramente que existia assentado o plano da revolução de 1817. Eis pois a sua íntegra :

“João — A morte se me aproxima a passos largos. Por temer de aí chegar vivo, faço-te esta bem atribulada, pois conheço o meu estado.

“Avisa ao Tinoco de ir morrer em sua casa, caso lá chegue vivo. Estas linhas são escritas por cautela, para depois de minha morte saberes mais Tinoco, o que devem fazer quanto algumas alfaias que ficam. Não ignora a demasiada ambição do meu mano Francisco, que tudo há de praticar para não ter efeito minha última vontade. O nosso amigo João Fernandes Portugal nunca fique em esquecimento de você. A minha Flora de capa encarnada que Francisco tem em vistas, chama a ti com tempo. A minha obra secreta manda com brevidade para a América inglêsa ao nosso amigo. Por nela conter coisas importantes, que não convém ao feroz despotismo ter dela menor conhecimento; e por ter então muito que perder os da tua família do ramo do general André Vidal de Negreiros, que Padre Matias Vidal de Negreiros, e marquês de Cascáis hão despojados dos bens do dito general furtivamente. Tem toda cautela na minha miscelânea, onde estão todos os apontamentos das importantíssimas minas. Se succeder algum desar, em que vires perigo a tua existência, faz ciente alguém de tua família do ramo de Negreiros, ao amigo da América inglêsa para prevenir tudo, e nunca sujeitarem os meus papéis a ingratos, embora fiquem por tempos privados dos seus bens”.

“Tambem não devem esclarecer aqueles que os tem defraudado. Estou falando sobre os herdeiros roubados do ramo do general Negreiros. Os bens ficam à disposição dos meus testamentos, tu, Tinoco, e João Fernandes Portugal”.

“Conduzam com toda a prudência a mocidade em seus inspiros para que nenhuma província a exceda. Tenham todo o cuidado no *adiantamento* (O grifo é do copista) dos rapazes Francisco Muniz Tavares, Manuel Paulino de Gouveia, JOSÉ MARTINIÃO DE ALENCAR (o emprêgo de maiúsculas na grafia do nome dêste último é do copista), e Francisco de Brito Guerra; como assim acabem com o atrazo de gente de cõr, isto deve cessar para que logo que seja necessário se chamar aos lugares públicos haver homens para isto, porque jamais pode progredir o Brasil sem eles intervirem em seus negocios; não se importem com essa aca-

nalhada e absurda aristocracia cabundá. que há de sempre apresentar futeis obstaculos".

"Com a monarquia ou sem ella deve a gente de cor ter ingresso na prosperidade do Brasil. A conhecida prohibidade de Caetano Pinto não deve ser constrangida. *Tu és o meu escolhido* (o grifo é do copista). As fases por que tem de passar o Brasil mostrarão em que deve ficar o seu governo sobre representante da nação. Sou dos agricultores que não colherei os frutos de meu trabalho, mas a semente está plantada com boas batatas. D. BÁRBARA CRATO, DEVEM OLHA-LA COMO HEROÍNA (o emprêgo de maiúscula na grafia dêste nome é iniciativa do copista). Remete logo a minha circular aos amigos da América inglêsa. e espanhola; sejam unidos com esses nossos irmãos americanos, porque tempo virá de sermos todos um; e quando não for assim sustentem uns aos outros. Como ainda não pode o Brasil com grandes obras, fala no entretanto a Caetano Pinto para mandar por via dos comandantes de ordenanças abrir essas estradas até cincoenta léguas a machados e foices com o que muito lucrará o commercio e agricultura. Não trato de abrir canais, porque sustentem os que há feitos pela natureza, não vale a pena o serviço que com elle se depender. Mauricio situou mal o Recife, sem ter ancoradouro e em cima de bancos de areia inextinguíveis.—Adeus.—Itamaracá, 2 de outubro de 1810".

"P. S. Se ainda vires Frei Gaifundo dize a esse frade que não levo queixas dele, pois tudo lhe perdão". In Pereira da Costa, F. A. Dicionário Biográfico de pernambucanos célebres. Recife, Typographia Universal, 1882—Fls. 640 - 649).

"Além dos trabalhos mencionados nesta carta, Arruda Câmara deixou muitos outros, como consta de um officio do Governador Caetano Pinto dirigido ao juiz de fora de Goiana, em 3 de abril de 1811, determinando que sem perda de tempo lhe remetesse todos os manuscritos deixados por Arruda Câmara, os quais segundo as informações que tinha eram os seguintes: 1.º — Flora Pernambucana, com estampas e desenhos. 2.º — Tratado de Agricultura. 3.º — Tradução de obra de Lavoisier. 4.º — Tratado sobre a Lógica. 5.º — A sua Insectologia, ou coleção de desenhos sobre insectos.

Além dos seus numerosos e importantes trabalhos inéditos, hoje perdidos na sua maior parte, Arruda Câmara publicou os seguintes:

Aviso aos lavradores sobre a inutilidade da suposta fermentação de qualquer qualidade de grão ou pevides, para aumento da colheita. Lisboa, 1792.

Memória sobre a cultura dos algodoeiros. Lisboa, 1799.

Discurso sobre a utilidade da instituição dos jardins nas principais províncias do Brasil. Rio de Janeiro, 1810.

Alguns de seus trabalhos tiveram publicação póstuma no Arquivo Médico Brasileiro, 1845, assim como encontra um outro Memórias sobre as plantas de que se pode fazer a barrilha, nas Memórias Economicas da Academia Real das Ciências de Lisboa; e o Dicionário Botânico do pharmaceutico Joaquim de Almeida Pinto, teve como poderoso auxiliar os trabalhos de Arruda Câmara.

A parte notavel que têm os escritos daquele venerando naturalista neste Dicionário, diz uma Autoridade competente, constitue o seu maior titulo de merecimento, e pelo qual mais se recomenda a sua leitura a todos quantos prezam e cultivam o estudo da botânica,

Em muitas ordens de plantas da Flora Brasileira, diz o Dr. J. M. de Macedo, depara-se ora com especies, ora com generos mencionados como homenagem à memória deste botânico brasileiro, além das notas relativas à parte útil e industrial de varios vegetais da flora brasileira. Saint Hillaire perpetuou o nome do botânico brasileiro criando o genero *Arrudea* na familia das *Guttíferas*.

Dr. Manuel de Arruda Câmara faleceu na cidade do Recife, em fins do ano de 1810, e deixou nome distinto e apreciado pelos naturalistas sabios do velho mundo, em cuja ciencia, segundo Varnhagem, disputou a palma ao illustre botânico Frei José Mariano da Conceição Veloso" (Pereira da Costa, Dicionário Biográfico, cit., fls. cit.)

O movimento de 17 no Ceará foi obra duma familia (Barão de Studart, Rev. do Instituto do Ceará, edição de 1917, pág. 159).

A TRADIÇÃO CLASSIFICADA

Sem classificação é a versão, segundo a qual, Dona Bárbara teria suplicado de joelhos, a um curiboca, que a encontrara, refugiada, após o infausto 11 de Maio de 1817 — não denunciá-la. Trata-se de uma fantasia de seus adversários políticos da época, com o fito de desfigurar a beleza moral deste fato: o mais dedicado escravo de Dona Bárbara, prêso, era diariamente maltratado

com o fim de revelar o refúgio de sua senhora. Surpreendeu uma oportunidade e seccionou a própria língua, a só perspectiva de que viesse a fraquejar e trair o ídolo de sua dedicação. Esta, a tradição classificada.

AINDA PINTO MADEIRA

Outra circunstância que repeliria o ato absurdo do fuzilamento de Pinto Madeira pela célebre Comissão Matuta, está em que aquêle era intransigente monarquista dedicado a Pedro I, enquanto a tal Comissão também o era...

O PERIGO FOI EXTERNO

No Ceará, na área compreendida fora do Cariri, esteve, na verdade, em 1817, na iminência de ser teatro da revolução em armas, não pela decorrência de um movimento interno, resultante da improdutiva e ineficiente atividade do Ouvidor Carvalho, mas pela ameaça de invasão armada do território da Capitania, planejada pelos revolucionários paraibanos da zona do Rio do Peixe, e potiguares de Porto-Alegre e Serra do Martins, perigo conjurado em tempo pelo Governador Sampaio que mandou contra aquela gente rebelada forças sob o comando de Alexandre Tomás José Leite de Chaves e Melo.

A MEDIDA PREVENTIVA

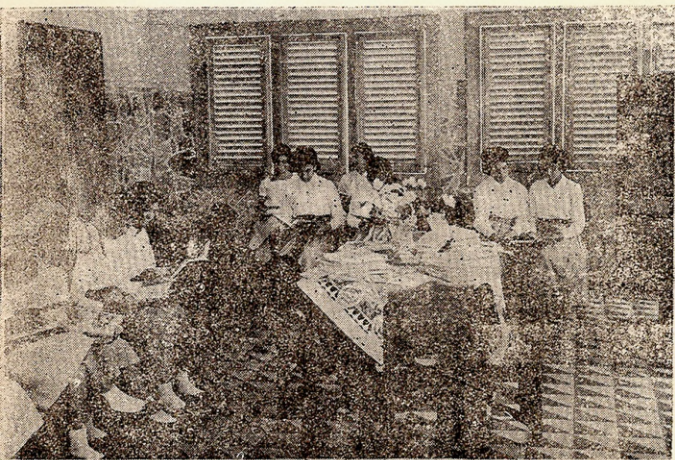
Em Recife — dizem — a medida preventiva de Caetano Pinto mandando prender oficiais militares suspeitos de conspiração, precipitou o movimento de 6 de março. Fortaleza talvez tivesse repetido Recife, com a prisão preventiva do Ouvidor Carvalho se na verdade êste ouvesse desenvolvido uma atividade “produtiva e eficiente”, junto aos militares brasileiros. Mas, aconteceu, como já vimos, que as dimensões atribuídas à produtividade e a eficiência conspiradora do Ouvidor Carvalho no Ceará pelo excesso de boa vontade ou fantasia de alguns cronistas, não passam de mito.

A contradita do Barão de Studart à versão de M. L. Machado, não pacifica a questão, soluvel tão somente à luz de documentário decisivo, no caso o registro do nascimento de Martiniano, ou prova indireta.



Oitão da casa de Caiçara, onde nasceu a heroína da revolução de 1817, de Crato - Barbara Pereira de Alencar. Visita do Instituto Cultural do Cariri - Exu - Pernambuco. A estrutura da pedra é a mesma do século XVIII.

**REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS
EXCURSÕES E VISITAS DO
INSTITUTO :**



Na Biblioteca do Ginásio Madre Ana Couto. Alunas consultam livros. É dos bons estabelecimentos de ensino da cidade, dirigido pela experiência de Madre Feitosa. É integrado no conjunto da Casa de Caridade, feliz iniciativa da Diocese do Crato.

PRESENTE DE NATAL

DUARTE JUNIOR

Não foi a sêca, matando as searas e os rebanhos, o que "Papai Noel" deu ao CARIRI neste glorioso natal de 1961.

Não foi a cota federal para uso e gôso de Prefeitos vigaristas.

Não foi um novo aumento de subsídios de deputados e vereadores.

Não foi a visita de políticos, ou "ideólogos" - Plínio, Prestes, Julião, Jânio...

Nada disso.

O que êle trouxe em sua bandeja milagrosa, foi a eletrificação de Crato, Juazeiro, Barbalha, M. Velha, Milagres, Brejo Santo, Mauriti Jardim e outros, o que vale dizer - a redenção econômica desta Região.

* * *

Sem a energia do potencial hidro-elétrico do São Francisco, à base de lenha, ou mesmo de óleo diesel, seria impossível a sua industrialização, a transformação do seu artesanato em parque industrial.

O próprio DEUS, no Gênesis, para fazer o mundo, proferiu o Fiat Lux.

É certo que para iluminar as suas cidades imensas não precisou das cachoeiras de que poderia dispor. Os seus motores

funcionam sem hulha branca, sem óleo, carvão, achas, e a energia é propagada sem fios, condutores, torres, isoladores, transformadores, quadros, para-raios.

Como no sonho do poeta que via a luz despreendendo-se de todos os objetos - das flores, das árvores, das aves, numa irradiação feérica, deslumbrante, o cariense sonhava com Paulo Afonso transformada em catadupa de luz, iluminando os nossos lares, ruas, praças e jardins.

O CARIRI não podia se acostumar e nem mesmo se conformar com a caligem noturna que lhe vinha roubando a alegria do convívio social, isolando-o do rádio, da leitura, privando-o dos serviços elétricos, desde o fogão à lavanderia.

Não acreditamos que haja alguém capaz de preferir a treva à luz, se até as feras gostam de claridade, como acontece à onça que, segundo Catulo, "lá na verde capoeira passa uma hora inteira vendo a lua "a meditar". Não há dúvida de que existem até plantas que por condição natural amam a luz: O Girasól volta-se sobre sua haste para o sol e a vitória-régia do Amazonas veste-se de cores diferentes sob

a ação da luz, sem trocar as folhas e as pétalas.

Sòmente os vampiros, os morcegos, as corujas, as bruxas, os duêndes, gostam das noites sem luar, sem estrelas e sem lâmpadas elétricas.

Temos muito amor ao CARIRI, no claro ou no escuro, mas, porque lhe temos mais amor do que Romeu à Julieta, Paulo à Virginia, Simão à Tereza, Cirino à Inocência, não nos podíamos acomodar com a desdita dessa noite perene, dessa continua sucessão de sombras.

Necessidade suprema, o problema de luz e força, tornou-se insolúvel para as Prefeituras do Cariri. Importar máquinas, de países em que a moéda vale ouro, não seria mais possível às nossas pobres Comunas.

E, afastado o Cariri do plano de eletrificação do Nordeste, continuaríamos condenados a fazer força com os próprios braços, injustiça tanto mais clamorosa quanto é certo que o Rio São Francisco pertenceu aos nossos maiores - aos índios CARIRIS sendo agora restituído com um pouco de energia gerada na usina de Paulo Afonso.

Quis a providência que a queda do grande Rio, pelo desnível de mais de oitenta metros no seu leito, viesse a se produzir em Paulo Afonso, a menos de 300 quilômetros da cidade de

Nossa Senhora dos Milagres, distancia esta inferior às distancias que a separam de Salvador, Recife, João Pessoa, Campina Grande e outras, o que possibilitou o transporte de força da Cachoeira para o afortunado Vale.

Certo como é que, em função do consumo de kilowatt, o habitante das regiões providas de energia elétrica vale muito mais do que o individuo de parágens privadas de usinas, passaremos nós caririenses da condição de miseráveis "chinêses" ao standard de norueguêses, suíços, canadenses, senão agora, mas em futuro não muito remoto.

Do ciclo da rapadura passaremos ao da industrialização. das rodas de pau, da lenha, do carro de boi, do jumento, ao motor elétrico acionando engenhos, avia-mentos, fabricas, usinas, oficinas.

A Suíça que não tem petróleo, carvão mineral, porto de mar, graças a hulha branca, é um dos países de maior indústria de transformação da Europa.

Comprando matéria prima no Brasil e em outros mercados, vende a todos os povos os produtos de sua indústria.

Quem não conhece as máquinas suíças, as suas lãs, as suas sedas, quem não tem no bolso ou no braço, um relógio suíço?

Não se pode atribuir a um individuo qualquer, isoladamente, a conversão em realidade da su-

O POETA LUDGERO

PRIMEIRA LIRA CRATENSE

JOSÉ DENIZARD MACÊDO DE ALCÂNTARA

Anos passados, o velho humorista cratense Pio Carvalho reuniu num curioso folheto várias produções da literatura popular do Cariri, intitulado a coletânea com a alongada enumeração de «Poesias dos melhores poetas do Cariri — Pegadas por Pio Carvalho — De João Lôbo da Mata (Lôbo Manso), José de Matos, Luís Carlos (Tanoêro), Zé Pinto e LUDEGERIO - Defesa de João Ernesto Severiano da Cunha — Duas histórias passadas a verso pelo autor dêste folhêto». Eis aí o alongado título.

No texto — coletado graças à prodigiosa memória de Pio Carvalho, às págs. 37 e 38, consta o seguinte :

prema aspiração caririense, eis que inúmeros foram os que entraram com o seu contingente de sacrificio em prol do ideal comum, além dos dirigentes da CHESF e dos seus notabilísimos Engenheiros que, pela técnica, subjugarão o potencial hidráulico, transformando aquela força bruta, em força dirigida, em luz e energia.

«LUDUGÉRIO (?), foi um dos melhores poetas do Cariri, infelizmente toda a sua produção foi perdida, sabendo-se apenas de sua autoria os versos que vamos ver. Sebastião de Carvalho, padrao de Ludugerio, encontrou certo dia uma quadra, na banca, e, em resposta fez outra que daremos adiante :

Longe de tí meu benzinho
Como poderei passar
De noite vivo tão triste,
De dia vivo a pensar.

Sebastião de Carvalho, faz a gloza e deixa no mesmo lugar que encontrou o mote :

Seis nomes, porem, devem ser destacados e não poderão ser esquecidos — COLOMBO DE SOUSA, Virgilio Távora, Wilson Roriz, Hildegardo Belem, Berenhauser Júnior e Engenheiro Alves de Sousa, principalmente o primeiro que foi o desbravador, o dianteiro, o autêntico Papai Noël deste Presente de Natal.

PERDE-SE NO FIM
DA VIDA

Todo moço variado
Que não teme a lei de Deus,
Cuida que os costumes seus
São bons e não são pecados
Cuida que seu mal estado
Não lhe conduz a intriga
Se engana que Deus castiga
Em qualquer ocasião
Ou então sem remissão
Perde-se no fim da vida

Ludgerio, pegou a deixa de
Sebastião de Carvalho, e fez estes
versos :

O Nabuco donosou
Diz a Sagrada Escritura
Que trocou sua figura
Por ser grande pecador
Porém Deus o perdeu
No transito de sua vida
A Magdalena perdida
Converteu-se ao Senhor
Só um juda traidor
Perde-se no fim da vida.

Respeitada a grafia e pontuação do autor, várias retificações se impõem ao que escreveu Pio Carvalho. Primeiro, o nome do Poeta era MANOEL LUDGERO DE CARVALHO PAZ, segundo o Barão de Studart, págs. 347 e 348, II vol. do seu famoso «Dicionário», o qual informa que era «natural do Crato. Poeta, advogado, médico, músico e pintor. Na idade de 82 anos foi ao Rio

de Janeiro visitar parentes seus allí residentes e voltando da Parahyba do Sul lá faleceu em 1876.»

Segundo, retifique-se a questão do padraсто Sebastião de Carvalho, que era o PAI, pois o padraсто chamava-se André Vieira de Mello Cavalcanti. Terá sido este ou o pai o autor da provocação poética?

De fato, do casamento do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro com Da. Rosa Josepha do Sacramento nasceu a primogênita Da. Luiza Joana Bezerra de Menezes em Sergipe, julho de 1773, falecida no Crato em 20 de Dezembro de 1820, segundo os valiosos informes do infatigável historiador do Cariri, meu illustre mestre Pe. Antonio Gomes de Araujo, no seu valioso trabalho sobre o Pe. Pedro Ribeiro da Silva, irmão do poeta Ludgero e verdadeiro fundador de Juazeiro do Norte, publicado no n.º IV da revista «TAYTERA», além das notas genealógicas que acompanham a biografia do Brigadeiro Leandro, da autoria de Dias da Rocha, publicada na Revista do Instituto do Ceará, no ano de 1916.

Contraiu Luiza Joana matrimônio em primeiras núpcias com o capitão-mór Sebastião de Carvalho e Andrade, natural de Pernambuco, o qual se tornou possessor de terras na área caririense, segundo escreve o Pe. Gomes.

Passou a segundas núpcias com o capitão André Vieira de Mello Cavalcanti. Dizem as notas de Dias da Rocha que o falecimento foi a 20 de Setembro de 1821, discrepando assim informação dada pelo autorizado Pe. Gomes, conhecedor profundo dos arquivos locais, que a data teria sido 20 de Dezembro de 1820. Foi Da. Luiza Joana a fundadora da antiga capela de S. Vicente Ferrer, que se erguia outrora na actual Praça Siqueira Campos. no Crato.

As notas de Dias da Rocha adeantam que do primeiro leito houve dois filhos, mencionando apenas o Pe. Pedro Ribeiro da Silva, ocultando o nome do segundo, motivado talvez pela irregularidade da vida do segundo, o poeta Ludgero O Pe. Gomes pormenoriza: «O irmão, Manoel Ludgero — aliás o único, porque Luisa Joana Bezerra de Menezes tivera tão somente êsses dois filhos de seu primeiro matrimônio, e, nenhum, do segundo», isto é, do consorcio com André Vieira de Mello Cavalcanti.

Uma observação faz-se notar ainda: donde tirou o poeta Ludgero o sobrenome PAZ, atribuído pelo Barão de Studart? É certo que o pai assinava Sebastião de Carvalho e Andrade. Seria também um «Paes de Andrade», velho tronco do seu berço natal pernambucano, ao qual pertence

o Presidente da Confederação do Equador em 1824, Manoel de Carvalho Pais de Andrade, e a que se ligam os Pais de Andrade radicados em Mombaça, no Ceará? Admitida a hipótese, o PAZ do Barão seria apenas a retomada pelo poeta de um sobrenome avengo. É a inquietação de Ludgero — carregando amores mestiços e indo ao Rio de Janeiro com mais de 80 anos, era irmã sanguínea da inquietude política do pernambucano revolucionário.

O Pe. Gomes, com fundadas razões, supõe o nascimento do Pe. Pedro Ribeiro da Silva em 1790. Cctejando-se com as datas fornecidas por Studart que Ludgero falecera aos 82 anos, em 1876, no Rio de Janeiro. é presumível que seu nascimento tenha se dado em 1794, cerca de quatro anos depois do irmão sacerdote e primogênito. Retrata-o Gomes como tendo sido «seminarista, era poeta repentista, tocava violão e cantava — um espirito desportivo em suma», coincidindo assim com as informações do ilustre Barão de Studart.

O Pe. Pedro pretendia fazer do único e estimado irmão o seu herdeiro universal. «Ocorria que, solteiro, coabitava com certa mulata, também solteira, nome Leandra, apesar da repulsa e admoestações constantes, e, veementes, por vêzes, do mano sacerdote que prometeu deixar-lhe a fortuna

caso se corrigisse.» Como não o conseguisse, terminou legando os seus bens ao venerando avô, o Brigadeiro Leandro, — caso raro em legados sucessórios, — o qual ultimou e remeteu a construção da capela do Juazeiro em fiel homenagem à memória do neto.

Ludgero não se deu por achado. Casou-se depois da morte do irmão, o qual foi considerado um milagre deste, segundo a tradição familiar. Como rábula, enveredou pela chicana: tentou sequestrar o legado, alegando que o mesmo pertencia ao patimônio materno, o que não recebeu acolhida por parte da Justiça Imperial, como podemos ver a noticia do litigio no inventário da sua avó Rosa

Josepha do Sacramento. Os fatos de sua vida e as suas múltiplas habilidades revelam, pois, um homem de inteligência e de temperamento inquieto e instável, próprio do poeta, que o levaria a morrer longe do torrão natal, em terra carioca, a visitar talvez os seus primos ali radicados, o Dr. Leandro Bezerra Monteiro, o intrépido defensor dos Bispos na questão religiosa, ou o talentoso Dr. Leandro Chaves de Mello Ratisbona, a quem, o último, dedicou um soneto cujos tercetos finais o Barão de Studart transcreve — e aqui vai mais outra retificação ao que escreveu Pio Carvalho, pois temos mais um fragmento da poesia ludgeriana:

Te corôa de grinalda a mocidade,
Da velhice me branqueja a fria neve,
Tu és presa de amor e eu de saudade.

O teu direito à fortuna não prescreve
Como o meu tem prescrito à felicidade
Tu em breve serás muito, e eu nada em breve.

Sente-se no estro a melancolia de uma vida atribulada e insatisfeita e uma capacidade poética superior a da poesia popular e folclórica dos versos transcritos por Pio Carvalho. Nascido nos fins do século XVIII, estudante seminarista, parece-me que Ludgero merece a prioridade cronológica na poesia cratense. É mais

uma achega à nossa história literária, pois dele não cuidou F. S. Nascimento no seu excelente «Esbôço da Evolução Literária do Crato», publicado em «Itaytera» de 1958, e não foi outro o nosso intento ao coligir essas notas sinão condensar o que era do nosso conhecimento sobre o desconhecido vate cratense.

O BEATO JOSÉ LOURENÇO

OPÚSCULO

DE

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO

Reproduzimos a reportagem de José Alves de Figueiredo, publicada em "O POVO", de Fortaleza, edição de 7 de Junho de 1934. Foi enfeixada em opúsculo pela Tipografia da "GAZETA DO CARIRI", desta cidade. Achava-se, porém, quase esgotada. Conseguimos encontrar único exemplar no arquivo do Dr. Antônio de Alencar Araripe que o cedeu gentilmente ao Instituto Cultural do Cariri. Achamos oportuno reproduzir o trabalho do nosso antigo colaborador, falecido em 6 de Fevereiro de 1961. Foi perda sensível para as letras de nossa terra, pois, era dos escritores e poetas mais espontâneos que Crato e o Cariri já possuíram. Além do "O BEATO JOSÉ LOURENÇO", deixou o livro de contos e crônicas "ANA MULATA", edição da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ. Faleceu com a idade de 83 anos e passou 60 dos mesmos a colaborar na imprensa, não só local, como na de Fortaleza e nas publicações portuguesas: "Almanaque Luso Brasileiro" e "Almanaque das Senhoras". Foi dos mais primorosos estros de Crato e seus versos enchem jornais e revistas locais. O Politico militante, soube revestir-se sempre de muita tolerância com os adversários. Chegou a ser prefeito do município. Sua morte foi muito sentida, sendo registrada em tôda a imprensa cearense e em parte de Pernambuco. Foi homenageado pela Câmara Municipal de Crato, Assembléia Legislativa do Ceará e deram-lhe em minha terra o nome à avenida onde passa o canal do Grangeiro.

José Alves de Figueiredo, nasceu em Crato a 28 de Abril de 1878, filho do casal Pedro Alves de Lima e Ana Figueiredo Alves de Lima. Casou-se com Dona Emília Viana de Figueiredo, já falecida. Deixou os filhos: José de Figueiredo Filho, casado com Zuleica Pequeno de Figueiredo; Maria Leticia de Figueiredo e Albuquerque, esposa do Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa, Emília Figueiredo de Aguiar, consorciada com o Dr. Ilkens Almeida de Aguiar e Dr. Anibal Viana de Figueiredo, casado com Maria Eneida Ribeiro de Figueiredo.

O BEATO JOSÉ LOURENÇO e sua Ação no Cariri

O beato José Lourenço pertence ao numero dos verdadeiros fanáticos do Padre Cicero. Ele é daqueles que vem na figura do velho patriarca de Juazeiro alguma cousa mais do que um simples sacerdote.

Para sua mentalidade de estreitos limites, transbordada por essa figura agigantada, o padre Cicero é um santo superior a quanto os canones tenham lançado nos catálogos da Igreja e com essa aureola empolgou o seu espirito.

Sugestionado, tornado um autômato pela concepção extra-comum que teve do padre, todos os movimentos desse homem rustico são marcados, determinados tal qual uma máquina bem lubrificada que obedece docilmente aos impulsos manuais do mecanico.

Sua chegada em Juazeiro

Natural da Paraíba, chegou em Juazeiro em 1890, contando, apenas, 20 anos, quando ainda existia a beata Maria Araújo e o fanatismo estava no seu auge, alimentado pelo fato, considerado miraculoso, por padres e medicos, da transformação da hostia consagrada em sangue, na ocasião em que essa celebre beata comungava. Em vez, porém, de tomar um timão e, gal-

vanizando-se com um pouco do prestigio espiritual que irradiava do Padre Cicero, ir explorar os incautos, como faziam centenas de espertalhões, José Lourenço lançou mão da enxada e se dirigiu para o campo, preferindo viver honradamente da profissão de agricultor.

Com esse intuito arrendou um trecho do sitio Baixa Danta, pertencente ao Sr. João de Brito, e ali se localizou.

Um sítio em pouco tempo

Dentro de um certo lapso de tempo transformava alguns hectares de terra, até então árida e encapoeirada, num belo pomar, frutejando, em pleno desenvolvimento, plantados em ordem alguns milhares de laranjeiras, mangueiras, jaqueiras, limeiras, coqueiros, limoeiros, abacateiros, mamoeiros, bananeiras e cafeeiros, ao lado de uma bem cuidada cultura de algodão, cereais e de outras diferentes qualidades de plantas e hortaliças.

Só de carás o beato conseguiu reunir 16 ou 18 qualidades.

Iniciando a sua obra

Com a fama de sua prosperidade e do seu inexgotavel espirito de caridade, sua moradia

começou a cercar-se de numerosas famílias pobres e a encher-se de orfãos o seu próprio lar, começando êle a gastar, com raro desprendimento, o produto do seu ingente esforço, com essa gente que passou a constituir, sua família.

Durante alguns lustres viveu êle serenamente em Baixa Danta, sem ser incomodado, nêsse derame humanitário de beneficios.

Na revolução de 1914, recolheu-se ao Joazeiro e, embora estivesse disposto a morrer pelo padre Cicero, não chegou a tomar parte na luta, porque, dotado de um coração sensibilissimo, não desejava, de forma alguma, ofender ao próximo.

Sofreu grandes prejuizos com o afastamento de suas lavouras, sendo uma parte das mesmas destruída.

Serenado o movimento, êle retornou o fio de suas obrigações, procurando indenizar-se, pelo trabalho, dos danos causados na sua propriedade.

E com relativa pressa refez tudo.

A Lenda do Boi Santo

Quando o beato se achava bem instalado em Baixa Danta, o padre Cicero lhe entregou um belo touro de raça com que foi presenteado. Sendo José Lourenço, um espírito metódico e efe-

tivo, que trata o cavalo, o seu cão, o seu gato, os seus pássaros, e, finalmente, tudo que lhe pertence, com o grande zêlo, era natural que empregasse um excesso de cuidado no tratamento de um animal de estima do padre Cicero. Preparou, pois, um estábulo modelo para o touro e empregou várias pessoas para dêle cuidarem.

Em breve tempo aquêlo belo espécimem de "Guadimar" se tornara de uma beleza rara, sendo admirado por todos que o viam.

Fanaticos mais exagerados, supondo com isto lisonjarem o padre Cicero, enfeitavam os chifres do "Mansinho" com grinaldas de flores, havendo entre essa gente bronca quem lhe fizesse oblatas e bebesse-lhe a urina como remédio eficaz para diversos males.

Nêsse tempo Joazeiro sofria uma tenaz campanha da imprensa, suscitada, em parte, pela interferencia do dr. Floro Bartolomeu na politica do Estado e em parte pela ausencia de escrúpulos de alguns jornalistas que visavam assaltar o bolso do padre Cicero.

A lenda do boi santo foi trazida á baila, com os naturais retoques que os pescadores de escandalos tecem por sua conta, sendo José Lourenço apontado falsamente, como estimulador de um grosseiro fetichismo.

Começam as perseguições

O dr. Floro tinha conseguido, habitualmente dominar o padre Cicero, trazendo o Joazeiro fechado na mão, mas era dotado de um espírito fraco e, premido pela imprensa que o aterrorizava, procurou ensaiar uma fita. Chancelando como verídicas as acusações contra José Lourenço, mandou prendê-lo, conduzindo-o para Joazeiro em companhia do boi, sendo este esquartejado publicamente e aquêlê encarcerado. O beato foi, contra sua vontade, obrigado a comer da carne do seu querido "Mansinho", sofrendo, humildemente, sem protesto, outras humilhações.

Sempre as injustiças da vida! O beato interrompia a sua fãina honesta e utilíssima para pagar culpas que eram mais daquêles que o perseguiam, enquanto nas grades da cadeia vinham chasqueá-lo, gozando plena liberdade, os piores bandidos e ladrões que infestavam o Nordeste naquêlê tempo...

Sólto, voltou para Baixa Danta e continuou o seu labor, como se nada lhe tivesse acontecido e sem guardar o mais leve ressentimento do seu perseguidor.

Uma desgraça nunca vem desacompanhada

O sr. João de Brito, proprie-

tário do terreno beneficiado pelo beato, teve necessidade de o vender e o comprador exigiu a entrega, imediata, de toda faixa ocupada pelas lavras de José Lourenço.

Dando prova de um espírito ordeiro e de grande desprendimento, êle perdeu todo o seu trabalho, sem grande questão, e se retirou para o lugar Caldeirão dos Jesuitas, propriedade do padre Cicero a qual fica situada entre os sitios Lagôa e Cruzinha. Foi isto em 1926.

Recomeçando

Caldeirão é um lugar de topografia acidentada e muito pedroso, cortado por vários grotões, sem nenhuma baixada, mas todo de terrenos ótimos para plantações de cereais e algodão.

Era um deserto, sem nenhuma benfeitoria.

O laborioso agricultor edificou sua casa, um engenho de madeira, fez roças, cercou-as de pau a pique, sentou sólidos cancelões e iniciou plantações, como fizera em Baixa Danta. Ao mesmo tempo diversas outras casinhas se levantavam em derredor de sua residência e rapidamente o deserto se transformou em um arraial.

Hoje, Caldeirão é uma linda propriedade, com um bom núcleo de população, trabalhadora

e obediente ao beato, que a orienta para o bem, dentro da mais rigorosa ordem.

Ali não se vê arma, além das destinadas ao trabalho: machado, foice, etc.

Dois grandes açudes se ostentam, um no riacho do Escondido e outro no riacho Caldeirão, medindo a parêde deste 36 braças de comprido 18 1/2 de altura e 13 de base. Foram ambos obra do esforço pessoal do beato, auxiliado, apenas, por algumas mulheres.

O de Caldeirão foi concluído durante o ano de 1932

Vi ao longo das estreitas grutas que ficam abaixo dos dois reservatórios, alargados a picareta, um desenvolvido canavial, 400 pés de laranjas, 100 de jaqueira, muitas limeiras, ateiras, bananeiras, jaboticabeiras, coqueiros, umbuzeiros, romeiras, fruta-pão, guabirabeiras, jambolões, mamoeiros, eucaliptos, plantação de piteira, de palmatoria, capins — tudo tratado com esmero.

Aos lados, trepando pelos altos, grandes plantações de algodão.

Todas essas plantações de espécimens pomareiros, estão feitas em terreno impróprio e conquistado aos barrancos dos riachos, revelando um esforço ciclópico dêsse homem extraordinário.

Novas provações

A revolução de 1930 trouxe novas perseguições ao beato, que foi apontado aos revolucionários, por despeitados, como sendo um elemento pernicioso. Fugindo às tropas que o tentaram prender, êle abandonou todo o seu trabalho, com o seu pessoal, procurando asilo em lugar seguro.

Durante sua ausencia, que durou meses, mãos perversas abriram os seus cercados e o gado invadiu suas plantações, dando-lhe incalculáveis prejuizos.

As portas de sua residencia foram rebentadas e todos os objetos domésticos roubados.

Quando os próprios revolucionários se convenceram da improcedencia das acusações e o abandonaram, êle voltou aos seus dominios e, com a sua admirável resignação, reuniu a gente que o acompanhava e reconstituiu tudo.

Mil injustiças

Mal compreendido nos seus melhores intuitos, sem saber defender-se quando acusado, o beato José Lourenço tem sofrido grandes injustiças sendo perseguido várias vezes, como perigoso á ordem.

Dotado de um espirito dócil, amigo da paz, dispondo sempre de agregados, nunca se serviu

dêles para uma desordem nunca desrespeitou uma autoridade.

Prêso uma vez em Joazeiro por ocasião de uma eleição, foi libertado, por seus amigos. Mas pessoalmente, nada fez para se subtrair às garras da policia, que, sem nenhum motivo e violentamente, o deteve.

Dentro de Joazeiro, durante toda revolução de 1914, não se contaminou do delirio da luta e não se deve atribuir isto a falta de interesse pelo resultado da mesma, pois ninguem pode ser mais amigo do padre Cicero do que êle, que considera o patriarca um verdadeiro Deus.

Quem conhece, de perto, êsse humilde camponês, dominado sempre pela idéia, ou mania, de ser superiormente humanitário, não será capaz de esperar dêle um movimento qualquer que implique em rebeldia.

Outra imputação que lhe fazem, e é de truida com ardor e pelas pessoas que o conhecem mais intimamente, é a de, no terreno da moralidade, cercado sempre por numeroso grupo de mulheres, escorregar pelo plano inclinado que leva ao abismo do impudor.

Todos indicios convencem áqueles que o observam, com atenção, ter no seu coração fenecido a planta do amor carnal, crestada do fôgo do amôr ao próximo.

A disciplina espiritual a que se submeteu, por uma estupenda fôrça que possui sobre os seus instintos, sufocou todas as mais fortes vibrações de sua carne, tornando-o um puritano.

Tendo sob sua proteçãe cêrca de 300 pessoas, que êle veste e alimenta, sua casa é uma colmeia. Homens velhos e moços, brancos e pretos, mulheres, moças e velhas, ao se aproximarem do beato José Lourenço, se descobrem, com grande respeito, ajoelham-se a seus pés e beijam-lhe as mãos.

Essa veneração poderia ser inspirada por um forte poder de fascinação que êsse homem, possivelmente, tivesse. Mas, se fôsse verdadeira a increpação aludida, tal respeito já teria perdido o seu dominio, porque o poder fascinador que o alimentasse, se neutralisaria ante uma fôrça maior: o desapontamento dos maridos enganados e dos pais cujas filhas fôssem conspurcadas. A sua obra benemêrita, desfigurada por certo, há muito teria desaparecido, como tudo que se apoia em bases falsas.

Ê, porém, o contrário disso, que se observa: cada dia que se passa aumenta de proporções, não só em Calderão, como nos sitios mais afastados por onde se elastifica a açã o caritativa dêsse rude apóstolo do Bem.

Improcedentes

Outra acusação que lhe têm feito frequentes vezes é a de adulterar o culto, ministrando-o com práticas fetichistas.

É outro aleive que, em bem da verdade, precisa ser destruído.

Tendo em uma de suas salas, que traz sempre fechada a chave, enorme quantidade de quadros de santos, entre os quais se notam diversas fotografias do padre Cicero,—as parêdes quase completamente forradas por essa estranha tapeçaria, o beato cada vez que penetra nêsse compartimento, para êle sagrado, curva-se com a maior veneração. Ali êle reúne seus protegidos, seus agregados, e reza. Mas as suas orações são todas da liturgia romana. Creio que num país onde as leis garantem a liberdade de cultos, êsse direito não lhe poderá ser negado, como já têm procurado fazê-lo

Admirável

O beato José Lourenço sustentou durante os 23 meses da sêca última, além do pessoal que com êle vive de ordinário e a que já me referi, mais de 500 pessoas que recorreram á sua munificente ação.

Para levar ao cabo essa tarefa de um filantropismo tão fóra do comum, de uma tão invulgar benemerencia, ele gastou gran-

des depósitos de cereais que tinha em Calderão e toda a farinha produzida em 600 tarefas de mandiôca de sua cultura na Serra do Araripe, a qual, vendida ao preço que logrou, daria uma bela fortuna.

Fornecia, uma única refeição diária, mas sòmente nêsse jantar eram empregadas 5 quartas de farinha, ou sejam 400 litros.

Quem seria capaz, em nosso meio, de um tão desusado, tão estupendo gesto de caridade?

Outras notas

O beato José Lourenço, conforme já disse em começo dêste trabalho, é natural da Paraíba. É de côr preta. Conta 64 anos de idade, mas é forte e desempenado como um atleta.

A sua carapinha está ainda completamente preta, apresentando, apenas, encanecidas, algumas farripas da barba, espalhadas pelo rosto lizo e luzidio como o de um jovem.

Vive, de contínuo, no trabalho pesado, em companhia dos seus homens, só repousando á noite quando se entrega ás suas orações.

Esperou pelas ordens

Quando o visitei em começo de fevereiro, encontrei-o preparando terras para fazer as primeiras plantações.

Achei-o tardio aquêlê serviço, em vista dos nossos invernos estarem sendo muito curtos, raramente atingindo ao mês de maio. Êle justificou-se dizendo que sòmente naquela época havia recebido ordens do padre Cicero para iniciar aquêlê trabalho.

Nessa ocasião, deram-lhe a notícia de que o padre havia legado quatrocentos contos de réis ao bispado do Crato, em terras, e que Caldeirão tinha sido um dos sítios doados, sendo êle, talvez obrigado a retirar-se dali. Sem demonstrar a mais leve contrariedade, respondeu que se retiraria no momento em que lhe fizessem essa imposição, cumprindo-lhe, apenas, procurar outro terreno, onde se pudesse instalar de novo com o seu pessoal. E acrescentou:

—«Ê o meu dever trabalhar para o meu proximo, já que para mim de nada preciso, se não da recompensa que Deus me queira dar».

Origem do Nome

Caldeirão dos Jesuitas tira seu nome do fato de haver ali um grande caldeirão de pedra que conserva água durante grandes estios, e de terem vivido ocultos ali, em épocas passadas, dois jesuitas. Ignoro os seus nomes, mas coincidindo o seu apareci-

mento naquêlê lugar a expulsão da companhia de Jesus de Portugal, acredito tratar-se de perseguidos de Marquês de Pombal que vieram ter àquêlê recanto ignorado do mundo.

Ali viveram o resto da vida e ali morreram ambos, tendo por tecto a copa de uma frondosa baraúna. Essa árvore imemorial vivia até ha poucos anos, quando um caçador a cortou, afim de tirar uma abelha que se alojara em um dos seus galhos.

Essa irreverencia do «nosso Nero de pé descalço» para com o bêlo espécimem florestal, que tinha o seu passado histórico, revoltou o padre Cicero. Este ao mandar José Lourenço para Caldeirão, ordenou-lhe procurar os restos mortais da velha árvore, conservando-os.

José Lourenço encontrou um pedaço da haste, em perfeito estado, fincou-o num ponto, elevou sôbre lê uma casa e fez dali um cemitério.

No local onde descobriu o tronco, que foi o mesmo da cama mortuária dos dois discipulos de Loiola, está edificando uma capêla.

NOTA: — Este trabalho é a copia de um artigo inserto no "O POVO" na sua edição do dia 7 de Junho do corrente ano.

NOTA DE "ITAYTERA" — Trabalho assim, escrito com tanta isenção de animo, valeu a José Alves de Figueiredo, ser preso pela policia do "Estado Novo", como protetor da pobre vitima.

A Conquista do Cariri

F. S. NASCIMENTO

Em questão de devassamento e civilização das terras outrora ocupadas pelos cariris-novos, alguns historiadores cearenses parecem ter ficado satisfeitos com as informações de Antônio Bezerra, em *ALGUMAS ORIGENS DO CEARÁ*, desinteressando-se pela existência de documentos valiosos registrados em obras posteriores. Em razão disso, continua a história do Cariri restrita apenas à tradição referida por Joaquim Antônio Bezerra de Meneses, e relatada por João Brígido dos Santos, ou àquela presumível ascensão por tributários do Jaguaribe, até alcançar a encosta da chapada do Araripe. Acrescente-se a esses dois pontos de interpretação histórica, a abonação de algumas sesmarias concedidas a Antônio Mendes Lobato (alagoano), Manuel Rodrigues Ariosa (rio-grandense) e Manuel Carneiro da Cunha (pernambucano que não chegou a fixar-se no Cariri), e nada mais.

Quebrando, todavia, a monotonia dessa comodidade histórica em torno de tão importante região do Ceará, formou-se no Crato um autêntico grupo de trabalho, visando a determinar uma época para o reconhecimento do vale, seguindo-se de uma pesquisa ininterrupta sobre os fundamentos do seu povoamento, quando vamos encontrar pioneiros como Antônio Mendes Lobato nas proximidades da aldeia dos cariris. Com a devida vênia do Pe. Antônio Gomes de Araújo, decano dos historiadores caririenses, podemos dizer que provocamos o surgimento dessa nova ordem de estudos e pesquisas a bem da verdade histórica, publicando corajoso ensaio sobre o assunto em *A PROVINCIA*, n.º. I, ano de 1953.

Tecendo considerações acêrca desses dois pontos a que se arrimam alguns historiadores do litoral, mostramos que a 26 de dezembro de 1686, João da Cunha Souto Maior, governador-geral da capitania de Pernambuco, concedia faixas de terras a Domingos Afonso Mafrense (ou Sertão), Julião Afonso Serra, Garcia de Ávila e Bernardo Pereira, que iam testar com a serra do Araripe. Por outro lado, na fé de ofício de Luis da Silveira Pimentel, que estêve a serviço de Domingos Jorge Velho quando na destruição dos quilombos de Palmares, é referida uma busca dada ao gentio janduí, "topando com êle por êste se pôr em fugida ir em seu alcance até

a serra do Araripe..." Nêsse mesmo documento é descrito um combate que ofereceu ao gentio brabo chamado 'icós'.

Sôbre o reconhecimento da chapada do Araripe no século XVII, lê-se na descrição do Piauí, de 1697: "Sertões desertos que correm para Pernambuco pelos quais se não tem descoberto caminho nem se vadeiam em razão dos muitos gentios bravos que nêles habitam, e só se tem chegado pela parte desta povoação ao avistar uma serra chamada o Araripe, que dizem ser muito alta, e que na superfície tem de plano 50 léguas, de uma e outra parte está rodeada de várias nações de tapuias bravos". Um anexo dessa relação incluía entre os referidos tapuias "os ubatês, janduis e uriús junto à serra do Araripe, e também os icós", êstes de barbas grandes. A fé de ofício de Fimentel e a descrição em aprêço provam, em contrário daquela carta à câmara de Aquirás mencionada por Antônio Bezerra, que os sertanistas transpuseram o chapadão araripino e desceram pelo Salgado, encontrando-se muito depois com os aventureiros que ascendiam pelo Jaguaribe.

Sem falar aqui em outros documentos que irão integrar a "História do Cariri", a ser escrita sob a orientação do ICC, podemos citar outro fato que demonstra como mais provável o reconhecimento do vale caririense através da chapada do Araripe, ou do riacho dos Porcos — como admite o Pe. Antônio Gomes de Araújo, — cujo lado pernambucano já era conhecido e ocupado cêrca de 1670 pela catequese francesa, sob pressão da Casa da Torre. Trata-se do intercâmbio social entre o patriarca dos Alencares — Leonel de Alencar Rêgo — fixado em Exu na condição de reendeiro de Francisco Dias Ávila e Antônio de Sousa Goulart estabelecido no vale da Salamanca, cujas relações vieram a consolidar-se com o matrimônio do primeiro com a filha daquele civilizador barbalhense, por volta de 1718.

Pertencendo à nação cariri todos os domínios que se estendiam pela margem esquerda do São Francisco, subindo afluentes dêsse rio até testar com a serra do Araripe, em cujos sopês dominavam, para daí se alongarem até a serra da Borborema, na Paraíba dos cariris-velhos, e à regtão banhada pelo riacho Canindé, no Piauí, qual a conclusão a tirar senão a de que existia um caminho indígena ao longo da chapada, pelo qual palmilharam sertanistas e aventureiros rumo ao vale caririense? Note-se que a descrição do Piauí dava as proximidades dessa serra como o único caminho conhecido e devassável, não sendo outra a impressão

PROFESSOR AGOSTINHO SILVA

Esteve em Dezembro, nesta cidade, por alguns dias, o Prof. Agostinho Silva, catedrático da Universidade de Santa Catarina e ora servindo como técnico do Ministério da Educação e Cultura. Possuindo cultura Humanística sólida e palavra bem fácil, aqui pronunciou série de palestras e conferências no encerramento do ano letivo da Faculdade de Filosofia, na Faculdade de Ciências Económicas e no anfiteatro do Ginásio Ana Couto, esta para rapazes. Foi muito apreciado em nosso meio pela oportunidade dos temas que escolheu. Sua missão é também a da reforma do ensino universitário no país.

deixada pelo documento de Luís da Silveira Pimentel.

Em CAMINHOS E FRONTEIRAS, edição da Livraria José Olympio Editôra, 1957, Sérgio Buarque de Holanda chegou a interpretar de igual maneira o fenómeno das primeiras entradas, admitindo que "muito caminho pisado mais tarde pelas bandeiras foi aberto e trilhado inicialmente por eles (os índios), e assim terão contribuído para marcar de modo definitivo a fisionomia da terra onde vagaram". Importante para a nossa interpretação é essoutro passo da obra citada: "Será sem dúvida excessivo imaginar-se um traçado inteiramente fixo para as trilhas de índios usadas depois pelos bandeirantes... Todavia a escolha cuidadosa pelos indígenas, dos lugares mais apropriados ao trânsito, preservava ao menos a direção geral do traçado e garantia, nos lugares acidentados, a passagem obrigatória por determinados sitios que serviam de baliza ao longo do trajeto". O rastilho do selvícola serviu, inclusive, para determinar a localização de datas de terras.

Por último, veio a contribuição étnica assinalada por um maior contingente de baianos, pernambucanos, sergipanos e alagoanos, e apenas um pequeno índice de jaguaribanos e portugueses, com maior predominância destes. O folclore, por seu turno, ofereceu novas arestas em tórno dos grupos humanos formadores da etnia caririense, conforme veremos em "O Folclore no Cariri", de J. de Figueiredo Filho, fenómeno proporcionado pela cultura, lendas e costumes trazidos por aqueles elementos em demanda do vale sopedâneo do Araripe. Daí o traço económico, social e humano existente entre o Ceará e o Cariri, que até mesmo a ação do tempo não pôde apagá-lo, no afã de transformar sertão e litoral numa unidade espiritualmente cearense.

Tão sugestivo nome é de uma revista anual que se publica na cidade do Crato, órgão do Instituto Cultural do Cariri, um volume de 200 páginas, material e intelectualmente em nível igual ao de outras, no País, oriundas de instituições congêneres.

Em seis anos de existência, «Itaytera» vem coordenando e divulgando o que tem sido o espírito de iniciativa, a cooperação, o esforço e tenacidade de um punhado de homens de letras, quais os que fundaram e dirigem aquele Instituto, autêntico reflexo de tradição e cultura da grande cidade nordestina, desde o berço empenhada no processo de formação social e política do País, integrada, como está, no coração do Nordeste, conservando, como reliquia histórica, a mesa do tribunal que condenou à morte Pinto Madeira, um dos cabeças da guerra civil de 1831, de cujos embates sangrentos ainda me recordo de ter visto, em 1902, como reliquia fúnebre, à margem da estrada entre Crato e Barbalha, grande número de cruzeiros em campo raso.

O presente número abre com um eloqüente discurso do presidente do Instituto, escritor José Alves de Figueiredo Filho, sobre o que tem sido a instituição que

dirige com excepcional carinho e denodo, destacando-se, entre outras iniciativas levadas a bom termo, a realização, na cidade de Crato, entre os dias 13 e 15 de janeiro do corrente ano, de um congresso de jornalistas da capital e do interior do Ceará, a que compareceram cerca de 70 representantes da classe. Nesse discurso, o presidente aproveitou a oportunidade de lançar a última pá de terra sobre um movimento separatista que visava tornar o vale do Cariri, com outros municípios circunvizinhos, em um novo Estado da Federação; movimento que teria de abortar, como fracassou, de tão fantástico e absurdo.

«Em nosso meio, é preciso que se frise bem, não há idéia de separatismo. Há apenas regionalismo construtor que trabalha intransigentemente pelo engrandecimento da terra cearense e do todo nacional. O Cariri, com suas lutas épicas da independência e seus mananciais a jorrarem do Araripe, é tão visceralmente do Ceará, quanto Fortaleza, com a epopéia da libertação dos escravos e seu impressionante progresso.

Sente-se irmanado com Sobral que soube realizar o milagre de implantar civilização requintada em plena caatinga, requeimada pelo sol do Nordeste. E com o Jaguaribe onde florescem cidades que avançam. E Iguatu que se

industrializou de dia para dia. E Inhamuns que ainda conserva as virtudes do cearense criador ou essa Serra Grande, viveiro pere-ne de inteligências. Tudo isso forma um Ceará indivisível, que se orgulha de ser o mais brasileiro dos Estados.»

«Itaytera» revista do Instituto Cultural do Cariri, não difere, em orientação, de outras congêneres, como a do tradicionalíssimo Instituto do Ceará, sempre preocupada em pesquisas históricas, a buscar, em cada recanto da terra amada, documentos ou vestígios de como as nossas brancas praias e os nossos sertões adustos se abriram à colonização lusa, desde a ponta do Mucuripe à serra de Ibiapaba. «Itaytera» não investiga menos a origem remota do grande vale a que se deu o nome de Canaan do Nordeste, desde as gerações aborígenes, embaladas pelo suave marulhar dos seus mananciais de água cristalina, aos primeiros homens de trabuco que ali foram implantar o seu domínio. Como Fortaleza, Sobral e outras cidades do Ceará, talvez não tenha o Crato uma rua, uma praça, um templo, sem um cronista à procura de saber do primeiro monte de tijolos, que entrou na sua construção e destino. A exemplo da revista do Instituto do Ceará, nela é pere-ne o culto do passado, através de feitos memoráveis

Jornalista José Jeser de Oliveira

Durante as festas natalinas, esteve nesta cidade, em visitas aos pais e amigos, o jovem jornalista José Jeser de Oliveira, trabalhando no CORREIO BRASILIENSE, de Brasília. É ali alto funcionário do Supremo Tribunal Federal e das inteligências mais robustas e futuras da moderna geração de cratenses. Na NOVACAP é representante do Instituto Cultural do Cariri e da revista ITAYTERA.

e dos personagens que os dramatizaram no teatro da História. Mas não é um culto frio, lúgubre, e sem éco, como o silêncio das catacumbas; êle está vinculado, como depósito de experiência e de ensinamentos, à visão contemporânea da vida que continua a ser vivida com os mesmos problemas humanos, com o mesmo cenário de revezes que não terminam: misto de sofrimento e heroísmo, que assinala o Ceará com o fatal estigma de «Ferreiro da Maldição»...

Assim, de tudo que possa interessar ao progresso social, sob qualquer dos aspectos, não só na zona do Cariri, como em todo o Estado e no País, há sempre estudos de pesquisa, de observação, de análise, que atestam o desempenho e proficiência dos que se dedicam a tais estudos.

Revista, regionalista de origem, mas universalista como patrimônio e veículo de cultura.

ASPECTOS E CURIOSIDADES DO CARIRI

ANTÔNIO C. COELHO

POPULAÇÃO

Entre o período que vai do VI ao VII Recenseamento Geral, o desenvolvimento populacional do Cariri atingiu apenas a 7,98. Nas zonas rurais, houve foi decréscimo, certamente em face da situação difícil em que se encontra a agricultura regional. Por outro lado, as cidades principais que tiveram aumento razoável, foram somente Crato, Juazeiro e Barbalha, exatamente as do triângulo caririense. Havia falta de energia elétrica até para a iluminação domiciliar. Não podiam surgir indústrias. O Cariri, de modo geral, não oferecia condições para aumento expressivo de sua população. O panorama agora é outro, com a energia de Paulo Afonso.

Relacionamos aqui os municípios do Cariri pròpriamente dito, com os respectivos números de habitantes nos anos de 1950 e 1960. Alguns apresentam, depois de 10 anos, população menor, isto em face, sobretudo, de alterações de limites, quando vários distritos passaram para a categoria superior:

<u>MUNICÍPIO</u>	<u>1950</u>	<u>1960</u>	<u>MUNICÍPIO</u>	<u>1950</u>	<u>1960</u>
Abaiara	3 901	5 783	Jati	7.156	4.533
Araripe	9.175	10.949	Juazeiro do Norte	56.146	68.494
Barbalha	22.984	23.575	Mauriti	24.400	25.712
Barro	9.385	13 289	Milagres	19.168	15.487
Brejo Santo	17.938	18 844	Missão Velha	32.073	29.787
Cariríaçu	16.332	20 185	Nova Olinda	7.126	8.385
Crato	46.408	59 464	Penaforte	—	4.512
Farias Brito	18.762	14.961	Porteiras	11.406	9.821
Grangeiro	6.837	3.941	Poiengi	5.698	4.376
Jardim	16 705	17.201	Santana do Cariri	14.622	14.552
			CARIRI	346.222	373.851

REDIVISÃO TERRITORIAL

O território caririense sofreu, como todo o Ceará, ampla redivisão. Até 1955, havia aqui apenas 12 comunas. Agora existem 20. Curioso é que Jardim, dentro de pouco tempo, passou a ter um "neto". Dêle nasceu Jati e dêste, logo depois, nasceu Penaforte.

JUAZEIRO DO NORTE

Com exceção de bem poucos municípios — que se criaram durante a célebre fragmentação do Ceará, por volta de 1957, a qual o transformou de 79 para 143 comunas Juazeiro é o de menor território (211 km²) em todo o Estado. No entanto, a sua sede municipal, com suas 53.400 almas, é a cidade mais populosa do interior cearense. Supera com 21 mil habitantes a que vem logo em 2.º lugar: Sobral.

FAZENDA SERRA VERDE

A Fazenda Serra Verde, pertencente à ilustre família francesa Boris e gerenciada eficientemente pelo sr. Hubert Bloc Boris, é a mais importante propriedade agrícola do Cariri e talvez de todo o Ceará. A sua exploração é feita à base de métodos racionais e modernos, já porque dispõe de boas máquinas e aparelhamentos agrícolas. Merece também destaque o sistema e condições adotadas pela administração, em relação aos operários e trabalhadores, os quais desfrutam de uma situação privilegiada aqui no sul do Estado, já no que diz respeito à assistência e ao bom trato por parte da gerência, já no que se refere aos resultados financeiros obtidos anualmente por cada um.

Com os dados que se seguem, queremos dizer o que é, realmente, a Fazenda Serra Verde, cuja beleza panorâmica e a fina hospitalidade da boa gente francesa que ali se aboletou, prendem e agradam sobremodo a qualquer visitante: município sede: Caririagu — municípios abrangidos: Crato, Juazeiro do Norte, Farias Brito, Grangeiro e Várzea Alegre — área total: 21 545 hectares — área cultivada: 14.000 hectares — culturas principais: algodão, cana-de-açúcar, mandioca, arroz e milho — número de açudes: 9 — engenho de rapadura: 1 — usina de beneficiamento de algodão: 1 — extensão das cercas externas: 120 quilômetros — extensão total das

cercas (a maior parte de arame farpado): 512 quilômetros — número de casas residenciais para moradores: 800—população total: 6.000 habitantes.

CRATO, EM 1.º LUGAR

Durante o período de 1950 a 1960, Crato foi a cidade que apresentou maior índice de crescimento, em toda a Região do Cariri. No Ceará, colocam-se acima Crateus, Mombaça e Quixeramobim, cuja população foi duplicada, atribuindo-se o fato, sobretudo, pela dilatação dos limites perimetrais. Crateus sofreu a influência da existência ali do Batalhão Rodoviário do Exército, o qual lhe proporcionou muito progresso.

Relacionamos as cidades do Cariri, com os índices de aumento da população, com base nos censos demográficos de 1950 a 1960: 1.º-Crato, 78,80%; 2.º-Nova Olinda, 70,19; 3.º-Barbalha, 67,28; 4.º-Barro, 55,89; 5.º-Jati, 50,07; 6.º-Brejo Santo, 40,88; 7.º-Milagres, 40,32; 8.º-Mauriti, 37,97; 9.º-Santana do Cariri, 30,16; 10.º-Juazeiro do Norte, 27,53; 11.º-Jardim, 24,16; 12.º-Missão Velha, 20,37; 13.º-Abaiara, 16,10; 14.º-Grangeiro, 14,77; 15.º-Caririáçu, 14,59; 16.º-Porteiras, 6,17; 17.º-Araripe, 0; 18.º-Farias Brito, 0; 19.º-Penaforte, 0; 20.º-Potengi, 0.

BARBALHA

O município de Barbalha ocupa no Ceará, o primeiro lugar como produtor de cana de açúcar, já tendo a cidade o cognome de "capital da rapadura". A sua área compõe-se de terras de serra (chapada Araripe), de pé-de-serra com muitas fontes perenes, de baixios e de brejos, não havendo caatingas e taboleiros (tipo sertão nordestino), existentes nos demais territórios municipais da Região, inclusive Crato. Barbalha é, portanto, o município mais típico do Cariri.

Há também outra particularidade muito significativa em sua vida: sempre que funda uma instituição, seja de caráter educativo, assistencial ou recreativo, procura-se logo dotá-la de prédio para sede própria, solidificando-se, assim, a sua existência. São exemplos: Gabinete de Leitura de Barbalha (fundado em 1889); Liga Barbalhense Contra o Analfabetismo; Ginásio Santo Antônio; Ginásio N. S. de Fátima; Sociedade S. Vicente de Paulo; Círculo Operário S. José; Cooperativa de Crédito e Cetama Clube.

RAPADURA

Na cultura da cana-de-açúcar firmou-se sempre a base econômica do Cariri, desde os seus primórdios. Nêstes últimos tempos, vem sendo ela fortemente abalada, com a crise no preço da rapadura, por cuja estagnação ou lenta majoração, situou-se, em 1961, na ordem de 75% abaixo da cotação de outros produtos agrícolas. Antigamente, havia também depreciação do produto, mas apenas periódica, isto é, durante um ano ou uma safra. Agora, porém, é diferente. A crise já vem de uns quatro anos, tornando-se cada vez mais aguda, principalmente pelo sequente encarecimento da produção e pelo declínio da aceitação comercial do produto. Face esta situação, verifica-se certo desânimo no seio dos lavradores, os quais até já começam a abandonar o cultivo da cana, extinguindo o próprio "engenho".

Na última safra, surgiu uma esperança para a rapadura. A Usina Cariri, em Acarape, a título de experiência, adquiriu partidas do nosso produto e o transformou em açúcar, com resultado satisfatório, ao que parece. Deve-se esta iniciativa ao Dr. Jefferson de Albuquerque, alto funcionário do Banco do Brasil, do Crato e cidadão que está sempre pugnando pelas causas atinentes aos altos destinos da nossa terra,

Por outro lado, o caririense que foi sempre muito aferrado à monocultura, vê-se na contingência de mudar de rumo, por isso que já vem desenvolvendo também outras culturas, notadamente o algodão, com os mais satisfatórios e expressivos resultados na economia regional.

RIVALIDADE CRATO - JUAZEIRO

No Cariri, duas cidades se projetaram preponderantemente sobre as demais: Crato e Juazeiro do Norte. No terreiro uma da outra, separadas apenas por 11 quilômetros de estrada asfaltada, desenvolveu-se um extraordinário entrelaçamento comercial, cultural e social entre êstes dois importantes núcleos urbanos, que ora se completam num progresso paralelo. Oferecendo peculiaridades diferentes de um para o outro, são ambos, no entanto, centros de grande atração e convergência das populações do sul cearense e sertões circunvisinhos, acrecendo que Juazeiro tem as suas célebres romarias de gentes de Pernambuco, Alagoas e outros Estados nordestinos.

A PROFESSORA FLOSCELI VIANA PREMIADA EM CONCURSO

No último concurso da Semana da Asa, promovido pela Aero-nautica, pelo Canal 2, de Recife, o trabalho que obteve o primeiro lugar foi o da Professora Flosceli Viana Ulisses, diretora do Grupo Rural Luiza Guerra, do Cabo, Pernambuco. É filha da Sra. Elisa Viana Ulisses e de Vicente Ulisses já falecido. Fez os primeiros estudos em Crato,

tendo se diplomado em Limoeiro do Norte. Nasceu em Exu, mas, por muito tempo, residiu nesta cidade. Teve como prêmio duas passagens, de ida e volta, para o Rio, fornecida pela Aerolinas Argentina. Foi concurso bastante concorrido, mobilizando muitos universitários e portadores de diploma, de Pernambuco.

No páreo do progresso, surgiu a natural rivalidade no seio de seus habitantes. Rivalidade que chegava a situar-se em nível baixo, de hostilidade. A competição era ferrenha, sempre que o governo ou alguma empresa pretendia dotar o Cariri de um melhoramento qualquer. Se havia entendimentos, os resultados não eram satisfatórios. Os pontos de vista tornavam-se sempre antagônicos e improditivos.

Atualmente, a rivalidade ainda existe e bem acentuada, mas a concepção caririense já evoluiu a tal ponto, que a colocou em plano muito elevado, tornando-a até necessária, útil e benéfica aos interesses gerais. É que o progresso de uma estimula o da outra.

O intercâmbio estabelecido pelo Rotary, Lions e outras instituições que vão surgindo até com diretoria mista, isto é, composta de elementos de cá e de lá, tem modificado consideravelmente a situação, e as duas populações vão se tornando cada vez mais compreensivas, evoluídas e progressistas.

Com êsses loteamentos, indústrias e construções que estão surgindo à margem do asfalto, as cidades tendem a se unir, materialmente. E, nessa futura conubação, haverá o grande amplexo do êxito e fortalecimento da amizade, do progresso, da compreensibilidade e da civilização caririenses. O Cariri — está patente — oferece possibilidades sócio-econômicas para o engrandecimento simultâneo de Crato e Juazeiro.

MAXIXES E MALABARES

CELSO GOMES DE MATOS

Ainda está por fazer-se para a História do Cariri um juízo certo sôbre a personalidade do Cel. Belem.

O próprio chefe que encheu todo um periodo singular de desatinos, este Belem tão falado e tão pouco entendido, é a este que pretendo fazer Justiça.

Tomando-o para tema deste trabalho, digo preliminarmente que falho é o diagnostico que tem a pretensão de conhecer as doenças sem conhecer os doentes. Vamos, pois, colocá-lo dentro da sua epoca que era a do cangaceirismo. Entre os trabalhos lidos por mim só o de José de Brito se aproximou dele, sem dizer, entretanto, que no drama havia, oculto, um outro Cel. Belem que não era outro senão o Cel. Belem, fruto do meio social que o gerou.

Com o plano preconcebido de situa-lo naquela quadra de nossa historia, foi que escrevi este trabalho.

Isto posto, mãos á obra. Belem. Filho do seu tempo.

Crato em 1903 era pouco habitado. Tinha, segundo o último recenseamento, cerca de vinte mil

habitantes, os quais se dividiram em dois pequenos partidos chamados — maxixes e malabares. População pacata, não afeita ás tricas politicas locais, facil lhe seria tolerar tudo, inclusive desacatos, espancamentos e afrontas pessoais.

Mas, tendo sido barbaramente assassinado Cinobelino, cujo cadaver entrara nas ruas do Crato amarrado nos cabeçotes de uma cangalha, tal fato foi a gota d'agua a extravazar-se de um copo. E um povo que já conspirava baixo, teve que se arriscar a uma luta, agora para, sob a mesma bandeira aciolina, depor o Cel. Belem.

Em 1903, no govêrno do Ceará, estava o Dr. Pedro Augusto Borges. Homem duro, Pedro Borges foi uma dôr de cabeça para os conspiradores do Crato. Valente.

Provou-o na rebelião dos caetraeiros.

Apesar de ser amigo politico do Dr. Acioli, já, mais de uma vez, havia demonstrado que não era um fantoche. E governando por si sem obedecer aos cordéis da politicagem, não aceitaria —

sabia-se disto — a politica em voga das deposições.

Para a conspiração, portanto, só havia uma única esperança.

No dia 12 de Julho de 1904 voltaria ao govêrno do Ceará o Dr. Acioli que estava no Rio como Senador. O chefe do Partido Conservador, que era êle, era o homem dos fatos consumados.

Aliás, já dizia Darwin, o mundo sempre foi dos mais fortes.

E consoante esta lei seletiva, lei natural, resolvia o Dr. Acioli êstes casos políticos. Quem vencesse pelas armas era o seu amigo pouco ou nada se importando com queixas e acusações como esta que, para dar uma idéia dos fatos, passo a transcrever:

O Belem tem feito mal
E contido tantos pecados
Que está amaldiçoado
Da Santa Cruz !

Eu peço mesmo a Jesus
Pr'a Belem se retirar
Pois no Crato êle morar
Livre-nos Deus !

Em certa altura dos acontecimentos, morto Horacio Jácome, ferido gravemente Augusto Bacurau, varrido a bala uma passeata dos conspiradores, antes, ou depois deste fato, o Dr. Acioli pareceu acreditar no povo. Acioli escreveu a Pedro Borges. E êste mandou para o Crato

com o intuito de manter a ordem o Major João Arrais. O povo se tomou de uma alegria imensa.

Êste militar foi recebido com fogos, muita cerveja e o maior encontro de pessoas a cavalo que meus olhos já viram.

Em meio de grande entusiasmo, o jornal da opposição, "O Sul do Ceará" saía no dia seguinte com esta quadrinha :

Da razão nasce o Direito
E do Direito a lei tambem
Me responda Sepauba
Se o Arrais vem ou não vem ?

Mas quanta dubiedade! Arrais, mal sacodia o pó de uma caminhada longa a cavalo, era chamado por telegrama urgente e a pedido do coronel Belem. Os Malabares comemoram com fogos a retirada. Houve uma passeata de vivas ao Cel. Belem e morras á conspiração que batizaram de — Conspiração Abortada.

E lá vêm as perseguições..

O delegado de policia por sua vez abriu caviloso inquerito. ouviu testemunhas que, entre outras invenções, diziam haver uma conjura para matar o Cel. Belem. E no outro dia, ao serem publicados na íntegra referidos depoimentos, a "Cidade do Crato", órgão oficial, trazia na sua primeira página, e em revide, esta outra quadrinha :

Nem tudo que luz é ouro
Nem tudo que tomba cai
Me responda Antônio Fedelho
Se o Arrais vai ou não vai.

Sepauba era o Dr. Peixoto e Antônio Fedelho era o Coronel Antônio Luiz. E eram assim, ferinos, os versos pelos quais se notam não só irreverências a pessoas de destaque, mas também as vacilações do govêrno. Vem ou não vem, vai ou não vai. Eram as conjecturas.

E assim, ora se supunha que o Dr. Acioli estava com o seu parente, o Cel. Antônio Luiz, ao mesmo tempo chegava-se a acreditar que ele estava com o coronel Belem. Da literatura de cordel, no qual se rebaixavam a rima e o Parnaso, quase tudo se perdeu. Poucos, como o Dr. Jeser, sabem ainda de cór o Pelo Sinal. Recitava-se também em versos um abecedário. E o mais expressivo de todos os versos eram aqueles que se intitulavam: A Confissão do Coronel Belem.

Na imprensa, surgiram também boas publicações assinadas como as de Zuza da Botica que foi o elegante cronista da época.

Acabo de ler do nosso Figueiredo, no seu livro "Ana Mulata", um episodio passado com o Dr. Soriano do qual ele se serviu para definir o atraso do coronel Belem. Atrasado ou não,

o coronel Belem merece, como disse, ser estudado. Tudo que se disse sôbre êle foi escrito ao calor ainda em chamas de uma luta. E neste caso temos que descontar o fogo das paixões de uma deposição ainda em franca ebulição.

José de Brito que fez trabalho paciente de pesquisa, não leu "A Confissão do Coronel Belem" que é obra de pura verina. Se a lesse veria a quanto cegavam as paixões e a teria aproveitado.

Que o vate anonimo visse o Coronel Belem com o seu posso, quero e mando, vâ lá. Os versos ridicularizam o grande chefe e a camarilha que o cercava. São injustos. Não merecem ser lidos, nem publicados.

Porque — vamos dizer — na época em que atuou o Cel. Belem não havia garantia de especie alguma. E por que só na sua administração se admiram desmandos que eram comuns em todo o Ceará ?!

Vamos, pois, pôr os pontos nos is. Ninguém ignora que a árvore do bem como a do mal varia no tempo e no espaço. A noção de moral entre os povos é por demais relativo. Os espartanos, por exemplo, obedecendo as leis de Licurgo, matavam as crianças fracas.

Houve tempo em que se queimavam os hereges. A poligamia

na Turquia não é escandalosa, no Brasil, é crime.

Não existem, dizem mais as leis da causalidade, fatos isolados.

Somos todos por um destino cego, o produto do meio em que nascemos e vivemos. Fenômeno Belem tinha que ver o efeito de outro fenômeno. E o foi.

Os poetas a que me referi não o enamoram, como deviam, na moral do seu tempo e assim passaram a julgá-lo por feitos que, antes de serem dele, eram do tempo.

Tempo do cangaço. Tempo das deposições. Tempo que foi o terror da minha meninice. Quase que desaparecida a tradição oral, José de Brito foi que nos deu o roteiro de fatos e datas, porque só a data da deposição, 29 de Junho de 1904, serviu-nos como ponto de referencia para a Historia.

Belem governou ininterruptamente o Crato durante 14 anos (1890—1904) Filho de Milagres, ali, na sua mocidade, viveu da agricultura, mas mudando-se para o Crato, em 1885, passou a explorar o comércio como sócio do seu irmão o coronel Antônio Belem de Figueirêdo. Era na Monarquia chefe político situacionista do Crato o meu pai, Raimundo Gomes de Matos com quem Belem fez relação de amizade. Vi-o sempre em nossa casa.

Caida a Monarquia, foi Belem

nomeado para exercer o cargo de delegado de policia no qual se houve com habilidade e energia. Abriu-se aí o caminho para sua carreira política.

Vou terminar este trabalho que já vai se tornando longo, acrescentando não como sociólogo mas como analizador frio e imparcial dos personagens em tela. Quero dizer que o chefe Malabar não lograria a fama que teve se a seu lado, levando-o para o abismo, não estivessem perigosos áulicos.

Jesuino Antônio de Maria, turbulento comandante da Guarda Local, Marcos Rosal (Tigelinos) e outros foram da sua côrte. Belem cursou apenas escolas primárias. Não era letrado.

Tinha no entanto uma visão tão clara da política que chegou a ser o chefe do Cariri, 3.º vice-presidente do Estado e o mandão do Crato. Obtuso? Nunca foi. Como pai de familia, soube orientar inteligentemente os filhos. Destes se destacam pela sua illustração o Dr. Cursino Belem e os seus netos residentes em Fortaleza. Todos ocupam lugar de relêvo no meio onde exercem as suas atividades. Aos êrros, que foram mais dos seus conselheiros do que dele, muito acertadamente se poderia aplicar agora aquele ditado do povo: "dize-me com quem andas e eu ti direi quem és".

Belem era honesto. Arrasado financeiramente em virtude de despesas de uma campanha que durou anos pagou integralmente todas as suas dividas.

Em 1910, ao voltar do Amazonas, vi-o em Fortaleza pobre e doente.

Em 1925 faleceu, tendo vivido 73 anos.

Eis aí a verdade.

Limpa, sêca e sacudida.

O Novo Govêrno

O coronel Belem, encurralado e já passando sêde, pediu a seu irmão Antônio Belem que saísse à Praça da Matriz arvorando uma bandeira branca e se rendesse sob garantia de vida. Deposto, após um tiroteio espaçado que durou do dia 27 ao dia 29 de Junho, tomou imediatamente as redeas da governança municipal o Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno. O Cel. Antônio Luiz, na sua mocidade se mostrava sempre infenso a política.

Mas agora, já maduro (40 anos) era forçado a mudar de atitude. Preso Belem, cuja cabeça, em caso de uma reposição, estava em penhor e seria passada pelas armas, o seu trabalho agora era o de bater o pó das sandalias e retirar-se.

Ainda passou dias amargurados no seu sitio Pimenta. Mas vendo os seus dominios invadi-

dos pela gentalha que, sem o menor respeito á propriedade privada, afrontava-o derribando côcos a tiros de rifles, sem garantias, monta-se a cavalo e foi esbarrar em Milagres onde, sob a proteção do coronel Domingos Furtado, tornou-se um constante espantinho para o Crato. Com o fim de retomar o poder chegou ainda a armar oitocentos cangaceiros. O Cel. Antônio Luiz, mesmo em meio as grandes festas que se seguiram á victoria, não descansou nunca o espírito. Nunca demonstrou medo ou fraqueza. E porque os avisos que recebia diziam todos que o ataque poderia ser a qualquer hora, pôs em vigilancia cerca de mil homens. Estes de lenço amarrado ao pescoço, alpercata de rabicho, cartucheira e demais apetrechos belicos, perambulavam ociosos pelas ruas da cidade.

Homem rico, honrado e herdeiro da honradez de um varão de igual nome, muito se esperava de sua administração. Mas tão logo assumiu o poder cercou-se de pessoas que começavam por fazer aquilo mesmo que haviam condenado: as perseguições. Um promotor, Francisco de Assis Moreira por ter caído firme ao lado do Belem foi agarrado por capangas e teve que passear rua acima, rua abaixo, montado em um cavalo em osso.

O Cel. Antônio Luiz se não aprovou, não repreendeu os arruaceiros e a cena se reproduziu. Outro, o tabelião João Viana Rodrigues Monteiro teve, pelo mesmo motivo, igual sorte.

Dizem que as revoluções nada constroem. São maremotos que apenas revolvem ás águas.

E é certo.

Caia um poder coactor e, ao mesmo tempo e na mesma data, se iniciava outro, se bem que sem sangue, mas com os mesmos defeitos das soberanias absolutas. E os que como eu, sonhavam com o reinado de uma paz celestial para o Crato, ficaram decepcionados.

Só edifica, só constroe e só se firma, o amor.

Estes movimentos a mão armada são, via de regra, contos de vigário passado ao povo.

O Dr. Pedro Borges ainda enviou numerosa força, cem praças, sob o comando do coronel Fontele. Saindo de Fortaleza veio vindo, estacionou em Quixaré (Farias Brito) e não chegou. Seria recebido a bala.

O Cel. Belem, aos primeiros tiros, seria assassinado, ali mesmo na casa da Camara onde se achava preso.

Este trucidamento feito de modo tão frio e sem ao menos ter para mascara-lo as formalidades de uma sentença legal — disse-me isto mais de uma vez o co-

A JUSTIÇA

A justiça,
E' do crime a reparação,
E' o império da verdade,
Dos males a solução!
E' a preservação a liberdade,
E' caráter, é dignidade,
E' do espírito a suberania,
Do homem a superioridade -
E' a segurança ao direito,
A essência do homem perfeito -
A injustiça:
E' uma degradação!
E' do homem a maior baixeza,
E' a inverdade,
Da humanidade a negação -
E' aos maus a impunidade,
De um povo a humilhação -
E' a infelicidade,
E' uma maldição!

JOÃO DANTAS (Monteiro)

CAMPINA GRANDE, 18/4/1959

ronel Antônio Luiz — foi o que em toda luta o preocupou mais.

Tudo passa.

Passou o Cel. Belem. Passou o Cel. Antônio Luiz.

Tudo passa, assim como passa a fome, a guerra e os furacões...

Nota Final

No desenvolver deste trabalho encontrar-se-á apenas um relatório que, ampliado, servirá para os que intentarem fazer obra mais suculenta de sociologia.

PALAVRA DO PIONEIRO

(Discurso do Dr. Raimundo de Oliveira Borges, no churrasco oferecido pela Prefeitura Municipal aos heróis da CELCA, no Crato Tennis Clube)

Exmo. Sr. Dr. Nicodemus Lopes Pereira

Exmo. Sr. Prefeito Municipal do Crato

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Experimentei ontem à noite uma das mais profundas emoções de minha vida. Ausente em Fortaleza, eu não pude vibrar com a "Princesa do Cariri" naquêlê instante em que a luz, tão longa e ansiosamente esperada, iluminava as ruas da cidade sob os aplausos calorosos da população.

Só ontem, sabendo da iluminação da Praça Siqueira Campos, deixei a minha casa e fui contemplar pela primeira vez o espetáculo que há 12 anos vem sendo o sonho e a esperança da laboriosa população do Cariri.

Foi então, foi ao penetrar justamente naquêlê logradouro público da cidade, banhado da luz redentora, que eu senti o impacto da emoção que me transportou aos dias, já distanciados em que aqui, com entusiasmo e com fé, lançámos o grito da nossa revolta contra a injustiça, que se cometia, da omissão do Ceará no plano de eletrificação pela Paulo Afonso.

Detive-me com a alma também iluminada, e considerei, numa rápida concentração de espirito, mas em que a campanha fabulosa se desenrolou toda diante dos meus olhos deslumbrados, como realmente é capaz de transpôr montanhas a fé e como reside na

força de vontade do homem o segredo das suas conquistas e dos seus triunfos.

Não rememorarei, fase por fase, etapa por etapa, a história desta campanha que enobrece o nosso povo e que constitui, nos anais das efemerides do Cariri, uma das suas mais fulgurantes páginas. Porque, senhores, todo êsse movimento, que agora se corôa de êxito, foi do começo até hoje pontilhado de tôda sorte de obstáculos e de hospitalidades, partidos, o que é mais de lamentar, de dentro do próprio Estado e até de irmãos nossos da gleba estremeçada. Conseguir removê-los, como afinal de contas se conseguiu, constitui, por sem dúvida, uma demonstração de virilidade do povo do Cariri, porque não sômente pelas armas se afirmam os povos, mas, também, pela força indomável do seu espírito, pela sua tenacidade, pelo seu devotamento às causas justas em que se empenham.

Foi em fins de 1949, numa das mais memoráveis reuniões do Rotary Club do Crato, entidade tão dedicada às coisas da terra, mas, infelizmente, tão pouco compreendida, foi, dizia, numa daquelas reuniões inesquecíveis, que a luta pela eletrificação se iniciou, através da palavra fraca, desautorizada do orador que vos fala, mas que, àquela hora, se revestiu de tonalidades fortes ante a revolta ocasionada pela sensacional entrevista do então professor Colombo de Souza, publicada no "O Povo" de Fortaleza e em que êle despertava o Ceará pela injustiça de não se incluir o nosso Estado no plano de eletrificação pela energia da famosa cachoeira.

Registre-se a passagem, para conhecimento daquêles que não acompanharam de perto a renhida luta. Numa de suas edições de então dizia "O Povo":

"A idéia dêsse movimento, que dia a dia se avoluma, deve-se ao Rotary Club de Crato, prestigiosa entidade que congrega em seu seio homens do comércio, da indústria, da lavoura, da pecuária e das classes liberais da "Princesa do Cariri". Em uma de suas últimas reuniões, o "Rotary Club do Crato", cuja presidência está confiada ao ilustre clinico, dr. Darival Teles Cartaxo, a entrevista do dr. Colombo de Souza ao "O Povo" foi objeto de acurados estudos, através da palavra do rotariano dr. Raimundo de Oliveira Boryes, advogado conceituado e membro do legislativo

cratense, os quais impressionaram fundamente a quantos tomaram parte na aludida reunião”.

Foi o estopim. Daí em diante, a formação do Comitê, depois de uma Mesa Redonda em Juazeiro do Norte, cuja chefia confiamos ao dr. Hildegardo Belem, que se revelaria, em todo curso da campanha, um incansável batalhador pela patriótica iniciativa.

A presença do professor Colombo de Souza, numa dessas reuniões, era imprescindível, e êle veio, pressuroso, atendendo a um nosso convite, elaborando, após os primeiros delineamentos da campanha, um substancioso Memorial ao Exmo. Sr. Presidente da República. Ao mesmo tempo, o Comitê despertava a bancada cearense, no Rio, e apelava para o deputado Manoel Novais, Presidente da Comissão Parlamentar do São Francisco, no sentido de envidar sua excelência todos os seus esforços juato a quem de direito para que nosso Estado fosse incluído no plano de eletrificação.

Os empenhos se acentuaram depois da carta do Diretor Comercial da CHESF, General Berenhauser Junior, ao professor Colombo de Souza, em que êle, após frisar a necessidade de um estudo completo das condições econômicas da região, concluía que “o plano de Paulo Afonso ficará mais completo se, no menor tempo, as linhas transmissoras que partirem da grande usina puderem beneficiar igualmente uma larga extensão do sul cearense, onde mourejam uma pleiade de bons e dignos brasileiros, merecedores de receber o estímulo proporcionado pela eletricidade”

Infelizmente, ao lado das dificuldades naturais em emprêsas de tão agigantado porte, o nosso movimento despertou também despeitos, ciumes, atraindo para a arena a politicagem malsã e provocando uma onda de hostilidades na imprensa da Capital, e, posteriormente, o retardamento da nossa eletrificação com o estudo de um novo plano que deslocava para Fortaleza o sistema então em pleno desenvolvimento para o Cariri.

A gente indomável, forte, que forjou o seu carater nos embates da luta pela independência da Pátria, não esmoreceria jamais, e mandou os seus emissários ao Rio, confabular com o Presidente Juscelino, apelando para sua Excelência no sentido de não consentir se consumasse contra nós tamanha e iniqua injustiça. Hildegardo Belém, Wilson Roriz, Neroli Sampaio e Raimundo Borges foram os porta-vozes do Cariri junto ao Presidente da Repú-

blica. Não resistirei ao desejo, que a oportunidade me oferece, de proclamar de público que fomos no Rio recebidos pela bancada cearense com uma frieza decepcionante. Só um deputado, o bravo Colombo de Souza, não nos largou um só momento. Entregou-nos o seu gabinete, no Palácio Tiradentes, poz a nossa disposição os seus auxiliares imediatos, introduziu-nos no Palácio do Catête, bateu à porta do Deputado Flores da Cunha, que tinha sido há algum tempo representante do Ceará graças à votação em massa que lhe dera o Padre Cicero Romão Batista, levou-nos à sede da Chesf, foi incansável na assistência contínua ao nosso esforço na Capital Federal. E quando não tenhamos conseguido de logo algo de positivo, acendemos no espirito clarividente e patriótico do Presidente Alves de Souza, cuja memória aqui reverenciamos, mais uma centelha de entusiasmo, que faria do homem, o que êle foi até o fim, um decidido amigo do Cariri e o benemérito de sua eletrificação.

À campanha indigna surgida em Fortaleza, de que a eletrificação do Cariri deslocaria o centro industrial do Estado para esta região e que nasceriam dêsse acontecimento consequências funestas para a Capital, que assim perderia a liderança, respondiam as forças sadias da imprensa metropolitana que, mesmo viesse isto a acontecer, o Cariri também era Ceará, e que, com seus mananciais perenes, suas terras férteis, sua população empreendedora, seu talento industrial, atingiria à plenitude de sua capacidade, beneficiando não só o vale prodigioso, a "Canaan irredente", mas de modo geral todo o Ceará, porque o nosso Estado deve tomar parte nêste movimento portentoso de redenção do Nordeste. Palavras do "Correio do Ceará", do "Unitário", do "O Povo", em plena fase de acêsa luta pela eletrificação da nossa terra. Os nossos brios foram tão injustamente feridos que ressurgiu no Crato, no Ceará, no seio da Assemblêia Legislativa o velho sonho do Estado do Cariri, o qual se não realizado, despertou pelo menos o litoral cearense para a realidade da fôrça incontestável que somos dentro desta unidade sofredora da Federação e que somos capazes perfeitamente de reeditar aqui epopéias à semelhança das que já registram as páginas da nossa história.

O poder econômico do Cariri foi despertado pela circunstância da impossibilidade do aproveitamento aqui da energia vitalizante sem meios próprios das forças produtoras locais. E foi lançada

Fundado o Ginásio e Escola Normal Rural do Centro Pedagógico "MEDIANEIRA"

No dia 15 de Novembro às 16 horas, com o salão de honra repleto de pessoas, o CENTRO PEDAGÓGICO MEDIANEIRA, dirigido pelos educadores cratenses—Prof. José Newton Alves de Sousa e Exma. Snra. Profa. Ruth Barreto Alves de Sousa, fundou o seu Ginásio, que é o sétimo da cidade e sua Escola Normal Rural, já autorizada, a terceira de nossa terra. A sessão foi presidida pelo Monsenhor Raimundo Augusto que também procedeu a bênção do estabelecimento. Falaram o Prof. José Newton

e o Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira que pronunciou substancial e oportuna conferência sobre a FAMILIA E A ESCOLA, demonstrando ser senhor absoluto do assunto. A sessão foi encerrada com palavras do Presidente da Mês. Naquela ocasião, foram lançadas a revista PLENITUDE, no terceiro número e as separatas da mesma—**SANTO INÁCIO NA INTIMIDADE DE SEUS FILHOS**, do Padre Arnaldo Esmeraldo, J. S. e coletânea de poemas de José Newton Alves de Sousa — **POEMAS DAS HORAS HERÓICAS**, Edições «Medianeira».

a campanha para a constituição da Companhia de Eletricidade do Cariri (CELCA), em que, de corpo e alma, se empenharam novos combatentes, dentre os quais sobressaiu o jovem advogado Edizio Abath, reanimando pela imprensa a coragem combalida dos indecisos e dos desconfiados e promovendo junto aos poderes municipais as medidas e demarches necessárias à efetivação da ajuda financeira indispensável ao grande empreendimento.

Aí está a energia. Aí está cercado de pleno êxito o esforço ininterrupto do povo caririense. Seria, entretanto, injustiça, não reconhecer que êsse esforço resultaria nulo, ou de concretização retardada, não fosse a boa vontade, não fosse o devotamento, não fosse a dedicação dos responsáveis pela execução do plano, ou sejam os funcionários da Chesf, desde os de menor aos de maior categoria. Sentem-se, pois, o povo do Crato, o seu Prefeito, as classes conservadoras, enfim, os quais, honrosamente, neste instante represento, possuídos do nobre sentimento de gratidão e lhes prestam, neste ensêjo, a sua mensagem sincera de par com o testemunho do seu profundo reconhecimento.

A SITUAÇÃO ATUAL E AS PERSPECTIVAS ECONÔMICAS DA INDÚSTRIA DA RAPADURA NO CARIRI

AMARILIO GONÇALVES TAVARES

(Da Fac. de Ciências Econômicas do Crato)

Antes de darmos início ao assunto pròpriamente dito, objeto dêste trabalho, precisamos encontrar uma definição para o que se denominou de região do "Cariri".

Últimamente, tem-se procurado dar êste nome à região "en-cravada ao longo da fronteira do Estado de Pernambuco, até os limites do Piauí e da Paraíba, pelo prolongamento da Chapada do Araripe", composta de municípios, consoante classificação feita pelo I. B. G. E.

Para efeito do presente estudo, valemo-nos do conceito formulado pelo dr. Irineu Pinheiro, que escreveu, no início do seu famoso livro, o seguinte: "O Cariri é uma região que compreende *intotum* ou em parte os seguintes municípios no extremo sul do Ceará: Crato, Barbalha, Juazeiro, Missão Velha, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Jardim, Santanópole (hoje Santana do Cariri), Caririagu e Quixerá (hoje Farias Brito). É assim que o povo caririense entende a região em que mora, sem dar-lhe limites exatos de rios, relevos geográficos, etc".

Em recente estudo realizado por Departamento especializado do BNB, procurou-se dividir o Cariri em subregiões agrícolas, tendo-se em vista as culturas predominantes: a) do *algodão*; b) da *cana-de-açúcar*; c) de *culturas diversas*.

Quanto à *cana-de-açúcar*, denominou-se de "Quadrilátero" a área formada pelos municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte e Missão Velha.

A cultura da *cana-de-açúcar*, no "quadrilátero" caririense, constitui, sem dúvida, a principal atividade agrícola.

Como sabemos, em nossa região, a *cana-de-açúcar* é quase toda destinada à fabricação de rapaduras, indústria de características marcantes, sendo que apenas pequena parte é destinada ao fabrico da aguardente.

O "quadrilátero" caririense representa o principal centro do cultivo da preciosa gramínea e nêles estão localizados atualmente cêrca de 250 engenhos, assim distribuídos: Barbalha, 90; Crato, 75; Missão Velha, 60 e Juazeiro do Norte, 25.

Segundo dados colhidos no Departamento Estadual de Estatística, êsses engenhos produziram, em 1.959, 22.237.310 quilogramas de rapaduras, tendo sido a produção de todo o Cariri calculada, nesse mesmo ano, em 33.925.278 kgs.

Vejam, para ilustração, o seguinte quadro demonstrativo, da produção de rapaduras, nos cinco principais municípios caririenses (fonte: IBGE):

Municípios	Anos	N. Engs.	Kgs. de Rapaduras
Barbalha	1.960	90	7.900.000
Crato	1.958	75	4.681.200
Missão Velha	1.957	60	3.496.000
Jardim	1.958	39	1.839.200
Juazeiro do Norte	1.958	25	962.000

Examinemos, agora, o seguinte quadro relativo às áreas cultivadas e à oscilação verificada de 1.955 a 1.959, nos cinco municípios a que nos referimos, por ordem decrescente:

Municípios	Áreas Cultivadas (Has.)		Aumento ou Diminuição
	1.955	1.959	
Barbalha	1.810	1.847	mais 37
Crato	1.130	1.650	mais 520
Missão Velha	756	1.180	mais 424
Jardim	850	870	mais 20
Juazeiro do Norte	700	120	menos 580

Êste quadro revela que nos quatro municípios maiores produtores de canas, assim considerados, Barbalha, Crato, Missão Velha e Jardim, houve aumento das áreas cultivadas. Isto vem demonstrar o notável aproveitamento das condições edáficas dos solos caririenses, sem dúvida alguma propícios à cultura da cana-de-açúcar.

Vale salientar que o Departamento de Expansão Econômica deste Estado fez, para a safra 1.961 / 62, uma estimativa estadual de 39.105.600 unidades (591.056 cargas de rapaduras), sendo prevista para o chamado "triângulo" caririense (Barbalha, Crato e Juazeiro) 28.800.000 unidades (288.000 cargas).

Consoante informações que conseguimos colher, em fontes oficiais e particulares, a produção de rapaduras é quase toda exportada, ora para os municípios do sertão cearense, onde não há fabricação desse artigo, como é o caso da zona jaguaribana, ora para outros Estados nordestinos. Entre estes, figuram Rio Grande do Norte (principal importador (adquire, em média 80.000 cargas por ano), seguindo-se Paraíba, Pernambuco e Bahia.

É curioso notar-se que o consumo de rapaduras, no Cariri, não chega a 20% da produção.

A SITUAÇÃO E AS PERSPECTIVAS

Em virtude de possuir todos os princípios nutritivos de *cana-de-açúcar*, a rapadura é tida como alimento básico das humildes populações sertanejas. Não obstante, é um produto que não conta ainda com a assistência, que mereceria ter, dos poderes públicos. Enquanto que para quase todos os produtos agrícolas há preços mínimos fixados, para a rapadura nenhuma medida protecionista surgiu até agora.

Os proprietários de engenhos rapadureiros vêm passando por situação verdadeiramente crítica, em face do baixíssimo preço a que chegou o produto. No momento em que escrevemos estas linhas (mês de outubro), os armazéns de Barbalha, Crato e Missão Velha estão abarrotados de rapaduras, havendo pouco interesse por parte dos compradores. O preço de uma carga de rapaduras, de boa qualidade, não vai além de Cr\$ 1.000,00.

Vendendo nesta base, como o produtor poderá obter lucro, se o custeio da produção, por carga, é calculado em Cr\$ 800/900,00 ?

Vê-se, por aí, que o preço não compensa essa atividade industrial.

Note-se, todavia, que no ano de mau inverno o preço melhora, consideravelmente. No ano passado, por exemplo, uma carga de rapaduras alcançou a cifra de Cr\$ 1.300/1.400,00.

Dentre os fatores que concorrem para a baixa do preço da rapadura podemos enumerar os seguintes :

a) — construção de pequenos açudes no sertão, possibilitando a plantação de canas nos baixios da jusante e, em consequência, montagem de engenhos que, mesmo sendo pequenos, não deixam de fazer concorrência às unidades moageiras do Cariri;

b) — inverno bom, favorecendo as culturas canavieiras da zona sertaneja, antes tradicional consumidora da nossa rapadura;

c) — uso exagerado do "blankit" (hidrosulfito de sódio);

d) — generalização do consumo do açúcar, entre as populações sertanejas, até então consumidoras quase que exclusivamente de rapadura.

Além disto, verifica-se que tem havido constante aumento das áreas cultivadas, não sendo exagêro afirmar-se que estamos atingindo, efetivamente, fase de superprodução.

x x x

Os que se dedicam ao estudo do problema acham que a solução para a crise em que se debate a indústria rapadureira, só poderá ser encontrada na instalação de uma usina de açúcar no Cariri.

A idéia é magnífica, sobretudo tendo-se em vista que as atuais condições das nossas lavouras canavieiras permitem a realização de tão almejado empreendimento. Trata-se de um plano que deve ser cuidadosamente estudado por técnicos e pelos demais interessados no assunto.

Estando a região sul do Estado a consumir cêrca de 250.000 sacos de açúcar por ano, vindos de outros Estados, tudo indica que não faltaria mercado consumidor para o açúcar que a novel usina viesse a produzir.

Somos, portanto, inteiramente favoráveis à instalação de uma usina açucareira no Cariri. Não se deve é concordar com o pessimismo de alguns, segundo os quais a produção de açúcar, nesta região, viria deter a nossa atividade industrial rapadureira.

Pelo que acabámas de expor, são pouco lisonjeiras as perspectivas econômicas da indústria da rapadura no Cariri.

No caso de não se concretizar a idéia da instalação, aqui, de uma usina de açúcar, julgamos que sòmente com a adoção das seguintes providências poder-se-á contornar a atual crise e evitar o colapso de que estão ameaçados os produtores:

Aparelho de Electro-Coagulação Transistorizado

Entre as armas que a ciência se serve para o combate ao tracoma, avulta o emprêgo da electro-coagulação. O Dr. Hermínio de Brito Conde, conseguiu através da cooperação de laboratório do Exército, simplificar o serviço com o a electro-coagulação acio-

nada a baterias. Por último, ainda simplificou mais o método, usando pilhas, como os radios portateis que pululam de norte a sul do Brasil. É outro passo avançado na luta contra o mal secular que infesta o Cariri e outras partes do interior brasileiro.

a) — prática de melhores técnicas, em substituição aos métodos rotineiros de amanho da terra, visando à diminuição das despesas dos tratos culturais;

b) — aperfeiçoamento dos engenhos, dotando-os de moendas mais possantes, com o fim de se obter maior extração do caldo. Nêste ensêjo, lembramos a possibilidade de utilização da energia de Paulo Afonso, em substituição ao motor a óleo, dado e elevado preço dêsse combustível;

c) — instalação de cozinhadores à vácuo, evitando-se a perda pela evaporação ocasionada pelos tachos descobertos, e calculada em 10% ;

d) — aproveitamento dos subprodutos, como a "bôrra" residual e o bagaço ;

e) — construção, nas propriedades, de armazéns adequados, de alvenaria, cobertos de zinco e dotados de estrados de madeira, a fim de possibilitar a guarda e conservação das rapaduras, por longo tempo ;

f) — medidas legais, proibindo a formação de novas lavou-ras canavieiras e aumento das atuais áreas cultivadas, podendo a fiscalização da aplicação dessas medidas ficar a cargo do I. A. A. que passaria a controlar a produção em razão do consumo ;

g) — campanha de esclarecimento, por meio das Associações Rurais, não só quanto ao item precedente, como no sentido de ser controlado o uso do hidrosulfito de sódio ;

h) — criação de um órgão de classe, isto é, de uma Associação dos Fabricantes de Rapaduras, a fim de que, unidos, possam os produtores se defender da exploração dos intermediários.

Discurso proferido pelo Coronel Raimundo Teles Pinheiro, Paraninfo da última Turma de Concludentes da Escola Preparatória de Fortaleza, em sessão solene realizada em 16 de dezembro de 1961 (A E. P. F. será transformada em C. M. em 31-12)

MEUS JOVENS PARANINFADOS!

Nêste momento solene, de gratas, profundas e imperecíveis emoções, somos irmanados pelo mesmo sentimento de grande e inesquecível júbilo.

Vós, por vêrdes coroada com pleno êxito uma longa etapa de labor intenso, orientados para bem servir à Pátria, no adequado e certo caminho do dever: nós, pela significação do que domina violentamente nossa alma, despertando a gratidão imorredora pelo generoso veredito, sobremodo honroso, de eleger-nos Paraninfo da última turma desta já tradicional e gloriosa Escola Preparatória de Fortaleza.

Apezar de militar, formado e preparado para suportar os duros embates das ações de guerra, conduzimos, como qualquer ser humano bem formado, o coração aberto às emoções como a que nos domina presentemente, tocando-nos profundamente a essência anímica em tôda a sua plenitude, nesta ocasião em que cantais os calorosos epinícios da vitória, e o fazeis homenageando significativamente vosso mais moderno e último Comandante.

A vossa escolha, jovens concludentes, constitui mais que uma honrosa e simples homenagem, porque nela enxergamos e sentimos uma apreciação da conduta de um chefe militar que sempre enviando os maiores esforços e primando por cultivar, aprimorar e aplicar o sentimento da lealdade, da verdade, da franqueza, da sã camaradagem e sobretudo do acendrado espirito de justiça, assumiu prazeirosamente a responsabilidade de mostrar-vos devidamente, na prossecução da obra meritória dos nossos dignos antecessores, o caminho do dever e da dignidade, na vossa formação de muito bons militares, excelentes cidadãos, ótimos patriotas.

Se fostes justos no vosso consciente e severo julgamento, sentimo-nos plenamente recompensados da enorme gama de responsabilidades que se erigiram em constante e permanente preocupação para, da melhor e mais acertada maneira, cumprir tão árdua e delicada missão; e nele sentimos revigorar novas energias para, estaiados em tão honroso prêmio, prosseguir na continuidade da missão, empregando o máximo da nossa capacidade para orientar, educar, mostrar o caminho do dever, em demanda da vitória, na formação de bons e, se possível, excelentes brasileiros, na mais absoluta expressão do termo.

Sois os chefes e as esperanças do porvir; constituís a matéria-prima que atenderá a busca de valores que a evolução exige em todos os escalões da vida humana, neste século de progresso intensamente acelerado, de desenvolvimento rápido e desordenado, de apreensões e de angústia, numa conjuntura difícil, que assoberba todos os setores e atividades.

Num convívio de poucos meses, buscando acertar, voltado para o exemplo dos que nos antecederam, num contato diário e permanente, seguindo e observando vossos passos e ações, sentimos fortalecidos os elos que unem chefes e subordinados e justificam a amizade que alimenta a fé inquebrantável antevista nos destinos da vossa geração, que conduzirá esse imenso país aos seus irrefragáveis e gloriosos objetivos de justiça, paz, progresso e prosperidade.

Pacificos por formação histórica, arrebatados amantes da liberdade, cultores do direito na sua forma mais evoluida e digna da justiça plena, fostes orientados para uma formação militar tendo em vista assegurar o fortalecimento da Nação, que dia a dia mais se agiganta, sem pretender expansões, porém necessitando manter sua sacrossanta soberania; sem isolacionismo, nem intromissões indébitas, mas sem quebra dos compromissos assumidos para a coexistência pacífica e defesa do continente. Em síntese, procuramos guiar-vos embaixados firmemente nos princípios da autoridade e da ordem como mística, e da disciplina e justiça como dogma.

Tivestes profunda felicidade e rara justeza e luminosidade na escolha do vosso Patrono. Elegestes — e por isso é muito grande a nossa fé nos vossos frutuosos destinos — um nome símbolo

para vosso constante guia. O nome impoluto do General EUDORO CORRÊA ressoa aurifulgente, por todas as particulas, moléculas e átomos dêste vetusto, respeitado e tradicional Estabelecimento. Cada conjunto dêste majestoso edificio, cada alamêda desta minúscula cidade, cada tijolo de suas paredes, cada pedra de seus calçamentos e estrutura, cada coração de treze gerações que se abeberaram no seu magnífico exemplo, proclamam a retidão de caráter, a tenacidade e grande amor dedicado aos educandos, a par de inúmeras outras virtudes que o consagraram, sobretudo, emérito educador. Somos daquêles que, afortunadamente, podemos afirmar convictos termos alcançado vitória nos ásperos e perigosos caminhos da vida, sem conhecimento da prática de um deslize, sem a consciência de qualquer ato menôs digno no reto cumprimento do dever, graças à sua feliz orientação, ao seu magnífico e sobremodo dignificante exemplo.

E daí visualizarmos em EUDORO CORRÊA não só uma grande personalidade, mas uma instituição digna de culto: a do venerando e imperecível mestre.

MEUS JOVENS PARANINFADOS!

Terminastes uma fase de grande luta e penetrais os humbrais de uma outra não menor. Assim impõem o prosseguimento natural do aprimoramento dos vossos conhecimentos e a busca do objetivo final de vossas carreiras profissionais.

Permiti mais um conselho, talvez o último, partido do coração usado de um companheiro mais vivido e sofrido com os antagonismos, que nunca o abateram e jamais o conduziram por outra trilha que não a da lealdade, da disciplina, da verdade, da ordem, da dignidade humana e da justiça.

Tende sempre em mira a Pátria. E, com todos os sentidos voltados para ela, orientai os vossos pensamentos e atos, em todas as circunstâncias, impregnados pelo sentimento do dever, da justiça e da paz, tão necessários na tremenda conjuntura que nos avassala a alma e constrange corações.

Justiça que signifique, como diria Proudhon, "o respeito espontaneamente sentido e reciprocamente assegurado, da dignidade humana, em qualquer pessoa e em qualquer situação; justiça que

ARTISTA CRATENSE SERVULO ESMERALDO BRILHA EM PARIS

Durante a Segunda Bienal de Paris, França, mês de Outubro de 1961, 3 gravadores, de menos de 36 anos, expuseram os seus trabalhos na famosa Galeria LA HUNE, localizada no Boulevard Saint Germain, 170.

Dentre eles, o nosso conterrâneo SÉRVULO ESMERALDO.

Ele reside em Paris desde 1957, onde frequentou vários cursos de gravura da famosa "Ecole Nationale de Beaux-Arts" e do "Atelier Friedlaender".

ESMERALDO tem participado de numerosas exposições de Grupos, no Brasil e na Europa. Em nosso país, participou com os seus trabalhos no Salão de Maio e na Quinta e Sexta Bienal de São Paulo.

Suas últimas exposições particulares tiveram lugar no início de 1961, na "Galerie Le Fanal", em Paris e na "Galerie Maurice Bridel", em Lausanne.

Os Museus de Haia (Holanda) e Cincinatti (Estados Unidos) compraram vários dos seus quadros.

guie os passos de tôdo homem que deseja ser digno de si próprio: justo para consigo, justo para com o semelhante, justo para com a sociedade, justo para com Deus".

E dessa fonte imperecível de forças, emanará logicamente a Paz tão almejada e incalculavelmente necessária e justamente conceituada pelo grande Papa Pio XII, de saudosa memória, como sendo trabalho da Justiça.

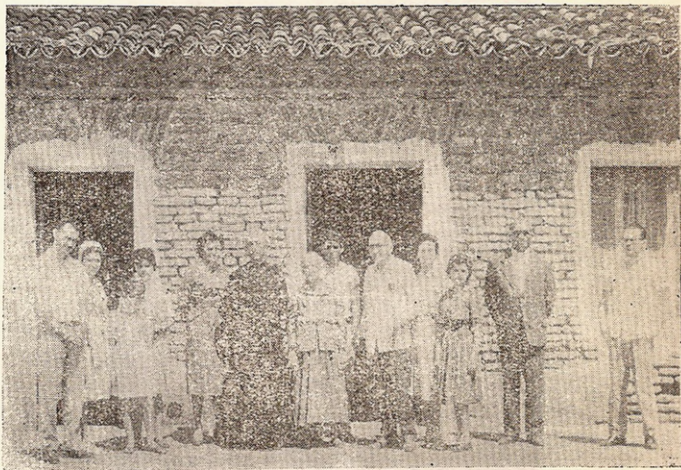
No *Dever*, na *Sabedoria*, na *Paz* e na *Justiça*, estão alicerçadas as mais dignas e luminosas aspirações humanas e nelas repousam os govêrnos, as democracias e as formas consagradas pelas nossas tradições.

Guardai bem. Quaisquer que sejam vossos destinos e vossas carreiras, consagrai-vos inteiramente ao serviço de Deus, da Pátria e da Família, por um Brasil muito melhor, cada vez mais humano e mais cristão, mais próspero e mais feliz.

Que Deus Onipotente vos ampare e ilumine vossos caminhos.

Que permanentemente vos cubra o manto diáfano da eviterna felicidade.

REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS
EXCURSÕES E VISITAS DO
INSTITUTO :



Frente da Casa onde nasceu
Barbara Pereira de Alencar
CAIÇARA - Exu - Pernambuco
Visita de Sócios do I. C. C.

REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS
EXCURSÕES E VISITAS DO
INSTITUTO :



Cavalgando em carneiros.
Brincadeira infantil Sul Cearense, já em ocaso.

Cariri Universitário e Cincoentenário de Juazeiro do Norte

O "CARIRI UNIVERSITÁRIO" é revista da Associação dos Acadêmicos do Cariri, com sede em Fortaleza. É bem feita publicação cujo primeiro número, saído a 22 de Julho do presente ano, foi todo consagrado às comemorações do cincoentenário da próspera cidade de Juazeiro do Norte. Neste ano, naquela data, com grandes festividades, festejou seus cinquenta anos de vida autônoma municipal. Seu progresso comprova a capacidade realizadora do caririense e do nordestino, em todos os setores de atividade humana.

O "CARIRI UNIVERSITÁRIO", com perfeito trabalho gráfico, da IRIS, de Fortaleza, é dirigido pelos jovens caririenses, ora estudando naquela capital: Abraão Batista, Diretor; Iran Pontes, Secretário; Orlando C. Leite, Tesoureiro; Itamar Morais e Evandro Onofre, Redatores.

ESTUDO

É o nome do jornal do DIRETÓRIO ACADÊMICO D. FRANCISCO, DA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO. Não parece órgão de universitários, neste período de agitação e de muita literatura barata, quando até homens maduros se preocupam mais com frivolidades, ou assuntos políticos padronizados que com coisas sisudas. "ESTUDO" nasceu com programa bem delimitado a cumprir. Dá lições a muitos similares do litoral. Parece mesmo que, no interior é onde se começa a pensar maduramente nos destinos verdadeiros do Brasil. Isso mostra que é necessidade urgente

a descentralização do ensino superior do litoral para as regiões interioranas, como sucede recentemente com Crato, com real proveito para a coletividade.

SYMPOSIUM

É Revista da Universidade Católica de Pernambuco. Obedece à direção dos Jesuitas P. A. Mosca de Carvalho, P. Antônio Abranches e do nosso conterrâneo P. Pedro Mello. É publicação que, pela substância de sua colaboração, honra a qualquer cultura das mais opulentas metrópoles, não só do Brasil, como de qualquer país civilizado.

A ESCOLA DE MINAS

É publicação ilustrada de cerca de 400 páginas, dando a síntese histórica da célebre Escola de Minas de Ouro Preto, que tem fama internacional e é dos mais justos orgulhos do ensino de engenharia nacional. O livro é impresso nas próprias oficinas gráficas do renomado estabelecimento, que tem fornecido os melhores engenheiros do Brasil. Seu prefácio foi feito pelo nosso conterrâneo Dr. Antônio Pinheiro Filho, catedrático daquela Escola e agora radicado ao Estado de Minas. Destacamos do livro a biografia daquele professor, filho do Crato;

"ANTÔNIO PINHEIRO FILHO". Nascido, Crato, Ceará, 26-9-1906. Eng. de minas e civil (E de Minas, Ouro Preto).

Foi Engenheiro da Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas - Residente da Rodovia Transnordestina, em Alagoinha - Ceará (1932 a 1933). Professor de Álgebra, Geometria, Trigonometria e Física, no Ginásio de Crato (1933 a 1936). Engenheiro da Prefeitura, em Crato (1934 a 1936) Prefeito Municipal de Crato (1936). Técnico Especializado da Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas (1936 a 1940). Professor de Física no Ginásio Municipal de Ouro Preto, hoje Colégio Alfredo Baeta (1942), e de História e Filosofia da Educação, e Sociologia Educacional na Escola Normal Oficial de Ouro Preto (1948 a 1949).

Catedrático Interino, Padrão L, XXLV Cadeira - Navegação e interior Portos de mar (Dec. 25-6-1940 e posse perante o Delegado Fiscal do Tesouro Nacional em Minas Gerais, 26-7-1940) Passou a Padrão M, e, por concurso, a Professor Catedrático Efetivo, Padrão O, da XXII Cadeira - Portos, Rios e Canais, cargo em que se encontra atualmente.

Interinamente, regeu a cadeira Hidráulica Teórica e Aplicada, da Escola durante o afastamento temporário do catedrático.

Atualmente, está regendo, também, a cadeira de Topografia do Curso de E. de Minas e Civil e de igual denominação do Curso Básico de Engenharia de Minas e de Engenharia Metalúrgica.

Esteve na Diretoria da Escola de Engenharia da Universidade do Ceará, na fase de organização, por designação do Sr. Presidente da República.

É Chefe do Departamento de Vias e Traçados na Escola.

Trabalhos publicados:

SOCIÓLOGO PERUANO VISITOU O CRATO

Um dos grandes sociólogos e pesquisadores peruanos, o Prof. Alfonso Trujillio Ferrari, que empresta o brilho do seu talento ao desenvolvimento da Cultura Brasileira, esteve no Crato, em dias de Dezembro, hóspede da Faculdade de Filosofia da Princesa do Cariri. Em companhia do Diretor dessa Escola, dr. José Newton Alves de Sousa, visitou o Instituto Cultural do Cariri, mantendo ali animada palestra com o Presidente e com o Se-

cretário dessa entidade, respectivamente, jornalistas Figueiredo Filho e Lindemberg de Aquino.

O aludido mestre é Professor da Fundação Escolar de Sociologia e Política de São Paulo, Diretor de uma revista de Sociologia e faz, no Nordeste, completos estudos e pesquisas sobre as migrações e seus reflexos sociais, humanos e economicos, além de religiosos.

Foi a segunda visita que fêz à Princesa do Cariri.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

A Prefeitura Municipal de Mossoró, pela sua Diretoria de Divulgação, Ensino e Cultura, publica o BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. Além de dar resenha dos livros e revistas, editados naquela culta cidade potiguar, traz ótima colaboração em

tôrno de assunto ligados ao município. Possui média de 100 páginas e é impresso pela Editora Comercial S/A, de Mossoró, cidade que é centro de cultura dos mais adiantados do interior nordestino.

Com outros companheiros manteve, em Crato, um jornal bimensal denominado "O CRATO" (1934 a 1936).

"A ARARIPE" - A BAIXA GRANDE - RESERVATÓRIOS D'ÁGUA SUBTERRÂNEOS - artigos publicados na REVISTA DO GINÁSIO DO CRATO, 1936.

"PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA BACIA DO SÃO FRANCISCO. PLANO GERAL DE MELHORAMENTOS DO RIO SÃO FRANCISCO, no Trecho Pirapora--Boa Vista" Ouro Preto, 1945 - tese para inscrição ao concurso de professor catedrático da XXII cadeira da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil".

Poemas

José Newton Alves de Sousa

SÍMBOLO (I)

Vou apanhar aquela estrêla para ver
[teus olhos.

Teu hálito soprou na brisa e eu fui.
E teu vulto cresceu sôbre as ondas
[do mar.

Ah! Aquelas nuvens vem buscar-me,
se não vêm trazer-te.

Impossível é quebrar a unidade.
Bahia, 1960

SÍMBOLO (II)

Tão alto as palmas tão verdes
bamboleiam clareadas.

Tão alto as leves garças cruzam o ar,
tão alto as nuvens olham nosso ser,
que ficar rastejando é ficar morto.
Bahia, 1960

SÍMBOLO (III)

Uma cruz branca no morro
abençoa as águas mansas.
Peninsularmente.

O verde recobre a terra.
Move-se o verde mar.

E a benção branca da cruz
estende os braços em paz.
Bahia, 1961

TRANSITIVO DE DEUS

O verde coroado em montes
esconde silêncios puros.
O alvor das nuvens em prece
palpita em silêncios livres.

Altitudes em equilíbrio,
fímbrias de mar rendilhadas,
esmaecer da tardinha
ao leu dos ares calados.

Deus canta os hinos da glória
na força da liberdade.
O homem carece de asas,
que é um transitivo de Deus.
(Em vôo-Recife-Rio, 19-1-61)

AMIGOS, EU VOU PARTIR

Amigos, eu vou partir
Seara aberta me espera.
Levarei vossos sorrisos no meu rosto.
Estarão vossos olhos em manhã.
Inútil, a distância.
Faz ponte a presença amiga.
E quando, no audaz combate,
o campo frutificar,
ajoelhado estarei,
à luz a face exposta.
ritmantes as mãos
e nos lábios um canto
em louvor da Plenitude.

Boa Viagem, Ba., 1-1-60

Longe, ao pé do monte, ei-la de
[pé.

Branquinha, no silêncio.

Hoje é domingo.

Árvores em tórno, verdes, puras.

Ângulos rasgados, em escuro.

A sombra dos alpendres em
[convite.

O campônio que passa, uma
[presença.

E eu fico a remirá-la, na quietude
de um momento de sonho e

[criação.

S. José, Crato, 10-7-1960

Na doce manhã de julho

o povo, na capelinha,

é uma prece, uma só.

Os simples cantam em silêncio

e o metal é vibrado.

Crescem olhos sôbre o altar.

As mãos ao peito se ajustam.

O flectir d'esses joelhos
testemunha o pé que somos.

Na liturgia dos gestos,

o simbolismo do Amor.

E o povo, na Comunhão,

sustenta o Braço de Deus.

S. José, Crato, 10-1-1960

Acampamento Anual dos Escoteiros

Graças aos esforços do vereador Osvelto Alves de Sousa, o escoteitismo vem tomando grande impulso, em Crato. Em Janeiro de 1962, recebeu esta cidade a visita do Chefe João Fernandes de Brito, Comissário da União dos Escoteiros do Brasil e residente no Rio, Estado da Guanabara. Aqui dirigiu o GRANDE ACAMPAMENTO, em que tomaram parte tropas escoteiras de Crato, Juazeiro do Norte, Iguatu, Baturité, representação dos Escoteiros do Mar de Fortaleza e Chefe de Salvador-Bahia. Foi festa de confraternização da simpática organização que tanto tem contribuído para a educação cí-

"ESTRELA"

E' a ilustrada revista do Curso de Preparação a Oficiais de Reserva de Fortaleza. Foi-nos ofertada pelo Cel. Raimundo Telles Pinheiro, dos colaboradores e homenageados daquela artística publicação. "ESTRELA ressurgue como se fôra um quadro de formatura"—como diz trecho de seu artigo de apresentação. E preencheu melhor essa finalidade do que mesmo isso. A revista ficará e se perpetuará em mãos de muitos, enquanto os quadros estão caindo corroidos por traças, até mesmo na sede de muitos estabelecimentos de ensino.

vica e moral da juventude.

A DIOCESE DO CRATO CELEBRA O SEU NATAL

Todas as organizações de assistência, sociais e educativas da Diocese do Crato, pelas suas Diretorias e membros de ação, estiveram reunidos em bellissima solenidade, na área coberta da Casa de Caridade do Crato, na noite do último dia 25, para as celebrações do Santo Natal. Foi promotora da grande festa a entidade conhecida pela sigla de C. O. R. D. A. — ou seja. Coordenação dos Órgãos Regionais Dedicados à Assistência — da Diocese do Crato.

O cenário da festa natalina estava magnifico. Luzes, arvores de Natal, artisticos bolos, decoração com motivação de Natal em todas as mesas, sinos manjedouras e outras peças atinentes à data máxima da Cristandade.

Dom Vicente Matos, DD Bispo Diocesano, presidiu às solenidades, havendo um Ato de Agradecimento, ante a Gruta do Presépio, quando todas as entidades da Diocese agradeceram ao Criador os beneficios recebidos no ano que passou.

Foram servidas finas bebidas, doces e salgadinhos, ao som de maviosos canticos de religiosas, e explicação do simbolismo de de cada adôrno de Natal nas mesas.

Depois, em magnifico discurso, Dom Vicente Matos fez uma análise da atualidade social do país, conclamando as forças vivas do Bem a se unirem no combate ao mal, e à descrença. Num Ato de Fé, o Chefe da Diocese renovou os agradecimentos da Diocese, ao Criador, pelos bens recebidos, invocando a Benção do Divino Pai para os planos e obras da Diocese em 62. Personalidades do alto mundo social, politico, administrativo, da imprensa e de todas as classes sociais, estavam presentes. — De A AÇÃO.

PLANTAS DO NOROESTE, ESPECIALMENTE NO CEARÁ

E' o monumental trabalho do Prof. Renato Braga, Vice-Reitor da Universidade do Ceará e dos mais cultos pesquisadores agrônomos do Brasil contemporâneo. E' trabalho, filho de esforço exaustivo, de método acurado e

de inteligência, com cerca de 500 paginas, editado pela IMPRENSA OFICIAL do Ceará. As plantas são estudadas em ordem alfabética assim facilitando a consulta da substanciosa obra do Prof. Renato Braga.

O CARIRI E A ENERGIA DE PAULO AFONSO

EXCERTO DE DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS DEPUTADOS, A 11 DE DEZEMBRO DE 1.952

ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE

A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco foi organizada para realizar o aproveitamento progressivo da energia hidráulica do Rio São Francisco e fornecer energia a determinada área abrangida por uma circunferência de 450 quilômetros de raio e centro da cachoeira de Paulo Afonso.

O objetivo principal da Companhia é fomentar o progresso das regiões subdesenvolvidas da área em aprêço.

É isso o que deixou bem claro, em discurso proferido a 17 de dezembro de 1947, na Escola de Minas de Ouro Preto, o Presidente, engenheiro José Antônio Alves de Souza, conforme se verifica das seguintes passagens :

“Demais, aproveitar Paulo Afonso, que fica no coração de uma imensa região semi-árida e que é a única cachoeira de grande vulto em todo o Nordeste Brasileiro, sem levar a energia elétrica ali produzida a centros já formados e que carecem absolutamente de energia elétrica para o seu maior desenvolvimento econômico e maior bem estar social de suas populações, seria a meu ver êrro grave, econômico político e social.

Seria deixar o progresso dessas populações a mercê de combustíveis importados ou obriga-las a intensificar o consumo já grande de lenha, onde esta escasseia rapidamente e onde o reforestamento é problema muito mais sério do que no Sul.

E há ainda a considerar que a região litorânea do Nordeste, da Paraíba à Bahia, é, atualmente, a que pela densidade de sua população e por seu progresso, há de servir de base econômica ao aproveitamento de Paulo Afonso.

Minha resposta era que o empreendimento tinha objetivo muito mais social do que econômico, isto é, que o objetivo principal e fundamental do Governo era dar a uma grande região do país, habitada por gente empreendedora, o instrumento de que mais carecia para o seu desenvolvimento econômico e social, sem qualquer objetivo de lucro imediato”.

Foram esses mesmos os propósitos que a companhia revelou em carta endereçada ao Deputado Oliveira Brito, e lida na tribuna desta Casa, a 4 de setembro último; a faixa litorânea do Nordeste, isto é, a região que por sua capacidade atual e seguramente previsível em futuro próximo de consumo de energia elétrica justifica o emprêgo de capital, que está sendo invertido, constitui a base econômica inicial do empreendimento mas, não resta dúvida que “seu objetivo final, o objetivo mais importante, é o desenvolvimento do *hinterland* contido naquela área.

Segundo tão inequívocas manifestações está claro que a distribuição da energia de Paulo Afonso com a região do Cariri e municípios circunvisinhos do Sul do Ceará, uma vez que integram a órbita de seu raio de ação há muito constitui matéria pacífica, fora de qualquer controversia.

Não seria possível a tal zona, fora da bacia do São Francisco e sem poder garantir imediato e significativo mercado de consumo de energia, lhe disputar a prioridade no fornecimento.

É natural que a Companhia destine seus fios primeiro às grandes metrópoles da região (Recife e Bahia), onde conta obter apreciáveis meios de receita e, logo a seguir, atenda aos outros Estados também servidos pelo grande curso, cuja força hidráulica está sendo catada.

Depois, fatal, inevitavelmente, virá a energia dos sertões pernambucanos, paraibanos, cearenses e riograndenses do norte.

São as etapas fixadas a se organizar a empresa e se estabelecer o seu devido planejamento.

Em conformidade com essa orientação, ha anos as Leis Orçamentárias, no Anexo referente à Comissão do Vale do S. Francisco, consignam verbas para o prosseguimento da linha de força em direção à Serra Talhada, Salgueiro e Maniçobal, estes dois últimos municípios pernambucanos situados na fronteira, em que se localizam as comunas caririenses de Brejo Santo e Jardim.

O orçamento de 1952, vai adiante pois estabelece recursos para as:

"linhas de força de Paulo Afonso para Glória e Vale do Pajeú, em direção a Carquejo, Serra Talhada, Maniçobal e Jardim".

Está aí aberto o caminho, mediante essa deliberação do Congresso Nacional, para se prolongarem até o Ceará as referidas linhas de força.

Agora, a lei de meios projetadas para 1953 amplia ainda mais o raio de penetração dos cabos aéreos da CHESF, pois nomeia dois municípios a serem atingidos pelos mesmos: Jardim e Missão Velha.

O empréstimo através a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos ou o Banco de Desenvolvimento e o concurso financeiro da Comissão do Vale do São Francisco, ou do fundo das secas, — são meios que estão sendo estudados para empêgo na montagem da terceira unidade, que produzirá a energia destinada a beneficiar as populações sul-cearenses.

O Sr. Presidente da República anunciou em Paulo Afonso estarem bem adiantados os estudos e providências para pronta realização da linha de transmissão que no sentido norte, atingirá o coração do Ceará, na região densamente ocupada do Cariri; mas, o certo é que tais estudos e projetos infelizmente ainda não se concretizaram.

Foi isso o que demonstrou recente debate sôbre o assunto entre congressistas cearenses e a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, a quem a CHESF se limitou a enviar uma exposição do respectivo plano.

Se o "objetivo final", o "objetivo mais importante" dessa Companhia segundo ela própria sempre proclamou, é o desenvolvimento do *hinterland* compreendido em seu raio de ação, os meus conterrâneos podem confiar na futura utilização dêsse valioso instrumento de bem estar e progresso, que é a energia do São Francisco.

Diz-se, geralmente que a energia elétrica fomenta as indústrias, facilita a difusão da cultura, possibilita providência relativas à proteção à saúde, enfim, cimenta o progresso, vitaliza a economia, racionalisa o trabalho e multiplica-lhe o rendimento.

É tal o seu efeito, como fonte preciosa de vitalidade econômica e social dos povos, que por seu consumo se mede o respectivo destaque na arena da civilização.

Outrora se julgava que sem indústria não era possível progresso, nem enriquecimento coletivo.

Hoje, se acrescenta "e sem agricultura conjugada", pois, nos termos do conceito emitido por Roberto Simonsen, "não é possível, a um grande país, com elevada população, obter alto rendimento nacional, mediante a exploração das indústrias extrativas e de cultivo da terra": essa exploração pode e deve ser amparada pela industrialização racional e eficiente das atividades extrativas agrícolas como o fornecimento da aparelhagem necessária para aumentar a produção e melhorar o produto.

O Cariri é uma região onde o aumento da densidade da população deixou de ser seguido por uma mudança de condições de trabalho de sua agricultura ainda primitiva, pela utilização das modernas técnicas da cultura.

Dáí procede o crescente rebaixamento do padrão de vida dos que habitam aquele setor do país, onde se verifica o fenômeno previsto por Castro Barreto, na seguinte passagem de seu valioso estudo sobre "Povoamentos e Populações":

"O aumento de densidade deve ser acompanhado pelo aumento da industrialização, o que dá lugar ao aumento da produção e da riqueza, e à elevação do padrão de vida.

Quando a densidade populacional passa o limite conveniente às atividades agrícolas normais, ou estas modificam seus processos de trabalho e começam a industrializar a sua produção, ou têm de enfrentar as dificuldades e misérias das regiões superlotadas".

A energia multiplicará as possibilidades de aproveitamento na irrigação das águas represadas, conterá a devastação das matas para alimentar fogões, locomóveis e locomotivas, facilitará a produção de adubos para revalorizar as terras esgotadas, incrementará todo o gênero das pequenas indústrias.

Realizem-se as preconizadas obras de armazenamento d'água e melhor utilização dos mananciais existentes, organize-se seu racional aproveitamento, mediante adequado sistema de irrigação, dê-se á serra do Araripe o destino econômico e social, a que está fadada, ponha-se enfim, a eletrificação a serviço do progresso do Cariri, e veremos como se acentuará o mesmo, dentro de poucos anos, em tons vivos e animadores.

NOSTALGIA DE PASSARINHO

J. B. BRITTO

O que imaginou um célebre poeta polaco, "descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu paiz" verificou-se, ha pouco tempo, na mais palpitante realidade, aqui no Ceará, a terra das excentricidades e dos fenômenos.

O caso autentico que serve de assunto e estas linhas, não é uma fantasia e ocorreu num recanto ameno e poético da terra cearense, ali no Município de Varzea Alegre.

No sopé da serra do "Olho dagua", daquele Município, reside um sertanejo de nome Pedro Severino.

Pedro, aprecia os gorgeios maviosos dos passarinhos e cometia a injustiça de prende-los para de mais perto, ouvir-lhes a musica natural.

Entre os prisioneiros alados do sertanejo, havia um canário comum, pegado em pequenino, distinto entre os demais por ter defeituoso um dos pés; era, apesar disso, o aleijadinho o mais cantador da coleção; era mesmo extraordinário.

Um dia passou por ali um mascate de residencia em Juazeiro do Pe. Cicero; entusiasmou-o de tal modo o passarinho que logo se propoz para compra-lo oferecendo preço vantajoso.

Pedro sentiu escrúpulo de vender o plumoso artista e preferiu fazer presente dele ao negociante, que o trouxe, muito satisfeito, para Cicerópolis.

Primeira semana, segunda e terceira e o cantorzinho amuado, comendo mal, sem dar ao menos uma nota. Um mês, dois meses e nada.

Tudo empregou o novo proprietário para provocá-lo aos maviosos gorgeios que ouvira a quando de sua passagem pelo Olho dagua; instalou-se em uma gaiola nova, o emperradinho; mudou-lhe a comida, a caqueira; deu-lhe banho de sol e muita cousa mais; tudo inutil; o mesmo silencio obstinado.

Aborrecido e desenganado com o mutismo do prisioneiro, o homem pegou-o, certa manhã, arrancou-lhe as penas da cauda, pelou-lhe a cabeça e soltou-o, assim mutilado.

O pobrezinho voou... voou e, no mesmo dia, quase á mesma hora, ouviu Pedro Severino, no Olho dagua, a mais de vinte leguas daqui, o trinado muito seu conhecido do *bichinho*, pousado em cima de uma das gaiolas que pendiam do alpendre da residencia.

Pensão às viúvas de Tristão Gonçalves e Pereira Filgueiras

DECRETO N.º 20, DE 14 DE AGOSTO DE 1.834

A Regencia em nome do Imperador o Senhor D. Pedro 2.º, Ha por bem Sancionar e Mandar que se execute a seguinte Resolução da Assembléa Geral Legislativa:

Art. 1.º — Fica aprovada a pensão anual de quatrocentos mil reis, concedida por Decreto do Poder Executivo de 12 de Agosto de 1.833 a Dona Ana Triste Ararípe, viúva de Tristão Gonçalves de Alencar Ararípe, e ás suas filhas, bem como outra de igual quantia, concedida pelo

mesmo Decreto a Dona Maria de Castro Filgueiras, viúva de José Pereira Filgueiras e ás suas filhas.

ANTONIO PINTO CHILCORRO DA GAMA, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios.

Palacio do Rio de Janeiro em 14 de Agosto de 1.834, 13.º da Independencia e do Imperio.

Francisco de Lima e Silva
João Braulio Muniz

Facilmente identificado pelo defeito fisico, o antigo cantor sertanejo foi logo reconhecido, apesar de deformado pela falta das penas da cauda e da cabeça.

Um remorso profundo apoderou-se de Severino, e um propósito inabalavel dominou-lhe a vontade: — Restauraria o pequeno cantor na sua antiga morada e nunca mais se separaria dele por preço algum.

Mansinho, como sempre foi, deixou-se apanhar o mutilado.

Pedro, sentiu a consolação de reparar a injustiça e a ingratição que cometera e arquitetava um plano completo de carinhos e cuidados, deli em diante, com o seu leal amigo.

Afagava essas doces conjeturas, quando uma surpresa pungente e dolorosa o abalou profundamente: — o passarinho, que ele acariciava em suas mãos, num extertor de agonizante, estremece e exala o ultimo sopro da vida.

O sertanejo, moído de remorsos, abriu aos demais passarinhos presos que possuia, a porta das prisões, jurando, diante do cadaver do seu canario, nunca mais privar a liberdade dos seus irmãos.

Crato, 28 de Janeiro de 1962.

Aspectos de uma vida

Mons. Silvano de Sousa

Dom Joaquim Ferreira de Melo, ilustre bispo de Pelotas, no Rio Grande do Sul, é uma das figuras do clero brasileiro e pouco conhecido dos seus próprios conterrâneos. Quero frisar aqui uma nota singular de sua formação literária, estranhável em nossos dias: aprendeu o latim antes de estudar a língua vernácula.

Era seu professor um humanista evadido de Recife, na época do seu grande esplendor literário, em que nos salões ainda ressoavam os ecos da musa aristocrática de Mâciel Monteiro, e a atividade rumorosa da chamada Escola do Recife empolgava os espíritos pela voz de Tobias Barreto, Silvio Romero, Martins Júnior e tantos outros.

O Dr. Mancel de Sousa Rolim, irmão do padre Inácio de Sousa Rolim, pedagogo e cientista de renome em todo o Norte do país, num triste dia da grande sêca de 1877 - 1879 bateu à porta de Francisco Ferreira de Melo, abastado proprietário do sítio São José, neste município de Crato. Apresentou-se como um naufrago da vida, não trazendo de seu, senão o tesouro oculto de uma inteligência dotada de uma vasta cultura clássica. Pedia abrigo naquele tecto, para escapar aos horrores da fome. Triste condição de um homem de letras... Como penhor de gratidão, poderia ser professor dos filhos do generoso cidadão que o acolhia com tamanha caridade cristã.

Abriram-se-lhe as portas da hospitaleira vivenda; em poucos dias aquela meninada da família, dos agregados e dos vizinhos espalhados por aqueles brejos e ariscos, enchiam a sala de aula do *seu dôlo*. Os sertanejozinhos iam aprendendo a ler com um método intuitivo, sem silabário, nem soletração, e traziam nas mãos e sob os seus cadernos manuscritos, com os quais se iam com os mistérios das declinações latinas. O menino Joaquim Ferreira de Melo fazia parte dessa turma.

O dr. Rolim não usava compêndios. Ele os ia compondo à medida do adiantamento da classe. Corrigia nos alunos os erros de tradução dos clássicos, sem consultar o texto, de que não possuía exemplar. Dir-se-ia saber de memória toda copiosa literatura latina.

Familiarizado com a leitura de Virgílio, Cícero, Horácio e Tito Lívio, o estudante do sítio São José, quando chegou ao Seminário, o Latim para êle já não tinha segredo. Por circunstâncias particulares fechou-se o Seminário do Crato, e o jovem seminarista seguiu para o Seminário de Olinda, em que se matriculou em abril de 1892. Em Olinda o Seminarista Joaquim Ferreira de Melo formou o seu espirito numa atmosfera de elevada cultura clássica.

Os professores do Seminário eram todos homens de boas letras, nomes de repercussão no magistério, na tribuna e na imprensa. O conêgo Graciano de Araújo, o Araujão, como lhe chamavam, tido como o mais perfeito humanista daquele meio, o padre Arcoverde, mais tarde o nosso cardeal, o Conêgo Adauto Aurélio de Miranda Henriques, depois Arcebispo de Paraíba, e Mons. Fernando Rangel, mais tarde luminar do ensino no Rio de Janeiro, formavam uma constelação de grandes professores do tradicional seminário, a que se juntava uma pleiade brilhante de outros intelectuais que constituíam o escol do clero pernambucano de então. Por essa época chegaram a afrontar a truculência de Tobias Barreto que, num momento de irreflexão, ousaria dizer que o clero de Recife não sabia latim. Desafiaram o grande e endeusado professor da Faculdade de Direito, demonstraram-lhe os êrros palmares de seu latim crioulo e, por fim, meteram-no à bulha em poemas satíricos, nos quais o bom humor e a cultura corriam parselhas. O Pai Tobias, se não me trai a memória, é o titulo de um daqueles poemas irreverentes, que faziam as delicias dos desafetos do notável publicista.

Foi neste meio de acesa campanha cultural que se formou o espirito adolescente do futuro Padre Joaquim Ferreira de Melo.

Seus conhecimentos aprofundaram-se, sua cultura alargou-se, dilatando os horizontes do seu espirito. E para ter um instrumento de expressão perfeita, dedicou-se ao estudo de nossa lingua, que êle amava acendradamente.

Dom Joaquim não teve êsse dom de poderosa imaginação que nos arrasta quasi sempre para muito longe das realidades objeivas da vida presente.

Mas, em compensação, teve o dom da sensibilidade artistica que emprestava à sua frase falada ou escrita esta harmonia encantadora resultante da propriedade do seu vocabulário, da correção, clareza e simplicidade do seu estilo.

A primeira Carta Pastoral saudando os seus diocesanos, é um exemplar perfeito desta boa e castiça linguagem, moldura preciosa para a doutrina de rigor teológico com que se propunha a apascentar a sua nova família espiritual.

A sinceridade dos sentimentos nobres que ressumam do seu coração, dá a estas páginas a unção encantadora de um lirismo que eu chamaria espiritual, e que atua sobre o nosso espírito com a doçura tranquila de uma sugestão sobrehumana.

É impossível ficar-se indiferente à leitura daquela página de suas despedidas, em que os pensamentos saem da inteligência ungidos com as lágrimas do seu afetuoso coração de amigo dedicado.

Dom Joaquim foi, sobretudo, um homem de profundos sentimentos afetivos, embora o seu todo meio impassível, sua prudência pautada no mais rigoroso equilíbrio, parecessem dizer o contrário a quem não o conhecesse de perto.

Em 1932 declarou-se uma crise climatérica das mais rudes que têm assolados os Estados do nordeste. O clamor da grande desgraça chegou até esta cidade de Pelotas. Dom Joaquim arredio, por indole, das manifestações externas e ruidosas, diante do imperativo do seu coração, não trepidou em descer à praça pública, e, de alma aberta, urgido, como o Apóstolo São Paulo, da mais pura caridade evangélica, falou da grande calamidade com a verdadeira eloquência dos que sabem sentir com os que sofrem para melhor compartilhar de suas dores.

O seu discurso comoveu o grande auditório congregado na praça pública.

Evocou a tragédia das sêcas, as soalheiras inclementes, os rios convertidos em leitos de areia na direção do mar, os campos estorricados, a pungente retirada das famílias batidas pela miséria: aves, animais e homens sob o signo da desgraça. E tudo isso foi expresso numa linguagem tão perfeita que provocou ao nosso malogrado tribuno, dr. Victor Russomano, este comentário: estamos ouvindo a nossa lingua num acento de pureza clássica.

A vida afetiva do Sr. Dom Joaquim culminou da devoção ao Santíssimo Sacramento, à Santíssima Virgem.

Na sua primeira Carta Pastoral estes sentimentos brotam a cada momento de sua alma em expressões calorosas e vibrantes de verdade.

ORPHEO

Realmente fecundo, o programa editorial da Imprensa Universitária do Ceará.

De suas últimas publicações destaca-se ORPHEO, de Jairo Martins Bastos, prêmio "Universidade do Ceará", em poesia, no ano de 1959.

O mistério da morte está presente:

"Molhado pelos noturnos
rios da terra insubmissa,
o Morto-Vivo delira".

Todo o livro está marcado dêsse mistério, que o Autor interpreta em ritmo ora longo, ora breve, mas de forma pessoal e expressão enxuta.

Consta de 32 poemas.

J.N.

A consagração a Nossa Senhora, com que abre a série de saudações daquela memorável Pastoral, é uma das melhores páginas que tenho encontrado na profusa literatura religiosa sobre a Santíssima Virgem.

A impressão que nos deixa a sua leitura é que estamos assistindo ao grande Bispo em oração aos pés da Mãe de Deus. Sente-se o calor da prece, a unção dos piedosos pensamentos, e percebe-se no seu espírito a certeza de que no seu episcopado a Mãe Celestial há de ser a fiadora de todo o seu apostolado.

E assim foi. O milagre do seminário de Pelotas construído contra tôdas as expectativas, a sua eficiente direção, quando falharam todos os passos para encontrar professorado idôneo, alunos relativamente numerosos numa diocese, em que tudo conspira contra a vocação sacerdotal, são a prova cabal de que Nossa Senhora ouviu esta prece confiante do Snr. Dom Joaquim.

"Mãe e protetora benigníssima, desde já, desde que a unção episcopal nos infunde nalma a abundância dos dons de vosso Filho, antes de nos empenharmos nas lides pastorais, agora mesmo, que essas lides nos ocupam inteiramente o espírito, atemorizando no mais íntimo da alma, mas alentado com a lembrança de vossa maternal bondade e confiado no vosso nunca desmentido patrocínio, a vós sois, no dizer do Crisóstomo, o céu e trono de Deus, a honra, a glória e a segurança da Igreja, sêde particularmente da nobilíssima Igreja Pelotense o ornamento, a glória e o firmamento inabalável".

E Nossa Senhora fez tudo o que lhe pedira para a Igreja de Pelotas, o bom, o amável e piedoso Dom Joaquim.

Brilha na Universidade da Bahia um Filho do Crato

HERON FELICIO DE ALENCAR, profere aula de sapiência subordinada ao tema "Universidade, Região e Alienação Cultural"

QUIXADÁ FELICIO

Um caprichoso opusculo de "Publicações da Universidade da Bahia" — composto e impresso na "Fundação Gonçalo Muniz" — UNIVERSIDADE, REGIÃO E ALIENAÇÃO CULTURAL enfeixa a excelente aula de sapiência proferida no salão nobre da Reitoria da Cidade do Salvador, na noite de 1.º de Março de 1961, pelo Professor Heron Felicio de Alencar, catedrático de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia da velha e lendária cidade-um do Brasil.

Versando texto novo e palpitante, "Universidade, Região e Alienação Cultural" é o depoimento de um mção de invulgar formação espiritual, sobre tudo quanto pôde, com agudêsa, se aperceber do processo evolutivo universitário da Europa, após convívio de mais de 5 anos com os mais eminentes professores da Sorbonne, em Paris, em cujo grande centro ensinou, deixando uma marca brilhante das suas qualidades didáticas, esplendidamente alicerçadas num vigoroso lastro de conhecimentos literários e científicos. Seu autôr, Heron Felicio de Alencar — figura da maior preeminência na congregação universitária da Bahia, é um legítimo cabeça-chata, filho aqui do Crato, nascido que foi na antiga rua Formosa, hoje Santos Dumont.

Filho do nosso saudoso conterrâneo, Inacio Loyola Alencar, admirável expressão de jornalista combativo, e de sua esposa, também já falecida, Sra. Raymundinha Felicio de Alencar, o Prof. Heron de Alencar tem sabido elevar, bem alto, o nome da sua cidade e do seu Estado não só na célula mater do pensamento pátrio, que é a famosa Bahia de Todos os Santos, como no exterior, triunfante que foi, em toda a linha, como lente de Literatura na secularmente tradicional Universidade de Sorbonne.

Escolhido, entre seus pares, para proferir, no ultimo 1.º de Março, a aula magistral no auditorio da Reitoria bahiana, o Prof.

CARTA PASTORAL DE D. VICENTE

Recebemos a CARTA PASTORAL do terceiro Bispo da Diocese D. Vicente de Paulo Araújo Matos. Foi lida por ocasião de sua posse efetiva no Bispado, a 19 de Março de 1961. É documento oportuno, mostrando que o Pastor Diocesano de Crato é atualizado com a vida de hoje e preocupa-se, acima de tudo, com a sorte de seus filhos espirituais. Transcrevemos algum trecho do documento em apreço:

"PLANO DE AÇÃO

a)—A primeira grande preocupação de nosso coração de Pastor é a difusão da verdade. Fazer conhecido Nosso Se-

nhor Jesus Cristo. «Eu sou a verdade» (10) Verdade que deve se manifestar pelo catecismo às crianças, pela educação da juventude e dos adultos, pela pregação aos fiéis, até que se torne caminho e vida. Para que esta verdade brilhe sempre e cada vez mais, usemos todos os auxílios da pedagogia religiosa, façamos da «liturgia escola das massas», recorramos a todos os progressos da técnica moderna, coloquemos o cinema e o rádio a serviço de Deus.

b)—Inquieta-nos, caríssimos irmãos e filhos diletíssimos, a situação de miséria em que vive a grande massa de nossos irmãos. Miséria que não é só

Heron de Alencar dissertou com segurança absoluta sobre os mais momentosos problemas regionais do ensino universitario, demorando-se em apreciações do melhor sabor estilístico sobre o conjunto de fatores que condicionam a alienação cultural.

Abrindo este espaço para registrar esse novo t ênto do Prof. Heron Felicio de Alencar na Universidade da Bahia, YTAITERA sente forte e natural orgulho de v êr um ainda bem jovem professor conhecido em todo o magisterio superior do Brasil poder afirmar que deixou o umbigo num fundo de quintal duma casa do Crato.

O c ôrpo diretor deste pariodico de cultura abraça efusivamente o Prof. Dr. Heron de Alencar, formulando votos sinceros de constantes ascensões do seu espirito privilegiado, com o qual muito se beneficia o ensino nacional e muito se regosija o chãõ caririênse que o viu abrir os olhos para a existencia há menos de 40 anos.

o grito lancinante de um povo esmagado pela injustiça social, como ainda um obstáculo tremendo para a salvação das almas.

Bem sabemos que pobres sempre haverá, pois disse o Mestre: «pobres sempre tereis convosco» (11) Ser pobre é até uma bênção de Deus, mas ser miserável não é humano e Deus tolera a miséria como tolera o pecado.

Não podemos nos conformar, pois, com a situação atual neste sector da justiça social.

Bem sabemos que há um número muito grande de irresponsáveis, que decididamente não cumprem o seu dever, que lesam os bens dos patriões.

Isto, porém, é mais uma razão para não nos conformar com esse estado de coisas. Eduquemos este povo, mostremos os danos de sua irresponsabilidade, demos-lhe educação de base para que ele seja consciente de seu valor e coopere para o bem comum.

O paternalismo de patrões que socorrem em horas de maior dor os seus moradores que vivem miseravelmente não dá solução ao caso, mas antes denuncia um desequilíbrio social que precisa de remédio. É-nos grato repetir aqui a afirmação que em união a todos os bispos do nordeste

Traduções do Cel. Teles

Pelo Cel. Raimundo Teles Pinheiro, atual comandante da Escola Preparatória do Ceará e dos mais ilustres filhos de Crato, sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri, recebemos a coletânea de MENSARIO DE CULTURA MILITAR. É revista de circulação estritamente militar e que se dedica à traduções do que existe de mais moderno em estratégia. Durante o período em que nosso conterrâneo serviu ultimamente no Estado Maior do Exército, dedicou-se além de outras atividades, à tradução dos mais oportunos artigos de autoria de oficiais franceses, especialistas em assunto da atual arte de guerra. São versões bem elaboradas, que dizem bem do grau de cultura do Cel. Raimundo Teles Pinheiro, colaborador dos mais conceituados de "Itaytera".

já fizemos: «Afirmamos a esperança de ver o problema da reforma agrária do Nordeste equacionar-se oportunamente». (12) Com a ajuda de Deus, tudo faremos para que haja entre nós um clima favorável à realização desta reforma com a salvaguarda dos direitos de cada um dentro dos princípios salutarés da justiça social cristã".

Influência de Crato em Terras Piauienses

(Discurso pronunciado por J. de Figueiredo Filho, na Camara Estadual, em Teresina, no dia 20 de Setembro. Em nome da Assembleia Piauiense, o presidente do Instituto Cultural do Cariri foi saudado pelo deputado A Luisio Soares e, a pedido do deputado Lourenço Mourão, foi a oração do intelectual cratense transcrita, na íntegra, nos anais da Casa).

Não é porta-voz de opulenta cidade litorânea que está diante de Vs. Excias ilustres representantes da boa e heroica gente do Piauí. É apenas modesto embaixador das letras de cidade interiorana, que é a cabeça natural de importante região.

Crato, engastado no Cariri Cearense, e quase centro geográfico do Nordeste Brasileiro, ficando, mais ou menos, equidistante de Teresina, a capital que lhe fica mais próxima, Fortaleza, Recife, João Pessoa e Salvador.

Em 1817, a 3 de Maio, consagrado á Santa Cruz, o diácono José Martiniano de Alencar proclamou ali, a independência e a república, em consonância com a Revolução Pernambucana, soprada de Recife. O movimento durou apenas oito dias, o suficiente, no entanto, para deixar definitivamente implantada no Cariri, a semente que iria eclodir, pujante, poucos anos mais tarde.

Em 1822, tendo a frente Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves, perante à Câmara do Crato, foi criado o GOVERNO TEMPORARIO de Icó, que se apossou daquele centro comercial de interior cearense, dominado por comerciantes portugueses. Marcharam então sobre Fortaleza, na épica Jornada da Independência, libertando assim toda a provincia cearense. Os mesmos chefes, á frente de dois mil homens, vieram ajudar o Piauí e Maranhão a destruir em Caxias, o último reduto luso no Brasil, então comandado pelo Brigadeiro Fidié, oficial de larga experiência nas lutas ibéricas contra Napoleão. Essa epopéia foi agora magistralmente descrita pelo piauiense — Dr. Hermínio de Brito Conde, em livro editado, em minha terra, pelos CADERNOS DO CARIRI e lançado, no dia 18 do corrente, nesta próspera e futura capital.

Os libertadores de Caxias — Tristão Gonçalves de Alencar e José Pereira Filgueiras, tiveram epilogo trágico, em 1824, na célebre Confederação do Equador. O primeiro morreu trucidado, em Santa Rosa, hoje municipio de Solonópolis e o segundo faleceu, quando ia preso para o Rio, na localidade mineira de São Francisco — São Romão

Outra jornada luminosa fizemos

Em Torno da Sociologia do Caminhão

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no afan de desvendar o panorama social do Nordeste, lançou mais outro livro oportuno. Trata-se do bem feito trabalho de pesquisas do jovem estudioso Marcos Vinício Vilaça, inteligência que já surge bem robusta.

É a história do caminhão e do motorista no desenvolvimento do interior brasileiro. É livro que merece aplausos e constituindo outra autêntica vitória da entidade que tem como diretor executivo o escritor Mauro Mota e por sede a culta cidade do Recife.

igualmente, em minha cidade, após D. Luís, primeiro Bispo de Ceará, ter fundado, em 1875, o Seminário do Crato. Foi a célula MATER que, mais tarde, iria dar origem à verdadeira revolução, no campo educacional e que transformaria, por completo, a região inteira.

Crato e o Cariri são viveiros de estabelecimentos do ensino, de todos os graus. Os velhos costumes de cangaceirismo político desapareceram totalmente de sua fisionomia social.

Muitos municípios piauienses, incluindo Picos, Fronteiras, Pio Nono e Jaicós, desde há muito, mandam seus filhos estudar em minha terra.

Em torno da economia e da cultura de Crato gravitam regiões inteiras de Piauí e Pernambuco, identificados intimamente conosco pelos mesmos interesses e profundos laços de família. É ligação mais íntima do que mesmo com zonas cearenses, mais próximas geograficamente do Vale Caririense.

Crato, portanto, não é estranho ao Piauí. Em Teresina, em convívio com meus hospedeiros e a gente hospitaleira piauiense, senti-me, como em minha casa e prendi-me, de alma e coração, aos encantos múltiplos desta terra, tão nossa porque tão visceralmente nordestina em todos os sentidos.

Teresina, interiorana como é, constitui o mais decisivo núcleo civilizador do Nordeste. Sua missão cada vez mais avultará, para o futuro, no conagração mais íntimo do Nordeste com o Extremo Norte. Creio que isso será sua predestinação histórica e cultural.

A caravana do Instituto Cultural do Cariri e da Faculdade de Filosofia de Crato, nessa missão em Teresina, executou programa da mais pura brasilidade e por isso retorna ao sul do Ceará, revigorada em seu amor ao Nordeste e com a consciência leve do dever cumprido.

SEMINARIO DE DESENVOLVIMENTO

J. LINDEMBERG DE AQUINO

Realizaram o BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, superiormente dirigido pelo dinâmico Dr. Antonio de Alencar Araripe, e a UNIVERSIDADE DO CEARÁ, na cidade do Crato, no período de 13 a 15 de Agosto do ano de 1961, o SEMINARIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUL DO CEARÁ. Foi certame sem pompas, embora dos mais concorridos e eficientes, que assinalou o maior e o mais inestimável benefício que se poderia prestar não só à Cidade do Crato, mas aos 25 municípios compreendidos geograficamente no sul cearense. Funcionou o Seminario através das seguintes Comissões :

Cooperativismo, Crédito e Finanças, Transportes e Comunicações, Pecuária, Agricultura, Educação e Saúde, Industria e Energia, Ajudagem e Irrigação. Cada Comissão dessa foi dirigida por um técnico ou uma autoridade administrativa, conhecedora profunda do assunto em tela.

Compuseram-na líderes de todos os Municípios da região, técnicos das mais renomadas procedências, jornalistas, estudiosos do assunto. Cada comissão funcionou a contento, estudando, debatendo, planejando, projetando, assim, o seu setor, e as suas deficiências ou carencias que ele apresentava, apontando novos rumos e as soluções adequadas para aquele setor.

Foi, assim, trabalho conjunto, dinâmico e eficiente, baseado, todo ele, em estudos preliminares, muitos deles distribuídos em plaquetas, para os participantes do Seminario, plaquetas que o BNB imprimira por antecipação. Elas já traziam os resultados de pacíficos estudos e pesquisas, feitos por técnicos dos diversos departamentos especializados do BNB, que durante meses visitaram a região, palmo a palmo, recolhendo informações e estudos de todo o "facies" econômico e social do sul cearense. O Seminario já se assentou em bases sólidas de estudos responsáveis, para deliberar e apontar as soluções adequadas e consentâneas com a realidade caririense.

Participaram desse grande conclave, além do Sr. Bispo Diocesano, Dom Vicente de Araujo Matos, a quem muito devem a Diocese e a Igreja pelo seu espírito empreendedor, dinamismo comprovado e capacidade de trabalho e realização, os diretores das principais repartições federais, estaduais e municipais do Ceará, do

Escola Preparatória de Fortaleza

Recebeu o Instituto Cultural do Cariri atencioso convite da Escola Preparatória de Fortaleza para as solenidades de encerramento do ano letivo e do término de Curso de Alunos de Terceiro Ano.

Foi paraninfo dos concludentes o nosso conterrâneo Coronel Raimundo Teles Pinheiro, comandante da Escola e sócio de nossa entidade. O patrono foi o saudoso General Eudoro Correia.

Governo do Estado, da Assembleia Legislativa, dos órgãos públicos de mais alta ressonância, observadores do Ministerio da Educação, Saude, etc.

Todos os prefeitos da zona, muitos dos vereadores, políticos de projeção, etc., todos irmanados no sagrado dever do estudo sobre a realidade caririense. A Universidade do Ceará e o Banco do Nordeste puseram no Seminario os seus melhores técnicos, como, por exemplo, Roberto Bezerra de Menezes, Airton Machado, José Noronha de Moura, Gedyr Lirio, Luiz de Souza Magalhães, Taurmurgu Nogueira, Dirceu Figueiredo, Glauco Gondim, Pedro Guimarães Mariz, José Alexandre Roberto Orrico, Ardiesmo Erasmo de Azevêdo, Mario Rocha, Pedro Sisnando Leite, José Josi da Silva e outros.

O Seminario Para o Desenvolvimento do Sul do Ceará foi de grande importancia e valia para a nossa região, quando ela se preparava para recebimento da energia de Paulo Afonso, marco histórico de sua vida, que assinalará profundas alterações no sistema de vida, na distribuição de riquezas e no desenvolvimento de todos os setores da região, transferindo para cá, quem sabe, o eixo-economico do Ceará.

Ficaram muitas publicações especializadas sobre os problemas regionais, resultante do trabalho desse Seminario. Mas a principal é o volume dos Anais, que contem tudo o que foi resolvido e todas as soluções apontadas.

O Cariri está de parabens pelo êxito do Seminario e pelo que, de sério, de profundo e estudioso ele nos revelou, com a nossa realidade espelhada em tantos estudos, pesquisas e inqueritos. Um régio presente para a região, uma iniciativa que ficará histórica pela sua oportunidade e seriedade.

"ALGO DE MINHA VIDA" LIVRO QUE NOS ENCANTA

J. F. F.

Muitos motivos fizeram-me com que ficasse empolgado com o recém-lançado livro do Senador Fernandes Tavora — "ALGO DE MINHA VIDA". É bem escrito, com estilo agradável, prendendo-nos do começo ao fim. Falta-lhe apenas sequência cronológica, mas que não empana, de forma alguma o encantamento que nos proporciona. O outro factor que me entusiasmou no bem feito livro, que é um pedaço da alma da figura veneranda de um dos maiores vultos do Ceará, foi o carinho com que trata Crato, a cidade onde passou parte importante da infância e mais tarde, já na qualidade de clínico. Considera minha terra natal como quase se fosse seu torrão de origem. Tece-lhe hino digno de figurar nas mais requintadas páginas de Antologia. Tomou parte ativa igualmente na deposição do Cel. Belem, então Intendente de Crato, até 1904. Vejamos seu depoimento á pag. 25 de "ALGO DE MINHA VIDA":

"Recebido o grau, dirigi-me ao Crato em visita a minha irmã e ao meu cunhado Cel. Augusto Alves da Silva Bacurau, que encontrei em luta aberta contra o Cel. José Belém de Figueiredo,

Prefeito daquele municipio o "Chefe dos Chefes" dos sertões do Ceará, como o chamava em suas cartas o Comendador Nogueira Acíoli: senhor absoluto do Estado, naquele tempo.

Meses depois, era aquêlê meu cunhado espingardeado em plena rua, pela policia local, sob as ordens do seu comandante Cel. Jesuino de Maria, sendo na mesma ocasião assassinado o meu amigo Major Horácio Jácome.

Denunciei ao Governador do Estado e ao Chefe de Policia o duplo crime, solicitando um inquérito, que nunca foi aberto, nenhuma resposta recebi, e os criminosos permaneceram na mais absoluta impunidade.

A revolta dos que estavam sob tão brutal domínio alastrou-se rapidamente; e eu, sem o querer, fui naturalmente arrastado na torrente da reacção incontrolável.

Mas, a minha participação no caso limitou-se a simples conselho aos meus amigos, que faziam muito e pouco agiam:

"Se vocês querem, realmente, libertar-se do dominio do Belém, só há um meio seguro: comprem muitos rifles e muita munição, para oportunamente enfrentá-lo; porque a bala é o único argumento a que obedecem os

RELATÓRIO DE PESQUISAS NO CARIRI

O Prof. Cláudio de Castro, Assistente de Mineralogia e Petrografia na Universidade Católica do Recife, esteve a serviço de pesquisas científicas nesta região. Publicou bem elaborada monografia, sob o o título—RELATÓRIO DAS PESQUISAS DE NATUREZA GEOLÓGICA E PALEONTOLÓGICA EMPREENDIDAS NO ESTADO DO CEARÁ, NA REGIÃO DO CARIRI E SEUS ARREDORES. É mais outra valiosa contribuição para o conhecimentos das riquezas de nossa terra. escrita por homem de ciencias. Destacamos o trecho :

“Continuando ainda com algumas considerações sôbre a re-

gião, um outro fato merece ainda ser abordado, embora que êle diretamente nada tenha a vêr com os trabalhos realizados. É o nome dado à cidade do Crato. A denominação Crato, dada à mais progressista cidade da região do Cariri, nenhuma relação tem com crato geológico muito embora esta cidade pela análise de seus sedimentos e fósseis seja um crato verdadeiro. (esta afirmação carece de fundamentos científicos). Suas massas que parecem não haver sofrido ulteriores dobramentos orogênicos devem pertencer pela grande abundância de peixes fósseis a um crato de natureza oceânica”.

impenitentes violadores da lei e da liberdade”. Meu conselho foi adotado”.

O Senador Fernandes Tavora ainda se refere ao Crato com verdadeira ternura e com frases deslumbrantes em “O CRATO DE MINHA INFANCIA” e “SAUDAÇÃO AO CRATO”.

Ao ser recebido no INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO CEARÁ, em seu discurso de posse, faz o elogio do escritor cratense José Carvalho, primeiro ocupante da cadeira e evoca ainda saudoso a ci-

dade de Crato.

“ALGO DE MINHA VIDA” é livro que está sendo elogiado de norte a sul do Brasil. E não poderia ser de outra forma. No Cariri, em Crato, ao sopé do Araripe, às margens dos canaviais, onde passou parte de sua infância, formando o espírito nos lugares em que palmilharam os bravos independentistas que fizeram a revolução de 1817, 1822, 1823 e 1824, seu livro ocupou lugar privilegiado no coração de todos aquêles que tiveram a ventura de conhecê-lo.

PESCANDO PÉROLAS

FELIX LIMA JÚNIOR

No Dicionário Brasileiro de datas historicas, de José Teixeira de Oliveira (Imprensa Nacional - Rio - 2.ª edição - 1950) encontro esta pérola:

"20.4.1839 — Nasce em Maceió, Estado de Alagoas, Aureliano Candido Tavares Bastos".

O Globo, do Rio, de 19 de abril de 1958, informa igualmente: "... nasceu em Maceió, no Estado de Alagoas, o orador, parlamentar e jornalista Tavares Bastos".

O autor das Cartas do Solitario nasceu na então cidade de Alagoas, hoje Marechal Deodoro, e não em Maceió.

* * *

Visitou o jornal O Globo, acima citado, em 24 de fevereiro de 1958, o sr. Antonio Diniz de Souza. "orgulhoso de ter nascido na cidade pernambucana de Igaracú, onde se construiu a primeira igreja católica do Brasil", ao que afirmou. Está errado. Em Igaracú está realmente, ainda de pé, o templo consagrado a São Cosme e São Damião, a mais velha igreja existente no Brasil, não, porem, a primeira construída.

* * *

Ibrahim Sued, famoso cronista social, escreveu no O Globo, de 7 de março de 1960:

"Na premiêre, em Londres, de "Sink the Bismarck" (Afundem o Bismark - fase famosa pronunciada por Churchill durante a guerra), estiveram presentes o Principe Philip, seu tio Lord Mountbatten, e todo o Almirantado inglês. que reviram com emoção os trágicos momentos em que o famoso navio alemão afundava dois navios ingleses, com 1.200 homens cada um, sem sofrer dano algum, graças ao seu grande alcance e poder de fogo. Pouco depois, como atendendo à frase de Churchill, a Marinha Inglesa pôs a pique o Bismark".

O couraçado alemão não afundou dois navios ingleses, com 1.200 homens cada um. Afundou, apenas, o "Hood", morrendo 1457 oficiais e marinheiros, salvando-se somente 3 homens. O outro navio britânico que acompanhava o "Hood" - o "Prince of

Wales", foi alcançado por projeteis do navio germanico. escapando. Somente em dezembro de 1941 e nos mares da China, foi o "Prince of Wales" afundado, juntamente com o "Repulse", por aviadores japoneses.

* * *

Leio no Diario de Notícias, do Rio, de 20 de julho de 1958, no artigo "Alcunhas e apelidos em "Os Sertões", de Adelino Brandão :

"A Brigada Mimosa - Titulo jocoso dado pelos veteranos ao 15.º batalhão, autor de uma excepcional carga de baionetas na qual "não perdeu um só soldado".

Ha engano. "Mimosa" foi alcunha dada à brigada Girard, organizada, no Rio de Janeiro, pelo General Miguel Maria Girard, com o 22.º, 24.º e 38.º de infantaria, com 68 oficiais e 1042 soldados, Brigada que foi "se dissolvendo" pelo caminho e chegou em Canudos comandada pelo Major Fiscal do 24.º, Henrique Magalhães.

Chegando em Juetê, encontrou o 15.º batalhão, "já enduredo na luta".

Foi atacada no Rancho do Vigario e depois em Angico, onde "deu uma carga de baioneta platonica em que não perdeu um soldado, entrando afinal em Canudos". Basta ler "Os Sertões". de Euclides da Cunha. Se a alcunha fosse dada ao 15.º, seria "o batalhão mimoso" e não "a brigada mimosa".

* * *

No livro "Penêdo - sua história", Aminadab Valente, saudosso historiador alagoano, narra que "os penedenses prestaram uma homenagem ao Marechal de ferro - Floriano - fazendo erguer na principal rua uma herma num pedestal de granito". E mais adiante: "na rua que já tinha o nome do Proclamador da Republica". Foi mesmo Floriano, o proclamador ou o Consolidador da Republica ?

* * *

Na reportagem publicada na Manchete, de 24 de janeiro de 1958, por Araújo Neto, sob o titulo "A Republica debaixo de sete aguias", ha referencia ao Palacio Guanabara, em obras, em 1908, "para receber e hospedar o Rei Affonso, de Portugal, assassinado

antes de viajar para o Brasil". Assassinado, naquele ano, foi o Rei Dom Carlos I, sendo também abatido, a tiros, o Príncipe herdeiro, Dom Luiz Felipe.

* * *

O jornalista Zadir Cassela, na Gazeta de Alagoas, de 6 de outubro de 1960, escreveu:

"... até mesmo Vitor Hugo nos seus Três Mosqueteiros".

Dumas terá concordado com a transferência da autoria de seu belo trabalho?

* * *

No artigo "A literatura nas velhas escolas militares - Aspectos gerais - O ambiente cultural", do Coronel Humberto Peregrino, incluído no livro "Cadetes e alunos militares através dos tempos", do General F. de Paula Cidade, lê-se a respeito do panfletário alagoano João Coelho Cavalcanti (João Barafunda):

"Esse mavioso poeta e original escritor, que foi um dos idólos de minha geração acadêmica, foi igualmente um grande desgraçado.

Depois de ter feito parte da alta magistratura riograndense, terminou seus dias roído pelo álcool, esfarrapado e certamente, faminto, a vagar pelas ruas da capital do país".

Quanto à última parte há equívoco. Coelho Cavalcante, por por muitos considerado o maior panfletário brasileiro, morreu em 18 de novembro de 1938 no Hospício Nacional de Alienados, na Praia Vermelha, na antiga capital da República, onde permanecera por muitos anos.

* * *

O Capitão de Mar e Guerra A. C. Raja Gabaglia no livro "Poder marítimo nas duas guerras mundiais" - Imprensa Naval, Rio - 1953, escreveu à pag. 77, a respeito de um combate naval, à entrada dos Dardanelos, entre uma esquadra britânica e dois cruzadores alemães - "Goeben" e "Breslau", que ambos, tocaram em minas, afundando o segundo, tendo o primeiro encalhado, mas "em seguida, é destruído por aviões britânicos".

Não está certo. Os dois barcos germanicos, numa operação contra a ilha de Imbros, base da esquadra aliada, nos Dardanelos, afundaram dois monitores ingleses, vapores de carga e destruíram

o farol e a T.S.F. da ilha. Ao penetrarem nos Dardanelos, de volta, bateram em minas. O "Breslau" afundou, mas o "Goeben", avariado, conseguiu chegar a Nagara, encalhando num banco de areia, onde foi pesadamente bombardeado por aviões inimigos, que lançaram 15,4 toneladas de bomba, sem êxito. Ao findar a guerra, em novembro de 1918, deixou Sebastopol, na Rússia, chegando a Constantinopla, sendo vendido ao Imperio Otomano, tendo sido mudado o nome para "Javus Sultan Selim".

* * *

Lê-se numa noticia - "Condignamente reverenciado o dia dos mortos nesta capital", do Jornal de Alagoas, de 4 de novembro de 1960 :

"O antigo cemitério do Cajú, construido em 1918, por ocasião da epidemia da (sic) colera".

Em novembro de 1918 tivemos a epidemia de gripe conhecida como "hespanhola", que matou milhões de pessoas em todo o universo, e foi consequencia da primeira grande guerra. A epidemia do colera chegou a esta então Província, por Piaçabuçú, em novembro de 1855.

* * *

O distinto jornalista conterraneo Aderbal de Arecipo publicou no Jornal de Alagoas, de 6 de dezembro de 1959, artigo dizendo que seu avô, Cel. Vitor, tabelião em União dos Palmares, Alagoas, falecido em 11 de agosto de 1913, "tinha noções bem avançadas, de Direito Civil e conhecia satisfatoriamente o Código Civil Brasileiro". Engano do meu caro amigo, pois o nosso Código Civil é de 1916.

* * *

"... e a colônia do Sacramento, hoje incorporada à Argentina" - lê-se no artigo "A costa da Esmeralda", publicado na revista Shell, n. 84. A colonia em apreço é um departamento da Republica Oriental do Uruguai. Jamais foi incorporada à Argentina.

* * *

Num artigo "A dama do véu e o Conde enigmítico", publicado no O Globo, do Rio, de 11 de maio de 1959, Lewis Stedam escreveu que Teresa Maria Carlota, filha de Maria Antoniêta e

Luiz XVI, futura Duqueza de Angoulême, "em 1795, após terem sido os seus pais executados e levado o seu irmão para lugar então ignorado". foi "entregue ao Embaixador da Austria, a fim de ser encaminhada para Viena, onde ficaria aos cuidados da familia de sua mãe". Está errado. A princesa foi trocada por comissários republicanos franceses, aprisionados pelo austriacos. E demais, em Paris, naquela epoca, não havia e nem podia haver, Embaixador da Austria.

* * *

O imortal escritor Gustavo Barroso. num artigo "A agonia da revolta da Armada", publicado no "O Cruzeiro", de 5 de maio de 1958, escreveu :

"... o Aquidaban. saído para o sul e ali posto a pique".

Em 16 de abril de 1894 foi o Aquidaban avariado pela torpedeira Gustavo Sampaio, em Santa Catarina, mas não afundou. Foi a pique às 22.45 horas de 21 de janeiro de 1906 quando, ancorado na baía de Jacuacanga, no Estado do Rio de Janeiro, explodiu o paiol de munições da torre de ré.

* * *

Do livro "Fortificações do Brasil", do Coronel Anibal Barreto consta que no quartel anexo ao Forte São João, em Maceió, acantonou, em 1917, durante a primeira grande guerra, "uma bateria independente de artilharia de Costa, sob o Comando do Capitão Pedro Pierre da Silva Braga".

O Forte em apreço foi demolido ha mais de cem anos! A 5.ª Bateria de artilharia de Costa, sob o comando do então 1.º Tenente Pierre, aquartelou na Enfermaria Militar, que foi construida no local onde ergueram, em 1819. o forte aludido.

* * *

Na Gazeta de Alagoas, de 30 de julho de 1961, o reporter Edison Acioli Barreto escreveu que a lagoa Manguaba banha Pilar, Marechal Deodoro, Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco, Fernão Velho, Bebedouro e Maceió. Pilar e Marechal Deodoro estão situadas à margem da lagoa referida, tambem chamada do Sul. As demais estão à margem da lagoa Mundaú ou do Norte.

Alto do Jacutinga. Maceió, Julho de 1961.

BOLETIM DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, sediado em Recife, à Avenida 17 de Agosto, 2187 é instituição ativa que faz imenso bem ao Nordeste. Além das diversas publicações de pesquisas, notadamente dos rios nordestinos, edita a ótima revista —BOLETIM DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Já recebemos o nono numero, de 1960. Aborda os assuntos com a proficiência comprovada de seus autores: Migrações Internas do Nordeste; Caruaru um dos seus Centros Detentores; Burocracia e Desenvolvimento; A ESTRELA de Pedro Delmiro Gouvêa, Civilizador de Terras, Aguas e Gentes; O Fenômeno do GRANJISMO e dos Loteamentos em Carpina. Santo Antônio no Folclore Nordestino. Condições de Vida e Estágio de Marginais na Cidade de João Pessoa. Noticiário. Análise.

O Boletim não se apega somente ao litoral. preocupando-se, acima de tudo, com o interior. O JOAQUIM NABUCO é órgão do Ministério de Educação e Cultura e tem como presidente o sociólogo Gilberto Freyre e Diretor Executivo — o escritor Mauro Mota.

CARYL CHESSMAN e outros assuntos

Jayme Sisnando é filho do Crato. Retirou-se da terra natal desde criança e hoje reside no Rio, onde exerce a profissão de advogado e é funcionario dos Correios e Telegrafos. É escritor, professor e, de quando em quando, nos presenteia com livro de sua autoria. Agora lançou o opúsculo CARYL CHESSMAN E OUTROS ASSUNTOS. Foi lançado pela EDITORA GRÁFICA LAEMMERT LIMITADA, do Rio. A parte que se refere à Chessman foi escrita em inglês, pois se trata de carta que o autor dirigiu diretamente ao então presidente dos Estados Unidos da América do Norte — General Dwight D. Eisenhower. Também há outro trecho em francês — LA FRANCE, prova de que o ilustre conterraneo maneja as duas linguas tão bem quanto a portuguesa.

No ensaio, escrito em estilo agradável, ainda há as crônicas: "Euclides e a Amazonia" e "Eça de Queiroz".

REVISTA "PANORAMA"

Pelo seu representante, em Crato, jornalista Amarílio Carvalho, recebemos normalmente a revista fortalezense — "PANORAMA". Trata-se de bem feita publicação moderna, ilustrada, com reportagens diversas e secções dedicadas a variados aspectos da vida cearense. É dirigida pelos intelectuais, Aloisio e Paulo Bonavides e secretariada por Luciano Diógenes Sá. O Panorama de Crato está confiado a Amarílio Carvalho e a revista é vendida nos balcões da TIPOGRAFIA DO CARIRI, editora de "ITAYTERA".

Inferioridade de Nordestinos é só Abandono

—O complexo de inferioridade dos nordestinos, em geral, decorre da falta de recursos para intensificar o progresso da região e do abandono a que tem sido relegado pelos governos que se sucedem no país — disse em conferencia ontem à tarde na sede da Federação das Academias de Letras do Brasil o historiador e acadêmico Herminio de Brito Conde, da Academia de Letras do Piauí, numa cerimônia presidida pelo desembargador Cristino Castelo Branco.

O sr. Herminio Conde, que é oftalmologista e secretario da Liga de Prevenção da Cegueira, falou sobre "A independência do Nordeste", salientando que o bom serviço a ser prestado pelo Serviço de Documentação do Ministerio da Educação e Cultura seria a publicação de uma

nova edição, atualizada, das obras raras que falam das lutas que resultaram na independência da região nordestina.

"O Jornal" — (Rio) 22-10-61.

"O IDEAL"

Tem circulado regularmente o órgão estudantil — "O IDEAL". Embora dirigido por jovens, é periódico que se dedica, de corpo e alma, aos problemas vitais da terra. Seu corpo de direção está em mãos dos estudantes: Jurandy Temóteo, Diretor; J. Lindemberg de Aquino, redator; José Gil Borges, Gerente; Luis Urbano de Alencar, Everardo Ayres, Secretários e José Erlânio Alencar, supervisor. "O IDEAL" é impresso na Tipografia de "A AÇÃO".

L I V R O S

Tem sido das mais importantes a contribuição da Imprensa Universitaria do Ceará à produção bibliografica dos intelectuais cearenses, promovendo o lançamento, no movimento editorial, de obras que signifiquem acrescimo real de informação ao lastro de cultura da coletividade.

Atualmente, aliás, o que ocorre com aquele ativo departamento de nossa Universidade é o que se vem qualificando de autêntico "boom" editorial

Sob uma orientação que nos parece revitalizada e mais dinâmica, está marchando agora para a afirmação de sua funcionalidade no meio em que atua.

Tem programado lançamentos dos mais ricos, dentre os quais destacam-se obras de Gustavo Barroso (Fatos à Margem da História do Ceará), Barão de Studart (Notas à Margem da História do Ceará), Renato Braga (História da Comissão Científica de Exploração), Djacir Menezes (Crítica Social de Eça de Queiroz), Manual de Antropologia de Tomaz Pompeu Sobrinho e Folclore no Cariri, de J. Figueiredo Filho.

São trabalhos que estão em elaboração, nas oficinas da Im-

prensa Universitaria, e que demonstram o cuidado da seleção e a preocupação de oferecer aos leitores edições efetivamente com valor cultural.

"UNITARIO" 9-11-61.

"PLENITUDE"

É revista de orientação católica, dirigida competentemente pelo Prof. José Newton Alves de Sousa, dos valores incontestáveis do Crato, por todos os titulos e dos elementos que mais cooperaram para o alevantamento do nivel cultural desta região. O número 2, impresso na Tipografia Cariri, saiu com 24 páginas, repletas de escolhida colaboração, firmada pelo seu diretor, pelo Padre Francisco Nierhoff, M.S.F., Prof. Carlos Beraldo S. J. Maria de Lourdes Esmeraldo e muitas outras notas que fazem a publicação cratense, de véras, atraente e util. "Plenitude" é mais a prova do desenvolvimento cultural do Crato. O trabalho gráfico é feito igualmente com o esmero possível.

LEIAM

ITAYTERA

Atividades da Faculdade de Filosofia do Crato em 1961

FEVEREIRO — 1961 - Dia 20: Vestibular 1.^a Chamada.

MARÇO — 1961 - Dia 3: Vestibular 2.^a Chamada.

Dia 7: Aula de Sapiência, pronunciada em reunião solene pelo Prof. José Newton Alves de Sousa, Diretor da Faculdade de Filosofia, sob o título: A FUNÇÃO CULTURAL DAS FACULDADES DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS.

ABRIL — 1961 - Dia 15: Início do Curso de Preparação ao Vestibular.

MAIO — Dias 8 a 10: Páscoa Universitária, com a participação de todos os universitários do Cariri. Foi pregador o Revdmo. Prof. Pe. Gino Moratelli, professor da Escola, com a colaboração do Revdmo. Pe. Aloisio Furtado, S. J..

Dia 11: Quinto Convívio Universitário — Apresentação do Pe. Antônio Vieira, pelo Pe. Tiburcio Grangeiro.

Dias 12, 13 e 14: Conferências do Revdmo. Pe. Francisco Pinheiro, Diretor da Faculdade Católica de Filosofia da Bahia, Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia e Diretor do Centro de Aperfeiçoamento dos Professores desse Estado. As conferências versaram sobre os temas: a) As repercussões da Filosofia no campo ético; b) Nietzsche; c) Uma concepção de Humanismo.

Dia 15: Comemorações do primeiro aniversário da Faculdade. Em sessão magna, presidida por D. Vicente de Araújo Matos, Bispo Diocesano e Presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri, foi comemorado o primeiro aniversário da Faculdade. Usaram da palavra o prof: José Newton Alves de Sousa, Diretor da Escola, Prof. Dr. Elysio Gomes de Figueirêdo, representando a Congregação, e os acadêmicos José Pereira da Silva e Ir. Zenilda Alencar Leite, em nome do corpo discente.

JUNHO — 1961 - Dia 16: Início do Curso de Iniciação de Biblioteconomia, ministrado pela Prof.^a srta. Maria Conceição Sousa, diretora da Biblioteca Central da Universidade. Este curso, com uma matrícula superior a 30 alunos, teve a duração de 22 dias, conferindo, no final, certificado de frequência a 27 participantes.

Dia 27: Início da 1.^a Prova Parcial.

Dia 30: Término do primeiro período escolar.

JULHO — 1961 - Dia 8: Entrega de certificados aos alunos do Curso de Biblioteconomia.

Dia 24: Início de um Curso Intensivo de Biologia, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Joseph Hauser, S.J., professor da Faculdade de Filosofia Cristo Rei, de São Leopoldo, RGS, e Diretor do Departamento de História Natural da mesma Escola. O curso foi teórico e prático, com excursões e dissecações de animais. e contou com a participação interessada de 17 alunos que, ao término do mesmo, receberam certificados de frequência.

AGOSTO — 1961 - Dia 1.º: Início do segundo período escolar.

Dia 2: Entrega de certificados aos alunos do Curso de Biologia.

Dias 11, 12, 13 e 14: Série de Conferências sobre Cultura Greco-Latina, pelo Prof. José Florentino Marques Leite. DD. Secretário Geral da União Nacional de Cultura Greco-Latina, Professor de Latim da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II. As conferências obedeceram ao seguinte roteiro:

ASSUNTO GERAL: A CULTURA GRECO-LATINA É MAIS DO QUE NUNCA NECESSÁRIA AO MUNDO ATUAL

- a) — Êsses dois grandes irmãos: GREGO e LATIM;
- b) — A maior filha do passado grego: A ARTE DRAMÁTICA;
- c) — A Didática Moderna do Latim;
- d) — A Cultura Clássica: um ideal oportuníssimo.

Dia 12: Conferência sobre Filosofia, proferida pelo Prof. Dr. José Parsifal Barroso.

Recepção ao Exmo. Sr. Governador do Estado na Faculdade de Filosofia.

SETEMBRO — 1961 - Dias 22 e 23: Pequeno Curso de Introdução à Bíblia, ministrado pelo Revdmo. Pe. Francisco Luz, Professor do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, com a participação de mais de 60 pessoas, sendo conferidos, no final 56 certificados de frequência. Como resultado prático, ficou fundado na Diocese do Crato um CENTRO BIBLICO.

O Deputado JORGE FURTADO LEITE

Tivemos sempre, no deputado Antonio de Alencar Araripe, dos mais esforçados defensores da causa do Instituto Cultural do Cariri. Embora jubilosos com a sua nomeação para Presidente do Banco do Nordeste, cargo que tem desempenhado com critério e apurmo, dando novas normas, àquela instituição não deixamos de sentir a sua falta na Câmara de Deputados. Mas ali contamos agora com outro amigo decidido. É o deputado Jorge Furtado Leite, que anteriormente residiu em Crato, casando-se em nossa cidade, sendo filho da vizinha Santana do Cariri. Constituiu-se no advogado da causa do I. C. C. na Câmara Federal. E não só de nossa sociedade de cultura, como de tôdas as questões vitais da região. Incontestavelmente está êle à altura do mandato que os caririenses lhe confiaram.

Lançamento de sexto número de "ITAYTERA"

Foi das mais brilhantes a sessão de lançamento do sexto número de "ITAYTERA", a 18 de Março de 1961, às vinte e trinta, no salão da Biblioteca da Faculdade de Filosofia de Crato. À convite do Secretario-Geral Lindemberg de Aquino, os trabalhos foram presididos pelo Governador em exercicio Dr. Wilson Gonçalves. Foram ladeadores da mesa: o Magnifico Reitor Antônio Martins Filho, o Presidente em exercicio do Instituto Cultural do Cariri—Pe. Antônio Gomes de Araújo e os Professores José Newton Alves de Sousa e Dr. José Sampaio de Lacerda, respectivamente diretores da Faculdade de Filosofia e da recém-inaugurada Faculdade de Ciências Econômicas de Crato. Na ocasião, falaram o Prof. José Newton, lançando a revista, e o Governador Wilson Gonçalves, congratulando-se com a diretoria do I.C.C., por aquela nova vitória. Ainda estiveram presentes à importante reunião cultural, que marcou época, em Crato: Dr. Paulo Roberto, Secretario Geral da Universidade do Ceará. J. C. de Alencar Araripe, Diretor do "O POVO", jornalista Luciano Diogenes, dos "ASSOCIADOS", Cronista Edilmar Norões, autoridades municipais e eclesiásticas, representantes das duas emissoras cratenses, intelectuais e professores das duas faculdades locais, além de vários estudantes.

INSTANTANEOS DOS MUNICIPIOS

ULYSSES VIANA

O Instituto Cultural do Cariri, localizado na cidade do Crato (Ceará), acaba de lançar o sexto número da revista "Itaytera", órgão oficial da entidade de cultura histórica. Trata-se de publicação esmerada e que vem circulando anualmente desde a fundação do referido Instituto. A matéria inserta nas páginas de «Itaytera» representa o esforço dos intelectuais cratenses no sentido de projetar a sua terra em todos os recantos do país.

O diretor da revista é o nosso confrade J. de Figueiredo Filho, elemento de cultura e que tudo tem feito em defesa da sua terra natal. A publicação em apreço está sendo recebida com carinho e entusiasmo, graças ao nível das colaborações assinadas por escritores, jornalistas e historiadores de renome da tradicional terra cearense.

Homenageamos, nesta oportunidade, o nome dos que, sob dificuldades perenes, entraram na luta, procurando, com pertinácia e devotamento, apresentar ao povo brasileiro o resultado do seu esforço, em prol do alevantamento cultural do nordeste. Colaboram neste número os seguintes intelectuais; Pe. Antônio Gomes de Araújo, Pe. Rubens Lóssio. Duarte Junior, J. Lindemberg de Aquino, Celso Gomes de Matos, Mons. Silvano de Souza, Antônio de Alencar Araripe, F. Givaldo de Carvalho Peixoto, J. de Figueiredo Filho, Raimundo Teles Pinheiro, Herminio Conde. Quixadá Felício, José Newton Alves de Souza, Jurandy Temoteo, Luiz Sampson, F. S. Nascimento, José Alves de Figueiredo, Joaquim Pimenta, José de Moraes Holanda, Mauro Mota. Otacilio Anselmo, Herrogenes Martins. Alencar Araripe e Antônio C. Coêlho.

Ressaltamos que o Instituto Cultural do Cariri é fruto da dedicação de cratenses ilustres. O prestígio da organização já ultrapassou as fronteiras do Brasil e agora, a esta altura, de conceito no setor das maiores instituições culturais do Brasil. Além de propugnar pelo engrandecimento da literatura, tem proporcionado, também, apreciável intercâmbio cultural entre as cidades mais evoluídas da nossa região. Intelectuais de renome já pronunciaram conferências atendendo convite da diretoria do Instituto.

Essa revista «Itaytera» é bem o retrato de um município onde a vida cultural atinge posição de primeira linha e através da selecionada colaboração, podemos verificar que a progressista terra

Faculdade de Ciências Econômicas do Crato

Resultado de longa e árdua caminhada, empreendida pela benemérita Associação dos Empregados no Comércio do Crato, entidade de direito privado, de fins assistenciais, instrutivos e culturais, fundada a 18 de agosto de 1918, considerada de utilidade pública pelo decreto n. 2674, de 16.8.1929, foi a Faculdade de Ciências Econômicas do Crato criada por aquela associação, aos 12 (doze) dias do mês de janeiro do ano de 1960—da era cristã—conforme aos termos da ata da solenidade de fundação, existente no arquivo seu, a qual foi presidida pelo MD. Vice-Governador do Estado do Ceará, Dr. Wilson Gonçalves. Organizado o processo legal obrigatório, a fim de merecer a indispensável aprovação dos poderes públicos competentes, meta que se atingiu em tempo r cord graças, também,   inestimável cooperação da Universidade do Ceará, foi a Faculdade autorizada a funcionar pelo Decreto Federal, n. 49.877, de 11 de janeiro de 1961. Realizado o Concurso de Habilitação   1.  Série do Curso de Ciências Econ micas, na 2.  quinzena do mês de fevereiro do corrente ano, por ordem da Diretoria do Ensino Superior, foi a Faculdade, solenemente, instalada no dia 18 (dezoito) de março de 1961, pelo Prof. Dr. Antônio Martins Filho, Magnifico Reitor da Universidade do Ceará, que, logo após   declaração formal da instalação, proferiu a aula de sapiência em abertura e inauguração do corrente ano letivo. Lançada, como foi, em campo propício, a Faculdade de Ciências Econ micas do Crato vem funcionando normalmente. conta com o idealismo de seus professores e com uma frequência de quase 100% de seus alunos,

de Barbara Alencar continua marchando, com fervor e bravura, em demanda de suas metas. Congratulamo-nos com o espírito de iniciativa dos cratenses que vêm trabalhando, com afinco, na concretização dos ideais e elogiamos, por outro lado, o idealismo contagiante do povo cearense que não desanima e enfrenta as vicissitudes com ardor e coragem cívicas.

O Cariri, situado no Sul do Ceará, está em condições de oferecer exemplos edificantes através da sua tenacidade, do seu arroj o e da sensibilidade dos seus nobres filhos. Que o exemplo possa ser imitado, pelo Brasil afora, colhendo-se, dessarte, os frutos que servirão para robustecer os ideais dos nossos filhos.

Suplemento do Interior, JORNAL DO COMMERCIO, 3-8-61

A Enfermeira e sua Missão

João Dantas Monteiro, bom poeta paraibano, de Campina Grande, é sócio correspondente do Instituto Cultural do Cariri, naquela próspera cidade da Borborema. Em Maio de 1961, em sua cidade, lançou o opúsculo A ENFERMEIRA E SUA MISSÃO. "Uma homenagem a essas heroínas anônimas, as enfermeiras de todo o mundo, símbolos da bondade e Caridade na paz e na guerra".

INTELECTUAIS NO PIAUÍ

Com a finalidade de promover, junto aos círculos intelectuais de nossa terra, o lançamento do livro "Independência no Nordeste", obra de pesquisa séria, escrita com rara segurança pelo brilhante intelectual Hermínio de Brito Conde, aqui estiveram os ilustres professores Figueiredo Filho e José Newton Alves de Sousa, hóspedes do deputado Milton Aguiar.

APRESENTAÇÃO

Os dois distintos visitantes são figuras justamente admiradas na região cearense do Cariri, onde desenvolvem intensas atividades no magistério, no jornalismo e nas letras.

O Professor Figueiredo Filho, que viajou acompanhado de sua digna esposa, é Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Diretor da revista "Itaytera" e Professor de História do Ceará e do Cariri, na Faculdade de Filosofia do Crato fundada há pouco tempo.

O Professor José Newton Alves de Sousa é Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, onde leciona a Cadeira de Sociologia e Sociologia Educacional. Dirige "O Semanário", o órgão A "Ação", de orientação católica, e a revista "Plenitude".

VISITA

Nos dias 17 e 18, os dois intelectuais estiveram em visita a Campo Maior e Caxias, onde se travaram as lutas do Jenipapo e a rendição do Brigadeiro Fidié, respectivamente.

FILOSOFIA

Segunda-feira à noite, os ilustres mestres fizeram a apresentação do livro do Dr. Hermínio Conde à Faculdade de Filosofia, sendo ali recepcionados carinhosamente por professores e estudantes.

Do "O Dia" - 21-9-61

O PADRE E A BEATA

Nertan Macêdo é escritor cratense que ocupa lugar de destaque no meio intelectual brasileiro. Dedicou-se ao estudo de assuntos ligados à terra cariense, projetando-a através de livros bem escritos que correm o Brasil em peso. Agora, pela editora "LEITURA", do Rio, lançou com sucesso absoluto "O PADRE E A BEATA", focalizando aspectos de Juazeiro do Norte. O ensaio é apresentado pelo escritor de nomeada internacional—Jorge Amado. Nertan Macêdo é igualmente dos nomes mais em evidência do jornalismo nacional, sendo diretor comercial do veterano órgão da imprensa carioca, hoje dos ASSOCIADOS—"JORNAL DO COMERCIO". O publicista cratense é a prova viva de que o Cariri é fecundo em todos os valores humanos.

PARLAMENTARISMO NO BRASIL

Como resultado da renúncia abrupta do Exmo. Snr. Presidente Jânio Quadros, a 25 de Agosto de 1961, ocasionando séria perspectiva de guerra civil, o Congresso Nacional implantou modificação na Constituição, tornando o Brasil em República Parlamentar. Seu primeiro Presidente é o Vice-Presidente eleito em 1960, o Exmo. Snr. João Goulart. Como

primeiro Ministro foi escolhido o Exmo. Snr. Tancredo Neves. Aliás a experiência parlamentar não é novidade no país. Cabe ao aprumo dos atuais detentores do poder, saber se pode perdurar e dar os frutos que precisamos para a libertação do quase caos econômico em que vivemos, com a marcha acelerada da inflação, de dia para dia mais estarrecedora,

MINHA CAMPANHA

Por intermédio de José Carvalho, recebemos o livro de Fernando Ferrari — MINHA CAMPANHA, edição da "GLOBO", de Porto Alegre. É a história de suas lutas políticas no trabalho brasileiro, nas diversas campanhas que tomou parte no Rio Grande do Sul e no Brasil, entre as quais a que o projetou no cenário nacional, a sua candidatura a vice-presidência da República ao lado de Jânio Quadros. É escrito em linguagem clara e sincera, demonstrando que estamos em frente a político de "mãos limpas", digno da admiração de todos os brasileiros.

Bruno de Menezes

Bruno de Menezes, cratense de quatro costados, residente no Rio, onde mantém tipografia exclusivamente para publicar opúsculos dedicados a Crato e sua gente, é o maior contribuinte particular da Biblioteca do Instituto Cultural do Cariri. Sua cooperação é tão valiosa quanto ao do "Instituto Nacional do Livro", da Universidade da Bahia ou da Universidade do Ceará. Basta dizer que já nos enviou duas preciosas coleções de publicações estrangeiras "REVISTA MEXICANA DE SOCIOLOGIA" e "QUADERNOS HISPANO-AMERICANOS", esta editada em Madrid. Além disso, quase que semanalmente, nos chegam livros enviados por aquêlê bom contrerrâneo que é igualmente apreciado colaborador da revista "ITAYTERA" e foi dos principais animadores da imprensa cratense, no primeiro quartel deste século. Por tudo isso, foi Bruno de Menezes eleito sócio benfeitor do Instituto Cultural do Cariri.

VOCÊ, ÊLE e o AMOR INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FILOSOFIA

Irene Tavares de Sá, vitoriosa autora de "Além da Vidraça", "Coração de Mulher", "Um amor aos vinte anos" e "Passos na areia" acaba de publicar, pela AGIR, com capa de Fernando Gerardo e prefácio de Tristão de Athayde — um oportuno volume — VOCÊ, ÊLE E O AMOR, 14 da col. "Juventude".

Coloca o problema do amor focado no interesse da juventude feminina, sem pieguice, sem ficções inúteis, com sadio bom senso e estilo agradável.

Livro claro, livro objetivo, livro cristão, recomenda a Autôra e a Editôra.

J. N.

"Introdução ao Estudo da Filosofia" (para os cursos clássico e científico) é de autoria do mestre cariense Antônio Xavier Teles, catedrático intêrino de Filosofia do Colégio Pedro II.

Editado por J. Ozon, "Introdução ao Estudo da Filosofia" (70 págs.) é a parte inicial de futura obra que se intitulará "Novo Curso de Filosofia".

O Autor conseguiu ser acessível e claro, levando o estudioso colegial a entrar em contacto com os problemas vivos e atuais da Filosofia.

J. N.

CONTAS SEM FIO

É o último livro de Mário Linhares, dos maiores poetas da terra cearense e dos intelectuais que mais honram a cultura nordestina. Em "CONTAS SEM FIO" dedica-se ao gênero mais belo da poesia — a trova. Precisamos sentir alguma coisa da alma de Mario Linhares:

Diante de ti, doce amiga,
Hei de ficar sempre mudo.
Porque, por mais que eu te diga
Nunca posso dizer tudo.

A TROVA

Vêzes, a treva singela
Mais do que um poema irradia,
Na sua expressão mais bela,
Tôda a flama da Poesia...

VAIDADE

O homem vê que na vida
Da vaidade se embebeda:
— Quanto mais alta a subida
Maior será sua queda.

DEPUTADO JORGE FURTADO LEITE

O Deputado Jorge Furtado Leite constitui-se na Câmara Federal no defensor de tôdas as pretensões do Instituto Cultural do Cariri e no aráuto dos problemas vitais da região. Tem tido atuação brilhante entre os legisladores federais nunca esquecendo de cumprir bem o mandato que os caririenses, em boa hora, lhe confiaram.

JORNAIS QUE O INSTITUTO RECEBE REGULARMENTE

O Instituto Cultural do Cariri recebe normalmente, por via postal, os jornais "O NORDESTE", "O POVO", "O ESTADO", todos de Fortaleza; "O SANTUÁRIO DE S. FRANCISCO", de Canindé, "A AÇÃO" e o "IDEAL", de Crato, e a "VOZ DO AGRESTE", de Caruaru. Agradecemos a gentileza da oferta e concitamos outros periódicos a enviar-nos regularmente suas publicações à nossa já bem desenvolvida Biblioteca.

TERCEIRO NÚMERO DE "PLENITUDE"

"PLENITUDE" é revista de orientação católica que honraria a qualquer cidade culta do Brasil, mesmo das mais opulentas. Seu terceiro número está cheio de bons trabalhos, firmados por amestradas penas. É dirigida pelo Prof. José Newton Alves de Sousa e da mesma foram destacadas as separatas: SANTO INACIO NA INTIMIDADE DE SEUS FILHOS, do jesuita cratense, ora em Baturité — Pe. Arnaldo Esmeraldo de Melo e POEMAS DAS HORAS HERÓICAS, de José Newton Alves de Sousa. Na revista ha colaboração de J. de Figueiredo Filho, Dcna Alice I. G. Tavora e Pe. Aquiles Feitosa.

NÃO IMPORTA

m. patricio de aquino

*Cultivei com ternura e puros desejos
No bosque do coração um branco lírio,
Depois, vieram os ventos malfazejos
Ele despetalou e chorei num delírio.*

*Era o teu amor, êsse amor tão imenso,
Que se desfez no auge de sua glória,
Turvado pela pecha dum orgulho intenso
Resumiu em lágrimas sua triste história.*

*Mas no horror da solidão em que vivo agora
Não me importa se sorris assim zombando
E, ao ver-me passar, finges que também choras,*

*Pois um dia quando eu a sorrir voltar
Por êste caminho em que a dor vou carpindo,
Pode ser que te encontre chorando, a
[fingir que estás sorrindo !*

O PRESIDENTE DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI TELEGRAFA A JOÃO GOULART

Com o fim de termos, no próximo ano, o funcionamento da Faculdade de Odontologia de Crato, anseio da população estudantil que não pode deslocar-se para os grandes centros, por lhe faltar recurso, o dirigente do Instituto Cultural do Cariri—J. de Figueiredo Filho, dirigiu-se ao Exmo. Snr. Presidente da República, nos termos que se seguem :

«Tendo Conselho Ensino Superior Aprovado unanimemente criação Faculdade Odontologia Crato peço Vossência nome Instituto Cultural do Cariri sancionar lei fim funcionar proximo ano.

Atenciosamente

José Figueiredo Filho
Presidente

A CÂMARA MUNICIPAL DE CRATO E O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Encontramos sempre a maior compreensão possível em todas as pretensões do Instituto Cultural do Cariri, por parte da Câmara Municipal de Crato. Nunca nos deparámos ali com o menor entrave possível. No presente ano, passou por aquela casa projeto do vereador Dr. Josio de Alencar Araripe, auxiliando ITAYTERA com trinta mil cruzeiros, aprovado unanimemente e sancionado pelo Prefeito José Horacio. Destacamos, entretanto, por espírito de justiça, o muito que tem feito entre os vereadores, o Snr. José de Paula Bantim, José Kleber Callou, Osvaldo Alves de Sousa e Dr. Josio de Alencar Araripe.

NO LEGISLATIVO ESTADUAL

O único deputado que tem se lembrado dos interesses do I.C.C., no presente mandato da Assembléia Estadual, tem sido o Dr. Ferreira de Assis do P.T.B. Continuou assim a ação do ex-deputado Dr. Décio Teles Cartaxo. Felizmente, porém, o Vice-Governador Wilson Gonçalves, como bom cratense que é, não esquece de, todos os anos, apresentar para o Instituto regular subvenção.

Não se limita unicamente de enviar o projeto à Camara, como se esforça para que seja paga a verba com relativa facilidade.

O presente número de
"Itaytera"

foi composto e impresso

na

TIPOGRAFIA

E

PAPELARIA

DO

"CARIRI"

a mais perfeita e modelar

oficina gráfica do interior

cearense.

Rua Dr. João Pessoa, 112

CRATO — Ceará

Itaytera

ORGÃO DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

ANO VII

N.º VII

J. DE FIGUEIREDO FILHO	1
Oito Anos de Lutas	
PADRE ANTONIO GOMES DE ARAUJO	9
Em defesa da memória de Barbara de Alencar	
PADRE RUBENS GONDIM LOSSIO	13
Campanha-Piloto de Udas contra o Tracoma do Cariri cearense	
JOAQUIM PIMENTA	60
Uma revolução no ensino universitário	
PAULO ELPIDIO MENEZES,	62
A música de mestre Belinho	
OTACILIO ANSELMO	64
A História do Padre Cicero	
FRANCISCO GIVALDO DE CARVALHO	70
Considerações à Margem da Industrialização do Nordeste	
KLEBER MAIA CABRAL	76
O Interêsse	
PADRE ANTONIO GOMES DE ARAUJO	79
1817 no Cariri	
DUARTE JUNIOR,	105
Presente de Natal	
JOSE DENIZARD MACEDO ALCANTARA	107
O Poeta Ludgero	
JOSE ALVES DE FIGUEIREDO	111
O Beato José Lourenço	
F. S. NASCIMENTO,	119
A conquista do Cariri	
ANTONIO C. COELHO	124
Aspectos e curiosidades do Cariri	
CELSO GOMES DE MATOS	129
Maxixes e Malabares	
Dr. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES	135
Palavra do Pioneiro	
AMARILIO GONÇALVES TAVARES	140
A situação atual e as perspectivas econômicas da indústria da rapadura no Cariri	
CEL. RAIMUNDO TELES PINHEIRO	145
DISCURSO	
JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA	154
POEMAS	
ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE	157
O Cariri e a Energia de Paulo Afonso	
J. B. BRITTO	161
Nostalgia de Passarinho	
MONSENHOR SILVANO DE SOUSA	163
Aspectos de uma vida	
QUIXADA FELICIO	167
Brilha na Universidade da Bahia um Filho do Crato	
J. LINDEMBERG DE AQUINO,	172
Seminário de Desenvolvimento	
J. DE FIGUEIREDO FILHO	174
"Algo de minha vida"	
FELIX LIMA JÚNIOR	176
Pescando Pérolas	

**B
A
N
C
O
D
O
C
A
R
I
R
I
S.
A.**

PREFIRA PARA TODAS
AS SUAS OPERAÇÕES
BANCÁRIAS,
ESTA ANTIGA
E
TRADICIONAL
INSTITUIÇÃO
DE CRÉDITO

PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS N. 2
CRATO — CEARÁ

BANCO CAIXEIRAL DO CRATO

(SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA)

RUA Dr. JOÃO PESSÔA S/N. - CRATO - CEARÁ

CAPITAL Cr\$ 7.740.000,00

RESERVAS Cr\$ 2.504.344,80

OPERAÇÕES DE CRÉDITO ATIVO

EMPRÉSTIMOS POPULARES AVALIZADOS,
DESCONTOS DE NOTAS PROMISSÓRIAS,
DE LETRAS DE CÂMBIO INTERNAS,
DE BILHETES DE MERCADORIAS,
DE CONHECIMENTOS, DUPLICATAS, Etc.
EMPRÉSTIMOS AGRÍCOLAS
FINANCIAMENTO DE ENTRE-SAFRA

OPERAÇÕES DE CRÉDITO PASSIVO

DEPÓSITOS C/ RETIRADAS LIVRES
DEPÓSITOS POPULARES
DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

OPERAÇÕES ACESSÓRIAS

COBRANÇAS DE CONTA ALHEIA
TRANSFERÊNCIAS DE FUNDO
ORDENS DE PAGAMENTOS, Etc.